SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

# Os Irmãos de Mowgli

## Quiquern

Rudyard Kipling

1

Produzido pela UEB/RS - Edição Impressa: Gestão 2001/2003 - Edição Digital: Gestão 2004/2006

Esta é mais uma publicação

TAFARA

# SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

## Volume 1

## - Os Irmãos de Mowgli

## - Quiquern

1a. Edição: 500 exemplares
Autor: Rudyard Kipling
Capa e Edição: Carlos Alberto F. de Moura
Coordenação: Mario Henrique P. Farinon
Digitação: Norma Beatriz de Oliveira Brito
Tradução: Monteiro Lobato
Ilustração: Christian Broutin e Mariano Ramos

Porto Alegre, RS, 2002

**EDIÇÃO IMPRESSA PELA DIRETORIA REGIONAL 2001/2003**

| | |
|---|---|
| Diretoria | Mario Henrique Peters Farinon |
| Diretoria | David Crusius |
| Diretoria | Márcio Sequeira da Silva |
| Diretoria | Ronei Castilhos da Silva |
| Diretoria | Osvaldo Osmar Schorn Correa |

**EDIÇÃO DIGITAL DISPONIBILIZADA PELA DIRETORIA REGIONAL 2004/2006**

| | |
|---|---|
| Diretoria | Ronei de Castilhos da Silva |
| Diretoria | Neivinha Rieth |
| Diretoria | Waldir Sthalscmidt |
| Diretoria | Paulo Roberto da Silva Santos |
| Diretoria | Leandro Balardin |

**COMITÊ GESTOR**

Carlos Alberto de Moura
Marco Aurélio Romeu Fernandes
Mario Henrique Peters Farinon
Miguel Cabistani
Paulo Lamego
Paulo Ramos
Paulo Vinícius de Castilhos Palma
Siágrio Felipe Pinheiro
Tania Ayres Farinon

# APRESENTAÇÃO

Na Páscoa de 1998, de 10 a 12 de abril, um grupo de escotistas e dirigentes reuniram-se, em um sítio denominado TAFARA CAMP, tomando para si a incumbência de suprir a lacuna deixada pela falta de definição do tema das Especialidades, concebeu e criou o que hoje constitui-se no Guia de Especialidades da UEB.

O mesmo grupo, na seqüência, participou decisivamente na elaboração dos Guias Escoteiro, Senior e Pioneiro.

Visto que este trabalho informal e espontâneo estava tendo resultados positivos, e, entendendo que a carência de instrumentos, principalmente literatura, é um grande obstáculo ao crescimento do Escotismo, resolvemos assumir como missão "disponibilizar instrumentos de apoio aos praticantes do Escotismo no Brasil".

Este grupo, que tem sua composição aberta a todos quantos queiram colaborar com esta iniciativa, também resolveu adotar o pseudônimo TAFARA para identificar-se e identificar a autoria e origem de todo o material que continuará a produzir.

Os instrumentos que TAFARA se propõe a produzir, tanto serão originais, como também reproduções, traduções, adaptações, atualizações, consolidações, etc., de matérias já produzidas em algum momento, e que, embora sejam úteis, não mais estão disponíveis nos dias de hoje.

O material produzido por TAFARA é feito de forma independente e sem fins lucrativos. Não temos a pretensão de fazermos obras primas, mas instrumentos que possam auxiliar a todos quantos pratiquem Escotismo no Brasil.

Esta edição é feita para registrar e comemorar o Dia do Lobinho de 2002 e reproduz duas histórias do Livro da Selva, de Rudyard Kipling.

Este livro faz parte de uma série de 7 volumes que serão lançados entre 2002 e 2003.

Este é mais um instrumento de apoio a suas atividades.

Aproveite!

Mario Henrique Peters Farinon
Diretor Presidente UEB/RS

# OS IRMÃOS DE MOWGLI

*O Abutre Chil conduz a noite incerta*
*E que o morcego Mang ora liberta -*
*Ê esta a hora em que adormece o gado,*
*Pelo aprisco fechado.*
*É esta a hora do orgulho e da fôrça,*
*Unha ferina, aguda garra.*
*Ouve-se o grito: Boa caça àquele*
*Que à lei a Jângal se agarra.*
*Canto Noturno na Jângal.*

Nos montes de Seeonee, ali pelas sete horas daquele dia tão quente, Pai Lôbo despertava do seu longo sono, espreguiçava-se, bocejava e estirava as pernas para espantar a lombeira entorpecente. Deitada ao seu lado, com o focinho entre os quatro filhotes do casal, Mãe Lôba tinha os olhos fixos na lua

que naquele momento aparecia na boca da caverna.

- Ogreh! É tempo de sair de novo à caça, murmurou Pai Lôbo - e já ia deixando a caverna quando um vulto de cauda peluda assomou à entrada.

- Boa sorte para todos, ó Chefe dos Lôbos! exclamou o vulto. E também boa sorte e rijos dentes para esta nobre
ninhada, a fim de que jamais padeçam fome no mundo.

Era o chacal Tabaqui, o Lambe-Pratos, que os lobos da Índia desprezavam por lhes viver à ilharga, a fazer pequenas maldades e a contar rodelas, quando não anda a fossaro monturo das aldeias para roer pedaços de couro. Mas seo desprezavam, também o temiam, porque era chacal e oschacais facilmente ficam loucos - e então esquecem o respeito devido aos mais fortes e percorrem a Jângal (1) mordendoquanto animal encontram.

Até o tigre foge, ou esconde-se, (1) «Jângal» em indostânico, derivado do sânscrito «jângala», deserto, significa deserto, floresta, mata virgem. Dele tiraram os ingleses a palavra «jungle» com o sentido geral de mata virgem tropical, sobretudo quando apresenta os característicos das florestas que recobrem as terras baixas da Índia (Webster). A Pronúncia tanto em inglês como em indostânico é a mesma - jângal quando vê um pequeno tabaqui louco, sendo, como é, a loucura, a coisa mais desagradável que existe para um habitante da Jângal. Os sábios chamam a isso hidrofobia; os animais dizem simplesmente «dewanee» - loucura.

- Entra, disse-lhe Pai Lôbo, mas desde já te digo que não há nada de comer aqui.
- Não haverá para um lobo, respondeu Tabaqui. Para criatura mesquinha como eu, um osso velho vale por banquete.

Quem somos nós, os Gidur-log (raça dos chacais) para escolher? , isto dizendo, dirigiu-se, guiado pelo faro, a um canto da caverna onde havia uns ossos de gamo com uma pouca de carne, que se pôs a roer alegremente.
Muito obrigado por êste delicioso petisco, disse Tabaqui sem interromper o serviço, lambendo os beiços. E depois:

Que lindos filhos os teus, Pai Lôbo! Olhos assim tão grandes jamais vi. Não negam serem filhos de rei.

Tabaqui sabia muito bem que é imprudente elogiar crianças na presença delas, e se daquele modo elogiava os filhotes do lobo fazia-o apenas para ver o mal-estar causado aos pais. Assim, sempre roendo o seu osso, sentou-se sobre as patas traseiras e ficou um instante calado, a gozar a maldadezinha; depois disse com malignidade:

- Shere Khan, o Turuna, mudou seu campo de caça. Vai agora prear por êstes montes, conforme me informou.

Shere Khan era o tigre que morava às margens do Waingunga, a cinco léguas dali.

- Shere Khan não tem o direito de fazer isso! Protestou Pai Lôbo irritado. Pela Lei da Jângal, não tem o direito de mudar de campo sem prevenir os moradores. A presença aqui de Shere Khan vai aterrorizar a caça num raio de dez milhas - e eu... e eu tenho de caçar por dois, nestes tempos que correm.

- Não é à toa que a mãe de Shere Khan lhe chama Lungri (o aleijado), disse Mãe Lôba. Ficou manco duma pata logo que nasceu; por isso só se alimenta de gado. Agora, como os habitantes humanos do Waingunga andam furiosos com êle, o estúpido pensa em mudar-se para aqui a fim de também enfurecer os homens desta zona. Vão êles limpar a floresta quando Shere Khan estiver ausente - e nós e nossos filhotes seremos forçados a correr muito quando a macega estiver batida. Bastante gratos devemos todos ficar, não resta dúvida, ao tal Shere Khan!

- Posso contar a êle da tua gratidão? perguntou com ironia o chacal.

- Fora daqui! berrou Pai Lôbo enfurecido com a impertinência. Vai caçar com teu mestre, que já nos aborreceste bastante por hoje,

- Vou, sim, respondeu Tabaqui muito calmo. Já estou ouvindo o rumor de seus passos por entre os arbustos.

Pai Lôbo espichou as orelhas. De fato distinguiu, vindo do vale por onde corria um riacho, o bufo colérico dum tigre que nada caçara e não fazia empenho de que toda a Jângal soubesse disso.

- Doido! exclamou Pai Lôbo. Começar sua caçada noturna bufando dessa maneira... Pensa acaso que os cabritos monteses desta zona são os bezerros gordos do Waingunga?
- Ele não está caçando cabrito, nem bezerro, advertiu Mãe Lôba. Está caçando homem. . .

Os bufos haviam mudado para uma espécie de rosnar sem direção. Esse rosnar sem direção, que parece vir dos quatro pontos cardeais, desorienta os lenhadores e ciganos que dormem ao relento, fazendo-os, às vêzes, correr justamente para as goelas do tigre.

- Caçando homem! repetiu Pai Lôbo com os dentes arreganhados. Não tem êsse tigre bastantes rãs nos charcos para assim meter-se a comer gente - e logo em nossos domínios?

A Lei da Jângal, que nada prescreve sem razões, proíbe a todos os animais que comam homens, exceto quando algum dêles está matando para ensinar aos filhos como se mata. O motivo disto é que, quando comem um homem, cedo ou tarde aparecem no lugar homens brancos montados em elefantes e rodeados de centenas de homens pardos com archotes e gongos -

e então a floresta inteira sofre. Mas a desculpa que os animais apresentam para que o homem seja respeitado é que constitui êle a mais fraca e indefesa de todas as criaturas, sendo portanto covardia atacá-lo. Dizem também - e é verdade - que os comedores de homens se tornam sarnentos e perdem os dentes.

O rosnar do tigre crescia de tom, terminando afinal por um urro - «Aaarh!», sinal de bote. Em seguida um uivo de desapontamento.

- Errou o pulo, disse Mãe Lôba. Que terá acontecido?

Pai Lôbo correu para fora e logo parou, a fim de ouvir melhor os uivos ferozes de Shere Khan, que uivava como se houvesse caído em mundéu.

- O doido atirou-se a uma fogueira de lenhadores e queimou as patas, disse Pai Lôbo. E Tabaqui está com êle, completou depois, adivinhando de longe o que se passava.

- Algo se aproxima, pressentiu de súbito Mãe Lôba torcendo uma orelha. Atenção!

Também ouvindo rumor na folhagem, Pai Lôbo ficou de pulo armado para o que desse e viesse. Aconteceu então uma coisa linda: um pulo que se deteve a meio caminho. Porque o lobo iniciara o pulo antes de saber do que se tratava, e, já no ar, vendo o que era, recolheu o resto do pulo, voltando à posição anterior.

- Homem! exclamou êle. Um filhote de homem!

Bem defronte, de pé, apoiado a um galhinho baixo, havia surgido um menino nu, de pele morena, que mal começava a andar - uma isca de gente como jamais aparecera outra em nenhuma caverna de fera. O menino olhava para Pai Lôbo, a sorrir.

- Filhote de homem? repetiu de longe Mãe Lôba. Jamais vi um. Traze-o cá.

Acostumados a lidar com as suas próprias crias, os lobos sabem conduzir um ovo na boca sem o quebrar; por isso pôde Pai Lôbo trazer o pequeno suspenso pelo congote e depô-lo no meio da sua ninhada sem lhe causar o menor arranhão.

- Que pequenino! Como está nu e que valente é! exclamou Mãe Lôba com ternura, enquanto a criança se ajeitava entre os lobinhos para melhor aquecer-se. Ai! Continuou a loba. Está comendo a comida dos nossos filhos - e é um

filhote de homem... Será que já houve família de lobos que pudesse gabar-se de ver um filhote de homem misturado à sua ninhada?

- Já ouvi falar de coisa assim, disse Pai Lôbo, mas não em nosso bando, nem em tempo de minha vida. Está completamente sem cabelos e morreria com um tapinha meu. Mas, veja! Olha-nos sem mêdo nenhum. . .

Nisto a caverna escureceu: a cabeça quadrada de Shere Khan obstruía-lhe a entrada. Atrás do tigre vinha Tabaqui, dizendo:

- Meu senhor, meu senhor, «êle» meteu-se por aqui.

- Shere Khan nos faz grande honra, disse Pai Lôbo amavelmente, à guisa de saudação ao tigre, embora o ódio dos seus olhos desmentisse a gentileza das palavtas. Que deseja, Shere Khan?

- Quero a minha caça: um filhote de homem que entrou nesta cova, respondeu o tigre. Seus pais fugiram. Entregai-mo.

Shere Khan lançara-se contra um acampamento de lenhadores, exatamente como o lôbo havia previsto, e estava agora furioso com a dor das queimaduras. Queria vingar-se no menino que conseguira escapar. Mas Pai Lôbo sabia que a entrada da caverna era estreita demais para dar passagem a um tigre e que, portanto, a cólera daquele não oferecia perigo nenhum, Em vista disso respondeu:

- Os lôbos são um povo livre. Recebem ordens únicamente do seu chefe e jamais de nenhum comedor de bezerros. O filhote de homem é nosso - para o matarmos, se quisermos.

- Se quisermos! repetiu com sarcasmo o tigre. Quem fala aqui em querer? Pelo touro que matei, não posso ficar nesta caverna de cães à disposição de tais quereres. Sou eu, Shere Khan, quem fala, ouviste?

E o rugido do tigre encheu a caverna, qual um trovão. Mãe Lôba achegou-se dos seus filhotes, fixando nos olhos flamejantes do tigre os seus olhos vivos como duas luzezinhas verdes.

- Quem responde agora sou eu, disse ela, eu, Raksha (a Demônia). O filhote de homem é nosso, Lungri, só nosso! Não será morto por ti. Viverá, para correr pelos campos com o nosso bando e com êle caçar; e por fim - presta bastante atenção, ó caçador de crianças, ó comedor de rãs e peixe - e por fim te caçará a ti, um dia! Vai-te agora! Pelo Sambhur que matei (porque não caço bezerros gordos), vai para tua mãe, ó tigre chamuscado e mais manco do que nunca! Vai-te!

Pai Lôbo olhou-a assombrado. Já era vaga a sua lembrança do dia em que conquistara aquela companheira em luta feroz com cinco rivais - no tempo em que a lôba vagueava solteira no bando e ainda não recebera o nome de guerra que possuía agora - Raksha, a Demônia.

Shere Khan tinha podido sustentar o olhar do lôbo pai, mas não pudera sofrer o olhar da lôba mãe, firme da sua posição e pronta a bater-se em luta de morte. Shere Khan retirou da abertura da caverna a cabeçorra quadrada para depois duns bufos de cólera urrar:

- Os cães sabem ladrar de dentro dos canis! Havemos de ver o que pensa a Alcatéia, disso de abrigar e defender filhotes de homem. Esse bichinho é meu e nos meus dentes será triturado, ó cambada de ladrões de rabo de espanador!

O tigre retirou-se a bufar e a lôba voltou ofegante para o meio da sua ninhada. O lôbo disse então gravemente:

- Shere Khan está com o direito neste ponto. O filhote de homem tem de ser apresentado à Alcatéia para que os lôbos decidam da sua sorte, Queres conservá-lo contigo?

- Sim, respondeu de pronto a lôba. Ele veio nuzinho, de noite, só e faminto. Apesar disso, não mostrou o menor mêdo. Olha! Lá está puxando um dos nossos filhotes... E pensar que por um triz aquêle carniceiro aleijado não o matou aqui em nossa presença, para depois, muito fresco, escapar-se do Waingunga enquanto os camponeses fizessem razia em nossas terras! Conservá-lo comigo? Pois decerto! (E voltando-se para a criança nua): Dorme sossegada, pequenina rã. Dorme, Mowgli - pois assim te chamarei doravante, Mowgli, a Rã. Dorme, que tempo há de vir em que caçarás Shere Khan, como te quis êle caçar inda há pouco. ‘

- Mas que dirá a Alcatéia? indagou Pai Lôbo apreensivo.

A Lei da Jângal permite que cada lôbo deixe a Alcatéia logo que se case. Mas assim que seus filhotes desmamam os pais têm de levá-los ao Conselho, geralmente reunido uma vez por mês durante a lua cheia, para que os outros os fiquem conhecendo e os possam identificar. Depois dessa apresentação os lobinhos entram a viver livremente, podendo andar por onde quiserem. E até que hajam caçado o primeiro gamo, nenhum lôbo adulto tem o direito de matar a um dêles, por qualquer motivo que seja. A pena contra êsse crime consiste na morte do criminoso. Assim é, e assim deve ser.

Pai Lôbo esperou que seus filhotes desmamassem e, então, numa noite de assembléia, dirigiu-se com Mãe Lôba, Mowgli, e seus filhotes para o ponto marcado - a Roca do Conselho, um pedregoso alto de montanha onde cem lôbos poderiam ajuntar-se. Akela, o Lôbo Solitário, que chefiava o bando graças à sua força e astúcia, já lá estava, sentado na sua pedra, tendo pela

frente, também sentados sôbre as patas traseiras, quarenta ou mais lôbos de todos os pêlos e tamanhos, desde veteranos ruços que podem sozinhos carregar um gamo nos dentes, até jovens de três anos que «julgam» poder fazer o mesmo. O Solitário, os chefiava, ia fazer um ano. Por duas vêzes caíra em mundéu, quando mais jovem, e numa delas viu-se batido a ponto de ficar por terra, como morto. Em virtude disso tinha experiência da malícia dos homens, suas táticas e jeitos.

Houve pouca discussão na assembléia. Os filhotes que vieram para ser apresentados permaneciam no meio do bando, ao lado de seus pais. De vez em vez um veterano chegava-se até êles, examinava-os cuidadosamente e retirava-se. Ou então uma das mães empurrava o pequeno para ponto onde pudesse ficar bem visível de modo que não escapasse às vistas de toda a Alcatéia. Do seu rochedo Akela dizia:
- Vós conheceis a Lei. Olhai bem, portanto, ó Lôbos, para que mais tarde não haja enganos.

E as mães, sempre ansiosas pela segurança dos filhos, repetiam:
- Olhai bem, ò Lobos. Olhai bem.

Por fim chegou a vez de Mãe Lôba sentir-se aflita. Pai Lobo empurrava Mowgli, a Rã, para o centro da roda, onde o filhotinho de homem se sentou, sorridente, a brincar com uns pedregulhos que brilhavam ao luar.

Sem erguer a cabeça de entre as patas, prosseguia Akela no aviso monótono do «Olhai bem, ó Lobos», quando ressou perto o rugido de Shere Khan:

- Ésse filhote de homem é meu! Entregai-mo! Que tem o Povo Livre com um filhote de homem? urrava ele.

Akela, sempre impassível, nem sequer pestanejou. Apenas ampliou o aviso:

- Olhai bem, ó Lobos. O Povo Livre nada tem que ver com as opiniões dos que não pertencem à sua grei. Olhai, olhai bem.

Ouviu-se um côro de uivos profundos, do meio do qual se destacou, pela bôca dum lobo de quatro anos, que achará justa a reclamação do tigre, esta pergunta:
- Sim, que tem a ver o Povo Livre com um filhote de homem?

A Lei da Jângal manda que em casos de dúvida quanto ao direito de algum ser admitido pela Alcatéia, seja êsse direito defendido por dois membros do bando que não seus pais.

- Quem se apresenta para defender êste filhote? gritou Akela. Quem, no Povo Livre, fala por êle?

Não houve resposta - e Mãe Loba preparou-se para luta de morte, caso o incidente tivesse desfecho contrário ao que o seu coração pedia.

A única voz, sem ser de lobo, permitida no Conselho era a de Baloo, o sonolento urso pardo que ensinava aos lobinhos a Lei da Jângal, o velho Baloo que podia andar por onde lhe aprouvesse porque só se alimentava de nozes, raízes e mel, além de que sabia pôr-se de pé sôbre as patas traseiras e grunhir.
- Quem fala pelo filhote de homem? Eu. Eu de declaro por êle. Não vejo mal nenhum em que viva entre nós. Embora não possua eloqüência, estou dizendo a verdade.

Deixai-o viver livre na Alcatéia como irmão dos demais. Baloo lhe ensinará as leis da nossa vida.

- Outra voz que se levante, disse Akela. Baloo já falou, Baloo, o mestre dos lobinhos. Quem fala pelo filhote além de Baloo?

Uma sombra projetou-se no círculo formado pelos lobos, a sombra de Bagheera, a Pantera Negra, realmente côr de ébano, com vivos reflexos de luz na sua pelagem de sêda. Todos a conheciam e ninguém se atravessava em seu caminho. Bagheera era tão astuta como Tabaqui, tão intrépida como o búfalo e tão incansável como o elefante ferido. Tinha entretanto a voz doce como o mel que escorre dum galho e a pele mais macia do que o veludo.

- Ò Akela e mais membros do Povo Livre! Direito não tenho de falar nesta assembléia, mas a Lei da Jângal diz que, se há dúvida quanto a um nôvo filhote, pode a vida dêle ser comprada por um certo preço. A Lei, entretanto, não declara quem pode ou quem não pode pagar êsse preço. Estou certa?
- Sim, sim! gritaram os lobos mais moços, eternamente esfaimados. Ouçamos Bagheera. O filhote de homem pode ser comprado por um certo preço. É da Lei.

- Bem, disse a pantera. Já que me autorizais a falar, peço licença para isso.

- Fala! Fala! gritaram trinta vozes.

- Matar um filhotinho de homem constitui pura vergonha - além de que êle pode ser muito útil a todos nós quando crescer. Em vista disso, junto-me a Baloo e ofereço o touro gordo que acabo de matar a menos de milha daqui como preço de o receberdes na Alcatéia, de acôrdo com a Lei. Aceitais a minha proposta?

Houve um clamor de dezenas de vozes que gritaram:

- Não vemos mal nisso, De qualquer maneira ele morrerá na próxima estação das chuvas, ou será queimado pelo sol. Que dano nos pode fazer a vida dessa rãzinha nua? Que fique na Alcatéia. Onde está o touro gordo, Bagheera? Aceitamos tua proposta.

Cessada a grita, ressoou a voz grave de Akela:

- Olhai bem, ó Lobos.

Mowgli continuava profundamente absorvido com os seus pedregulhos, sem dar nenhuma atenção aos que dêle se achegavam para o ver bem de perto. Por fim todos se dirigiram para onde estava o touro gordo, ficando ali apenas Akela, Bagheera, Baloo e o casal de tutôres do menino.

Shere Khan urrava de despeito por ter perdido a presa cobiçada.

- Urra, urra! rosnou Bagheera entre dentes. Urra, que tempo virá em que esta coisinha nua te fará urrar noutro tom - não fôsse um filhote de homem...
- Está tudo bem, disse Akela. O homem e seus filhotes são espertos. Poderá êste vir a ser de muita vantagem para nós um dia.

- Certamente, porque não podemos, eu e tu, ter a pretensão de chefiar o bando tôda a vida, ajuntou Bagheera.

Akela calou-se. Estava a pensar no tempo em que os chefes de Alcatéia entram a sentir o pêso dos anos. A força dos músculos vai em declínio até que outro surge, que o mata e fica o nôvo chefe - para decair também a seu tempo.

Leva-o, disse Akela a Pai Lobo, e trata de bem educá-lo para que seja útil ao Povo Livre.

Eis como entrou Mowgli para a Alcatéia - à custa dum touro gordo e por iniciativa das palavras de Baloo.

Pulemos agora dez anos de descrição da vida de Mowgli entre os lôbos, coisa que daria matéria para todo um volume. Digamos apenas que ali cresceu entre os lobinhos, embora todos ficassem adultos antes que Mowgli deixasse de ser criança. Pai Lôbo ensinou-lhe a vida e a significação das coisas da Jângal em tôdas as suas minudências. Os menores rumores nas ervas, o movimento das brisas, as notas do canto da coruja, cada arranhadura que a garra dos morcegos deixa na casca das árvores onde se penduram por um momento, a lambada n'água de cada peixinho ao dar pulos na superfície - tudo significa muito para os animais da floresta.

Quando Mowgli não estava aprendendo, sentava-se ao sol para dormir, Depois comia, e depois de comer punha-se a dormir de nôvo. Quando se sentia sujo, ou encalorado, banhava-se nas lagoas da Jângal, e quando queria mel (Baloo lhe ensinara que mel e nozes constituem alimentos tão bons como a carne) trepava às árvores para colhê-lo nas colmeias. Com Bagheera aprendera a trepar em árvores. A pantera costumava saltar sôbre um galho e dizer-lhe: «Venha Irmãozinho!» A principio Mowgli trepava qual o bicho-preguiça; por fim adquiriu a rapidez e destreza dos velhos macacos. Um dia começou a ter o seu lugar no Conselho. Sentava-se entre os lôbos e brincava de encara-los a fito, até que baixassem os olhos. Freqüentemente tirava espinhos das patas de seus irmãos lobos. Também costumava descer o morro durante a noite, para aproximar-se das aldeias e espiar os homens. Adquirira, entretanto, uma

grande desconfiança dos homens desde que Bagheera lhe mostrou um mundéu feito em certo ponto da floresta, habilmente oculto por fôlhas sêcas. O que mais agradava a Mowgli era ir com Bagheera aos espessos da Jângal para lá dormir enquanto a pantera caçava, Bagheera ensinou-lhe a caçar, como caçar e o que caçar. Aos touros, por exemplo, tinha de respeitar, porque devera sua entrada na Alcatéia à vida dum touro.
- Toda a Jângal é tua, disse-lhe Bagheera, e tens o direito de matar sempre que te sentires bastante forte para isso; mas, por amor ao touro ao qual deves a vida, tens que poupar o gado, seja velho ou nôvo. Esta é a Lei da Jângal.

Mowgli, que sempre a ouvia respeitosamente, jamais deixou de a seguir naqueles mandamentos.

E assim cresceu - e cresceu forte como tôdas as criaturas que não sabem que estão aprendendo as lições da vida e nada mais têm a fazer no mundo além de comer.

Mãe Lôba disse-lhe certa vez que Shere Khan não era criatura em quem se confiasse, e que êle estava predestinado a matar Shere Khan. Um lobinho nôvo que isto ouvisse o guardaria na memória para o resto da vida. Mowgli, porém, que, embora se considerasse lobo, era homem, breve o esqueceu.

Shere Khan andava sempre a atravessar-se em seu caminho. À medida que Akela envelhecia e se tornava mais fraco, o tigre mais e mais se achegava dos jovens lobos, que o seguiam na caça para pegar lambujem - coisa que o Lobo Solitário jamais autorizaria, se ainda pudesse manter a sua autoridade dos bons tempos. Por isso Shere Khan costumava elogiá-los, admirando-se de que lobos moços e fortes se sujeitassem à chefia dum lobo decrépito, assistido de um filhote de homem.

- Dizem por aí, intrigava êle, que nas reuniões do Conselho nenhum de vós ousa sustentar o olhar dêsse menino - e ao ser recordado isto todos os lobos rosnavam coléricos.

Bagheera, cujos olhos e ouvidos andavam por toda a parte, soube da intriga e por várias vêzes avisou Mowgli de que Shere Khan tencionava matá-lo. Mowgli ria-se, respondendo:

- Tenho por mim a Alcatéia, e tenho também a ti. E tenho ainda a Baloo, que apesar de preguiçoso dará bons tapas em minha defesa, Por que, pois, recear Shere Khan?

Certa tarde muito quente Bagheera veio com uma nova idéia, que talvez Ikki, o Porco-espinho, lhe houvesse sugerido. Estavam no mais espêsso da floresta, Mowgli deitado, com a cabeça em repouso sôbre o pêlo macio da pantera.

- Mowgli, disse Bagheera, quantas vêzes já te disse que Shere Khan é teu inimigo?
- Tantas quantos côcos há naquela palmeira, respondeu o menino, que ainda não sabia contar. Mas que tem isso, Bagheera? Estou com sono, sabes? Shere Khan não me interessa mais do que Mao, o Pavão.

- Não é tempo de dormir, replicou a pantera. Baloo sabe disso. A Alcatéia sabe disso. Os veados, louquinhos que são, sabem disso. E até Tabaqui já te avisou.
- Ora, ora! exclamou Mowgli com desprêzo. Tabaqui veio-se a mim, não faz muito tempo, com certas impertinências - que eu era filhote de homem e outras. Agarrei-o pela cauda e malhei-o duas vêzes de encontro a um coqueiro, para ensiná-lo a ser menos atrevido.
- Foi imprudência, porque embora Tabaqui seja um mal feitor mesquinho, ter-te-ia pôsto ao corrente de algo proveitoso para ti. Abre os olhos, Irmãozinho. Shere Khan não ousa matar-te aqui na Jângal; mas não te esqueças de que Akela envelhece e breve chegará o dia em que não mais poderá ele abater um gamo. Estará então no fim da sua longa chefia. Muitos dos lobos aos quais fôste apresentado no Conselho também estão velhos - e a geração nova pensa pela cabeça de Shere Khan. Todos admitem, com o tigre, que não há lugar na Alcatéia para filhotes de homem. E dentro em pouco serás mais que isso. . , serás homem. . .
- E que é ser homem? Não poderá um homem viver com seus irmãos lôbos na Alcatéia? replicou o menino. Sou da Jângal, tenho obedecido à Lei da Jângal, e não existe no bando um só lobo ao qual eu não haja tirado espinhos das patas. Tenho a certeza de que todos me têm como irmão.

Bagheera espreguiçou-se, com os olhos semicerrados.

- Irmãozinho, disse ela, apalpa o meu pescoço.
Mowgli o fêz - e na sedosa pele do pescoço de Bagheera descobriu um ponto pelado e caloso.

- Ninguém na Jângal sabe que tenho esta marca – esta marca de coleira. Sim, meu caro Irmãozinho, nasci entre homens e foi entre homens que minha mãe morreu, nas jaulas do Palácio do Rei de Odeypore. Por êsse motivo é que te salvei na reunião do Conselho, quando não passavas de criancinha nua. Sim - por isso, por ter nascido também entre homens! Anos vivi sem conhecer a Jângal. Era alimentada através de barras de ferro, e assim até o dia em que me senti plenamente Bagheera - a Pantera, e não mais brinquedo de ninguém. Quebrei os ferrolhos da jaula com um tapa. E justamente porque aprendi muito com os homens é que me tornei mais temível na Jângal do que o próprio Shere Khan. Não está certo?

- Perfeitamente, respondeu Mowgli. Todos na floresta temem Bagheera. Todos. . , exceto Mowgli!

- Oh, tu és um filhote de homem, respondeu Bagheera com ternura, e, assim

como retornei à Jângal, retornarás um dia para os homens - para teus irmãos, caso não sejas morto no Conselho. . .

- Por quê? Por que quererá alguém matar-me aqui? interpelou o menino.

- Olha para mim, respondeu Bagheera - e Mowgli olhou-a firme nos olhos, fazendo que a pantera desviasse a cabeça em menos de meio minuto. Por *isto*, concluiu ela; nem eu, que nasci entre homens e tenho por ti amor, posso sustentar a força dos teus olhos, Irmãozinho. Todos cá te odeiam porque não podem sustentar teu olhar, porque és engenhoso porque sabes a arte de arrancar espinhos das nossas patas - porque és homem, em suma.
- Eu ignorava semelhante coisa.., disse Mowgli com tristeza, franzindo a testa sobrancelhuda.

- Que manda a Lei da Jângal? Primeiro, dar o golpe; depois, fazer o que quiser. Pelo teu desprêzo a êste mandamento êles conhecem que és homem. Mas sê prudente! Pressinto que no dia em que Akela errar pela primeira vez o bote (e é já com esforço que êle evita isso) a Alcatéia inteira se voltará contra êle - e contra ti. Reunir-se-á o Conselho lá nas Rocas e então. . .

Isto dizendo Bagheera ergueu-se dum salto, excitada. E continuou:
- Vai depressa lá embaixo, à aldeia, e traze a Flor Vermelha que cresce em todas as casas. Assim, quando chegar o dia em que tenhas necessidade dum amigo mais forte do que Bagheera ou Baloo, te-lo-ás na Flor Vermelha.

A Flor Vermelha para Bagheera significava o Fogo, esse elemento de que as criaturas da Jângal têm mêdo profundo e ao qual nomeiam e descrevem de mil modos diferentes.

- A Flor Vermelha! replicou Mowgli pensativo. A Flor Vermelha que cresce nas cabanas durante a noite! Sim, trarei uma muda...

- Bravos! exclamou a pantera. Dêsse modo deve falar um filhote de homem. Não te esqueças de que essa flor cresce em pequenos fogareiros. Traze-a e conserva-a num dêles a fim de que permaneça viva até o momento de a usares.

- Muito bem, disse Mowgli, Mas estás segura, ó minha cara Bagheera - e isto dizendo lançou o braço em tomo do pescoço esplêndido da pantera, olhando-a no fundo dos olhos - estás segura de que todo o mal provem de Shere Khan?

- Pelo Ferrôlho que minha pata quebrou, tenho a certeza disso, Irmãozinho.
- Então, pelo Touro que foi dado em troca da minha liberdade, ajustarei contas com Shere Khan e o farei pagar um pouco mais do que deve! concluiu Mowgli dando um salto de decisão.

- É um homem, um homem em tudo! murmurou Bagheera consigo mesma enquanto se deitava de novo. Shere Khan, que mau negócio fizeste há dez anos, quando tentaste caçar esta rãzinha nua!...

Mowgli correu pela Jângal com o coração a arder. Alcançou a caverna dos lobos ao cair da noite e, tomando fôlego, lançou os olhos para o vale, lá embaixo. Os lobinhos estavam ausentes; Mãe lôba, entretanto, no recesso da caverna, conheceu logo, pelo modo de Mowgli respirar, que qualquer coisa perturbava o espírito da sua rã adotiva.

- Que há, filho? perguntou ela.
- Intrigas de Shere Khan, respondeu Mowgli. Depois: Vou caçar esta noite nos arredores da aldeia, declarou, e afastou-se morro abaixo rumo ao vale.

Em certo ponto parou, ao sentir que a Alcatéia andava à caça; percebeu o resfôlego dum Sambhur perseguido; ouviu depois os gritos cruéis dos lobos jovens dizendo:
- Akela! Akela! Deixemos que o Lobo Solitário mostre a sua força. Afastemo-nos todos! Deixemos que o Chefe avance sòzinho. Vamos! Dá o bote Akela!

E o Lobo Solitário devia afinal ter errado pela primeira vez o bote, porque

Mowgli ouviu um bater de dentes em seco e o grito dum gamo que derruba o seu assaltante a coice.

Mowgli não esperou por mais; continuou apressado o seu caminho rumo à aldeia, enquanto ao longe os uivos e ladridos da Alcatéia se iam amortecendo na distância.

- Bagheera disse a verdade, murmurou o menino ofegante ao alcançar a primeira cabana. O dia de amanhã vai ser decisivo para o Lobo Solitário e para mim.

Espiou por uma janela aberta... Viu fogo aceso no fogão. Esperou. Viu a dona da casa levantar-se do seu canto para ir atiçá-lo e pôr mais lenha. E quando a madrugada veio e tudo fora se fêz neblina branca e fria, viu o filho daquela mulher levantar-se, encher uma vasilha de barro com brasas para subir com ela em direção ao curral das vacas.
- É assim? pensou Mowgli. Se um filhote de mulher lida com a Flor Vermelha, então nada há que temer, e saindo dali foi esperar o menino mais adiante, onde pudesse arrancar-lhe das mãos a vasilha de brasas para fugir com ela.

Fêz isso num relance, deixando o rapazinho a berrar de susto.

- São êles tal qual eu, murmurou Mowgli enquanto soprava as brasas, como tinha visto o menino fazer. Esta «coisa» morrerá se não lhe dou comida, murmurou depois, pondo sobre as brasas um punhado de gravetos. A meio morro veio-lhe ao encontro Bagheera, com o reluzente lombo negro orvalhado pela neblina da manhã.

- Akela errou o bote ontem, disse a pantera. Eles o teriam matado nessa hora, se não desejassem fazer o mesmo a ti, para que ambos acabem juntos, Andaram a tua procura por tôda a Jângal.

- Estive na aldeia, donde vim armado, veja! e Mowgli apresentou-lhe a panela de brasas vivas.

- Ótimo! Muitas vêzes vi os homens botarem galhos secos sôbre isso, fazendo abrirem-se grandes flôres vermelhas. Não tens mêdo, Mowgli?

- Não. Por que teria medo? Lembro-me agora – se não é sonho - que antes de ser lôbo costumava deitar-me ao lado da Flor Vermelha, cujo calor é reconfortante.

Todo aquêle dia passou Mowgli sentado em sua caverna, a lidar com as brasas, alimentando-as com galhinhos secos para ver crescerem as chamas, e depois com galhos maiores até que conseguiu um tição que o satisfez. À tarde apareceu Tabaqui a lhe dizer, com insolência, que o estavam esperando no Conselho da Roca. Mowgli riu-se tanto ao ouvir a notícia que Tabaqui se retirou desnorteado. E foi ainda a rir-se que se apresentou à reunião do Conselho.

Viu lá Akela, o Lobo Solitário, não mais sentado em cima, mas ao lado da sua pedra - sinal de que a chefia do bando estava aberta aos pretendentes. Shere Khan passeava dum lado para outro, seguido e bajulado pelos lobos que lhe viviam à lambujem. Bagheera veio colocar-se junto de Mowgli, o qual tinha sôbre os joelhos a panela de fogo. Quando todos se reuniram, Shere Khan tomou a palavra - coisa que jamais acontecera no tempo da chefia de Akela.

- Shere Khan não tem êsse direito, cochichou Bagheera para Mowgli. Dize-lhe isso. Chama-lhe filho de cão. Vai amedrontar-se, verás.

Mowgli saltou de pé.

- Povo Livre, gritou êle, então é certo que vai Shere Khan chefiar agora a Alcatéia? Que tem a ver um tigre com a nossa vida?

- Vendo que a chefia do bando está aberta e sendo convidado a falar.., começou o tigre. Mas foi interrompido.
- Convidado por quem? gritou Mowgli, Somos acaso chacais, dos que vivem dos teus restos? A chefia do bando é negócio que só a nós diz respeito.

Houve uivos de «Cala a bôca, filhote de homem! Deixa-o falar! Shere Khan guarda os preceitos da nossa Lei». Por fim os lobos mais velhos urraram:

- Que fale o Lobo Morto!
Quando um chefe de bando perde pela primeira vez o bote, passa a ser chamado Lobo Morto até que lhe tirem a vida.

Akela ergueu lentamente a velha cabeça.

- Povo Livre, disse êle, e também vós, chacais de Shere Khan! Por muitas estações vos conduzi à caça e nunca em meu tempo nenhum caiu em mundéu, nem ficou aleijado. Agora confesso que perdi meu bote - mas vós sabeis da conspiração que para isso houve. Sabeis como tudo foi preparado para que eu perdesse meu bote. Foi manha bem hábil, reconheço. Tendes, entretanto, o direito de matar-me neste Conselho. Assim sendo, que venha a mim o que vai pôr têrmo à vida do Lobo Solitário. Pela Lei da Jângal, é meu direito lutar contra todos, um por um.

Houve um prolongado rosnar, pois nenhum lôbo se atrevia a lutar sozinho com Akela. Shere Khan, então, urrou:

- Bah! Para que darmos atenção a êste pateta sem dentes? Éle está condenado a morrer. Também o filhote de homem já viveu muito. Povo Livre, lembrai-vos de que no começo êsse filhote foi meu - minha comida. Dai-mo agora. Ando cansado de aturar suas loucuras de homem-lobo. Vem êle perturbando a Jângal há dez

estações. Entregai-me o filhote de homem, ou caçá-lo-ei sem licença, não vos dando nem um osso sequer. É um homem, um filhote de homem e, pelo tutano dos meus ossos, eu o odeio!

Então metade do bando uivou:

- Um homem! Um homem! Que tem um homem de comum conosco? Que vá viver com os homens.
- Para que tôda a aldeia se volte contra nós movida por êle? exclamou Shere Khan. Não! Dai-mo. Ele é homem. Bem sabeis que nenhum de nós pode sustentar o seu olhar.

Akela ergueu de nôvo a sua velha cabeça para dizer:

- Mowgli comeu a nossa comida. Dormiu conosco na caverna. Caçou para nós. Jamais infringiu um preceito da nossa Lei.
- Há ainda uma coisa, ajuntou Bagheera. Por êle paguei o preço de um touro gordo, preço que foi aceito. O valor dum touro não é grande, mas a honra de Bagheera vale alguma atenção, concluiu a Pantera Negra com voz macia.

- Um touro! rosnou o bando com desprêzo. Um touro pago há dez anos! Que valem ossos tão velhos?
- E que vale a palavra de honra? replicou Bagheera mostrando os dentes alvíssimos. Bem, bem, sois o Povo Livre...

- Nenhum filhote de homem pode viver com as criaturas da Jângal, urrou Shere Khan. Dai-mo!

- Ele é nosso irmão em tudo, exceto no sangue, gritou Akela, e ainda assim quereis matá-lo! Na verdade sinto que já vivi muito. Alguns de vós sois comedores de gado; de outros sei que, instruídos por Shere Khan, vão pela calada da noite roubar crianças na aldeia. Covardes, todos, para covardes estou falando. Sei que preciso morrer e, embora nenhum tenha coragem de atacar-me, ofereço minha vida em troca da deste filhote de homem. Pela honra da Alcatéia, porém – embora honra pouco valha aqui - prometo que, se deixardes que o filhote de homem siga o seu destino, não arreganharei os dentes quando um de vós vier tomar-me a vida. Morrerei sem lutar. Isto salvará ao bando pelo menos três vidas. Mais não posso fazer. Assim, salvar-vos-ei da vergonha que será matar um irmão contra o qual nada se alega de criminoso - um irmão que já foi defendido neste Conselho e cuja vida foi resgatada por preço aceito por todos, de acôrdo com a Lei da Jângal!

- Ele é um homem, um homem, um homem! urrou a Alcatéia, da qual a maioria apoiava Shere Khan.

Ao ouvir isso o tigre entrou a sacudir a cauda.

- O negócio está agora contigo, disse Bagheera a Mowgli.
Nada mais «temos» a fazer, senão lutar.

Mowgli ergueu-se de pé, com a panela de fogo nas mãos. Estendeu os braços, cheio de raiva e mágoa de ter sido lobo tanto tempo e só agora haver percebido o quanto os lobos o odiavam.
- Ouvi! gritou êle. Basta de discussão de cachorro! Muito já me dissestes esta noite para provar que sou homem (a mim que desejava ser lôbo toda a vida...), de modo que estou realmente convencido de que sou homem. E como sou homem, não vos chamarei mais irmãos e sim «sag» (cães), como dizem os homens. O que ireis fazer ou não, é lá convosco. O que farei, é comigo - comigo, o homem, que aqui traz uma braçada daquela Flor Vermelha que vós, cães, tanto temeis!

Isto dizendo, Mowgli derramou as brasas no chão, ateando em chamas um tufo de ervas sêcas. A Flor Vermelha ergueu-se violenta, em línguas vivíssimas, fazendo a Alcatéia recuar aterrorizada, enquanto Mowgli acendia um feixe de galhos com o qual traçou um círculo de fogo em tôrno de si.

- Estás senhor da situação, murmurou Bagheera em voz baixa. Salva Akela da morte. Foi sempre teu amigo,

Akela, o severo lôbo que jamais pedira mercê, lançou um olhar de indizível expressão ao menino da Jângal, ao rapazinho nu, de cabelos caídos sobre os ombros, cuja sombra, criada pelas chamas, dançava no chão.
- Bem, gritou Mowgli correndo os olhos em torno. Vejo mesmo que são cães. E, como são cães, vou-me para a minha gente. A Jângal ficará fechada para mim; esquecerei a vossa língua e a vossa companhia de tantos anos. Serei, porém, mais generoso do que o sois. Porque fui durante dez anos vosso irmão em tudo menos no sangue, prometo que, quando me tornar um homem entre os homens, não vos trairei perante êles, como me traístes aqui na Jângal.

E com estas palavras Mowgli esparramou o fogo com o pé, fazendo subir ao céu um repuxo de faíscas.

- Não haverá guerras entre a minha gente e a Alcatéia, mas há uma dívida a ser paga antes que me vá, gritou dirigindo-se para o lado de Shere Khan, que olhava estupidamente para as chamas.

Mowgli avançou para êle corajsamente, agarrou-o pela barba (Bagheera o seguia de perto para o que desse e viesse) e disse:

- Levanta-te, cão! Quando um homem fala, os cães se levantam - levanta-te antes que eu faça a Flor Vermelha crescer em teu focinho!

Shere Khan derrubou as orelhas e fechou os olhos cegado pelo archote de Mowgli.

- Este comedor de bezerros andou dizendo que ia matar-me no Conselho por não ter podido comer-me quando eu era uma criancinha indefesa. Mas nós, homens, sabemos como bater nos cães. Abre essa goela, Lungri, para que te mêta esse facho pela garganta adentro! berrou o menino, dando com o fogo na cabeça do tigre, o qual saltou de lado, tonto de medo e dor. Pah! Vai-te embora, gato fingido! Mas lembra-te de que na próxima reunião do Conselho, quando eu aqui vier ainda mais homem do que já sou, trarei tua pele sôbre minha cabeça. Quanto ao mais, que Akela permaneça livre e que viva como quiser. Ninguém o matará porque eu *não quero,* estais ouvindo? Não quero! E agora ninguém mais fica aqui sentado, de língua de fora, como se fôssem todos uns grandes personagens. Não passais de cães que eu toco assim: «Passa fora, cambada! Depressa! Chispa! . . . »

E como o facho de fogo estava no máximo da combustão, Mowgli o girou violentamente em redor, dando com êle à direita e à esquerda, fazendo os lôbos sumir aos uivos, com o pêlo chamuscado. Apenas permaneceram uns dez, que haviam tomado o seu partido, além de Akela e Bagheera. Mas nesse momento uma coisa esquisita assaltou o coração do menino da Jângal. Vieram-lhe soluços de desespero, ao mesmo tempo que grossas lágrimas lhe brotavam dos olhos.

- Que será isto? exclamou, mal compreendendo o seu estado. Não quero, sinto que não quero deixar a Jângal. Que tenho eu? Estarei morrendo, Bagheera?

- Não, Irmãozinho. Estás apenas chorando pela primeira vez, uma coisa que só os homens costumam fazer. Vejo disso que já és homem, não apenas filhote de homem. A Jângal está realmente fechada para ti, doravante. Deixa que as lágrimas caiam, Mowgli. Chora, chora...

E Mowgli chorou. Sentou-se e chorou, como se seu coração fosse arrebentar - êle que jamais havia chorado em tôda a sua vidinha.

- Sim, irei para o meio dos homens, agora, Mas tenho antes de dizer adeus à minha mãe, murmurou dirigindo-se para a caverna onde Mãe Lôba morava com Pai Lôbo. Lá chorou novamente, abraçado ao corpo peludo da que o criara, enquanto quatro lobinhos novos lhe uivavam ao lado, de tristeza.

- Não me esquecereis nunca? soluçou Mowgli.

- Nunca, enquanto pudermos seguir um rastro, responderam os lobinhos. Mas aparece ao pé da montanha, de vez em quando. Lá estaremos para brincar contigo.

- Volta logo, disse Mãe Lôba, a olhar enternecida para aquêle estranho filho nu. E jamais te esqueças de que te amei a ti inda mais do que aos meus próprios lobinhos.
- Virei, sim, respondeu Mowgli, e um dia aparecerei de nôvo no Conselho envolto na pele de Shere Khan, Não te esqueças de mim, mãe. Dize a todos na Jângal que jamais se esqueçam de mim. . .

A manhã ia rompendo quando Mowgli deixou a montanha, sozinho, rumo à aldeia onde moravam as misteriosas criaturas chamadas homens.

***Canto de caça da alcatéia de Seeonee***

*Bale o Sambhur, quando desponta a aurora,*
*uma, duas, três vêzes.*
*E a corça dá um salto ousado, um salto ousado*
*Até a lagoa onde bebe o veado.*
*Isto eu notei agora*
*uma, duas, três vêzes.*

*O Sambhur bale, se a manhã ralar,*
*uma, duas, três vezes.*
*E o lobo eis que recua e o aviso leva*
*À alcatéia que espera e, pela treva,*
*Seguimos o seu passo, a ladrar, a ladrar,*
*uma, duas, três vezes.*

*Quando desperta a aurora, o clã dos lobos ruge,*
*uma, duas, três vezes.*
*Oh, pés, na Jângal que não deixam rastros!*
*Olhos que podem ver pela noite sem astros!*
*Voz! Sim! Dai-lhes a voz! Escutai Escuta!*
*uma, duas, três vêzes.*

# QUIQUERN

Os povos do gelo Oriental vão se esfazendo como a neve -
Tomam açúcar e café; e os brancos vão ao acompanhar
Mas os do gelo Ocidental só sabem roubar e lutar
Vendem peles no mercado, vendem as almas para o branco.
Os povos do gelo do sul transacionam com os baleeiros
Suas mulheres têm muitas fitas, são laceradas suas tendas,
Mas os povos do velho gelo têm os seus dardos que são feitos
Dos ossas duros no narval e são os homens derradeiros.

Abriu os olhos! Veja. . .

- Ponha-o no ninho outra vez. Vai ser um belo cão. Lá pelo quarto mês nós havemos de dar-lhe um nome.

- Que nome? perguntou Amoraq.

Os olhos de Kadlu relancearam pela cabana forrada de peles e detiveram-se em Kotuko, um menino de quatorze anos que escarvava um botão num osso de elefante marinho.
- Seja o meu nome, sugeriu Kotuko numa careta, da cama onde se achava sentado. Precisarei dêle um dia.

Kadlu riu-se de lhe desaparecerem os olhos ocultos pelas regueiras das faces gordas e fêz que sim para sua mulher Amoraq, enquanto a mãe do cãozinho uivava de ver o filhote fora do seu alcance, aninhado na bôlsa de pele de foca suspensa perto da lâmpada de óleo de baleia. Kotuko prosseguiu na escultura e Kadlu, depois de jogar uma maçoroca de arreios de trenó dentro dum cômodo próximo, sacou fora a sua pesada veste de couro de veado, pendurou-a num osso de baleia acima da outra lâmpada e foi para perto de Amoraq. Lá, sentado numa cama-banco, cortou um naco de foca da panela em que a mulher concluía o jantar do costume - sempre carne cozida e sopa de sangue. Kadlu havia estado fora desde a manhã, a percorrer os buracos de focas existentes a oito milhas dali, tendo trazido três bem grandes. No meio da longa passagem de neve, ou túnel, que ligava o interior da cabana à porta de saída, os cães faziam grande algazarra de latidos e arreganhos, na disputa dos lugares menos frios.

Quando o barulho cresceu demasiado, Kotuko levantou-se sem pressa da sua cama-banco e, tomando um chicote de cabo de barbatana flexível e correia de vinte e dois pés de comprimento, dirigiu-se para lá. Uma dúzia de olhos ansiosos acompanharam-no, ao verem-no aproximar-se duma espécie de jirau de costelas de baleia onde estava suspensa a carne dos cães. O rapaz cortou grandes nacos de carne congelada e foi chamando pelo nome a cada um dos cães, os mais fracos em primeiro lugar - e ai do que se adiantava sem ser chamado! O longo chicote vibrava no espaço qual relâmpago e arrancava dum golpe pêlo e couro ao intruso. Cada cão servido rosnava, abocava a sua porção e corria a esconder-se no túnel, enquanto o rapaz prosseguia na sua distribuição de alimento e justiça. O último chamado foi o robusto chefe da matilha, o qual teve ração dupla, de carne e chicote.

- Ah! exclamou Kotuko enrolando o látego. Tenho lá perto da lâmpada um filhote que promete muito. *Sarpok!* Entra!

Ao retornar para o interior da cabana, passando por entre os cães em desordem, o rapaz sacudiu com a batedeira de barbatana, pendurada junto à porta, a neve seca que lhe polvilhara as vestes e voltou a reclinar-se na cama-banco. Os cães no túnel ainda roncaram e uivaram por algum tempo; depois meteram-se a dormir, enquanto o último bebê de Amoraq esperneava no berço e a mãe do cachorrinho, deitada ao lado de Kotuko, punha os olhos ciumentos no saco de pele de foca pendurado por cima da lâmpada.

Isto acontecia muito longe, lá no extremo norte, além do Labrador, além do Estreito de Hudson onde as marés amontoam o gelo, ao norte da Península de Melville - ao norte ainda dos Estreitos de Fury e Hecla - na praia norte da Terra de Baffin, na qual a Ilha de Bylot se ergue acima do Estreito de Lancaster como forma de pudim emborcada. Ao norte de Lancaster pouco há conhecido, exceto o North Devon e a Terra de Ellesmere; mas ainda lá, convizinhando o Pólo, vive gente.

Kadlu era um Inoito - ou Esquimó - e sua tribo, umas trinta criaturas ao todo, pertencia ao Tununirmiut - «a terra do fim do mundo». Esta desolada costa figura nos mapas com o nome de Navy Board Inlet, mas sua denominação inoita é mais certa porque realmente fica no fim do mundo. Por nove meses no ano só existe nela gelo e neve e mais vento, com um frio que ninguém pode imaginar. Desses nove meses seis são de noite contínua - e é o que faz o horrível da região. Nos três meses de estio tudo se congela, dia sim dia não, e se regela à noite, com as neves a revestirem as encostas sul. Uns tantos pés de salgueiros árticos emitem seus aveludados botões; o pinhão-de-rato finge florescer; praias de pedregulho fino surgem no mar e pontas de rochedos polidos levantam-se na neve granulosa. Mas isto não dura mais que semanas - e o feroz inverno avança de novo, fazendo que no mar o gelo se rompa ao largo, acumulando-se e apertando-se, chocando-se e fendendo-se até de novo soldar-se numa camada de dez pés de espessura que vai da terra ao mar alto.

No inverno Kadlu persegue as focas até ao extremo desta terra de gelo e as arpoa nos respiradouros, quando sobem à tona. A foca necessita de água aberta para viver e pescar, e no forte do inverno o gelo se perlonga às vezes por oitenta milhas de terra sem só uma rotura. Na primavera Kadlu e sua gente retiram-se dos bancos de gelo para terra firme e armam laços às aves marinhas, ao mesmo tempo que lanceiam as focas novas nas praias. Em seguida dirigem-se para o sul, em caça às renas da Terra de Baffin e em pesca ao salmão dos inúmeros rios e lagos do interior; em setembro ou outubro tomam rumo norte para a caça do mosco e também para a razia habitual nas focas de inverno. Essa movimentação é feita por terra, em trenós puxados por cães que agüentam jornadas diárias de vinte e trinta milhas, ou por mar, em botes de couro chamados «botes de mulher», os quais seguem bordejando as costas. Essas embarcações têm êsse nome porque além dos cães e das crianças, que seguem comprimidos entre as pernas dos remadores, levam também as mulheres sempre a cantarolar cantigas enquanto os botes singram de um cabo a outro por sobre a lisa água gelada.

Todos os deleites que os de Tununirmiut conhecem vêm do sul - madeira trazida pelas ondas, boa para a construção de trenós; barra de ferro para arpões; facas de aço; panelas de ferro muito melhores que as antigas feitas de pedra-sabão; pedras de isqueiro e também fósforos e fitas vermelhas para o cabelo das mulheres, e espelhinhos baratos e cadarços para debrum dos jalecos de pele de veado. Kadlu vendia para os Inoitos do sul o precioso chifre do unicórnio e o ainda mais precioso dente do môsco, de valor igual ao das pérolas; os Inoitos do sul os revendiam aos pescadores de baleia e missionários dos estreitos de Exeter e Cumberland; de modo que uma panela comprada por um cozinheiro de bordo no Bhendy Bazaar, muitas vezes ia terminar seus dias sobre uma lâmpada do óleo de baleia lá nas profundezas do Círculo Ártico.

Kadlu, bom caçador, possuía arpéus de ferro em abundância, facas de cortar neve, fisgas de arremêsso e tudo mais que facilita a vida nas zonas

congeladas. Era o cabeça da tribo ou, como lá dizem, «o homem que tudo sabe pela prática». Isto, entretanto, não lhe outorgava nenhuma autoridade, exceto para, de quando em longe, intimar os seus amigos a mudarem de campo de caça; já Kotuko se mostrava um tanto imperioso, à moda indolente dos Inoitos, quando outros rapazes vinham jogar bola à luz da lua ou cantar a Cantiga das Crianças, dedicada à Aurora Boreal.

Aos quatorze anos um Inoito sente-se homem; por isso andava Kotuko farto de fazer armadilhas para as aves marinhas e ainda mais de ajudar as mulheres a lidar com focas e peles de veado, enquanto os homens permaneciam na caça. O sonho de Kotuko era penetrar no *qaaggi*, Casa das Cantigas, onde os homens se reuniam para celebrar mistérios ou vê-los celebrar pelo *angekok*. Esses feiticeiros apavoravam a assistência com ataques de possessos, ao apagar das lâmpadas, quando o espírito das renas espinoteava sobre os tetos; ou assombravam-na com arremêsso de dardos dentro da noite, os quais retornavam embebidos em sangue. Kotuko ardia por meter-se em grandes botas, com ar cansado dos chefes de família, e ir jogar com os caçadores, à noite, a espécie de roleta que usam, feita de tampa de lata. Havia cem coisas que Kutuko desejava fazer, mas os grandes riam-se dizendo:

- Espere que a moleira feche. Caçar não é mamar.

Agora que seu pai lhe havia dado um cachorrinho, as coisas pareciam melhores. Um Inoito não sacrifica um cão de boa estirpe, dando-o ao filho, se não lhe reconhece a capacidade de condutor de trenó - e Kotuko estava mais que certo de ser um condutor de trenó tão bom como outro qualquer.

Se o cachorrinho não possuísse uma constituição de ferro teria morrido por excesso de agarramento e conchego. O menino fizera-lhe um pequeno arreio e o conduzia pelas rédeas dentro de casa, gritando; «Aua! Já aua!» (Vira à direita), «Choiachoi! Já choiachoi!» (Vira à esquerda), «Ohaha!» ( Pára! ). O bichinho não gostava daquilo, mas verificou mais tarde que tais ensaios constituíam a perfeita felicidade, comparados com o que lhe sobreviera. Estava êle um dia sentado na neve, a brincar com o tirante de pele de foca que corria dos seus arreios ao *pitu* que é a correia grande do arco do trenó; súbito, os cães já atrelados partiram e o cãozinho viu o pesado trenó de dez pés mover-se atrás de si e lançar-se pela neve além, enquanto Kotuko ria de chorar. Dias e dias seguiram-se de cruel chicote, a silvar no espaço como o vento no gelo, e toda a matilha o mordeu, como castigo de ainda ignorar o seu trabalho; além disso os arreios o incomodavam e não mais lhe era permitido dormir com Kotuko, tendo de arrumar-se como podia nos piores lugares do túnel. Foi um bem mau tempo para o cachorrinho.

Kotuko aprendia depressa, tão depressa quanto o cachorrinho, embora um trenó tirado a cães seja veículo de difícil manejo. Cada animal leva o seu tirante próprio, que passa sob as pernas dianteiras e vai ter à correia grande,

onde é amarrado com uma laçada de fácil desenlace. Isso se faz necessário porque os cães ainda sem experiência deixam muitas vêzes que o tirante lhes corra por debaixo das pernas traseiras e ferem-se horrivelmente. Também é comum os cães se «visitarem», isto é, procurarem durante a corrida pôr-se ao lado dos amigos, saltando por cima dos tirantes. Há brigas, então, com o resultado de se embaralharem todos como linhas de anzol. Tais perturbações evitam-se com o uso científico do chicote. Cada rapaz Inoito se orgulha de ser mestre na arte de manejá-lo; mas se é fácil acertar com a ponta do comprido chicote um alvo fixo marcado no chão, é bem difícil alcançar com ele um cão efusivo, quando o trenó desliza a tôda a velocidade. Se o condutor grita o nome dum cão que está «visitando» e acidentalmente acerta com o látego em outro, os dois incontinenti se atracam e a matilha inteira para. E se o condutor viaja com um companheiro e põe-se de conversa, ou mesmo se canta em solo, os cães logo se detem, voltam-se e sentam-se para ouvir a conversa ou a cantiga. Kotuko dirigiu o trenó algumas vêzes, embora esquecendo-se de freá-lo quando a matilha parava; daí muita desordem e muita correia rompida, até que pudesse tomar conta duma matilha de oito em trenó não muito pesado. Quando isso aconteceu, Kotuko sentiu-se elevado à categoria de pessoa de alta conseqüência, e sôbre gelos macios voou com a velocidade duma alcatéia em corrida livre. Afastava-se até dez milhas em procura dos buracos de foca e quando chegava ao campo de caça desatava o tirante correspondente ao cão negro, que era o melhor caçador da matilha. Logo que o cão negro farejava um respiradouro de foca, Kotuko emborcava o trenó e o ancorava no gelo por meio dum par de chifres de rena próprios para isso, bem fincados no chão. Em seguida, aproximava-se do buraco da foca, a arrastar-se pelo gelo cautelosamente, e ficava à espera até que o animal viesse à tona. Lançava-lhe então a fisga presa à corda e incontinenti puxava a carcaça até ao trenó. Era um momento de grande excitação na matilha presa aos arreios; os cães espumejavam e espinoteavam com ladridos furiosos, enquanto Kotuko, manejando o látego como os domadores de leões manejam a barra de ferro candente, defendia a carcaça da foca até vê-la bem congelada. Voltar para casa constituía o mais pesado da tarefa. O trenó sobrecarregado tinha de romper o gelo aspero e os cães amiúde sentavam-se olhando famintamente para a carga, em vez de puxa-la. Finalmente alcançavam a trilha batida de trenós que levava ao aldeamento, e então voavam sobre o gelo que ringia, de cabeças baixas e caudas erguidas, enquanto Kotuko entoava o Canto do Caçador que Volta sob os aplausos de todas as cabanas.

Quando Kotuko-cão, atingiu pleno desenvolvimento, passou a gozar melhor vida. Primeiro lutou pela primazia entre os demais e, vencedor de todas as lutas uma por uma, teve de atracar-se por fim com o cão negro, até ali chefe não discutido. Venceu-o e passou a ser o primeiro, Kotuko-rapaz, amigo do «fair play», deixou que tudo corresse pelo natural. Desse modo foi Kotuko-cão promovido a Chefe, com lugar marcado cinco pés à frente de todos os outros; era seu dever impedir lutas, separar contendores, tanto no serviço como fora dele; e como marca de distinção foi metido em seu pescoço um pesado colar

de fios de cobre. Em certas ocasiões era alimentado dentro da cabana com carne cozida, e noutras tinha licença de dormir na cama-banco de seu senhor. Tornou-se um ótimo cão foqueiro, e também sabia «amarrar» um «muskox», correndo-lhe em torno, a latir, até que o caçador viesse. Kotuko-cão chegava até - e isto constitui o máximo para um cão de trenó - a enfrentar o magro lôbo ártico, que os cães, do Norte temem acima de tudo. Kotuko-cão e Kotuko-rapaz não davam confiança ao resto da matilha e caçavam juntos dia e noite; um, ferozmente envolvido em peles; outro, todo pêlos compridos, presas agudas e ar selvagem. Tudo quanto um Inoito tem que fazer se resume em caçar alimentos e peles para si e sua família. O mulherio reduz as peles a roupas e ocasionalmente lida com armadilhas para a apanha de caça miúda; mas o grosso da alimentação tem que ser provido pelos homens - e os Inoitos comem enormemente. Se o suprimento escasseia, não há onde comprar coisa nenhuma, nem a quem pedir nada de empréstimo. Sobrevêm fome e morte.

Mas um Inoito não pensa nisto antes de chegado o momento. Kadlu, Kotuko e Amoraq, e ainda o menino que Amoraq tinha ao seu lado na bolsa-berço de peles, sempre a chupar nacos de baleia cozida, constituíam uma família feliz como a que mais o fosse em qualquer parte do mundo. Vinham duma estirpe meiga - um Inoito raro bate numa criança - desconhecedora da mentira e ainda menos do latrocínio. Consideravam-se felizes com se manterem vivos no coração daquela gelidez infinita. E riam-se - riam o seu riso oleoso - e entrecontavam histórias de fantasmas à noite, e comiam até rebentar, e entoavam a cantiga sem fim «Amna aya, aya amna, ah! ah!» enquanto as mulheres remendavam roupas.

Um terrível inverno, porém, veio traí-los. Os Tununirmiut haviam voltado da pescaria anual do salmão e erguido suas cabanas de neve no gelo precoce da ilha de Bylot, prontos para a caça às focas logo que o mar congelasse. Mas o outono se mostrou feroz. Todo o mês de setembro decorreu com vendavais de neve que quebravam a camada em formação do «gelo de foca» quando mal atingia a espessura de quatro ou cinco pés, e forçavam esse gelo para a terra, amontoando-o em barreiras enormes por vinte milhas mais de extensão. Sobre ele era impossível deslizarem trenós. A beirada do banco de gelo onde os Tununirmiut costumavam pescar as focas no inverno ficava assim a vinte milhas de distância e, pois, fora de alcance. Apesar disso puderam agüentar-se à custa dos estoques de salmão congelado e baleia, e ainda com o que lhes caiu nas trapas. Em dezembro um dos caçadores encontrou num *tupik* (barraca de pele) três mulheres e uma menina quase à morte; os homens, que com elas vieram do Norte, haviam perecido numa caçada de unicórnio. O mais que Kadlu pode fazer foi distribuir as mulheres pelas cabanas dos da sua tribo. Um Inoito jamais recusa socorro a estranhos, não sabendo o que poderá vir a acontecer a si próprio um dia. Amoraq tomou a menina, então nos quatorze anos, como uma espécie de criada. Pelo corte do seu capuz pontudo e das perneiras de couro de veado verificou-se que procedia de Ellesmere. Menina ingênua. Jamais tinha visto panelas estanhadas nem trenós de madeira; mas

tanto Kotuko-cão como Kotuko-rapaz engraçaram-se dela.

Por esse tempo já todas as raposas haviam emigrado para o sul e até a «wolverine», essa cabeçuda ladra da neve, não se deixava cair nas trapas de Kotuko. Quando uma foca era por acaso caçada, Kotuko-cão saltava de alegria e, com o tirante a arrastar-se atrás de si, ajudava Kotuko-rapaz a pô-la no trenó, sob as vistas da matilha enfuriada.

Uma foca não durava muito, porque cada bôca no pequeno aldeamento tinha direito ao seu pedaço, e não deixava de si isca de ossos, pele ou muxiba. A parte dos cachorros era tomada pelos humanos, tendo Amoraq de alimentar a matilha com pedaços de couro velho, arrancados ao forro da cabana - e os cães uivavam cada vez mais famintos. Pela luz das lâmpadas feitas de pedra-sabão podia-se prever como a famina estava próxima. Nas estações normais, quando o óleo de baleia abunda, a luz dessas lâmpadas em forma de bote jorra em chamas de dois pés de altura - alegre, oleosa; bem amarela. Agora só alcançava umas seis polegadas; Amoraq tinha o cuidado de diminuir o pavio de musgo logo que uma brilhava mais do que o mínimo possível - e os olhos de toda a família acompanhavam o movimento das suas mãos previdentes. O horror da famina durante os grandes frios árticos não é tanto morrer, como morrer no escuro. Os Inoitos apavoram-se com o escuro que os submerge sem pausa durante meio ano; e logo que as lâmpadas entram a ser encurtadas de pavio, a alma das criaturas ressente-se, perturbada e inquieta.

Mas o pior estava ainda por sobrevir.

Os cães mal alimentados latiam e abocavam-se tristemente nos túneis de neve, enfitando as estrelas frias e farejando os ventos. Quando esse ruído por instantes cessava, caía sobre tudo um silêncio sólido e pesado como neve que se amontoa à porta, e as criaturas humanas podiam ouvir o pulsar dos seus próprios corações, que pareciam bater alto como os tambores dos feiticeiros. Certa noite Kotuko-cão, que estivera particularmente tétrico dentro dos arreios, saltou de brusco e veio apoiar a cabeça aos joelhos de Kotuko-rapaz. Kotuko deu-lhe tapas amigos, mas o cão principiou a empurrá-lo dali, blandicioso. Então Kadlu pulou da cama e, agarrando a cabeça vulpina do cachorro, olhou-o nos olhos fixamente, Kotuko-cão, com a cabeça prêsa entre seus joelhos, forcejou por escapar-se. Os pelos eriçaram-se-lhe no pescoço e ele roncou como se alguém estivesse à porta; depois latiu alegre, rebolou pelo chão e mordeu a bota de Kotuko como se fosse um cãozinho novo.

- Que será isso? indagou o rapaz, já com medo.

- Doença, respondeu Kadlu. A doença de cachorro.
Kotuko-cão ergueu o focinho e latiu várias vêzes.

- Nunca o vi fazer assim. Que será? indagou de novo Kotuko, Kadlu foi buscar

o seu arpéu mais afiado. O cão que o olhava e continuava a latir, meteu-se de súbito pelo túnel, fazendo que todos se afastassem do caminho. Fora, no escampo de neve, entrou a latir furiosamente como se estivesse na pista dum môsco, e sempre latindo sumiu-se ao longe, de salto em salto. Não era hidrofobia a sua doença, mas simplesmente loucura. O frio e a fome, e sobretudo a escuridão, haviam transtornado a sua cabeça - e quando um caso desses surge na matilha toda ela se toma de contágio. No dia seguinte, durante a caça, segundo cão apresentou os mesmos sintomas - e teve de ser morto por Kotuko. Depois chegou a vez do cão negro, velho chefe da matilha; subitamente alucinou-se com um rasto imaginário de rena e, quando foi desligado do *pitu*, atirou-se pela geleira além, a arrastar o tirante, tal qual Kotuko-cão havia feito. Depois disto não houve mais caçadas de trenó. Os cães iam ser guardados para «outra coisa» e sabiam disso; e embora recebessem alimento junto às estacas onde foram amarrados, tinham os olhos cheios de desespero e pânico. Para agravamento de males, uma velha começou a contar histórias macabras, dizendo que havia encontrado o espírito dos caçadores mortos no outono - o que era prenúncio de coisas mais horríveis ainda.

Kotuko ressentia-se mais da perda do seu cão favorito do que do resto; porque se um Inoito come enormemente, também sabe suportar todas as privações quando é necessário. A fome, entretanto, a escuridão e o frio acabaram por derruí-lo, fazendo-o ouvir vozes inexistentes e ver com o rabo dos olhos coisas fantásticas. Certa noite, em que se despira das perneiras de caça depois de dez horas de espera inútil num buraco de foca, ao fazer-se de volta para o aldeamento, tonto e exausto, parou para descansar e recostou-se a um bloco de pedra equilibrado ao de leve, Seu peso rompeu o equilíbrio e fêz o bloco rolar fragorosamente. Kotuko saltou de banda a tempo de evitar um desastre, mas perdeu o pé e lá rolou atrás da pedra, por um declive abaixo.

Foi demais para Kotuko. Havia sido educado na crença de que cada rocha tinha sua dona, geralmente uma espécie de Mulher-Coisa de um olho só, chamada *tornaq*, e estava certo de que quando uma *tornaq* desejava ajudar um homem rolava para perto dele dentro de sua casa de pedra e lhe pedia que a tomasse como espírito protetor. (No degelo do verão há muito desmoronamento de pedras em conseqüência do acúmulo de gelo, de modo que se torna facilmente compreensível como a crença em pedras vivas se formou.) Kotuko ouviu o rumor do sangue a circular-lhe no ouvido e teve a idéia de que era a *tornaq* da pedra que lhe falava. De volta à cabana firmou-se na certeza de que tinha tido uma longa conversa com uma *tornaq* e, como lá todos admitiam o fato como possível, ninguém o contradisse.

- Ela me falou: «Eu rolo, eu rolo do meu lugar na neve! » gritava Kotuko na cabana em penumbra, com os olhos arregalados. Ela disse que seria meu guia. Amanhã sairei à caça e a *tornaq* me guiará.

O feiticeiro da aldeia apareceu e Kotuko contou-lhe tudo novamente.

- Siga o *tornait* (espírito das pedras) e teremos de novo alimento, sugeriu o *angekok*.

A menina do Norte, que Amoraq recolhera, vivia perto da lâmpada, comendo muito pouco e falando ainda menos; mas quando Kadlu na manhã seguinte preparou para Kotuko um pequeno trenó sem cães e o proveu com a tralha de caça e quanta carne de baleia ou foca foi possível reunir, a menina tomou um dos tirantes e pôs-se intrépidamente ao lado do rapaz.

- Tua casa é minha casa, murmurou ela, logo que o pequeno trenó de osso se fez a caminho pela horrível noite ártica adentro.

- Minha casa é tua casa, respondeu Kotuko; mas acho que vamos indo os dois para a terra de Sedna.

Sedna é a Senhora do Inferno. Os Inoitos crêem que quem morre passa um ano no horrível país de Sedna, antes de ir para Quadliparmiut, a Feliz Mansão, onde nunca neva e renas gordas acodem a um simples chamado.

No aldeamento o povo reunido comentava em altas vozes: «A *tornait* falou a Kotuko. Ele vai de novo trazer-nos focas! » Esse vozeio se perdeu na distância fria e escura, enquanto Kotuko e a menina caminhavam ombro a ombro rumo ao Oceano Polar, firmes no tiro do trenó de víveres. Kotuko insistia em que a *tornaq* lhe ordenara que fosse para o norte - e para o norte seguia ele, guiado pela estrela que chamamos Grande Ursa e os Inoitos, Tuktuqdjung, a Rena.

Nenhum europeu pode fazer cinco milhas diárias sobre o gelo convulso e espedaçado; mas aquêles dois conheciam bem o jeito de levar o trenó através de todos os obstaculos, depressões ou ressaltos do terreno.

A menina ia calada, de cabeça baixa, com a longa pelagem do seu capuz de arminho a lhe esconder a face larga e escura. Acima deles o céu mostrava-se dum intenso negro de veludo, que descaía para avermelhado na linha do horizonte. Grandes estrelas brilhavam como lampiões de rua. De tempo em tempo uma vaga esverdeada das Luzes do Norte rolava pelo oco do céu, palpitava como um pendão e desaparecia; ou um meteoro brilhava nas trevas deixando atrás de si um chuveiro de faúlhas. Nesses momentos Kotuko e a menina podiam ver a atormentada irregularidade do banco de gelo pintalgar-se de estranhas cores - vermelhos, acobreados e violáceos; mas fora desses breves instantes o débil aluarado das estrelas dava a tudo o mesmo uniforme e cinério tom gris dos gelos.

O banco, já o dissemos, fora atormentado pelos vendavais do outono até tornar-se como um terremoto congelado. Rasgavam-no erosões e ravinas, e esfuracavam-no buracos; massas de gelo novo se soldavam à superfície;

blocos de velho gelo negro, que passadas tormentas haviam incorporado ao banco, soerguiam-se de novo; «boulders» arredondados alternavam com cristas rasgadas pela neve que o vento arrasta, ou covancas -de gelo afundado, medindo trinta ou quarenta acres de área. Duma certa distância olhos inexperientes tomariam blocos de gelo por focas, walrus, trenós emborcados ou homem em expedição venatória, quando não o próprio Espírito do Urso Branco, que tem dez pernas; mas a despeito destas formas fantásticas, como que prestes a se revelarem em vida, nenhum som se fazia ouvir. Nem o mais remoto eco dum som. E através de tamanho silêncio e de tanta solitude, com apenas jactos de luz a brilharem e a desaparecerem, o trenó e seus dois condutores moviam-se como sombras de pesadelo - um pesadelo - um pesadelo de fim de mundo, lá no fim do mundo.

Quando os dois aventureiros se cansavam, o rapaz construía o que os caçadores chamam «meia casa», uma ligeira toca de neve na qual se alapavam com a lâmpada de viagem, a fim de degelar um pedaço de foca. Depois de comidos e dormidos, a marcha prosseguia - trinta milhas diárias em reta para o norte. A menina conservava-se silenciosa, mas Kotuko dizia coisas para si mesmo ou rompia em cantigas que aprendera na Casa dos Cantos - cantigas de estio, cantigas da rena e do salmão, todas horrivelmente impróprias naquele momento.

Kotuko declarava ter ouvido a *tornaq* sussurrar-lhe coisas, e que em seguida a vira subir em volada louca para um pequeno monte de gelo, falando alto e com ameaças. Para dizer a verdade, Kotuko pisava já a beira da loucura; mas a menina tinha a certeza de estar sendo guiada pelo espírito guardião e de que tudo acabaria a contento. Não se surpreendeu, por isso, ao termo do quinto dia de marcha, quando Kotuko lhe disse, com os olhos a arderem como bolas de fogo, que a *tornaq* os estava seguindo através da neve, sob forma dum cão de duas cabeças. A menina punha os olhos onde o dedo de Kotuko apontava e de fato via qualquer coisa esgueirar-se dentro das ravinas. Não tinha essa qualquer coisa jeito humano, mas todos sabiam que o *tornait* prefere aparecer sob a forma de urso, foca e outros animais.

Talvez fôsse o Espírito do Urso Branco de Dez Pernas; mas a tortura da fome havia abalado de tal maneira a cabeça dos dois, que o testemunho dos seus olhos não merecia fé. Nada haviam caçado até aquele momento, nem sequer descoberto traço de coisa viva. A carne trazida de reserva não duraria mais que uma semana, e um vendaval de neve vinha vindo. Uma tempestade polar pode rugir durante dez dias sem esmorecimento, o que significa morte para quem está fora de casa. Kotuko ergueu uma toca de neve, suficientemente ampla para abrigá-los e ao trenó de víveres; quando estava a afeiçoar como fecho de abóbada o último bloco de gelo, percebeu uma Coisa a olhar para êle do alto duma elevação, a meia milha distante. O ar embaciado não o deixava ver bem, mas a Coisa parecia ter quarenta pés de comprimento por dez de altura, com uma cauda de vinte; seu corpanzil tremia como geléia. A menina

também viu aquilo, mas em vez de gritar de pânico apenas murmurou muito naturalmente:

- É Quiquern. Que virá depois?

- Quer falar comigo, disse Kotuko, e a faca de neve que tinha na mão veio por terra tal o seu tremor; isso porque um homem, embora se julgue em amizade com um espírito, raramente deseja a sua aproximação.

Quiquern é o fantasma dum gigantesco mastim sem dentes e sem pêlo que a imaginação inoita faz morar no Norte, únicamente visível quando grandes coisas estão prestes a acontecer. Grandes coisas, boas ou más, e por isso nem os feiticeiros gostam de referir-se ao Quiquern. É o causador da loucura dos cães. Semelhante ao Espírito do Urso Branco, o Quiquern tem diversos pares de pernas extra - seis ou oito - e aquela Coisa que dali viam a mover-se na bruma tinha realmente mais pernas do que as naturais num são de carne e osso. Kotuko e a menina meteram-se na toca precipitadamente.

Se acaso o Quiquern os quisesse pegar, fácil lhe seria destruir aquêle abrigo; mas a sensação duma parede de neve metida entre eles e o horrível escuro valia por imenso conforto.

A tempestade veio. O vendaval entrou-se de uivos, como silvos de trem, e nisso ficou durante três dias e três noites, contínuo, uniforme, sem aumentar nem diminuir um ponto. Os dois murados alimentavam amiúde a lâmpada de pedra-sabão colocada entre seus joelhos e lambiscavam a meio aquecida carne de foca, com os olhos no teto onde se ia acumulando a fuligem negra - e assim durante setenta e duas intermináveis horas. A menina deu balanço na reserva de carne: daria para muito pouco tempo. Ao verificar isso os olhos de Kotuko pousaram sobre a ponta de ferro do seu arpão e sôbre o dardo de arremêsso. Nada mais restaria a fazer.

- Breve iremos ter com Sedna - muito breve, murmurou a menina. Em três dias eu lá estarei. Mas será que a tua *tornaq* não faz nada? Canta-lhe um canto de *angekok*, a ver se ela aparece.

Kotuko principiou a cantar no tom agudo dos feiticeiros, e seu canto coincidiu com o amainamento da tempestade. No meio da cantiga a menina moveu-se, pôs a mão calçada de mitenes fora da toca e depois a cabeça. Kotuko seguiu o seu exemplo e os dois, ajoelhados, ficaram a entreolhar-se, de ouvido atento. Kotuko lascou uma barbatana da armadilha para aves que viera no trenó e fincou-a verticalmente no gelo. Era como uma agulha de bússola e, já agora, em vez de ouvir, puseram-se ambos a olhar. A barbatana vibrou por uns instantes; depois vibrou mais forte por vários segundos e parou; vibrou de novo, desta vez inclinando-se numa certa direção.

- Muito cedo para o gelo quebrar! murmurou Kotuko.

Deve ser algum grande banco que se partiu longe daqui.

A menina apontou para a barbatana e meneou a cabeça.

- É a quebra do gêlo, sim, disse ela. Ponha o ouvido no chão. A terra bate.

De ouvidos colados ao solo, ambos perceberam os mais curiosos ruídos, aparentemente debaixo deles. Às vêzes, tumor semelhante ao de um cachorrinho novo gemendo perto da lâmpada; depois, barulho como de pedra a esfacelar-se no gelo duro; depois, ruído como de tambores cavos; mas todos esses sons foram-se apagando e breve o silêncio voltou.

- Não iremos ter com Sedna, disse Kotuko. O gelo está quebrando. A *tornaq* enganou-nos, vamos morrer.

Aquilo soava a absurdo, mas ambos estavam realmente diante dum perigo sério. A longa tempestade havia impelido as águas profundas da Baía de Baffin para o sul, arremessando-as de encontro à terra de gelo que vai da Ilha de Bylot para oeste. Também a forte corrente que existe a este do estreito de Lancaster carregava em seu seio milhas e milhas de «pack-ice» - gelo britado grosso que não se solda, o qual bombardeava o banco, ao mesmo tempo que a inchação do mar provocada pela tormenta o ia minando. O que Kotuko e a menina estiveram a ouvir não passava dos longínquos ecos desse bombardeio a trinta ou quarenta milhas dali, suficientemente fortes para fazerem vibrar a barbatana.

Dizem os Inoitos que quando o gelo desperta, depois do longo sono do inverno, ninguém sabe o que vai acontecer, porque os bancos mudam de forma tão rapidamente como às nuvens. A borrasca fôra evidentemente uma borrasca de primavera vinda antes do tempo e, depois, tudo era possível.

Apesar disso os dois pequenos aventureiros sentiam-se mais confortados do que antes. Se o banco de gelo se quebrasse, estariam findos a sua longa espera e mais sofrimentos. Espíritos, duendes - todo o povo-feiticeiro regirante no gelo atormentado podia, dum momento para outro, arrastá-los para a mansão de Sedna, em companhia de toda a sorte de Monstros. Quando deixaram a toca de neve, logo depois de passada a borrasca, o rumor longínquo fez-se ouvir num crescendo.

- Lá está ela nos esperando! disse Kotuko.

No topo da elevação a Coisa de oito pernas continuava na mesma atitude de três dias antes - e desta vez a uivar horrivelmente.

- Vamos segui-la. Talvez a Coisa saiba dalgum caminho que não conduza ao país de Sedna, propôs a menina, tropeçando de fraqueza ao tomar o tirante.

A Coisa afastava-se agora lentamente pelo espinhaço da elevação e êÍes puseram-se a segui-la, enquanto ao longe o rumor de trovoada recrescia. O banco fendera-se em várias direções, e grandes pedaços de dez pés de espessura, uns medindo poucas jardas de diâmetro, outros alcançando área de vinte acres quadrados, emergiam de arranco, desapareciam e surgiam de novo sobrepostos uns aos outros, à medida que a furiosa inchação do mar os forçava para a frente. Este gelo com movimento de aríete era como a primeira coluna dum exército que o mar lançasse contra o banco. O seu incessante impacto quase encobria o rumor das láminas do «pack-ice», jogadas contra o banco uma empós outra, como cartas de baralho agiÍmente corridas no pano verde. Onde as águas eram mais rasas, essas chapas se empilhavam sobrepostas, até que as de baixo alcançassem o fundo de lama, a cinqüenta pés de profundidade, e forçassem toda a massa a mover-se mais para a frente. Além deste catadupejar de chapas de gelo, o vento furioso e as correntes marinhas estavam carreando verdadeiros icebergs - montanhas de gelo - arrancados da Groelandia ou da parte norte da Melville Bay. Flutuavam solenes, com as ondas a se quebrarem alvas em derredor, e avançavam para o banco, quais naves do tempo antigo, de velas enfunadas. Um iceberg, que parecia pronto para levar diante de si o mundo, esborrachava-se ao dar à costa e revirava, desfazendo-se em espumas e estilhas, enquanto um muito menor, ou menos saliente, se metia pelo banco qual cunha, e o rasgava fundo, erguendo toneladas de gelo de cada lado e só se detendo depois dum avanço de meia milha. Outros vinham como cutelos, e rasgavam canais; outros desfaziam-se num chuveiro de esquírolas e blocos de dezenas de toneladas, que rolavam por entre os seios do banco; outros erguiam-se da água, premidos por baixo e tombavam de banda. Este contínuo precipitar de massas flutuantes, a erguerem-se e mergulharem-se e montarem umas sôbre as outras, assumindo todas as formas possíveis, prolongava-se pelo mar adentro até onde os olhos podiam alcançar. Donde estavam Kotuko e a menina, a confusão mostrava-se apenas como um movimento inquieto do mar; mas constantemente lhes chegava aos ouvidos aquele trom contínuo, qual artilharia grossa em descargas dentro do nevoeiro. Isso significava que o banco de gelo estava sendo empurrado contra os arrecifes da ilha de Bylot, terra que lhes ficava atrás.
- Nunca vi acontecer coisa assim, disse Kotuko, de olhos arregalados. Não é tempo de o banco arrebentar.

- Siga aquilo, disse a menina apontando para a Coisa que à sua frente se movia, cambaleante e confusa. E ambos seguiram-na, conduzindo o trenó, enquanto mais e mais perto ressoava o trovejar do gelo. Por fim o terreno abriu-se em fendas de todos os lados - fendas que arreganhavam bocarras de lôbo - exceto lá onde a Coisa se detivera, num amontoado de blocos de gelo velho, alguns com cinqüenta pés de altura. Nenhum movimento daquele lado. Kotuko rumou para lá, arrastando a menina. O marulho estrondeante do gelo em derre-

dor recrescia, mas aquêle amontoado se mantinha imoto. Kotuko fez um movimento de ombros que na mímica inoita significa terra firme.

E terra firme realmente era o ponto para onde a Coisa de oito pernas os atraíra - alguma ilha de pedra com praias recobertas de gelo, de modo que ninguém do banco podia adivinhar o que fosse. Terra firme, sim, não mais gêlo movediço! Os esmagar-se dos bancos de gelo que contra ela batiam marcava-lhe de destroços na periferia, e uma corredeira amiga escachoava rumo norte, erguendo lado a lado o gelo, como um ferro de arado faz com a terra. Havia sem dúvida perigo de que algum bloco se projetasse sôbre a praia e recobrisse a ilhota; isso aliás não preocupou aos dois meninos, que se puseram a fazer nova toca de abrigo, enquanto o bombardeio da praia seguia o seu curso. A Coisa havia desaparecido e Kotuko, ao acocorar-se diante da lâmpada, entrou a falar do seu poder pessoal sobre os espíritos. Súbito, no meio desse desvario, a menina começou a rir, balançando-se para diante e para trás.

Perto dela, esgueirando-se de agacho para dentro da toca, vinham duas cabeças, uma negra e outra amarela, pertencentes a dois dos mais envergonhados cães que ainda existiram. Eram Kotuko-cão e o antigo líder negro da matilha. Ambos gordos e com ótimo aspecto, já sarados da perturbação mental, mas ligados um ao outro da mais estranha maneira. Quando o líder negro fugiu do aldeamento levara consigo os arreios. Encontrou-se com Kotuko-cão e certamente lutaram, a coalheira que trazia ao peito enganchou-se na coleira de cobre do outro, e de tal modo que não houve separarem-se. Ficaram, porém, com liberdade de movimentos para caçarem cada qual ao seu lado - e a abundância de caça lhes curou a loucura.

A menina empurrou os dois envergonhadíssimos cães para o lado de Kotuko, exclamando ainda a torcer-se de tanto rir:

- Eis o Quiquern que nos trouxe o salvamento. Veja a cabeça dupla e as oito pernas!...

Kotuko desligou-os, e ambos atiraram-se sobre ele, como para explicar como haviam readquirido o equilíbrio mental. A mão do rapaz, correndo-lhes pelas costelas, verificou como estavam roliços e de boa pelagem.

- Eles encontraram comida, disse Kotuko, todo risos. Não iremos à terra de Sedna tão cedo. Minha *tornaq* foi a autora de tudo. A loucura abandonou-os.

Logo que os dois cães mataram bem matadas as saudades, os dois pequenos aventureiros, que tinham dormido, corrido e padecido juntos durante semanas, também se lançaram nus braços um do outro e rolaram pela neve como em luta.
- Cães famintos não se atracam, disse por fim o rapaz.

Estes dois encontraram focas. Vamos dormir. Nós também encontraremos comida.

Logo depois viram abrir-se água na praia norte da ilhota, com todo o gelo arremessado terra adentro. O rumor das ondas fêz-se ouvir - um rumor que constitui o que há de mais deleitoso para os ouvidos dum Inoito, visto como significa a chegada da primavera. Kotuko e a menina deram-se as mãos e sorriram: o marulho das ondas, no meio do gelo afinal entreaberto, lembrava-lhes o tempo das pescarias de salmão, a caça da rena e a floração dos salgueiros árticos. O mar principiava a dar espuma por entre os pedaços flutuantes de gelo, e no horizonte já avermelhava o clarão do sol submerso. Não um erguer-se de sol como o conhecemos - mas sim um como bocejo que apenas dura minutos. Estava marcada a passagem do ano.

Kotuko encontrou logo depois os cães atracados em luta ao lado de uma foca recém-caçada, que ali aparecera atrás dos peixes que as borrascas sempre tonteiam. Foi a primeira de umas vinte ou trinta que vieram ter à ilha no decurso daqueÍe dia; também o mar se enchia delas - centenas de cabeças negras emergiam alegres em redor dos gelos boiantes.

Os dois aventureiros regalaram-se de novo com fígados de foca e encheram as lâmpadas de gordura nova, deixando que a chama subisse bem alto. Depois carregaram o trenó e, já auxiliados pelos cães, rumaram para a aldeia na velocidade máxima, receosos do que por lá pudesse estar acontecendo. O tempo mostrava-se ainda cruel; apesar disso, é sempre mais fácil conduzir um trenó bem cheio de caça fresca do que caçar com o estômago vazio. Ficaram ali na praia, enterrados no gelo, vinte e cinco carcaças de focas abatidas, e os quatro trotaram alegres para a aldeia. Os cães serviram de bússola e, embora não houvesse pontos de referência, o instinto os levou em dois dias para a casa de Kadlu. Quando ao chegar Kotuko berrou - «Ojo !» (carne cozida) , vozes fracas responderam. Foi passada em revista a pequena comunidade: não faltava ninguém.

Uma hora depois na casa de Kadlu tadas as lâmpadas fumegavam, vívidas, e sobre as chamas derretia-se a neve; breve as panelas entraram a ferver e àquele desusado calor os tetos gotejaram água. Amoraq preparou uma refeição para a aldeia toda. O seu filhote de berço pode chupar a vontade um naco de toucinho e todos os caçadores comeram com metódica lentidão, até se entupirem de carne de foca. Kotuko e a menina contaram a aventura, com os dois cães sentados na frente - e sempre que o nome dum deles vinha à balha ambos enfitavam as orelhas e mostravam-se envergonhadíssimos consigo mesmos. Um cão que sara da loucura jamais recai, dizem os Inoitos, e, pois, estavam aquêles livres de qualquer reincidência.

- Como vocês vêem, a *tornaq* não nos esqueceu, disse Kotuko. A tempestade rugiu, o gelo quebrou-se e às focas apareceram na pista do peixe assustado

pela tormenta. Temos agora inúmeros buracos a menos de dois dias de distância. Os caçadores poderão partir amanhã para trazer as que deixamos enterradas no gelo - vinte e cinco! Depois de comidas essas teremos inúmeras outras à nossa espera.

- Que está fazendo? perguntou o feiticeiro a Kadlu, que era o mais abastado dos Tununirmiut.

Kadlu olhou para a menina do Norte e calmamente respondeu:

- *Estamos* construindo uma casa, e apontou para o lado da cabana onde os filhos casados sempre moram.

A menina levantou as palmas, com um movimento de cabeça desesperançado. Era uma estranha, acolhida por caridade e nada poderia oferecer como dote, disse.

Amoraq imediatamente se ergueu do banco onde se achava e principiou a lançar objetos no colo da menina - lâmpadas de pedra, raspadeiras de pele, caçarolas estanhadas, peles de gamo bordadas com dentes de «muskox» e agulhas para lona, das usadas pelos marinheiros - o mais belo dote que ainda foi visto naqueles confins do Círculo Ártico. A menina do Norte curvou-se numa reverência até tocar o chão com a testa.

- Estes também! exclamou Kotuko fazendo um sinal aos cães, que vieram pousar seus focinhos frios no colo da noiva.

- Ah! exclamou o *angekok*, tossindo um pigarro de importância como se fosse ele o promotor de tudo aquilo. Logo que Kotuko deixou a aldeia eu fui ter à Casa dos Cantos e cantei um cântico mágico. Cantei-o durante noites e noites. *Meu* canto fêz vir a borrasca que rompeu o gelo e nos restituiu os cães. *Meu* canto fêz surgirem as focas no gelo quebrado. Meu corpo ficava imóvel no *qaaggi*, mas meu espírito voava sôbre os gelos e guiava Kotuko e os cães em tudo quanto fizeram. Eu, eu consegui isso.

Cansadas e sonolentos como todos se achavam ninguém se deu ao trabalho de contradizê-lo; e o *angekok*, em virtude do ofício, meteu os dentes em outro naco de carne cozida e tratou de dormir naquela boa cabana quente, bem iluminada e toda a recender azeite de foca.

Mais tarde Kotuko, que desenhava muito bem à moda dos Inoitos, escarvou a história destas aventuras numa lâmina de marfim, com um furo na extremidade, e quando, junto com a menina, se dirigiu para a Terra de Ellesmere, no ano do Admirável Inverno, deixou o trabalho de arte com Kadlu. Kadlu o perdeu por ocasião dum desastre do seu trenó, certo estio, na praia do Lago Netilling, em Nikosiring, e um Inoito dessa região o achou e vendeu a um

homem de Imigen, que era interprete de uma baleeira do estreito de Cumberland. Este homem, por sua vez o vendeu a Hans Olsen, que mais tarde subiu a quartel-mestre dum grande navio que levava turistas para o Cabo Norte, na Noruega. Quando a estação de turismo chegou a termo, êsse navio foi posto na carreira Londres-Austrália, com escala por Ceilão - e aí Olsen deu a um joelheiro cingalês o marfim de Kotuko em troca de duas safiras falsas. Por fim eu fui encontrá-lo num ferro velho de Colombo - e o traduzi dum extremo a outro.

## «Angutivaun taina»

*Nossas luvas são rijas de sangue gelado*
*E nossas peles são duras de neve -*
*Nós voltamos com à foca, sim, com a foca*
*Dos bordos das banquisa leve.*

*Au jana! Aua! Oha! Haq!*
*E a turma dos cães caminha...*
*Os homens voltam - os relhos fazem clic-clac,*
*Voltam da banquisa marinha.*

*Agarramos a foca, agarramos a foca*
*Em seu secreto lugar.*
*Nós fizemos a marca e ficamos vigiando*
*Ao bordo da banquisa do mar.*

*A lança erguemos quando quis se alçar,*
*Nós a empurramos para baixo*
*E deste modo foi que nós a trucidamos*
*Ao bordo da banquisa do mar.*

*Nossas luvas se colam de sangue gelado,*
*Nossos olhos com a lívida neve.*
*Logo retornaremos a nossas mulheres,*
*Nós deixaremos a banquisa leve.*

*Au jana! Aua! Hac! Oha!*
*E a turma dos cães caminha,*
*As mulheres percebem nossa volta*
*Dos bordos da banquisa marinha.*

SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

1- Os Irmãos de Mowgli
- Quiquern

2 - As Caçadas de Kaa
- Toomai dos Elefantes

3 - Como apareceu o medo
- Jacala, o crocodilo

4 - O Milagre de Purun Baghat
- Servidores da Rainha
- Tigre! Tigre!

5 - Kotick, a Foca Branca
- Os Cães Vermelhos

6 - O Avanço da Jângal
- Rikki-Tikki-Tavi

7 - A Embriagues da Primavera
- O Ankus do Rei

Publicado por
UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL
REGIÃO DO RIO GRANDE DO SUL

SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

# As Caçadas de Kaa

# Toomai dos Elefantes

Rudyard Kipling

2

**Produzido pela UEB/RS - Edição Impressa: Gestão 2001/2003 - Edição Digital: Gestão 2004/2006**

Esta é mais uma publicação

TAFARA

# SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

## Volume 2

## - As Caçadas de Kaa

## - Toomai dos Elefantes

1a. Edição: 500 exemplares
Autor: Rudyard Kipling
Capa e Edição: Carlos Alberto F. de Moura
Coordenação: Mario Henrique P. Farinon
Digitação: Norma Beatriz de Oliveira Brito
Tradução: Monteiro Lobato
Ilustração: Christian Broutin e Mariano Ramos

Porto Alegre, RS, 2002

**EDIÇÃO IMPRESSA PELA DIRETORIA REGIONAL 2001/2003**

| | |
|---|---|
| Diretoria | Mario Henrique Peters Farinon |
| Diretoria | David Crusius |
| Diretoria | Márcio Sequeira da Silva |
| Diretoria | Ronei Castilhos da Silva |
| Diretoria | Osvaldo Osmar Schorn Correa |

**EDIÇÃO DIGITAL DISPONIBILIZADA PELA DIRETORIA REGIONAL 2004/2006**

| | |
|---|---|
| Diretoria | Ronei de Castilhos da Silva |
| Diretoria | Neivinha Rieth |
| Diretoria | Waldir Sthalscmidt |
| Diretoria | Paulo Roberto da Silva Santos |
| Diretoria | Leandro Balardin |

**COMITÊ GESTOR**

Carlos Alberto de Moura
Marco Aurélio Romeu Fernandes
Mario Henrique Peters Farinon
Miguel Cabistani
Paulo Lamego
Paulo Ramos
Paulo Vinícius de Castilhos Palma
Siágrio Felipe Pinheiro
Tania Ayres Farinon

# *APRESENTAÇÃO*

Na Páscoa de 1998, de 10 a 12 de abril, um grupo de escotistas e dirigentes reuniram-se, em um sítio denominado TAFARA CAMP, tomando para si a incumbência de suprir a lacuna deixada pela falta de definição do tema das Especialidades, concebeu e criou o que hoje constitui-se no Guia de Especialidades da UEB.

O mesmo grupo, na seqüência, participou decisivamente na elaboração dos Guias Escoteiro, Senior e Pioneiro.

Visto que este trabalho informal e espontâneo estava tendo resultados positivos, e, entendendo que a carência de instrumentos, principalmente literatura, é um grande obstáculo ao crescimento do Escotismo, resolvemos assumir como missão "disponibilizar instrumentos de apoio aos praticantes do Escotismo no Brasil".

Este grupo, que tem sua composição aberta a todos quantos queiram colaborar com esta iniciativa, também resolveu adotar o pseudônimo TAFARA para identificar-se e identificar a autoria e origem de todo o material que continuará a produzir.

Os instrumentos que TAFARA se propõe a produzir, tanto serão originais, como também reproduções, traduções, adaptações, atualizações, consolidações, etc., de matérias já produzidas em algum momento, e que, embora sejam úteis, não mais estão disponíveis nos dias de hoje.

O material produzido por TAFARA é feito de forma independente e sem fins lucrativos. Não temos a pretensão de fazermos obras primas, mas instrumentos que possam auxiliar a todos quantos pratiquem Escotismo no Brasil.

Esta edição é feita para registrar e comemorar o Dia do Lobinho de 2002 e reproduz duas histórias do Livro da Selva, de Rudyard Kipling.

Este livro faz parte de uma série de 7 volumes que serão lançados entre 2002 e 2003.

Este é mais um instrumento de apoio a suas atividades.

Aproveite!

Mario Henrique Peters Farinon
Diretor Presidente UEB/RS

# AS CAÇADAS DE KAA

*São suas manchas a alegria do leopardo,*
*São os seus cornos o orgulho do touro.*
*Sê limpo! O caçador é tanto mais galhardo*
*Quanto mais limpas tem suas vestes de couro.*

*Se com o côrno agressivo, o Sambhur despontar,*
*Tu não te apressarás em vir nos informar,*
*Que ns o conhecemos há dez estações.*

*Tu não oprimirás os filhotes estranhos,*
*Mas chama-os sempre de Irmã e de Irmão,*
*Se bem que sejam eles pequenas e sonsos,*
*Filhos de Ursa, quem sabe se eles são?*

*Ninguém igual a mim! exclama com certeza*
*o filhote no orgulho da primeira presa -*
*É pequeno o filhote e a Jângal é imensa.*
*Abata-se-te o orgulhol Cala e pensai*

*Máximas de Baloo.*

O que se vai contar aqui sucedeu algum tempo antes da ida de Mowgli para entre os homens, bem antes da vingança que o menino-lobo tomou de Shere Khan. Passou-se quando Baloo andava ensinando ao filhote de homem a Lei da Jângal. Este corpulento, grave e idoso urso pardo estava encantado com a inteligência do seu discípulo, porque os outros, os lobinhos, só aprendiam a Lei na parte que dizia respeito à vida das Alcatéias. Abandonavam o mestre logo que podiam repetir os Versos do Caçador: «Pés que não fazem barulho, ouvidos que apanham a voz dos ventos ainda em suas cavernas, olhos que enxergam no escuro e dentes bem brancos constituem a marca dos nossos irmãos - de todos os nossos irmãos, exceto Tabaqui, o Chacal, e também a Hiena, que odiamos».

Mowgli, porém, como filhote de homem que era, tinha que aprender muito mais. As vêzes Bagheera vinha de manso por entre os arbustos para ver como o seu favorito ia de lições, e ficava de cabeça recostada a um tronco ouvindo-o repeti-las.O menino da Jângal já subia em árvores tão bem como nadava nas lagoas, e nadava tão bem como corria pela floresta. Por isso estava Baloo a lhe ensinar a Lei das Águas e a Lei das Árvores - como, de cima dum galho vivo, adivinhar um galho morto adiante; como falar polidamente a uma colmeia quinze metros acima do chão; o que dizer a Mang, o Morcêgo, ao ter de incomodá-lo em seu galho, em pleno esplendor do sol; como avisar as serpentes aquáticas quando se vai dar um mergulho na lagoa. Nenhuma das criaturas da Jângal gosta de ser perturbada, nem de ser forçada a fugir com o súbito aparecimento dum intruso. Por isso também lhe foi ensinado o Grito do Caçador Intruso, o qual tem de ser repetido até que venha resposta, sempre que uma criatura quer caçar fora de sua zona. Esse grito é assim: «Licença para caçar aqui, que estou com fome». E a resposta: «Caça, mas só para matares a fome, não por prazer»,

Estes exemplos mostram o quanto Mowgli tinha de aprender de cor - coisas que o cansavam pelo grande número de vêzes que havia de repeti-las.

- Mas, disse Baloo a Bagheera certa vez em que na presença da pantera deu uns tapas no menino desatento, um filhote de homem é um filhote de homem e portanto tem de aprender «toda» a Lei da Jângal.

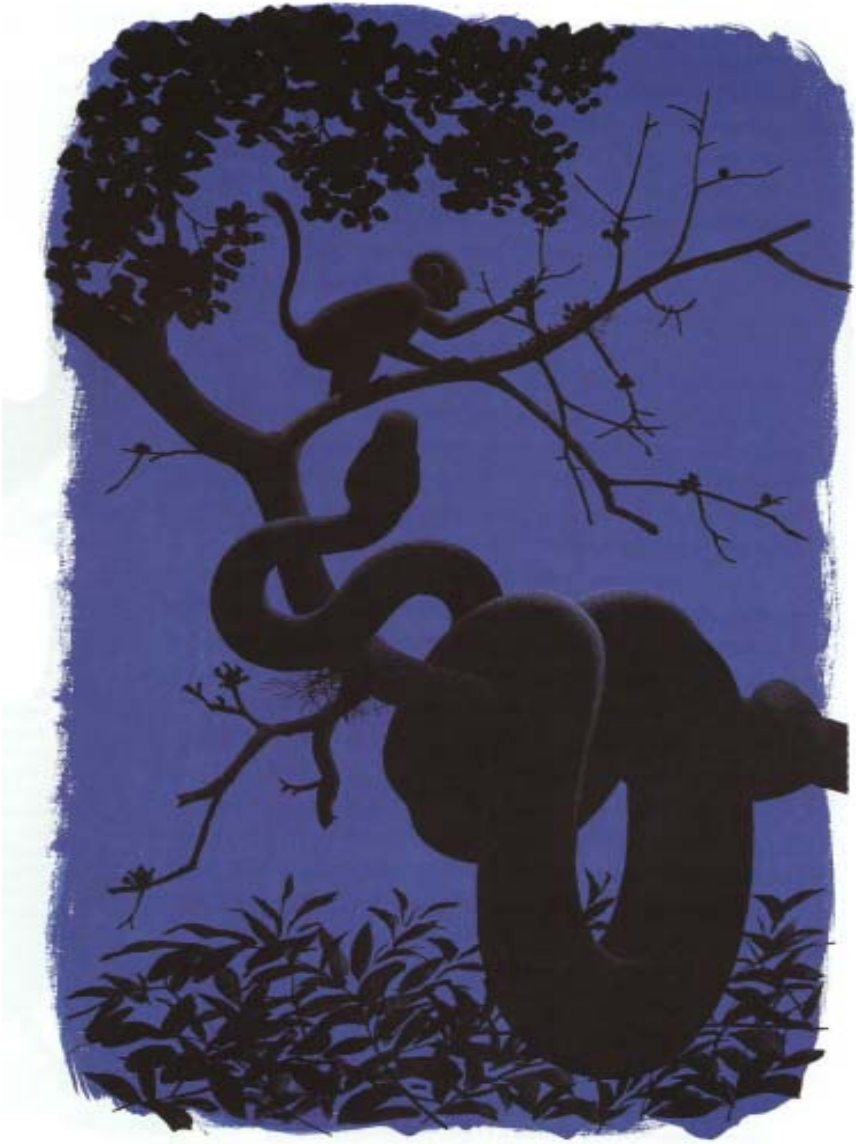
- Lembra-te de que êle é ainda muito pequenino, advertiu Bagheera, a qual o teria estragado de mimos se fosse a sua professora. Como poderá esta coisinha guardar tantas lições na cabeça?

- O tamanho dêle acaso evita que seja morto? Certo que não. Por isso lhe ensino tanta coisa - defesas – nele bato, sem o machucar, quando se mostra desatento no aprender.

- Sem o machucar! Que sabes tu de delicadeza, ó Pata de Ferro? grunhiu Bagheera. Não vês que a sua carimba está toda arranhada, toda marcada com

as cicatrizes da tua delicadeza de urso? Ugh!...

- Melhor seja marcado da cabeça aos pés por mim, que o amo, do que ficar lindo de pele, mas ignorante da defesa, respondeu Baloo vivamente. Estou agora a esinar-lhe as Palavras Mestras da Jângal, que o hão de proteger das Aves e do povo Serpentino. Breve poderá defender-se de toda a Jângal apenas repetindo as palavras que lhe ensinei. Não vale uns tapas essa segurança?



- Bem, mas cuidado em não ensiná-lo demais, matando-o. Ele não é tronco de árvore onde se exercitem tuas patas. Essas palavras quais são? Delas não necessito, bem sabes, porque sou feita para ajudar-me a mim mesma e ainda para ajudar aos outros - nunca para pedir ajuda, disse Bagheera, espichando elasticamente as patas e olhando com orgulho para as garras de aço azul, cortantes como o formão. Apesar disso, gostaria de conhece-las.

- Chamarei Mowgli para que as diga - se êle o quiser. Vem cá, Irmãozinho! gritou o urso.

- Minha cabeça está azoando como árvore de abelhas, murmurou por cima dos dois animais a voz queixosa de Mowgli, que vinha escorregando duma árvore abaixo, colérico e indignado.

Ao pôr o pé em terra, acrescentou:
- Vim por Bagheera, não por ti, rabugento Baloo.

- Não me ofende essa raiva, já que estás magoado e dolorido por causa duns tapas justos que te dei. Vamos. Dize a Bagheera as Palavras Mestras da Jângal, que te venho ensinando êstes dias.
- Palavras Mestras de que povo? indagou Mowgli, deleitado de exibir seus conhecimentos. A Jângal possui muitas linguagens, que conheço todas.

- Conheces um bocadinho, não todas. Vê, Bagheera, ele jamais agradece ao mestre. Também nenhum dos lobinhos ainda voltou a agradecer-me o ensino, Vamos. Dize as Palavras do Povo Caçador, ó grande aluno!

- *Somos do mesmo sangue, vós e eu*, repetiu Mowgli, dando às palavras o acento exato que o Povo Caçador – os ursos - usam.

- Bem. Agora a Palavra das Aves.

Mowgli repetiu-a, com o grasno de Chil, o Abutre, no fim da sentença.

- Agora a palavra do Povo Serpentino, pediu Bagheera.

A resposta foi um indescritível assobio ou silvo, tão bem imitado que o próprio Mowgli bateu as mãos para aplaudir-se, saltando em seguida sobre o dorso elástico da pantera e esporeando-a com os calcanhares, enquanto fazia para Baloo as mais horríveis caretas.

- Aí está! Esses modos justificam os meus tapas, disse o urso com ternura. Um dia hás de agradecer-mos.

E, voltando-se para Bagheera, contou como aprendera as Palavras Mestras com Hathi, o Elefante Selvagem, o qual as conhecia todas melhor do que ninguém, Contou ainda como Hathi havia levado Mowgli a uma lagoa para que aprendesse a Palavra das Serpentes da própria boca das cobras d'água,

visto que êle, Baloo, não as podia pronunciar com absoluta correção. Em conseqüência estava Mowgli agora a salvo de todos os acidentes possíveis na Jângal, porque nem as cobras, nem aves, nem animais de pêlo poderiam agravá-lo.

- Não tem a temer nenhum, concluiu Baloo orgulhosamente.
- Exceto a tribo dos lobos, murmurou Bagheera a meia voz. Depois, alto, para Mowgli: Tem dó das minhas costelas, Irmãozinho, Que dança é essa aí em cima?

Estava Mowgli a puxar com violência o pêlo do pescoço da pantera e a esporeá-la com quanta força tinha para que desse atenção ao que ia dizer. Quando a viu toda ouvidos, assim como Baloo, berrou a plenos pulmões:
- Nesse caso, terei minha própria tribo, que guiarei o dia inteiro pela Jângal,

- Que nova loucura é essa, sonhador de sonhos? indagou Bagheera.

- Sim, e havemos, do alto das árvores, de jogar ramos e nozes sobre êste urso velho, continuou Mowgli, <Eles» prometeram-me isso.

Paft! A grossa pata de Baloo colheu o menino de cima do dorso da pantera num relâmpago. Seguro entre seus braços peludos, Mowgli percebeu que o urso estava em cólera.

- Mowgli, disse Baloo, estiveste a conversar com os «Bandar-log», o Povo Macaco?

O menino olhou para Bagheera para ver se também estava colérica. Os olhos que encontrou tinham a dureza do jade.

- Estiveste com os macacos? com os macacos cinzentos, o povo sem lei, os comedores de tudo? Que vergonha!...

-Quando Baloo machucou minha cabeça, respondeu Mowgli ainda na mesma posição, saí pela Jângal, para muito longe. Os macacos cinzentos, em certo ponto, desceram das árvores, cheios de piedade por mim. Só êles tiveram dó de mim,

- O dó do Povo Macaco! exclamou Baloo com ironia. Isso vale o mesmo que dizer o silêncio da cachoeira, a frescura do fogo... E depois, filhote de homem?

- Depois... depois me deram castanhas e mais coisas gostosas e... carregaram-me nos braços ao topo das árvores, onde declararam ser meus irmãos em tudo, menos em cauda, que êles têm e eu não, e disseram ainda que eu viria a ser o grande chefe dos macacos.

- Os macacos não têm chefe, rosnou Bagheera. Mentiram. Mentem sempre.

- Foram muito bondosos comigo, prosseguiu Mowgli, chegando a pedir que voltasse de novo. Dizei-me: por que nunca me levastes para o meio dêsse povo? Eles sabem andar de pé, como eu. Não me maltratam. Brincam o dia todo. Larga-me, Baloo! Deixa-me ficar de pé, urso malvado! Quero e hei de visitar os macacos outra vez...

- Ouve, filhote de homem, urrou o urso com voz de trovão. Ensinei-te a Lei da Jângal no que diz respeito a todos os animais, menos aos macacos que moram em árvores. Eles não têm lei. São proscritos. Não têm linguagem. Usam palavras furtadas aqui e ali, pois vivem espiando e escutando de cima dos galhos o que nós outros dizemos cá embaixo. Seus usos não são os nossos. Chefes, não possuem. Também não guardam memória de nada. Bazofiam sem parar, pretendendo ser um grande povo prestes a iniciar grandes coisas na Jângal. Mas assim que uma noz cai da árvore, põem-se a rir e esquecem de tudo. Nós na Jângal não temos nenhum entendimento com êsse povo. Não bebemos onde êles bebem; não andamos por onde êles andam; não caçamos onde êles caçam; não morremos onde êles morrem. Já viste a mim, por acaso, falar nêles, algum dia?
- Nunca, respondeu Mowgli num murmúrio que soou nítido no silêncio em que o trovejar de Baloo deixara a Jângal.

- O Povo da Jângal os baniu da sua boca e do seu pensamento. Eles são numerosíssimos, maus, sujos, sem brio, animados do desejo único de serem vistos e admirados por nós. Mas não atentamos nêles «nunca», nem mesmo quando jogam nozes, ou porcarias sobre nossas cabeças.

Mal acabara Baloo de pronunciar estas palavras, uma chuva de nozes e galhos secos caiu sobre êles vinda de cima das árvores próximas, acompanhada de um rumor muito conhecido de saltos, guinchos, uivos e tossidas.

- O Povo Macaco não existe para o Povo da Jângal. Lembra-te sempre Mowgli,
- Não existe, confirmou Bagheera. Mas julguei que Baloo já houvesse avisado

Mowgli disso.

- Eu? Eu? Como poderia adivinhar que iria êle meter-se com a sujidade? Macacos! Ugh!...

A chuva de nozes e galhos continuou, fazendo que o urso e a pantera se fossem dali e levassem Mowgli consigo. O que Baloo dissera dos macacos correspondia à realidade. Vivem no alto das árvores, e como os animais da Jângal raro olham para cima, não há nunca oportunidade de trato entre êles. Mas quando os macacos encontram um lobo, tigre ou urso ferido, metem-se logo a atormenta-lo, bem como se divertem em atirar nozes e galhos secos contra todos os animais que lhes passam ao alcance - por brincadeira, para serem notados. E se não são notados, guincham guinchos sem sentido, convidando o Povo da Jângal a subir às árvores para lutar com êles, ou então se empenham em terríveis combates entre si por questões ridículas, deixando os mortos em lugar onde possam ser vistos. Andam sempre prestes a ter um chefe, e leis e costumes, mas nunca chega a hora, porque a memória macaca muito débil, jamais guarda uma coisa dum dia para outro. Por isso se justificam com um dito que criaram: «O que os «Bandar-log» pensam hoje toda a Jângal pensará um dia», idéia que muito os consola. Nenhum animal os pode apanhar; também nenhum lhes dá a mínima atenção; daí ficarem tão agradados quando Mowgli foi procurá-los e tão furiosos ao ouvirem a reprimenda de Baloo.

Eles não queriam fazer coisa nenhuma. Os «Bandar-log» não fazem nada. Mas um surgiu com o que lhe pareceu grande idéia e disse aos outros que Mowgli poderia ser útil ao bando, visto como sabia tecer esteiras de vime, boas para a proteção contra os ventos. Assim, se pudessem apanhá-lo, poderiam com êle aprender essa arte. Como filho de lenhadores, Mowgli herdara várias habilidades, e tecia esteiras sem nunca pensar como essa arte lhe viera. Os «Bandar-log», sempre à espia do alto das árvores, tinham observado isso, achando a coisa maravilhosa. Daí a idéia de pô-lo como chefe do bando, de modo que se tornassem o primeiro povo da Jângal, admirado por todos e de todos invejado. Naquele dia vieram seguindo

Baloo e Bagheera pelo alto das árvores, ocultamente, com um plano qualquer na intenção. Nisto chegou a hora da sesta. Mowgli, envergonhado com o que havia feito, não se aproveitou do sono dos seus amigos para ir ter com os «Bandar-log». Ficou também a sestear por ali, acomodado entre as patas da pantera e do urso, firmemente resolvido a nunca mais se meter com a gente macaca.

Súbito, o menino acordou agarrado nos braços e pernas por pequenas munhecas ásperas, ao mesmo tempo que sobre sua cabeça as ramagens eram sacudidas violentamente. Baloo, também desperto, atroou a Jângal com o seu urro agudo, ao passo que Bagheera, de dentes arreganhados, se projetava num salto elástico sobre o tronco da árvore próxima. Os «Bandar-log» guincharam de triunfo enquanto se sumiam galhos acima, fora do alcance da pantera.

- Eles nos viram! gritavam num delírio de contentamento. Bagheera nos viu! Todo o Povo da Jângal nos admira pela nossa habilidade e engenho!

Depois principiaram a lutar entre si nos galhos, coisa que ninguém descreve. Os macacos possuem seus caminhos e encruzilhadas por cima das árvores, podendo por êles caminhar até de noite e assim atravessar montanhas e vales. Dois dos mais fortes, com Mowgli nos braços, passavam de árvore em árvore, aos pulos de cinco a seis metros. Sem tal carga poderiam saltar o dobro. Repugnado como se achava, nem por isso deixou Mowgli de gozar aquela selvagem corrida aos pulos. Mas, a visão, a espaços, do solo onde ficaram Baloo e Bagheera, o aterrorizava, como também o aterrorizava, ao fim de cada pulo, ver-se sustido apenas por um galho que cedia ao pêso dos raptores.

A escolta que o conduzia era habilíssima em leva-lo ao mais alto das copas; nesses momentos, rápidos como o relâmpago, os macacos atiravam-se numa direção ou noutra, para se agarrarem aos galhos mais grossos das árvores próximas. Por vêzes tinha Mowgli oportunidade de ver dum golpe a massa verde da Jângal num raio de muitas léguas, como o marujo do alto do mastro vê léguas e léguas de mar em torno do seu navio. Tais visões eram rápidas; os raptores logo o puxavam e o mergulhavam no seio escuro das copas, cuja ramagem lhe chibatava as faces, de raspão. Desse modo - saltando e escorregando, guinchando e latindo - a tribo inteira dos «Bandar-log» seguia pela estrada verde com o precioso prisioneiro nas unhas.

Por vêzes receou Mowgli cair, ou ser largado por aquelas munhecas; nesses momentos vinham-lhe coléricos ímpetos de lutar. Vendo, porém, quão inútil era a luta, pôs-se a refletir. A primeira coisa a fazer seria comunicar-se com Baloo e Bagheera, porque na velocidade com que os macacos o conduziam, aquêles amigos se estavam distanciando cada vez mais.

Olhar para baixo, inútil: só enxergava galhos e mais galhos. Olhar para cima, sim, talvez nisso estivesse a salvação. Acertou. Logo que ergueu os olhos para o céu, viu, muito alto, um ponto que se movia no azul. Era Chil, o

Abutre, a descrever círculos no ar para descobrir prêsas mortas na floresta que se estendia embaixo. Chil percebeu que os macacos estavam conduzindo qualquer coisa e logo descaiu das alturas algumas centenas de metros a fim de verificar se a carga era algo bom de comer, Soltou um pio de surprêsa quando percebeu Mowgli, num dos momentos em que era lançado duma árvore para outra, e lhe ouviu a Palavra dos Abutres gritada em tom agudo: «Somos do mesmo sangue, eu e tu!»

Mas a onda verde das copas rápido se fechou, tirando o menino das vistas de Chil, que, cheio de curiosidade, voou para uma árvore adiante, donde pudesse avistar Mowgli outra vez.

- Marca a direção que levo e avisa a Bagheera e Baloo, gritou o menino ao passar por aquela árvore.

- Em nome de quem? indagou Chil, que só conhecia Mowgli de nome e feitos.

- Em nome de Mowgli, a Rã, ou do filhote de homem, como muitos me chamam. Marca a direção.

Estas últimas palavras mal foram ouvidas por coincidirem com um novo mergulho na galharada, mas Chil fêz que sim, e ergueu-se no céu até tornar-se de novo um ponto quase imperceptível. Lá de cima firmou o telescópio dos olhos sobre o mar de copas a fim de observar, pelo movimento das folhas e galhos, a trilha que os macacos seguiam.

- Eles nunca se afastam para muito longe, murmurou consigo Chil. Nunca fazem o que combinam, ou pretendem fazer. Distraem-se pelo caminho. Se não me iludo, devem estar neste momento em disputa sobre qualquer coisa sem importância.

E Chil continuou de observação, flutuando, de pés encolhidos, librado a lentos impulsos de asas.

Longe dali, Baloo e Bagheera ardiam em cólera. A pantera trepara tão alto a uma árvore que perdera o equilíbrio e viera ao chão com as garras cheias de fragmentos de casca.
- Por que não ensinaste tudo, tudo, ao filhote de homem? gritou ela furiosa para o pobre Baloo, que marchava no trote, com esperança de alcançar os raptores. De que adiantou tanto tapa, se não lhe deste todas as lições necessárias?

-Depressa, mais depressa, respondeu Baloo ofegante. Nós. . . ainda poderemos alcançá-los.
- Neste andar? Neste andar não forçaríamos sequer uma vaca ferida. Mestre da Lei da Jângal, carrasco do filhote de homem, uma légua mais dêsse teu trote te deixará estrompado. Pára e medita. Estudaremos um plano. Eles são capazes de o largar do alto das árvores, se os seguirmos muito de perto.

- «Arrula! Whoo!» Talvez já o tenham feito, cansados de conduzí-lo. Quem pode fiar-se dos «Bandar-log»? Morcegos mortos chovam sobre minha cabeça! Venham ossos negros para minha comida! Lancem-me dentro de colmeia de abelhas selvagens para que eu seja morto a ferretoadas, e enterrem-me como a Hiena, visto que sou o mais desgraçado de todos os ursos! «Arrula! Wahooa!» Mowgli! Mowgli! Por que não te preveni contra o Povo Macaco, em vez de te punir por tantas coisinhas?

Baloo castigava-se a taponas na cara e rolava no chão, uivando de dor.

- Ele sabe todas as palavras que lhe ensinaste – pelo menos as repetiu a mim ainda há pouco, disse Bagheera com impaciência. Baloo, que modos são êsses? Mais respeito por ti próprio! Que pensaria a Jângal se eu, Bagheera, rolasse no chão como Ikki, o Porco-espinho, e uivasse, como estás fazendo?
- Que me importa a mim o que a Jângal pensa? Mowgli, o meu Mowgli pode estar morto a estas horas...

- A não ser que o derrubem do alto das árvores ou o matem por desfastio, nada receio pelo filhote de homem. Mowgli é manhoso e está bem instruído, além de que possui olhos que fazem inveja a todas as criaturas. Mas (e é êsse o grande perigo) está em poder dos «Bandar-log», e, como êles vivem nas árvores, não os intimida nenhum outro animal da Jângal.

Bagheera pôs-se a lamber uma das patas, pensativamente.
- Louco que fui! continuou Baloo, erguendo-se do chão. Louco peludo! Louco dos loucos! É verdade que Hathi, o Elefante Selvagem, costuma dizer: «Cada

qual tem o seu mêdo». Os «Bandar-log» têm mêdo de Kaa, a Serpente. Kaa sabe subir até o alto onde êles sobem e costuma furtar seus filhotes durante a noite. O nome de Kaa os gela de terror. Vamos em procura de Kaa.

- Que poderá ela fazer por nós? Não pertence à nossa raça, sem pés que é e com aquêles olhos tão maus, sugeriu Bagheera.

- Kaa possui a habilidade e a experiência das criaturas muito velhas. Além disso, vive sempre com fome, disse Baloo animado de esperanças. Prometer-lhe-emos cabritos, muitos cabritos.

- Kaa dorme por quatro semanas cada vez que se alimenta. Pode estar a dormir agora e, ainda que o não esteja, ela sabe caçar por si mesma quantos cabritos queira.

A pantera não conhecia muita coisa a respeito dos costumes de Kaa e, portanto, estava incrédula.

- Nesse caso, tu e eu, velhos caçadores que somos, forçá-la-emos a agir, aventurou Baloo, seguindo com a pantera em direção à moradia de Kaa, a Sérpente da Rocha.

Encontraram-na estirada ao sol, admirando o seu vestuário novo, pois que vinha de terminar o retiro durante o qual muda de pele. Mostrava-se esplêndida de vigor. Por seis metros o seu corpo desenhava no chão nós e curvas fantásticas, enquanto a língua, muito viva, lambia os lábios do focinho chato - como se estivesse pensando no jantar a vir.

- Nada comeu ainda, disse Baloo num suspiro de alívio. Cuidado Bagheera! Kaa fica um tanto cega sempre que muda de pele, e compensa isso com a rapidez dos botes.

Não era Kaa uma serpente venenosa, chegando mesmo a desprezar, como covardes, as que o eram. Sua força residia nos músculos. Quando enleava alguma prêsa, tornava inútil qualquer resistência.

- Boas caçadas! saudou Baloo, sentando-se defronte dela.

Como todas as cobras, Kaa era dura de ouvidos. Por isso, ao ouvir a saudação de Baloo, enleou-se para o bote de defesa, sinal de que não ouvira claramente. Logo depois, compreendendo o que era, respondeu:

- Boa caçada para todos nós. Oh, Baloo, que novidade te traz aqui? Boa caçada, Bagheera! Um de nós, pelo menos, está com fome. Sabeis dalguma prêsa ao alcance? Algum veado ou, pelo menos, algum cabrito? Sinto-me vazia qual poço sêco.

- Estamos caçando, disse Baloo com voz amável e sem pressa, pois sabia que nada se deve precipitar com os animais grandes.

- Permiti-me que vá convosco, disse Kaa. Um tapa a mais de Bagheera ou Baloo nada custa - enquanto que eu tenho de esperar às vêzes dias num carreiro da Jângal para apanhar um veado, ou trepar em muitas árvores para colher um macaco. Desagradável, isso. Os galhos não são hoje o que eram na minha mocidade. Secos e podres, todos êles...
- Talvez teu grande pêso de agora explique essa diferença, sugeriu Baloo.

- Estou dum belo comprimento, não há dúvida, disse Kaa com certo orgulho. Mas a culpa é dos galhos de hoje em dia - muito fracos. Em minha última caçada quase caí, e o ruído da escorregadela despertou os «Bandar-log», que me lançaram em rosto os piores nomes.

- Sem pés, minhoca amarela, murmurou Bagheera, que sabia quais os insultos com que os macacos insultam as cobras.

- Ssss! chiou Kaa. Disseram isso de mim?

- E coisas ainda piores disseram a quem os quisesse ouvir, na lua passada. Mas ninguém os aplaude. Eles não cessam de dizer coisas, e de ti chegaram a inventar que és uma serpente desdentada, incapaz de atacar prêsa maior do que um cabrito novo - e sabes por quê? São uns cínicos, êsses macacos! Porque, dizem, tens grande mêdo do chifre dos bodes, concluiu a pantera jeitosamente.

Uma serpente, sobretudo uma velha serpente da espécie de Kaa, raro se mostra colérica. Baloo e Bagheera, porém, puderam notar-lhe um movimento significativo dos músculos queixais.

- Os «Bandar-log» mudaram-se para aqui perto, disse com disfarçada indiferença a cobra. Quando vim hoje espichar-me ao sol, ouvi-os em gritaria nas árvores próximas.

- São... são êsses os macacos que estamos seguindo, disse Baloo com repugnância, porque era a primeira vez que uma criatura da Jângal assim confessava interêsse por macacos.

Compreendendo isso Kaa observou:

- Alguma fizeram, para terem à cola dois caçadores deste porte, caçadores mestres! Andais, então, na pista dêles, ó valentes caçadores?

- Nada sou, respondeu Baloo com modéstia, além dum velho e às vêzes caduco professor da Lei da Jângal, e aqui a amiga Bagheera. . .

- Bagheera é Bagheera! interveio a pantera batendo firme os dentes, já que não entendia de humildades. O caso é êste, Kaa. Os comedores de nozes raptaram o nosso filhote de homem, que talvez conheças de fama.

- Ouvi de Ikki alguma coisa sobre um filhote de homem a criar-se em certo bando de lobais de Seeonee. Mas não acreditei. Ikki vive cheio de histórias mal ouvidas e pior contadas.
- Essa é verdadeira. Trata-se dum filhote de homem como jamais existiu igual, disse Baloo. O mais vivo e intrépido de todos os filhotes de homem - meu discípulo, e discípulo que fará o nome do velho Baloo famoso em toda a Jângal. Além disso, eu - nós o adoramos, Kaa.

- *Tss! Tss!* silvou a serpente, movendo a cabeça chata da esquerda para a direita, Também sei quem o adora. Ouvi histórias que poderei repetir....

- Fiquem as histórias para uma noite de lua em que estivermos de papo cheio e com uma boa disposição, interrompeu Bagheera vivamente. Nosso filhote está nas munhecas dos macacos, os quais, de todas as criaturas da Jângal, só temem a ti, Kaa.

- Temem a mim só, confirmou Kaa, e com justo motivo. Barulhentos, doidos, mesquinhos! mesquinhos, doidos e barulhentos: eis o que são os «Bandar-log». Um filhote de homem em semelhante companhia está mal. Bastante perigoso. Eles cansam-se das nozes que colhem e jogam-nas por terra. Carregam um ramo o dia inteiro, como se tivessem algo de muito importante a fazer, e súbito o picam em mil pedaços. Não considero invejável a sorte dêsse filhote de homem. Insultaram-me de minhoca amarela, não é?

- Sim, minhoca amarela, além de coisas que não posso dizer, de vergonha.

- Precisamos ensiná-los a ter melhor língua. *Aaa~sssb!*Precisamos ajuda-los a se educarem, E para onde conduziram êsse filhote?

- Só a Jângal o sabe. Para o poente, creio, informou Baloo. Julgávamos que tu o soubesses, Kaa.

- Eu? Como? Eu os apanho quando os pilho em meu caminho, mas jamais os procuro,

- Up, Up! Up! Up! Illo! Illo! Illo! Levanta os olhos, ó Baloo da Alcatéia de Seeonee!

Baloo ergueu a cabeça e viu que Chil, o Abutre, descia do alto, com o sol a lhe brilhar nas asas. Apesar do avançado do dia, tinha Chil percorrido grande área da floresta em procura do urso.

- Que há? indagou Baloo,

- Vi Mowgli entre os «Bandar-log». Pediu-me que avisasse seus amigos. Os

macacos o levaram para além do rio, para as Tocas Frias, na Cidade Perdida. Ficarão lá por um dia, por dez dias ou por uma hora, Pedi a Mang, o Morcêgo, que os espionasse à noite. É o que tenho a dizer. Boa caçada para todos vós aí embaixo!

- Papo cheio e bom sono para ti, Chil! gritou Bagheera. Lembrar-me-ei dêste serviço em minha próxima caçada e deixarei de lado a cabeça para ti só, amigo!

- Nada, nada. O filhote de homem gritou-me a palavra certa e eu não podia deixar de fazer o que fiz, explicou Chil, desaparecendo de rumo ao seu pouso.

- Mowgli não esqueceu as minhas lições! exclamou Baloo com orgulho. Imagine-se isso! Uma criança, e poder lembrar-se da Palavra das Aves num momento difícil!...
- Sinto-me também orgulhosa dêle, ajuntou Bagheera. Mas vamos às Tocas Frias, é tempo.

Os três sabiam onde elas ficavam, embora poucos habitantes da Jângal as freqüentassem, porque os animais fogem dos sítios onde o homem já morou. Apenas porcos-do-mato e macacos são vistos em lugares assim. Os outros, só em tempo de sêca. Nessas cidades em ruína sempre se acumula alguma água nos reservatórios semidestruídos.

- Fica daqui a seis horas de jornada, informou Bagheera. Seis horas na corrida máxima, especificou.

Baloo, muito sério, disse que a acompanharia o mais rápido que pudesse.

- Não podemos esperar por ti, Baloo. Segue-nos. Eu e Kaa iremos na frente.

- Sem pés como sou, deslizo rápida como qualquer quatro-pés, disse Kaa simplesmente.

Baloo fêz grande esforço para acompanha-las, mas, como tinha de ir parando para tomar fôlego, atrasou-se. Bagheera levava a frente, ligeira como todas as panteras, e Kaa, sem dizer nada, fazia o máximo, seguindo-a de perto. Ao chegarem a um rio, Bagheera saltou e deixou Kaa para trás, a transpô-lo a nado. Em terra firme, porém, a cobra de novo alcançou a pantera.
- Pelo Ferrôlho que eu quebrei! exclamou Bagheera quando a viu na sua cola. És de fato ligeira, Kaa!...

- Estou com fome! explicou a serpente, além de que êles me chamaram rã amarela.

- Pior. Minhoca amarela. Verme. Verme amarelo...

- Dá na mesma. Toca! e Kaa projetou-se ainda com mais ímpeto pelo. meio das ervas.

O Povo Macaco estava descauteloso na Cidade Perdida, sem um pensamento sequer para os amigos de Mowgli. Haviam metido o rapazinho dentro da cidade, que mostravam com grande orgulho. Mowgli jamais vira uma cidade indiana e, conquanto não passasse aquela dum amontoado de ruínas, pareceu-lhe magnificente, Lá estava a rua de pedra que conduzia às portas exteriores, aos portões arruinados onde se viam ainda pedaços de madeira presos a gonzos ferrugentos. Árvores haviam crescido dentro e fora dos muros das casas, reduzidas a montes de pedras soltas. Tufos de plantas trepadeiras escorriam das janelas das torres, como em procura do solo.

Grande palácio sem teto coroava uma elevação; suas fontes e pátios mal indicavam o que haviam sido, tanto o mármore de que eram feitos estava sujo das manchas verdes e vermelhas dos musgos invasores. Os grandes pilares da estrebaria dos elefantes desequilibravam-se, com os blocos deslocados pelas raízes das figueiras bravas. Dêsse palácio o observador podia ver filas e filas de casas sem teto, que tinham em conjunto, vistas do alto, a aparência de favos, vazios de mel e cheios de negrores. O informe bloco de pedra que fora o ídolo da praça onde quatro ruas despejavam; o esburacado das esquinas onde existiram chafarizes públicos; os semidestruídos domos dos templos de cujas brechas irrompia a copa das figueiras – tudo aquilo espantava Mowgli. Chamavam os macacos, àquela cidade, sua cidade, e em conseqüência desprezavam os demais habitantes da Jângal que não podiam gozar-se de semelhantes ruínas. Todavia ignoravam para que tinham sido feitas aquelas construções. Sentavam-se em círculo no átrio do palácio, onde o rei costumava reunir o Conselho de Estado, para catar pulgas, como se essa fosse a função dos Conselheiros de Estado. Ou então entravam e saíam das casas sem teto, juntando pedaços de tijolo ou telha, que guardavam nos cantos; depois, esquecidos dos guardados, lutavam em grande confusão, para logo em seguida irem brincar nos balcões do rei. Lá sacudiam roseiras e árvores de fruta para ver flores e frutas virem abaixo. Exploravam todos os corredores e túneis escuros do palácio e os inúmeros cómodos e celas sem luz, sem jamais conservarem a memória do que viam, O tempo era todo despendido assim, em micagens e agitação estéril, convencidos de que estavam a fazer o que os homens fazem.

Quando bebiam nos tanques, deixavam a água lodosa, de tanto agitá-la. Empenhavam-se em brigas nos relvados e, de repente, corriam a reunir-se perto dali para gritar bem alto:

- Não há na Jângal povo mais sábio, mais hábil, mais forte e gracioso do que os «Bandar-log».

E assim o tempo todo, até que se cansavam de brincar de cidade e voltavam às árvores, ansiosos de serem vistos e admirados pelos outros animais.

Mowgli, que fora ensinado na Lei da Jângal, nada sabia daquele estranho

viver em cidade. Os macacos haviam-no levado para ali à noitinha e em vez de irem dormir, como se faz após longa viagem, puseram-se de mãos dadas, a dançar e a cantar as mais doidas cantigas. Um dêles deitou discurso para insinuar aos demais que a captura de Mowgli vinha marcar época na história dos «Bandar-log», pois que Mowgli iria ensinar-lhes a fazer as esteiras de vime que protegem contra os ventos. Mowgli de fato começou a tecer à vista dêles e todos procuraram imita-lo. Em poucos minutos, porém, cansaram-se daquilo, largaram as varas de vime e puseram-se a puxar as caudas uns dos outros, saltando e guinchando.

- Quero comer! declarou Mowgli. Não conheço esta parte da Jângal, não sei seus costumes. Trazei-me comida ou deixai-me ir caçar.

Vinte ou trinta macacos saíram aos pulos em busca de nozes e mamões selvagens. Mas brigaram pelo caminho e lá destruíram todas as frutas que haviam colhido. Cada vez mais esfomeado e colérico, Mowgli errou ao acaso pela ruinaria, desferindo, de tempo em tempo, o Grito do Caçador Forasteiro. Inútilmente. Ninguém respondia e Mowgli percebeu que se achava em muito mau lugar.

- Tudo quanto Baloo disse dos «Bandar-log» é verdade, pensou consigo. Não têm Lei, nem Grito de Caça, nem chefes, nada - a não serem palavras loucas e micagens torpes. Assim, se eu for morto aqui ou vier a morrer de fome, bem feito; terá sido únicamente por culpa minha. Tenho de esforçar-me por voltar à minha Jângal. Baloo irá castigar-me, mas será melhor isso do que estar a desfolhar roseiras com êstes estúpidos sêres.

Mowgli tentou sair da cidade em ruínas; os macacos, porém, fizeram-no voltar, dizendo que êle não sabia o quanto era feliz ali. O menino cerrou os dentes e acompanhou calado a turba de símios até ao terraço existente junto aos reservatórios d'água. No centro dêsse terraço via-se uma casa de verão, construída de mármore branco pela rainha de cem anos atrás. A cúpula desmoronara pela metade, obstruindo a entrada principal, reservada às grandes damas. As paredes se sustentavam ainda - paredes de mármore rajado, com embutidos de fino lavor onde a ágata, a turmalina, o jaspe e o lápis-lazúli emitiam brilhos multicolores sempre que tocados pelos raios da lua. Dolorido como se achava, sonolento e faminto, Mowgli não pôde deixar de rir-se quando vinte macacos, guinchando a um tempo, começaram a provar-lhe a loucura que seria deixar a sociedade dum povo tão sábio, tão forte e tão formoso como êles eram.

- Somos grandes. Somos livres. Somos admiráveis. Somos o povo mais notável da Jângal. Todos nós pensamos assim, logo é verdade, gritavam em coro. E como és um novato aqui e ainda poderás contar isto aos demais povos da Jângal, a fim de que dêem tento de nós para o futuro, vamos dizer-te tudo a respeito de nós próprios.

Mowgli nada objetou e os macacos se reuniram aos centos no terraço

da rainha para ouvir os oradores que iam cantar hinos ao povo <Bandar-log», Cada vez que um se engasgava no meio do discurso por falta de fôlego, a turba guinchava em uníssono: «É verdade tudo quanto êle diz; nós somos assim».

Mowgli meneava a cabeça e piscava, sempre concordando quando lhe perguntavam qualquer coisa. Lá consigo refletia:

- Tabaqui com certeza mordeu toda esta gente e a deixou louca. Evidentemente os macacos sofrem de «dewanee». Será que não dormem nunca? Lá caminha uma nuvem em direção à lua. Se escurecer de todo, aproveitarei a ocasião para fugir. Sinto-me tão cansado. . .

Aquela nuvem também estava atraindo a atenção de dois amigos de Mowgli, ocultos nos fossos que rodeavam a Cidade Perdida. Bagheera e Kaa, sabendo quão perigosos se mostram os macacos em bando, mantinham-se em guarda para não sacrificar a partida. Os macacos jamais lutam, a não ser que a proporção seja de cem para um - e que animal na Jângal pode aceitar essa proporção?

- Vou tomar pelo lado norte, sussurrou Kaa. Lá me aproveitarei da declividade do terreno - e não creio que os macacos possam lançar-se aos centos sobre o meu lombo.

- Sei, disse Bagheera, mas é pena que Baloo não esteja aqui. Temos que agir sem êle, Quando a nuvem tapar a lua, penetrarei no terraço. Parece que lá estão reunidos em conselho em torno do rapaz.
- Boa caçada! murmurou Kaa um tanto sarcástica, e deslizou rumo norte.

Os muros da cidade naquele ponto mostravam-se menos arruinados do que em outros, de modo que a serpente demorou para romper caminho por entre as pedras. Enquanto isso, a nuvem ocultara inteiramente a lua. Súbito, Mowgli, com surpresa, percebeu Bagheera a penetrar no terraço. Chegara de manso, para, então, qual um raio, atirar-se contra o bando. Um grito uníssono de pavor e ódio acolheu a pantera. Logo, porém, um dos macacos gritou:

- É um inimigo só. Mata! Mata!

E o bando inteiro investiu contra a pantera, mordendo, arranhando, unhando, enquanto cinco ou seis agarravam Mowgli e o arrastavam para cima da casa de verão, onde o despejaram dentro pelo rombo da cúpula. Outro, que não êle, terse-ia ferido gravemente na queda; Mowgli, entretanto, lembrou-se das lições de Baloo e soube chegar ao fundo de pé.

- Fica aí, gritaram-lhe os macacos, até que matemos os teus amigos; depois voltarás a brincar conosco - se o Povo Venenoso te houver poupado.

Referiam-se às cobras que habitavam aquelas ruínas.
- Somos do mesmo sangue, eu e vós! gritou Mowgli ao ouvir isso, dando assim a Palavra de Senha das Serpentes. Como resposta ouviu um silvo perto.

- *Ssss! Ssss!* Não te movas, Irmãozinho, que teus pés poderão fazer-nos mal, sussurraram meia dúzia de cobras que moravam ali.

Mowgli permaneceu o mais que pôde imóvel, espiando através das frestas do domo caído e ouvindo lá em cima o terrível estrépito da luta. Urros de cólera e dor, guinchos, ganidos e, em meio de toda essa inferneira, o rosnar feroz da pantera, que pela primeira vez estava lutando em defesa da própria vida.

- Baloo deve estar perto; Bagheera não teria vindo só, pensou Mowgli.

Depois, lembrando-se dum recurso que seria precioso para a sua amiga, berrou-lhe:

- Para os tanques, Bagheera! Atira-te à água! Mergulha!

Bagheera ouviu-o e ganhou nova coragem. Redobrou de violência, enquanto recuava, polegada a polegada, na direção dos reservatórios. Súbito, ressoou perto o grito de guerra de Baloo. O velho urso acabava de chegar.

- Bagheera, exclamou êle, eis-me cá! Vou subir. *Ahuwora*' As pedras estão muito lisas para meus pés, mas os infames «Bandar-log» não terão muito que esperar.

Baloo alcançou por fim o terraço, onde foi envolvido por uma nuvem de macacos. Pôde, porém, tomar posição de defesa e atracando-se com mangotes de símios, começou a parte de matança que lhe cabia. O ruído dum corpo que cai n'água veio dizer a Mowgli que Bagheera estava a seguro nos tanques, onde os macacos não a perseguiriam. De rato, lá ficou mergulhada, só com a cabeça de fora, enquanto os macacos apinhados nos rebordos uivavam de fúria, prontos a se lançarem sobre ela caso saísse d'água em socorro de Baloo. Bagheera então ergueu para o ar o focinho molhado e desferiu, com desespero, o Grito de Senha das Serpentes: «Somos do mesmo sangue, eu e vós! » Fêz isso imaginando que Kaa houvesse abandonado a partida no último momento. O próprio Baloo, meio asfixiado pelo enxame de macacos, não deixou de sorrir àquele chamado.

Kaa tinha acabado de varar por entre as fendas dos muros e coleava-se tôda, da cabeça à ponta da cauda, como para verificar se seus músculos estavam em ordem. Enquanto o ataque a Baloo prosseguia e a macacada no rebordo dos tanques guinchava de ódio, Mang, o Morcêgo, ergueu-se em vôo tonto para ir anunciar pela Jângal o grande acontecimento. Breve, Hathi, o Elefante Selvagem, trombeteou o seu grito de guerra, de passo que bandos de macacos de outras tribos se punham em marcha pelo alto das árvores para socorro dos irmãos dá Cidade Perdida. Até as aves se viram despertas muitas milhas em redor. Mas Kaa avançava, sequiosa de sangue, O ataque das serpentes da sua espécie consiste em golpes de cabeça, em choques violentos nos quais entram em jogo todos os músculos do corpo. Imagine-se uma lança,

ou um aríete, ou um martelo pesando meia tonelada, movido por um cérebro frio que viva no cabo - e ter-se-á imagem do sistema de luta de Kaa. Uma serpente de cinco a seis pés de comprimento pode derrubar um homem, se o golpeia no peito - e Kaa tinha trinta pés de longo... Seu primeiro golpe foi desferido em cheio na massa de macacos amontoada em cima de Baloo - e tão forte que não necessitou ser secundado. Os macacos debandaram aos gritos de «Kaa! É Kaa! Salve-se quem puder! »

Gerações e gerações de macacos educaram-se no mêdo às serpentes - e aquêles tinham ouvido aos pais e avós as histórias terríveis de Kaa, a assaltante noturna que marinhava árvore acima para raptar o mais forte dentre êles, que pilhasse dormindo; a velha Kaa, que sabia mimetizar-se de galho seco com perfeição tamanha que a todos iludia, até o momento em que de galho se transformava de novo em serpente agílima no bote. Nada temiam os «Bandar-log» tanto como essa cobra, porque nenhum imaginava até onde ia o seu poder, nem nenhum sustentava a fixidez do seu olhar, nem nenhum houvera jamais saído vivo dum seu abraço. Por isso fugiram tomados de pânico, e galgaram o topo dos telhados em ruínas, permitindo que o velho Baloo respirasse, afinal. Embora sua pele fôsse mais espêssa que a de Bagheera, o urso a tinha bastante castigada. Kaa, então, abriu a boca pela primeira vez e pronunciou uma única palavra, um silvo agudo. Os macacos de fora, que vinham em socorro dos dali, detiveram-se estarrecidos. Aquêle silvo os gelara. Também os que se achavam no topo dos muros e telhados emudeceram. No silêncio que se fêz, pôde Mowgli ouvir, lá do fundo da casa de verão, o ruído da água a espirrar dum corpo que se sacode. Bagheera acabava de deixar os tanques. Nesse momento o clamor rompeu de nôvo. Os macacos treparam aos pontos mais altos, Penduraram-se às saliências das pedras, uns contra os outros, enquanto Mowgli, espiando através das aberturas do domo, sorria para êles com desprêzo e desafio.

- Tirai o filhote de homem da casa de verão, disse Bagheera inda ofegante. Eu nada mais posso fazer. Salvemo-lo e saiamos daqui. Os «Bandar-log» querem atacar-nos de novo.

- Os «Banda-log» não darão um só passo à frente, disse Kaa - e sua boca temida silvou novo *ssss* agudíssimo.

Imediatamente um silêncio de morte se fêz na macacada.

- Não pude vir antes, Irmão, disse ela a Baloo, mas creio que ouvi teu chamado - ou foi Bagheera que me chamou?...
- Sim.., sim... chamei-te no ardor da batalha, confessou a pantera. E Baloo? Está muito ferido?

- Não sei se ainda me resta no corpo qualquer coisa intata, respondeu o urso, estirando os membros para lhes verificar o estado, *Wow!* Estou bem moído, não resta dúvida. Devemos a ti nossas vidas, Kaa - eu e Bagheera.

- Não importa, Onde está o homenzinho?

- Aqui neste mundéu, donde não posso sair, gritou Mowgli do fundo da casa de verão. O domo arruinado do palácio está sobre minha cabeça.

- Tirem-no fora! Mowgli dança que nem Mao, o Pavão.

Acabará esmagando todos os nossos filhotes, gritaram as cobras do fosso.

- *Hah!* exclamou a serpente numa gargalhada. Ele arranja amigos por toda a parte. Afasta-te, Mowgli, e que o Povo Venenoso se oculte nos buracos. Vou romper a parede.

Kaa examinou cuidadosamente as paredes da casa de verão até encontrar o ponto mais fraco, onde as pedras pudessem ceder aos seus golpes. Depois ergueu-se, afastando a cabeça a seis pés de distância, e com o poderoso aríete do focinho chato martelou o muro. Breve uma pedra cedeu e depois outra, vindo abaixo a parede em meio de nuvem de pó. Incontinenti Mowgli saltou da prisão com os braços abertos para os seus salvadores.

- Estás ferido? perguntou Baloo, retribuindo o abraço que o menino lhe dera.

- Machucado apenas, arranhado e faminto. Oh, êles vos maltrataram bastante, Irmãos! Vejo-vos derreados e sangrentos...

- Pior com êles, disse Bagheera, lambendo os beiços e olhando para o monte de macacos mortos rente aos tanques.
- Tudo isto é nada, já que estás em seguro, Mowgli. Tudo o fizemos por amor da Pequena Rã que tanto nos orgulha, disse o urso.
- Deixemos as expansões para mais tarde, murmurou a pantera com voz dura, que soou mal ao menino. Aqui está Kaa, a quem devemos nós a vitória e tu deves a vida. Agradece-lhe de acordo com o uso, Mowgli.

O menino da Jângal voltou-se e viu a cabeça da serpente erguida um pé acima da sua.

- Com que então é êste o homenzinho! disse ela. Bem lisa tem a pele e no todo não se diferencia muito dos «Bandar-log». Toma cuidado, filhote de homem, para que por alguma noite escura eu te não confunda com os macacos. Sempre que mudo de pele fico algum tempo meio cega.

- Somo do mesmo sangue, tu e eu, foi a resposta do menino. Devi a ti minha vida esta noite. Doravante minha caça será tua caça, sempre que o quiseres, Kaa.

- Obrigada, Irmãozinho, respondeu a serpente, piscando. E que pode caçar tão intrépido caçador como tu? Pergunto-o para que saiba se me convém seguir-te quando saíres à caça.

- Nada mato ainda - sou muito criança, mas sei conduzir cabritos para os que podem apanhá-los. Quando estiveres com fome, vem verificar se estou ou não dizendo a verdade. Tenho alguma astúcia *nisto*, continuou Mowgli mostrando as mãos, e se algum dia caíres em mundéu, poderei pagar a dívida que hoje contrai para contigo - e ali para com Bagheera e Baloo. Boa caçada para todos vós, mestres.

- Bem dito! rosnou o urso, entusiasmado com o aluno.

Também a serpente o cumprimentou, pousando-lhe a cabeça no ombro por uns instantes. Depois disse:

- Coração bravo e língua cortês, sim. Isso te levará longe, na Jângal, homenzinho. Agora, segue teus amigos. Vai dormir, que a lua está alta e o que resta não deve ser visto de teus olhos.

A lua escondia-se detrás dos morros e a linha trêmula dos macacos apinhados no topo dos muros semelhava uma franja irregular. Ballo dirigiu-se aos tanques para beber, enquanto a pantera punha sua pelagem em ordem. A serpente deslizou para o centro do terraço, onde fechou a boca com ruído tal que todos os macacos fixaram nela os olhos.

- A lua descamba, disse Kaa dirigindo-se para os «Bandar-log». Inda podeis ver-me?

Dos muros e tetos em ruína ressoou um gemido como resposta.
- Vemos-te, sim, ó Kaa.

- Bem. Comece-se então a dança - a Dança da Fome de Kaa. Permanecei imóveis e olhai.

A serpente enrolou-se em três voltas e oscilou a cabeça da esquerda para a direita. Depois começou a fazer boleios em oito e triângulos, que logo se desfaziam em quadrados e pentágonos, nunca parando, nunca se precipitando, nunca interrompendo o seu cântico de silvos. Por fim o luar morreu de todo e os coleios da serpente deixaram de ser visíveis. Os macacos apenas ouviam o flébil rumor das escamas de Kaa.

Baloo e Bagheera estavam imóveis, como de pedra, grugulejando a espaços. Mowgli assombrava-se.

- «Bandar-log», disse Kaa por fim, Podeis mover uma só pata que seja sem ordem minha? Respondei!

- Não, Kaa. Sem ordem tua não podemos mover nem pés, nem mãos.

- Bem, Chegai mais perto. Mais, mais...

A linha dos macacos aproximou-se, lenta, fazendo que Baloo e Bagheera instintivamente se afastassem.

- Mais perto! silvou Kaa, e os macacos chegaram-se ainda mais.

Mowgli bateu no pescoço da pantera e do urso, convidando-os a irem-se. Ambos olharam-no com olhos de quem sai dum pesadelo.

- Conserva a mão sobre meu pescoço, murmurou a pantera, Segura-me, que me sinto arrastada para Kaa. *Aah!*

- Que fraqueza é essa, Bagheera? Nada aconteceu. Apenas a velha Kaa se diverte, fazendo círculos no chão, disse Mowgli. Vamo-nos embora - e os três tomaram pela fenda que abria para a floresta.
- Uf! exclamou Baloo quando se viu entre árvores outra vez, Nunca mais me meterei em negócios com Kaa, jurou êle, eletrizado por súbito arrepio.

- Ela sabe mais do que nós, disse Bagheera inda trêmula. Se me demoro uns minutos ainda, lá iria parar dentro da sua garganta.
- Muitos macacos entrarão por êsse caminho antes que a lua surja de novo! Kaa vai ter uma boa caçada hoje, à sua moda...

- Mas que significa tudo isto? perguntou Mowgli, que nada sabia do poder de fascinação das serpentes. Até agora o que vi foi uma velha cobra fazendo boleios e círculos no chão - uma velha serpente de focinho machucado. *Ho! Ho!*
- Mowgli, disse a pantera com severidade, o focinho de Kaa está machucado por amor de ti. Minhas orelhas e quartos, bem como o pescoço de Baloo, estão feridos por amor de ti. Nenhum de nós poderá caçar com prazer por muitos dias.
- Nada disso tem importância, interveio Baloo. Temos conosco o filhote de homem e é tudo.

- Sim, mas custou-nos muito, não só em tempo perdido como em ferimentos, em pêlos - acho que perdi metade dos meus pêlos - e ainda, o que é pior, em honra. Lembra-te, Mowgli, de que eu, a Pantera Negra, fui forçada a pedir socorro a Kaa e que, juntamente com Baloo, me senti diante dela como um passarinho fascinado. Tudo em conseqüência de teres ido brincar com os infames «Bandar-log»...

- É verdade, é verdade, exclamou o menino compungido. Confesso que sou um mau filhote - e que meu estômago dói de fome...

- *Mff!* Que diz a Lei da Jângal num caso dêstes, Baloo? perguntou a pantera.

O urso não queria meter Mowgli em mais embaraços, nem podia tampouco deixar de cumprir a lei. Por isso murmurou apenas:

- Arrependimento não evita punição, é a lei. Mas, lembra-te, Bagheera, de que ele não passa duma criança.

- Não me esquecerei disso, respondeu a pantera. Mowgli, entretanto, cometeu uma falta pela qual tem de ser punido. Alguma coisa a objetar, Mowgli?

- Nada. Sou culpado. Por falta minha, vós ambos vos achais feridos. A punição será justa.

A pantera deu-lhe então meia dúzia de tapas de amor, tapas que do seu ponto de vista teriam apenas sacudido um filhote de pantera, mas que para uma criança de sete anos correspondia a castigo bastante severo. Quando o último soou, Mowgli, ergueu-se do chão sem uma palavra, apenas fungando.
- Agora, disse Bagheera, salta sobre o meu dorso, irmãozinho, e vamo-nos para casa.

Uma das belezas da Lei da Jângal é que o castigo acerta tudo. Depois dêle, nenhum ressentimento subsiste.

Mowgli pousou sua cabecinha no pêlo de Bagheera e dormiu tão profundamente que nem sequer despertou ao ser deposto no chão da caverna de Mãe Loba.

***Canto de caminho dos "Bandar-log"***

*Estamos nós bem no meio da estrada*
*Que vai até a lua enciumada.*
*As nossas tribos livres vós não invejais?*
*Não sonhastes ter mãos além das naturais?*
*Não invejais assim este rabo estendido*
*Com a curva harrnoniosa do arco de Cupido?*
*Estais tristes agora? Fique a alma tranqüila!*
*Irmão, observa a tua cauda confio oscila*

*A proteção das sombras aqui nós nos assentamos,*
*E nas formosas coisas agora pensamos.*
*Nós sonhamos agora, as futuras façanhas*
*Completas num minuto apesar de tamanhas.*
*São nobres, grandes e boas ações*
*Que podemos obrar por nossas ambições.*
*Agora nós iremos. Fique a alma tranqüila!*
*Irmão, observa a tua cauda como oscila!*

*Todas as vozes, macias ou graves,*
*De morcegos e veados, de alimárias e aves,*
*Barba ou pluma, escama ou couro,*

*Vamos nos reunir para parlar em coro:*
*Excelente! Mafnífico! Notamos*
*Que corno os homens nesta hora falamos.*
*Imitemos o homem... Fique a alma tranquila!*
*Irmão, observa a tua cauda como oscila!*
*Este é o caminho da raça dos símios.*

*Nós nos alçando então através dos pinheiros,*
*Até onde cresce a vinha, assim como um rojão,,*
*Pelos destroços vistos, por nosso alarido,*
*É certo que faremos urna grande ação.*

# TOOMAI DOS ELEFANTES

Eu recordo bem o que fui. Sou algemado e sofredor.
Recordo a minha mata antiga. Recordo o antigo vigor.
Eu por algum feixe de cana, meu dorso não quero vender.
Lá nas guaridas entre as matas, aos meus irmãos quero volver.

Eu partirei antes do dia. Antes da próxima manhã,
Beijado pelos ventos puros, e pela água clara e louçã;
Esquecerei o anel do pé, êsse entrave escravizador,
E reverei os meus irmãos que estão brincando sem senhor.

Kala Nag - Serpente Negra - havia, no decurso de quarenta e sete anos, servido ao governo da Índia de todos os modos possíveis para um elefante; e como tinha uns vinte de idade ao ser caçado, conta hoje uns setenta - idade madura para os da sua espécie. Kala Nag lembrava-se do esforço que havia feito, com um forte tirante de couro passado à testa, para arrancar um canhão atolado na lama; isso antes da guerra afegã de 1842, quando não havia ainda atingido desenvolvimento completo.

Sua mãe, Radha Pyari - Radha, a querida - que fora caçada na mesma ocasião, não se esquecera de lhe dizer, ao tempo em que suas presas de leite começavam a cair: «Sempre acabam mal os elefantes que têm medo». Kala Nag percebeu logo que o conselho era bom, porque da primeira vez que ouviu rebentar um obus recuou, gritando - e espetou o traseiro num feixe de baionetas.

Em conseqüência, aceitou o conselho materno, e antes de completar vinte e cinco anos já se tornara o elefante mais querido e cuidado de quantos viviam a serviço do governo da Índia. Havia transportado mil e duzentas libras de barracas durante a marcha pela Índia Superior; fora içado a bordo dum navio por meio dum guindaste a vapor; e depois de muitos dias de mar tinham-no feito conduzir sobre o lombo um morteiro, numa região rochosa, longe da Índia; havia visto o imperador Teodoro morto em Madgala; depois voltara pelo mesmo navio, glorioso e por todos os títulos merecedor - diziam os soldados - da medalha da Abissínia. Dez anos mais tarde Kala Nag viu camaradas morrerem de frio, de fome e de insolação num lugar de nome Ali Musjid; em seguida foi enviado a milhares de milhas para o sul, a fim de arrastar e empilhar vigas de teca nos estaleiros de Moulmein. Lá quase matou um jovem rebelde, que se esforçava por escapar ao serviço. Após esse trabalho viu-se empregado, com várias dezenas de companheiros treinados pára tal fim, em ajudar os homens na captura dos elefantes selvagens das montanhas de Garo.

Os elefantes são preservados com muito rigor pelo governo da Índia. Existe todo um departamento que outra coisa não faz senão caçá-los, amansá-los e remetê-los para todos os pontos do país onde o seu trabalho é exigido.

Kala Nag media dez pés do casco aos ombros, e suas presas tinham sido serradas a cinco pés da base, recebendo no corte um revestimento de chapa de cobre para que não rachassem; mas sabia servir-se das defesas assim podadas ainda melhor que um elefante que as tivesse perfeitas.

Sempre que, após semanas e semanas de cautelosa batida aos elefantes selvagens esparsos pelas montanhas, quarenta ou cinqüenta monstros eram encurralados na estacada construída para esse fim, e pesada porta de alçapão caía sobre eles, Kala Nag penetrava no pandemônio - em regra à noite, quando o clarão dos archotes faz difícil o cálculo dos distâncias – e, atacando o maior e mais feroz do bando, o martelava até pô-lo nocaute, enquanto os homens, montados em outros elefantes, manietavam os demais.

Nada havia, em matéria de luta, que Kala Nag, o avisado Serpente Negra, não conhecesse, porque até com tigres se tinha batido anos atrás. Com um golpe de sua invenção, depois de bem enrolada a tromba para prevenir qualquer acidente, ele dava lateralmente com as presas de encontro ao tigre em arremesso, achatando-o em terra - e depois, com as patas em cima, espremia-lhe do corpo a vida urrante, até que não restasse mais que um molambo de cauda.

- Sim! disse Toomai, cornaca de Kala Nag e filho de Toomai o Negro, que havia conduzido Kala à Abissínia, e neto de Toomai dos Elefantes, que o havia caçado. Sim, Serpente Negra não tem medo de nada no mundo, exceto de mim. Ele já viu três gerações da minha família ocupadas em seu trato e ainda verá outras tantas.

- Tem medo de mim também! ajuntou o pequeno Toomai, erguendo-se em toda

a sua altura - pouco mais de um metro - nuzinho, salvo a tanga à cintura.

Andava essa criança pelos dez anos e era filho mais velho de Toomai, do qual, segundo a praxe, devia herdar o posto sobre o congote do elefante, e manejar o pesado *ankus* de ferro - o aguilhão para elefantes que ficara polido pelo uso das mãos de seu pai, seu avô e seu bisavô. O menino sabia o que dizia, porque nascera ao lado de Kala Nag e havia brincado com a sua tromba ainda antes de saber andar. Depois que aprendeu a andar passou a ir com ele ao bebedouro, sem que Kala tivesse a idéia de desobedecer-lhe às ordens, dadas com a sua vozinha aguda, do mesmo modo que nem por sombras pensou em matá-lo, no dia em que Toomai lhe pôs o bebê diante das presas e lhe ordenou que o saudasse como a seu futuro senhor.

- Sim, repetiu o menino, ele tem medo de mim.

E dirigiu-se com passadas largas para o elefante, chamando-lhe «porco velho» e fazendo-o erguer as patas, uma depois da outra.

- *Wah!* exclamou o pequeno Toomai. És um grande elefante.

E, sacudindo os cabelos em desordem, repetiu o que havia ouvido ao pai.

- O governo pode comprar por um bom dinheiro os elefantes, mas é a nós, *mahouts*, que eles de fato pertencem. Quando ficares velho, Kala Nag, aparecerá por aqui algum poderoso rajá, que te comprará do governo, entusiasmado com o teu tamanho e tuas boas maneiras, e tu nada mais terás que fazer senão

carregar brincos de ouro nas orelhas, armação de ouro sobre o lombo, colchas de seda e ouro sobre os flancos - e seguir à frente do cortejo real. Por esse tempo, Nag, eu estarei sentado sobre o teu congote com um *ankus* de prata na mão e homens correndo na frente com bastões dourados, aos gritos: «Abram alas ao elefante do Rei!» Será lindo, lindo, Kala Nag - embora não tão lindo como caçar na Jângal...

- *Unf!* exclamou Toomai. Tu não passas dum meninote, selvagem como bezerro de búfalo. Essa maneira de gastar a vida correndo d'alto a baixo as montanhas não é o que há de melhor no serviço do governo. Eu estou envelhecendo sem que goste de elefantes selvagens. Dêem-me currais de elefantes feitos de tijolos, uma baia para cada um, moirões sólidos onde os amarrar e largas estradas nas quais exercitá-los, em vez deste vaivém dos acampamentos volantes. Ah, as cosernas de Cawnpore, que boas! Três horas apenas de trabalho por dia e um bazar perto. . .

O pequeno Toomai recordou-se dos currais de elefante; de Cawnpore e nada disse. Preferiu mil vezes a vida de campo livre, pois detestava as estradas amplas, as distribuições de feno tirado dos armazéns de forragem, as compridas horas passadas à toa, apenas vigiando Kala Nag em seu moirão.

O de que o menino gostava era do avanço pelas sendas fechadas de tranqueiras que só os elefantes atravessam; e, depois, mergulhos no vale, e o encontro de elefantes bravios em pasto milhas ao longe, e a fuga dos javardos e pavões sub as patas de Kala Nag, e as chuvas cegantes, e as belas manhãs nubladas pela cerração, das que deixam os viajantes sem saber onde acamparem à noite, e a perseguição paciente aos elefantes selvagens, e o arranque louco da última noite - toda archotes, gritaria e tumulto - quando os perseguidores, arremessados pára dentro da estacada como blocos que a torrente rola, se sentem presos e se lançam contra os esteios retacos, donde são repelidos a gritos, a fogo, a tiros de pólvora seca. O menino tornava-se nessas ocasiões útil como três. Segurava no alto o seu archote e gritava como ninguém. Mas o templo verdadeiramente bom era quando começavam a fazer sair os elefantes, e o «keddah» - isto é, a estacada - dava idéia duma cena de fim do mundo, com os homens que, não podendo mais se entenderem, falavam por meio de gestos. O pequeno Toomai trepava em cima dum dos moirões vacilante e assumia, com os cabelos revoltos a lhe caírem sobre os ombros, o aspecto dum saci à luz dos tocheiros. Logo que uma pausa no tumulto sobrevinha, a sua vozinha aguda gritava incitamentos a Kala Nag - e suas palavras dominavam o concerto das buzinas, das cordas arremessadas e dos rugidos e resmungos dos elefantes manietados.

- *Mail, mail, Kala Nag!* (Vamos, vamos, Serpente Negra) *Somalo! Somalo!* (Atenção! Atenção!) *Maro! Maro!* (Bate! Bate!) Cuidado com o moirão! *Arre! Arre! Hai! Yai! Kya-a-ah!* gritava o menino, enquanto a grande luta entre Kala Nag e o mais forte dos elefantes selvagens evolvia dentro do «keddah». Os caçadores enxugavam o suor da testa, achando tempo para fazer um sinal ao pequeno Toomai espernejante de entusiasmo no topo do seu moirão.

O menino fazia mais do que espernejar. Uma noite deixou-se vir abaixo do moirão e meteu-se por entre os elefantes para apanhar uma ponta de corda, que atirou vivamente a um homem ocupado em laçar um elefantezinho recalcitrante (os novos dão mais trabalho que os velhos). Kala Nag o viu e, agarrando-o com a tromba, apresentou-o a Toomai, o qual, furioso, lhe deu uma roda de tapas e o depos novamente sobre o moirão. No dia seguinte veio a reprimenda.

- Bons currais de elefantes, feitos de tijolos, e algumas barracas para carregar não te bastam, vagabundinho, pai-a que te metas a caçar elefantes por tua conta e risco? Esses desgraçados caçadores, cuja paga não chega perto da minha, já deram parte de ti a Petersen Sahib.

O menino teve medo. Pouco sabia dos homens brancos, mas Petersen Sahib era para ele o maior homem branco do mundo, pois que chefiava todas as operações do «keddah», levava dali os elefantes apanhados por conta do governo da Índia e entendia mais a respeito dos hábitos desses animais do que qualquer outra criatura existente.
- Que.., que poderá acontecer? murmurou ele.

- Pode acontecer o pior de tudo. Petersen Sahib é um louco. Do contrário não estaria aqui a caçar elefantes. Ele pode, por exemplo, obrigar-te a ser caçador, isto é, a dormir não importa onde, por essa jângal pestilenta, até que um dia acabes no «keddah», morto por uma patada bruta. Bom será que tua imprudência não termine em desastre! Na semana entrante a caçada estará finda e nós da planície volveremos ao trabalho habitual. Volveremos então a caminhar sobre estradas lisas, sem mais pensar nesta inferneira. Mas, menino, estou zangado de te teres metido no embrulho. Isto é tarefa para estes homens do Assam, imundos bichos da Jângal. Kala Nag não obedece a ninguém senão a mim, e é por isso que tenho de entrar com ele no «keddah». Mas Kala é elefante de combate e não ajuda ninguém a amarrar os outros; e por isso eu o monto, bem à minha vontade, como um verdadeiro *mahout* - não simples caçador! - um *mahout*, repito, um homem que recebe aposentadoria no fim do seu tempo. Adias que alguém da família de Toomai dos Elefantes foi feito para acabar esmagado na esterqueira dum «keddah»? Filho indigno! Anda! Sai daqui! Vai lavar Kala Nag e presta atenção nas suas orelhas e patas, que podem estar com estrepes. Vai, que se não Petersen Sahib te agarra e faz de ti um... caçador, um mastim de seguir a pista dos elefantes selvagens, um urso da Jângal. Bah! Vergonha da família, vai-te! ...

O pequeno Toomai retirou-se sem murmurar palavra e desabafou todas as suas queixas com o elefante, enquanto lhe examinava os pés.

- E isso não é nada, disse quando lhe estava a examinar a enorme orelha direita. Eles contaram o caso a Petersen Sahib e talvez. . . talvez. . . quem sabe? Olá! Um espinhão aqui. Olha!

Os dias subseqüentes foram empregados em reunir os elefantes selvagens já caçados e a passeá-los entre dois mansos, para que se acostumassem e não dessem muito trabalho na descida às planícies do sul. Depois, toca a juntar a tralha, as cordas e tudo mais que se espalhou pela floresta. Petersen Sahib apareceu montado na sua inteligente elefanta Pudmini, de volta dos campos próximos para onde fora fazer pagamento, já que a estação havia chegado ao fim. Logo depois um auxiliar nativo, a uma mesa debaixo duma árvore, ajustava as contas com os vários cornacas. Cada um que era pago voltava para o seu elefante e movia-o para onde a caravana já se alinhava para partir. Os caçadores, batedores de mato e auxiliares do «keddah», que passam na Jângal um ano em cada dois, montavam ao serviço das forças permanentes de Petersen Sahib, ou acocoravam-se de encontro às árvores, com as espingardas ao colo. Esses homens caçoavam dos cornacas que se iam, e riam-se de rolar quando um dos elefantes recém-caçados «estourava», rompendo a ordem da caravana. Toomai dirigiu-se ao pagador com o pequeno Toomai atrás. Vendo-os passar, Machua Appa, chefe dos batedores, disse a meia voz a um companheiro:

- Está ali uma boa semente de caçador. Seria pena que este galinho da Jângal vá chocar ovos na planície.

Ora, Petersen Sahib tinha vinte ouvidos em redor da cabeça, como os

deve ter um homem que passa a vida a escutar o mais silencioso dos seres - o elefante selvagem. Petersen voltou-se, em cima da Pudmini, onde se achava reclinado, e indagou:

- Quem é ele? Nunca imaginei que houvesse entre os homens da planície algum de bastante jeito para amarrar um elefante, ainda que morto.

- Não é um homem, sim um menino. Entrou no «keddah» durante a última pega e jogou uma ponta de corda para aquele Barmao que está acolá, quando estávamos lutando para afastar de sua mãe o elefantezinho que tem uma verruga no ombro.

Machua Appa apontou com o dedo e Petersen Sahib pôs os olhos no menino, que o saudou numa curvatura de quase chegar ao chão.

- Aquela coisinha? Atirou uma corda? Mas nem gente é!... Menino, como te chamas? perguntou Petersen.

O medo do pequeno Toomai era muito forte para que pudesse abrir a boca, mas Kala Nag, que estava atrás, agarrou-o com a tromba e ergueu-o ao nível da cabeça de Pudmini, face a face com Petersen. O menino cobriu a cara com as mãos, porque era uma criança e tinha medo de tudo, salvo elefantes.

- Oh! Oh! exclamou Petersen Sahib, sorrindo por detrás da bigodeira. Por que é que ensinaste ao teu elefante este truque? Seria para te ajudar a furtar o trigo de cima dos telhados, onde o põem a secar?

- Trigo não, Protetor dos Pobres, respondeu o pequeno Toomai, Melões, sim. .

Os homens sentados por ali encheram o ar de gargalhadas. A mor parte deles havia ensinado aquele truque aos seus elefantes, quando crianças. O pequeno Toomai continuava suspenso a oito pés do chão, embora ardesse por achar-se a oito pés dentro da terra.

- É meu filho Toomai, Sahib! disse o grande Toomai franzindo os sobrolhos. Um mau menino, que ainda acabará na prisão, Sahib.

- Duvido muito! respondeu Petersen Sahib. Uma criança que na idade desta afronta um «keddah» cheio, não pode acabar na prisão... Toma, pequeno, toma estas quatro anas para comprares doce. Tu tens miolo dentro dessa cabeleira de bicho do mato. Quando for tempo poderás tornar-te um grande caçador, se quiseres.

O grande Toomai refranziu ainda mais os sobrolhos.

- Recorda-te, entretanto, menino, que os «keddahs» não são lugares próprios para uma criança, acrescentou Petersen Sahib.

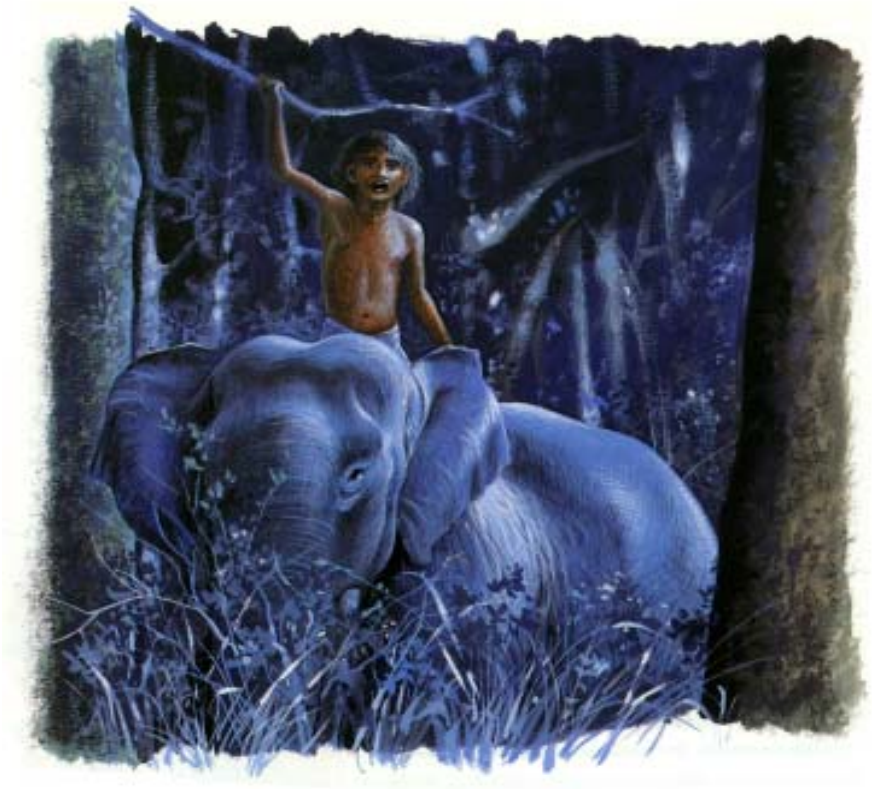
- Não poderei mais, então, aproximar-me deles? perguntou o menino com um suspiro.

- Sim, respondeu Petersen Sahib, mas só depois de teres visto a dança dos elefantes... Será o momento. Vem ver-me depois que hajas visto a dança dos elefantes, que te deixarei entrar em todos os «keddahs» existentes.

Nova explosão de risos, porque se tratava duma brincadeira indiana, muito conhecida dos velhos caçadores. Queria dizer nunca. Há nos espessos da Jângal clareiras amplas, que os caçadores chamam «salas de dança dos elefantes»; mas homem nenhum ainda os viu dançar. Quando um caçador se gaba de proezas, os outros dizem:

- Conta agora a dança dos elefantes, que viste...

Kala Nag depos o menino em terra. Toomai saudou novamente Petersen Sahib e foi dar a moeda de quatro anas a sua mãe, que estava amamentando um recém-nascido. Em seguida toda a família tomou lugar no dorso de Kala



Nag - e a fileira dos elefantes moveu-se de rumo às planícies, rosnando e resmungando. Era um desfile dos mais inquietos em vista de serem animais caçados de fresco. A cada passo rompiam desordens, sanadas com agrados ou pancadas.

Toomai seguia de cara amarrada. Já o pequeno Toomai mostrava-se feliz como nunca. Petersen Sahib lhe havia falado e lhe dera dinheiro! Suas sensações eram as dum simples soldado que o general destaca das fileiras para vir receber elogios.

- Que quererá dizer Petersen Sahib com essa história da dança dos elefantes? perguntou êle timidamente a sua mãe.

Toomai ouviu e rosnou:

- Quer dizer que tu não serás nunca um desses búfalos com forma de gente, os tais caçadores. É isso que quer dizer... Olá, ó da frente, que é que está barrando o caminho?

Um cornaca, homem do Assam, que ia dois ou três elefantes na frente, voltou-se e gritou colérico:

- Traze Kala Nag para marrar este pequenote que não quer tomar juízo. Não sei por que Petersen Sahib me escolheu para descer com vós outros, asnos dos arrozais! Traze teu elefante por este lado e deixa-o trabalhar com as presas. Por todos os deuses das montanhas! Estes elefantes-meninos estão possessos.. _ ou então farejaram companheiros na Jângal.

Kala Nag castigou o novato rebelde até fazê-lo perder o fôlego, enquanto Toomai dizia:

- Não farejaram companheiro nenhum. Nós limpamos a montanha de todos os seus elefantes. É sabido apenas o mau jeito com que vós os conduzis. Será que sou eu o encarregado da ordem na caravana inteira?

- Escutai-o! gritou o cornaca. «Nós limpamos a montanha de todos os seus elefantes! » Oh! Oh! Sois gabolas, vós outros das planícies! Toda gente, salvo algum aleijado que jamais haja visto a Jângal, sabe que os elefantes sabem que a caçada este ano já terminou e que, portanto, justamente esta noite, todos os elefantes selvagens farão um... Mas para que gastar ciência com tartarugas dos pantanais?

- Que é que farão eles? indagou o pequeno Toomai,

- Olá pequeno! Estás aí? Pois bem, vou dizer o que eles fazem, porque tu tens cabeça. Dançam. Eis o que fazem: dançam. E teu pai, que «já limpou a montanha de todos os seus elefantes», fará muito bem se dobrar as correntes com que vai amarrar o seu lote esta noite...

- Que estás dizendo? exclamou Toomai. Durante quarenta anos temos guardado elefantes, de pais a filhos, e nunca vi falar de semelhantes danças.

- Oh, um homem das planícies, que vive em cabanas, só conhece quatro paredes... Escuta. Deixa os teus elefantes soltos esta noite e verás o que acontece. Quanto à tal dança, já vi o lugar onde... *Bapree-Bap!* Quantas curvas tem este rio Dihang? Outra passagem a vau aqui! Temos de fazer nadar os nossos bezerros rebeldes. Quietos, todos, lá atrás!

E, assim, conversando, brigando, discutindo e patinhando através dos rios, fizeram os tocadores de elefantes sua primeira etapa, até alcançarem uma espécie de acampamento de pouso. Lá os animais recém~caçados foram presos pelas pernas traseiras a fortíssimos esteios, os mais novos recebendo cordas suplementares, e diante deles amontoou-se bastante forragem. Em seguida os cornacas montanheses recomendaram aos da planície que se mantivessem excepcionalmente atentos aquela noite - e riram-se quando foram perguntados por quê.

O pequeno Toomai vigiou a ceia de Kala Nag e, depois de cair a noite, andou pelo campo, feliz como nunca, atrás dum tantã. Quando um menino indiano se sente feliz, não faz barulho, nem anda a pular daqui e dali, mas senta-se no chão e dá uma festinha a si próprio. E o pequeno Toomai estava feliz, feliz! Peterson Sahib lhe dirigira a palavra! Se não houvesse encontrado o tantã, certo que cairia doente. Mas o vendedor de doces do acampamento lhe arranjou a coisa procurada - tambor de bater com a palma da mão - e o menino sentou-se sob as estrelas, de pernas cruzadas diante de Kala Nag, com o tambor entre os joelhos. E tocou, tocou, tocou - e quanto mais pensava na grande homenagem recebida, mais tocava sozinho, junto aos montes de forragem. Não dizia palavras, nem entoava; o simples *tã-tã-tã* o enchia de prazer.

Os elefantes recém-caçados estiravam as cordas, trombeteando a espaços ou urrando. Lá na barraca do acampamento, a mãe de Toomai embalava o filhinho novo caiu uma cantiga muito velha, consagrada a Civa, na qual esse deus ensina a todos os animais o que devem comer.

Civa, o que fêz brotar as messes, o que fez os ventos da aurora
Assentado ao limiar de uma manhã e outrora,
A cada um deu o seu quinhão: A subsistência, a dor, oFado
Desde o que esmola pelas portas até o Imperador coroado

*Tôdas as coisas fez ele, alva, o Preservador.*
*Mahadeo! Mahadeo! Ele fez tudo!*
*Para os camelos deu a espinha, e para os bois criou o feno,*
*E os corações das mães para a cabeça em sono do filho pequeno.*

O menino escandia a cantiga com um *tunk-a-tunk* ao fim de cada verso. Passado algum tempo o sono o derrubou, e ele pendeu sobre um monte de forragem, perto de Kala. Os elefantes principiaram a acomodar-se, deitando-se, como é seu costume. Algum tempo depois só Kala Nag ainda se conservava de pé, balançando-se lento dum lado e doutro, com as orelhas fitas para a frente, como que à espera dalgum aviso que as brisas carreassem das montanhas. O ar enchia-se dos rumores noturnos, que, juntos, formavam um grande silêncio - *cli-clás* de varas de bambu, *fru-frus* de coisas vivas nos espessos das moitas, pios abafados de aves semidespertas (as aves acordam de noite mais do que imaginamos), rumor de queda d'água ao longe... O pequeno Toomai dormiu por algum tempo, e quando despertou viu o luar claríssimo e viu Kala Nag velando, sempre de pé, com as orelhas erguidas. Voltou-se na sua cama de palha e ficou com os olhos na curva que o enorme dorso do seu amigo estampava sobre o céu estrelado. Estava nisso olhando, quando ouviu, tão longe que parecia uma simples alfinetada no silêncio, o grito de apelo dum elefante selvagem.

Todos os elefantes do acampamento ergueram-se a um tempo, como que metralhados de balas, e com os seus resmungos despertaram os *mahouts* adormecidos. Vieram estes homens com macetes rebater as cunhas dos moirões e passar em revista as cordas, atando aqui e ali outras, por precaução. Depois tudo recaiu em tranqüilidade. Um dos elefantes por pouco que não arranca o seu esteio. O velho Toomai tirou a corrente de Kala Nag e aplicou-a sobre o rebelde, peando-lhe uma das pernas dianteiras e uma traseira. Em seguida passou uma corda de coco à perna de Kala Nag, dizendo-lhe que não se esquecesse de que estava solidissimamente amarrado. Seu pai, seu avô e seu bisavô haviam usado esse truque inúmeras vezes. Kala Nag não respondeu àquele aviso com o *gluglu* habitual. Ficou imóvel, olhando ao longe dentro do luar, a cabeça um tanto erguida, as orelhas em leque, sempre voltado para a linha de montanhas de Garo.

- Presta atenção, vê se ele se agita durante a noite, recomendou Toomai ao menino; em seguida reentrou na barraca.

O pequeno Toomai estava já a pique de adormecer novamente quando ouviu a corda de coco romper-se com estalidos, e Kala Nag afastou-se do moirão, tão lenta e silenciosamente se afasta no céu uma nuvem. O menino trotou-lhe na cola, pelo luar adentro, murmurando baixinho:

- Kala Nag! Kala Nag! Leva-me contigo!

O elefante deteve-se, voltou-se e, agarrando o menino com a tromba,

montou-o em seu pescoço; em seguida, e antes que o pequeno Toomai se houvesse firmado lá, meteu-se pela floresta.

Do acampamento veio um trombetear furioso; depois o silêncio recaiu sobre a natureza, Kala Nag trotava. As vezes um tufo de folhas varria seus flancos, como a onda varre os flancos dum navio; outras vezes um cacho de pimenta silvestre pendurado duma árvore, coçava-lhe o lombo dum extremo a outro; ou um bambu estalava de encontro a sua espádua possante. Em regra, porém, Kala, movia-se sem nenhum barulho, atravessando a Jângal como se estivera atravessando rolos de fumaça. Caminhava morro acima, mas embora o pequeno Toomai olhasse para as estrelas por entre a galhaça das árvores, não podia perceber a direção em que o elefante ia.

Por fim, Kala Nag chegou a um topo onde se deteve por alguns instantes - e Toomai pôde ver o ondear das frondes como pelagem pintalgada e estender-se sob o luar por milhas e milhas de extensão. Ao fundo, um nevoeiro violáceo por sobre o rio. Toomai inclinou-se para a frente e sentiu que a Jângal estava desperta em redor, viva, cheia de criaturas. Um grande morcego frutívoro esbarrou em sua orelha com a asa; os espinhos dum ouriço-cacheiro barulharam perto; também percebeu que um javardo fossava a terra com fúria.

Depois os ramos se fecharam sobre sua cabeça. Kala Nag estava a descer para o vale, não mais pacificamente, como até ali, mas no ímpeto de um canhão que rola por uma escarpa. Seus enormes membros moviam-se com a regularidade de pistões, avançando oito pés de cada passada e fazendo que a pele rugosa esfrolasse nas articulações. As moitas apisoadas estalavam lado a lado com um ruído de pano rasgado; jovens troncos que o elefante ia afastando à direita e à esquerda a ombradas, aprumavam-se de novo após sua passagem, chicoteando-o. Cipós espedaçados ficavam pendentes de suas presas, cada vez que dava marradas em espessos de verdura para abrir caminho.

O pequeno Toomai, deitado de barriga sobre aquele enorme congote para que os ramos o não varressem, sentiu-se ansioso de voltar ao acampamento. O chão tornava-se frouxo de lama. Os pés de Kala Nag estouravam, ao arrancar-se dos moldes que ia abrindo. A cerração da noite, no fundo do vale, gelava o pequeno Toomai. Houve depois um patinhar n'água, com esguichos de lama e Kala penetrou no leito dum rio, tateando o caminho a cada passo. Apesar do marulho da correnteza em redor das pernas do elefante, o menino pôde ouvir ao longe um rumor de resmungos, fanfarras, trombeteamentos, rugidos de cólera - isso em meio das vagas movediças dos nevoeiros trevosos.

- Ai! exclamou ele a meia voz, batendo os dentes. A elefantada está toda fora esta noite. Será a dança?

Kala Nag deixou a água num barulhão, assoprou com a tromba para desobstruí-la e deu início a uma nova ascensão. Dessa vez porém, não tinha

de abrir caminho. Encontrou-o já aberto, largo de seis pés, em reta à frente, com os arbustos amassados procurando ganhar de novo o prumo. Muitos animais deviam ter corrido por ali, minutos antes. O menino voltou-se. Dentro da neblina do rio emergira um grande elefante selvagem, de olhos de porco, vivos como brasas. Logo adiante as árvores marginais cerraram-se por cima da sua cabeça e Kala Nag continuou a subir, rodeado do mesmo rumor de fanfarras e urros, e estouros de ramos partidos.

Por fim, o elefante parou no topo da montanha, entre dois troncos dos muitos que fechavam uma área irregular duns três ou quatro acres de terreno. Nessa clareira Toomai pôde ver que o chão havia sido apisoado até tomar-se

duro como o tijolo. Algumas árvores subsistentes no centro da clareira estavam escalavradas, mostrando aos raios da lua a madeira branca e lustrosa. Cipós pendiam dos galhos, com flores em campânulas, dum branco pálido, como que adormecidas de cabeça para baixo. Mas nos limites da clareira não havia vestígio sequer de vegetação; apenas terra apisoada, dum tom ferroso, exceto nos pontos onde a sombra dos elefantes punha manchas negríssimas. O menino suspendera a respiração e olhava com os olhos quase fora das órbitas. Os elefantes, cada vez mais numerosos, vinham borbotando, através do círculo de árvores, para dentro da clareira. Não sabendo contar até mais de dez, Toomai contou tantos lotes de dez que acabou perdendo a conta. Sua cabeça regirava. Ouvia o rumor de mais elefantes a galgarem o morro, os quais, assim que penetravam no limpo, se faziam sombras silenciosas.

Viu lá machos ferozes, de grandes presas brancas, com folhas e fragmentos de galhos entalados nas pregas do pescoço e das orelhas; viu fêmeas gordas e preguiçosas seguidas de filhotes dum negro avermelhado, medindo três e quatro pés de altura; viu elefantes jovens, com as presas em começo de crescimento e muito orgulhosos disso; viu elefantas «tias», magras, de faces cavadas e olhos inquietos; viu elefantes solitários, riscados em todo o corpo de velhas cicatrizes e ainda com plastas de lama na pele - lama dos banhos tomados nos charcos, longe dos outros; também viu um elefante de presa quebrada e com a terrível marca das unhas do tigre no flanco.

Os monstros fronteavam um ao outro, ou passeavam em círculo dois a dois, ou ficavam a balançar-se sozinhos. Eram dezenas de dezenas. Toomai estava certo de que enquanto ficasse imóvel sobre o congote de Kala Nag coisa nenhuma lhe aconteceria, porque um elefante selvagem, ainda mesmo durante os estouros do «keddah», nunca ergue a tromba para arrancar um homem que monta um elefante domesticado - e aqueles ali não tinham um só pensamento dedicado aos homens. Em certo ponto um frêmito agitou os animalões, fazendo-os esticarem as orelhas: tinham ouvido um som estranho, de anéis de ferro. Era Pudmini, a elefanta favorita de Petersen Sahib, que rebentara a sua corrente e vinha subindo o morro, entre resmungos e bufos. Toomai viu outro elefante a sangrar com profundas cortaduras de corda no dorso e no peito. Não o reconheceu. Devia ter fugido dalgum outro acampamento próximo.

Por fim cessaram os rumores de elefantes a moverem-se na Jângal. Kala Nag saiu dentre os dois troncos e foi para o meio dos outros resmungando e grugulejando. O bando inteiro começou então a conversar lá na sua linguagem e a mover-se.

Sempre deitado no congote de Kala Nag, Toomai tinha diante de si um mar de dorsos amplos, de orelhas oscilantes, de trombas que não paravam de descrever curvas e de olhinhos inquietos. Ouvia o *clic-clic* dos marfins a se entrechocarem, o ruído áspero e surdo das trombas enlaçadas, o rustir de flancos e espáduas desconformes, o contínuo silvo das caudas. Em certo momento uma nuvem cobriu a lua - e tudo se fez negror; mas os empurrões, os

resmungos, os esfregamentos morosos continuaram a denunciar-se pelos sons. O menino, via Kala Nag entalado entre inúmeros elefantes, de modo a não ser possível fazê-lo afastar-se da assembléia. Esse pensamento pô-lo a tremer, de dentes cerrados. Num «keddah» havia, pelo menos, as luzes dos archotes e o berreiro; ali, só trevas. Nada mais apavorante. Uma tromba ergueu-se e veio tocar-lhe o joelho. Logo em seguida um elefante trombeteou - e todos o imitaram durante alguns terríveis segundos.

O orvalho pingava das árvores em gotas graúdas sobre aquele

chamalote de dorsos negros. Súbito, um rumor ergueu-se, cavo e indistinto a princípio, que o menino não pôde identificar. Cresceu. Kala Nag levantava as patas dianteiras e as repousava sobre o chão batido - um-dois, um-dois, com a precisão de malhos batendo em bigorna. Todos os elefantes começaram a fazer o mesmo, em conjunto, produzindo um som como de tambor batido em boca de caverna. O orvalho pingava. O rumor surdo prosseguia. O solo era todo tremuras. Toomai tapou os ouvidos com ambas as mãos. Mas continuava a ouvir e a sentir-se penetrado pela imensa vibração produzida por centenas de patas a socarem o chão duro.

Uma ou duas vezes percebeu que Kala Nag e outros se moviam para outros pontos, e o socar da terra se transformava em esmoer de ervas sucosas; minutos depois estavam todos pilando novamente o chão limpo. Uma árvore gemeu com estalos perto do menino. Toomai espichou o braço e roçou os dedos pela casca; mas Nag, sempre pilando a terra, moveu-se para a frente, e Toomai ficou sem saber em que ponto da clareira se achava. Os elefantes cessaram por um momento de dar sinais de vida. Uma vez apenas dois ou três filhotes baliram murmúrios chorosos: ressoou logo uma pancada surda e o bom-bom-bom dos pilões prosseguiu. Duas horas já que durava aquilo, Toomai tinha os nervos doloridos. Súbito, pelo cheiro do ar, percebeu que a madrugada vinha próxima.

A manhã surgiu de amarelo pálido lá atrás das montanhas verdes; aos seus primeiros albores cessou o *bam-bam-bam*, como se a luz fosse ordem de «alto!» Mas o seu rumor ainda vibrava na cabeça do pequeno Toomai e já nenhum elefante se via ali. Apenas Kala Nag, a Pudmini e o elefante cortado pelas cordas. E nenhum rumor, nenhum sinal, nenhum estalidar de galhos pelas encostas da montanha denunciava que os elefante; estivessem por lá. Toomai olhou para todos os lados com os olhos bem abertos. A clareira alargara-se durante a noite. Havia mais árvores pelo meio dela, e a cercadura de vegetação fora afastada de muito. Toomai olhava, olhava. Começava a compreender o bam-bam-bamento. Os elefantes haviam dilatado a clareira à força de apisoar o matagal, reduzindo-o a uma espessa massa de verdura úmida.

- Uf! exclamou o pequeno Toomai, com os olhos pesados de cansaço, medo e sono. Amigo Kala Nag, siga a Pudmini e voltemos ao acampamento de Petersen Sahib. Não me agüento mais.

O elefante lanhado pelas cordas, ao vê-los partir, resmungou e, virando nos pés, fêz-se de rumo para o seu acampamento. Devia pertencer ao estabelecimento de algum pequeno príncipe nativo, situado a quarenta, sessenta ou cem milhas dali.

Duas horas mais tarde, quando Petersen Sahib iniciava o seu almoço, todos os elefantes do acampamento, cujas cordas haviam recebido reforço naquela noite, principiaram a trombetear - e a Pudmini, suja de barro das patas aos ombros, seguida de Kala Nag manquejante, fizeram a sua entrada no

campo. O rosto do pequeno Toomai tinha a palidez do extremo cansaço; seus cabelos, empastados do orvalho, traziam ainda folhas de mato entremetidas. Ao dar com Petersen Sahib o menino exclamou com voz débil:
- A dança... a dança dos elefantesl Vi a dança dos elefantes. . , mas estou morrendo. . .

Kala Nag deitou-se e o pequeno Toomai escorregou do seu congote, desmaiado.

Os meninos indianos porém, possuem nervos especiais. Ao cabo de duas horas Toomai voltava a si, na rede de Petersen Sahib, com a veste de caça de Petersen Sahib a lhe cobrir a cabeça. Um copo de leite quente com gim e uma pitada de quinino. Os velhos e peludos caçadores da Jângal, cheios de cicatrizes, rodeavam-no com os olhos de quem olha para fantasma vindo do outro mundo. E Toomai contou a sua aventura. Contou-a ao modo ingênuo das crianças, concluindo:
- Agora, se acham que é mentira, mandem examinar a clareira. Verão que os elefantes, de tanto socar a terra, alargaram a sala da dança, e encontrarão no mato uma grande quantidade de trilhas. Alargaram a clareira com as patas. Eu vi! Eu vi! Kala Nag levou-me consigo e eu vi! Reparem que Kala Nag tem os pés doloridos.

Em seguida reclinou-se na rede e dormiu a tarde toda, e dormiu ainda toda a noite. Entrementes, Petersen Sahib e Machua Appa seguiam o rasto dos dois elefantes por milhas e milhas, montanha acima. Petersen, apesar dos quinze anos que vivera a apanhar elefantes, só uma vez havia visto uma das tais salas de dança. Ia ver a segunda. Machua Appa não teve necessidade de apurar-se muito no exame para compreender o que ali se passara. Tudo confirmava o raconto de Toomai.

- O menino falou a verdade, disse ele. Tudo isto foi feito esta noite, e pelos arredores contei setenta trilhas de mato amassado, todas atravessando o rio. Veja, Sahib! Naquele tronco há um rasgão feito pela argola de ferro da Pudmini! Oh, ela também veio ca!...

Os dois homens entreolharam-se. Depois quedaram-se em contemplação da sala de baile, maravilhados, porque os costumes dos elefantes desnorteiam e excedem à compreensão dos homens.

- Há quarenta e cinco anos, murmurou Machua Appa, que sigo a minha paixão, o Elefante, e jamais soube duma criança que visse o que o pequeno Toomai viu. Pelos deuses todos das montanhas, isto.., isto... Que será isto, Sahib?
E Machua meneava a cabeça, tonto.
Regressaram ao acampamento à hora da ceia, Petersen Sahib serviu-se em sua tenda, sozinho, mas deu ordem para a distribuição de mais carneiro e aves, mais arroz, farinha e sal, porque estava certo de que ia haver folgança. O velho Toomai, que saíra precipitadamente em procura do filho e do seu

elefante, olhava agora para ambos com profundo respeito.

Houve festa. Grandes fogueiras arderam no campo, ao lado da linha de elefantes amarrados aos moirões. O pequeno Toomai recebeu todas as honras devidas aos heróis. Andou de mãos em mãos. Os velhos caçadores, os condutores e encordoadores, os batedores e a mais gente que conhece a fundo os segredos da captura e do amansamento do elefante selvagem, não o largavam e lhe fizeram na testa um sinal com o sangue dum galo silvestre recém-abatido, a fim de o marcar como iniciado em todos os segredos da Jângal.

Por fim, quando as fogueiras desmoronaram e os elefantes, batidos da luz vermelha das brasas, pareciam lavados em sangue, Machua Appa, o chefe dos batedores de todos os «keddahs» - Machua Appa, o homem de confiança de Petersen Sahib, o homem que jamais deixara a Jângal, Machua Appa, o homem tão grande que era conhecido apenas por esse nome, ergueu-se donde estava e com o menino nos braços clamou:

- Escutai, irmãos! Escutai também, ó senhores elefantes lá dos moirões, escutai, que é Machua Appa que fala! Este menino não se chamará doravante o pequeno Toomai, como até aqui, mas sim Toomai dos Elefantes - o mesmo nome que no passado teve o seu bisavô. O que nenhum homem ainda viu, êle o viu no decurso de toda uma noite. O favor do povo elefante e o favor dos deuses da Jângal vieram para ele. Há de tornar-se um grande caçador, maior do que eu - sim, maior do que Machua Appa! Seguirá a pista fresca, seguirá a pista morta, seguirá a pista truncada, sempre de olho claro. Nada lhe acontecerá nos «keddahs», quando correr sob o ventre dos elefantes para os garrotear - e se acaso cair sob as patas dum macho em avanço de carga, o elefante furioso o reconhecerá e o não esmagará. *Aihai!* ó meus amos aqui acorrentados! (e assim dizendo Machua corria à frente dos elefantes). Eis o menino que viu as vossas danças lá no fundo dê inacessíveis recessos - espetáculo que homem nenhum ainda viu! Prestai-lhe homenagens, senhores! *Salaan karo*, meus filhos. Saudai a Toomai dos Elefantes! Gunga Pershad, ahaa! Hira Guj, Birchi Guj, Kuttar Guj, ahaa! Pudmini - tu o viste na dança, e também tu Kala Nag, tu que és a pérola dos elefantes - ahaa! Juntos! Todos juntos! Salve o grande Toomai dos Elefantes! *Barrao!*

A este último clamor, vivamente selvagem, a inteira linha dos elefantes entortilhou as trombas até fazê-las tocar as testas largas e, todos em conjunto, entoaram a reboante salva de trombetas que só cabe aos Vice-Reis da Índia - o *Sallamut do Keddab*.

Mas dessa vez a honra suprema vinha para o pequeno Toomai, que havia visto o que nenhum homem ainda vira - a dança dos elefantes, à noite, bem no coração das montanhas do Garo...

Shiv e a cigarra

*Shiv, o que fez brotar as messes, o que fez os ventos da aurora*
*Assentado ao limiar de uma manhã de outrora,*
*A cada um deu o seu quinhão: A subsistência, a dor, o fado*
*Desde o que esmola pelas portas até o Imperador coroado.*

*Todas às coisas fez, Shiv, o Preservador.*
*Machadeo! Machadeo! Ele fez tudo,*
*Para os camelos deu a espinha para os bois criou o feno*
*E os corações das mães para a cabeça em sono do filho pequeno.*

*Ao pobre deu o milho, ao rico deu o trigo,*
*Deu farrapos ao homem santo, ao mendigo,*
*Ao tigre deu o gado, e a carriça ao abutre,*
*Deu ao lobo bravio o osso de que se nutre -*
*Nada é baixo aos seus olhos e nada é elevado*
*E Parbati os seus passos vai seguindo ao lado.*
*Depois para enganar o seu marido*
*Traz o pequeno inseto no seio escondido.*

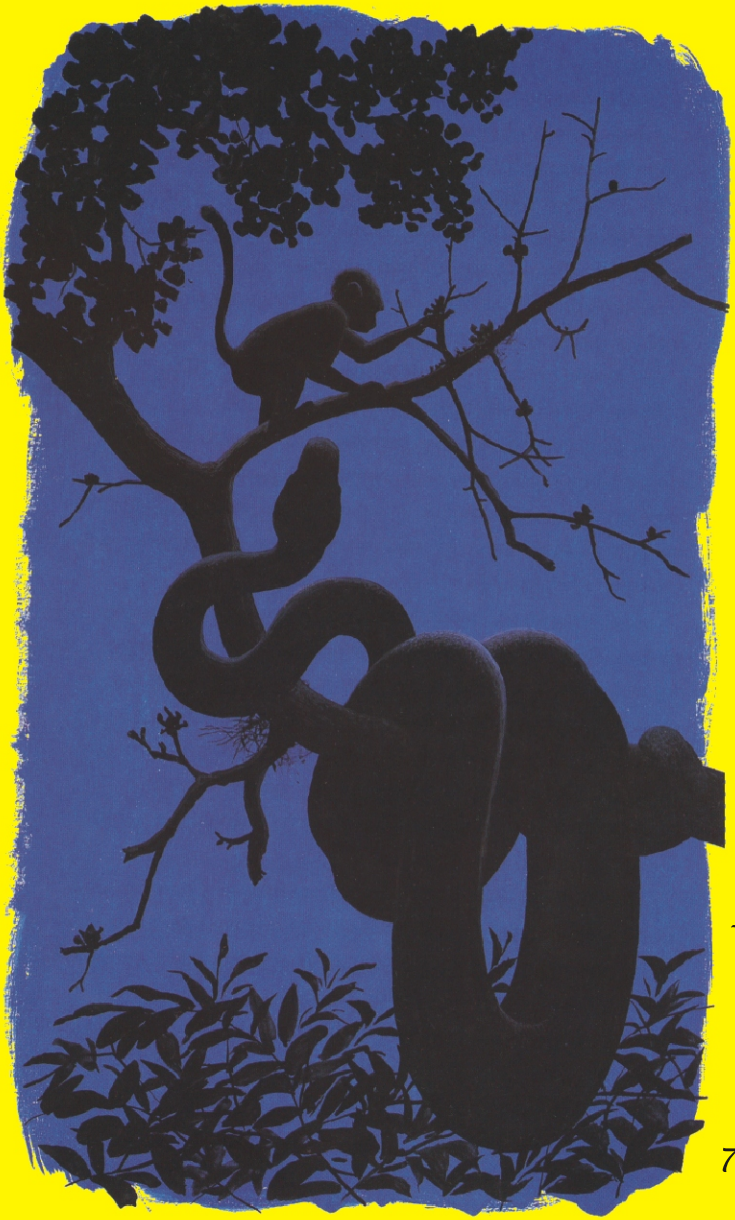
*Assim ela enganou Shiv, o Preservador.*
*Machadeu! Machadeu!*
*Volta e olha.*
*O camelo é importante, o boi é pesado*
*Mas esta é a menor das pequeninas coisas, meu adorado.*

*Quando acabou de repartir, rindo falou:*
*Já um milhão de bocas Shiv alimentou?*
*Sorrindo respondeu: Têm todos seu quinhão*
*Até mesmo o que está junto ao teu coração.*
*Parbati o arrancou de onde ele se escondia*

*E o pequeno mostrou, que uma folha roía.*
*Maravilhou-se então e fez a prece a Shiv*
*O que é pai e alimenta tudo quanto vive.*

*Todas as coisas fez ele, o Preservador,*
*Machadeo! Machadeo! Ele fez tudo,*
*Para os camelos deu a espinha, para os bois criou o feno*
*E os corações das mães para a cabeça em sono do filho pequeno.*

SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL



1 - Os Irmãos de Mowgli
- Quiquern

2 - As Caçadas de Kaa
- Toomai dos Elefantes

3 - Como apareceu o medo
- Jacala, o crocodilo

4 - O Milagre de Purun Baghat
- Servidores da Rainha
- Tigre! Tigre!

5 - Kotick, a Foca Branca
- Os Cães Vermelhos

6 - O Avanço da Jângal
- Rikki-Tikki-Tavi

7 - A Embriaguês da Primavera
- O Ankus do Rei

Publicado por
UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL
REGIÃO DO RIO GRANDE DO SUL

SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

# Como apareceu o medo

## Jacala, o crocodilo

Rudyard Kipling

3

**Produzido pela UEB/RS - Edição Impressa: Gestão 2001/2003 - Edição Digital: Gestão 2004/2006**

Esta é mais uma publicação

TAFARA

# SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

## Volume 3

# - Como Apareceu o Medo

# - Jacala, o Crocodilo

1a. Edição: 500 exemplares
Autor: Rudyard Kipling
Capa e Edição: Carlos Alberto F. de Moura
Coordenação: Mario Henrique P. Farinon
Digitação: Norma Beatriz de Oliveira Brito
Tradução: Monteiro Lobato

Ilustração: Christian Broutin e Mariano Ramos

Porto Alegre, RS, 2002

**EDIÇÃO IMPRESSA PELA DIRETORIA REGIONAL 2001/2003**

| | |
|---|---|
| Diretoria | Mario Henrique Peters Farinon |
| Diretoria | David Crusius |
| Diretoria | Márcio Sequeira da Silva |
| Diretoria | Ronei Castilhos da Silva |
| Diretoria | Osvaldo Osmar Schorn Correa |

**EDIÇÃO DIGITAL DISPONIBILIZADA PELA DIRETORIA REGIONAL 2004/2006**

| | |
|---|---|
| Diretoria | Ronei de Castilhos da Silva |
| Diretoria | Neivinha Rieth |
| Diretoria | Waldir Sthalscmidt |
| Diretoria | Paulo Roberto da Silva Santos |
| Diretoria | Leandro Balardin |

**COMITÊ GESTOR**

Carlos Alberto de Moura
Marco Aurélio Romeu Fernandes
Mario Henrique Peters Farinon
Miguel Cabistani
Paulo Lamego
Paulo Ramos
Paulo Vinícius de Castilhos Palma
Siágrio Felipe Pinheiro
Tania Ayres Farinon

# *APRESENTAÇÃO*

Na Páscoa de 1998, de 10 a 12 de abril, um grupo de escotistas e dirigentes reuniram-se, em um sítio denominado TAFARA CAMP, tomando para si a incumbência de suprir a lacuna deixada pela falta de definição do tema das Especialidades, concebeu e criou o que hoje constitui-se no Guia de Especialidades da UEB.

O mesmo grupo, na seqüência, participou decisivamente na elaboração dos Guias Escoteiro, Senior e Pioneiro.

Visto que este trabalho informal e espontâneo estava tendo resultados positivos, e, entendendo que a carência de instrumentos, principalmente literatura, é um grande obstáculo ao crescimento do Escotismo, resolvemos assumir como missão "disponibilizar instrumentos de apoio aos praticantes do Escotismo no Brasil".

Este grupo, que tem sua composição aberta a todos quantos queiram colaborar com esta iniciativa, também resolveu adotar o pseudônimo TAFARA para identificar-se e identificar a autoria e origem de todo o material que continuará a produzir.

Os instrumentos que TAFARA se propõe a produzir, tanto serão originais, como também reproduções, traduções, adaptações, atualizações, consolidações, etc., de matérias já produzidas em algum momento, e que, embora sejam úteis, não mais estão disponíveis nos dias de hoje.

O material produzido por TAFARA é feito de forma independente e sem fins lucrativos. Não temos a pretensão de fazermos obras primas, mas instrumentos que possam auxiliar a todos quantos pratiquem Escotismo no Brasil.

Esta edição é feita para registrar e comemorar o Dia do Lobinho de 2002 e reproduz duas histórias do Livro da Selva, de Rudyard Kipling.

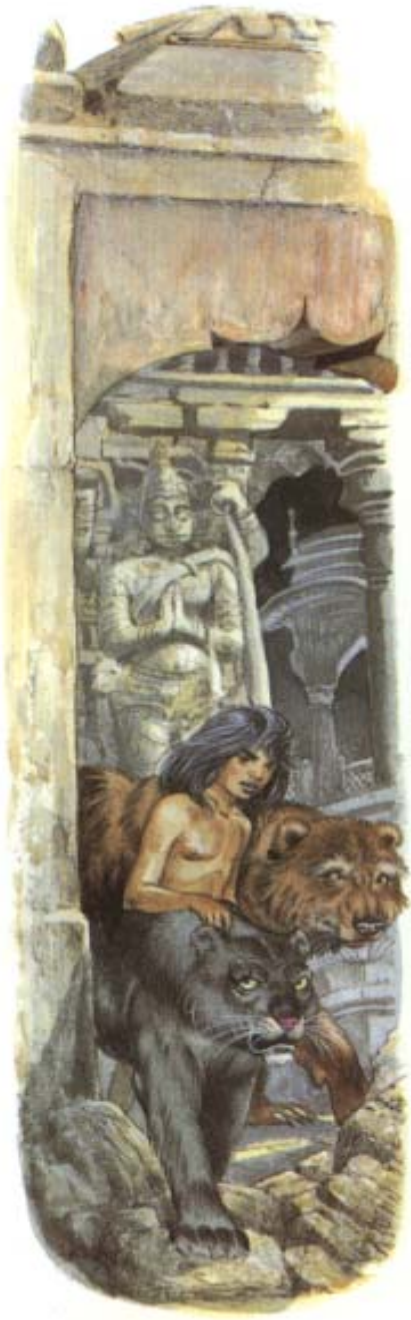
Este livro faz parte de uma série de 7 volumes que serão lançados entre 2002 e 2003.

Este é mais um instrumento de apoio a suas atividades.

Aproveite!

Mario Henrique Peters Farinon
Diretor Presidente UEB/RS

# COMO APARECEU O MEDO



O rio é extinto, o lago é escasso.
Nós dois iremos, braço a braço
O flanco imundo, a face quente
Contornaremos a corrente.
Presos os dois de um temor forte,
Sem mais pensar em caça ou morte.
E quando o corço a se esconder
Também vê o lobo a tremer
E o bode eis que vislumbra o dente
Que lhe matou o pai, horrente.
O rio é extinto, o lago é escasso,
Nós dois iremos braço a braço.
Boa caça a todos. E eis que alaga
A chuva... E quebra a Trégua da Água.

A Lei da Jângal - que é a mais velha lei do mundo - atende a quase todos os acidentes que possam acontecer para o Povo da Jângal; código mais perfeito, o tempo e os costumes nunca fizeram. Os leitores lembram-se de que Mowgli havia passado uns anos de sua vida na Alcatéia de Seeonee, aprendendo com Baloo a Lei. Foi Baloo, o urso pardo, quem lhe disse, certa vez em que o menino se mostrava impaciente com as suas constantes recomendações, que a Lei era qual o Cipó Gigante, que quando enleia não larga mais. «Depois que tiveres vivido tanto quanto eu, Irmãozinho, verás que todos os filhos da Jângal obedecem pelo menos a uma lei - e isso não é coisa agradável de ver-se...» dissera o urso.

Essa lição entrou por um ouvido e saiu pelo outro, porque um menino que Passa a vida a comer e a dormir não liga importância a coisa nenhuma antes que algo sério lhe aconteça. Mas dia chegou em que as palavras de Baloo se confirmaram: Mowgli teve ocasião de ver toda a Jângal agindo sob o comando da Lei.

Foi durante um inverno em que as chuvas deram de falhar. Ikki, o Porco-espinho, encontrando Mowgli ao pé duma touceira de bambus, avisara-o de que os inhames selvagens estavam secando. Todos sabem como é Ikki cuidadoso na escolha do alimento, que não toma senão do melhor e do mais maduro. Por isso Mowgli sorriu e disse:

- Que me importa semelhante coisa?

- Nada, *agora*, respondeu Ikki, com os espinhos eriçados dum modo desagradável. Mais tarde, veremos. Dize-me, Irmãozinho, ainda aparece água no fundo da Roca das Abelhas?
- Não. A tola da água se está indo tôda, mas não quero quebrar minha cabeça pensando nisso, foi a resposta de Mowgli, que por aquêle tempo estava certo de saber mais do que cinco filhos da Jângal somados.
- Mau para ti. Uma rachazinha nessa cabeça sempre permitiria a entrada de alguma sabedoria.., rosnou Ikki, fugindo com o corpo antes que Mowgli lhe puxasse os bigodes.

Mowgli referira ao urso a conversa. Baloo assumiu uma expressão grave e, como falando para si próprio, murmurou:

- Se eu fôsse só, mudava-me destas paragens antes que os outros comecem a fazê-lo. Mas isto de mudar e viver entre estranhos acaba sempre em luta - luta que pode ser nociva ao Filhote de Homem. Esperarei a ver como a «mohwa» floresce.

Naquela estação a árvore da «mohwa», de cujas flores Baloo era ávido, não vingava florescer. Os botões côr de creme, macios como cêra, torravam-se ao calor antes de abertos. Apenas umas tantas pétalas raquíticas tombavam, quando o urso, a prumo nas patas traseiras, vascolejava a árvore.

Polegada a polegada, o asfixiante calor invadia o coração da Jângal fazendo-a a princípio amarela, depois sépia, finalmente negra. Estorricava-se a vegetação que cresce na rampa das ravinas. Lagoas esgotavam-se, transfeitas em lameiros onde os cascos dos animais punham moldes. As trepadeiras sumarentas escorriam das árvores abaixo, murchas, para virem morrer, ressecas, ao pé dos troncos. Bambus feneciam - e zuniam lugubremente quando os ventos bochornais se coavam por entre suas varas nuas. Os musgos verde-oliva descascavam-se das mais bem abrigadas rochas, deixando-as calvas e quentes como pedrouços do deserto.

Pressentindo o que estava para vir, os pássaros e macacos já tinham emigrado para o norte, e dia a dia os cerdos e veados mais se aproximavam das aldeias também cruelmente castigadas; iam morrer de inanição aos olhos de homens muito fracos para persegui-los. Só Chil, o Abutre, engordava. Como havia carriça! Cada tarde vinha êle com o informe, sempre desalentador, de que o sol estava matando a Jângal num círculo correspondente a uma semana de vôo em diâmetro.

Até ali ignorante do verdadeiro sentido da palavra fome, teve Mowgli de recorrer ao mel azêdo, de três anos de idade, tomado de colmeias abandonadas - mel prêto como a amora e pulverulento como o açúcar. Também caçava as vespeiras que se formam sob a casca das árvores, para furtar-lhes as ninhadas de ninfas.

Todas as criaturas da Jângal tinham a pele sobre os ossos; Bagheera poderia abater três gamos por noite sem conseguir refeição que a satisfizesse. O pior, porém, era a falta d'água, porque, se os filhos da Jângal bebem espaçadamente, necessitam beber bastante cada vez.

O calor aumentava sempre, fazendo desaparecer tôda a umidade. Por fim o Waingunga, já muito baixo, tornou-se a única reserva d'água a correr por entre as barrancas mortas - e quando Hathi, o Elefante Selvagem, viu no centro do leito a lomba azulega duma rocha que emergia, reconheceu nela a Roca da Paz. Ergueu, então, a tromba e proclamou a Trégua das Águas, como seu pai havia feito cinqüenta anos antes. Veados, porcos-do-mato e búfalos repetiram seu grito como um eco - e Chil, o Abutre, voou em círculos cada vez mais amplos espalhando no espaço, com pios, o tremendo aviso.

Segundo a Lei da Jângal, é vedado matar nos bebedouros quando a Trégua das Águas vigora. Razão: o beber tem precedência sobre o comer. Os Filhos da Jângal podem cuidar de si de qualquer forma, quando a caça é pouca; mas água é água, e se resta uma só fonte para todos, o caçar torna-se proibido nas horas de matar a sêde. Na boa estação de chuvas abundantes os que descem a beber no Waingunga - ou onde seja - fazem-no com risco da própria vida. Este perigo cria a fascinação da vida noturna. Move-se tão cauteloso que nem uma folha sêca estalide; atravessar as águas nas corredeiras, cujo som permanente absorve todos os ruídos; beber com os olhos alerta e músculos retesos, prontos para o salto da fuga; espojar-se nas margens arenosas e regressar para a Jângal bem disposto, a gozar a admiração dos companheiros, constituem coisas em que os gamos se deleitam justamente porque sabem que dum momento para outro Bagheera ou Shere Khan podem arremessar-se sôbre êles de salto e abatê-los. Agora, porém, toda aquela excitação de vida e morte deixava de existir. Os animais vinham ao bebedouro bambos de magreza

e fome, tigres, ursos, búfalos e javardos juntos, e ali apalermadamente se dessedentavam nas águas sujas, sem ânimo de moverem-se.

Os veados e porcos-do-mato erravam ao acaso o dia inteiro na esperança de algo melhor que cascas mortas e folhas ressêcas. Os búfalos já não encontravam pântanos onde refocilar, nem pasto verde com que encher o bucho. As cobras haviam deixado a Jângal e descido para os rios murchos, na expectativa de apanharem rãs extraviadas. Enrodilhavam-se por longo tempo em torno das pedras nuas, sem sequer darem botes quando o focinho dum porco a foçar o chão as deslocava. As tartarugas de rio tinham acabado todas nos dentes de Bagheera, a mais hábil das preadeiras; os peixes dormiam enterrados no barro inda úmido. E a lomba azulega da Roca da Paz dia a dia avultava, comprida qual dorso de cobra. Quando nelas as ondazinhas da correnteza batiam, a água chiava como em contato do ferro quente.

Para ali veio Mowgli à noite em procura de frescor e saciedade. O mais esfaimado dos seus inimigos não daria tento dêle. Sua pele nua o tornava inda mais miserando que os outros viventes. Mowgli tinha a grenha transfeita em aniagem descorada pelo sol; suas costelas lembravam o vime dos balaios, e os calos dos joelhos e cotovelos, provindos do arrastar-se de quatro, davam a êsses membros o aspecto de varas cheias de nós. O olhar, entretanto, sempre firme e calmo sob as fortes sobrancelhas. É que Bagheera, sua conselheira naquele transe, não cessava de lhe recomendar que agisse com calma, que caçasse em silêncio, que não perdesse o sangue frio.

- Passamos um bem mau tempo, disse Bagheera certa noite de forno, mas tudo se remediará se conseguirmos sobreviver até o fim. Está teu estômago cheio, Filhote de homem?

- Há nêle alguma coisa. Será, Bagheera, que as chuvas se esqueceram para sempre de nós?

- Hão de voltar. A «mohwa» há de florescer novamente e os veadinhos de novo engordarão nos capins rebrotados. Vamo-nos à Roca da Paz ouvir novidades. Trepa ao meu ombro, Irmãozinho.

- Não me parece tempo de carregar pêso. Posso muito bem caminhar por meus pés. Mas... como estamos no fim, Bagheeral...

A pantera correu os olhos pelos seus surrados flancos sujos de poeira e murmurou:

- A noite passada matei um boi na canga. Tão deprimida me sinto, que não o teria atacado se estivesse solto...*Wou!* -

Mowgli sorriu.

- Sim, somos uns grandes caçadores agora! disse mofando. Eu ataco

valentemente.., as ninfas das vespeiras! e, assim falando, os dois mártires da sêca desceram ao leito do rio onde o frouxel duma corredeira se espraiava em várias direções.

- As águas não podem durar muito, disse Baloo, que já lá estava. Olhem. As trilhas que conduzem a êste ponto parecem caminhos abertos pelos homens, de tão batidas.

No plaino que se estendia até longe, o subosque da Jângal morrera de pé, mumificado. A pata dos gamos e porcos batera-o de sulcos poentos e, a despeito do cedo que era, cada um dêsses sulcos se mostrava cheio de peregrinos em procura d'água. Veadinhos e gazelas tossiam dentro dos rolos de pó erguidos pela procissão.

Rio acima, na curvatura do mortiço remanso donde emergia a Roca da Paz, estava Hathi, o Elefante Selvagem, guardião da Trégua das Águas; tinha em redor seus filhos, magérrimos, com as pelancas rugosas inda mais ressaltadas pelo jogo do luar. Balançavam-se lentamente dum lado e doutro, como sempre fazem os elefantes. Abaixo de Hathi, a vanguarda dos veados; mais abaixo ainda, as manadas dos porcos-do-mato e búfalos; do lado oposto, onde as árvores desciam até à orla d'água, os Comedores de Carne - o tigre, os lobos, a pantera, o urso.

- Vivemos realmente sob uma lei, disse Bagheera quando entrou n'água, vendo a galhaça dos veados assustadiços e o rebanho de cerdos que se entreatropelavam. Boa caçada para todos vós do meu sangue, acrescentou, já semi-imerça, com meio corpo no raso. E entre dentes rosnou: Caçada boa têm-na os bons caçadores. . .

Os apuradíssimos ouvidos dos veados apanharam no ar esta última sentença - e um arrepio de mêdo perpassou pelo bando. «Tréguas, não esquecer que estamos em Tréguas», dizia esse frêmito.

- Paz, paz! grugulejou Hathi, o Elefante Selvagem. As Tréguas estão em vigor. Não é oportuno falar em caçada.

- Ninguém o sabe melhor do que eu, rosnou Bagheera, volvendo rio acima os olhos côr de ouro. Uma simples comedora de tartaruga sou agora, uma pescadora de rãs. *Ngaayah!* Pudesse alimentar-me de ervas...

- «Nós» o apreciaríamos grandemente, baliu um veadinho nôvo, nascido na primavera daquele ano.

Apesar do miserável estado em que os filhos da Jângal se viam, todos sorriram, inclusive Hathi; Mowgli, mergulhado na água morna até aos ombros, riu alto, esparramando espuma, num assomo de alegria.

- Bem dito, botãozinho de veadol rosnou a pantera. Quando as Tréguas

terminarem, lembrar-me-ei favoravelmente da tua agudeza - e nêle fixou os olhos penetrantemente, como para o reconhecer em qualquer tempo.

Bebedouro abaixo e acima, a conversa tinha-se generalizado. Ouviam-se o ronco dos cerdos a abrirem passagem; o resmungo dos búfalos que se bamboleavam ao andar; o vozeio dos gamos a contarem entre si tristes histórias da dolorosa peregrinação em que andavam, na cata do alimento. De quando em quando, um dêles perguntava qualquer coisa aos comedores de carne, do outro lado do rio, mas tôdas as novas eram más. Os ventos bochornais da Jângal persistiam, ululantes, a insinuar-se por entre as rochas, a estalidar galhos, a lançar à água ramos secos e cisco pronto.

- Também os homens estão caindo ao pé dos seus arados, disse um jovem sambhur. Entre o pôr do sol e a noite, vi três mortos. Lá estão ainda e os bois com êles. Imóveis como os vi, breve estaremos nós também,
- O rio continua a baixar, observou Baloo. Ó Hathi, acaso já viste, em tua longa vida, sêca igual a esta?

- Há de passar, há de passar, respondeu Hathi entre dois esguichos que a tromba lançara aos flancos.

- Temos aqui um que não durará muito, disse o urso volvendo os olhos pata o menino a quem êle tanto queria.

- Eu? exclamou Mowgli, ofendido, erguendo-se n'água. É verdade que não tenho tapete peludo a cobrir-me o corpo - mas se o tapete que usas, Baloo, vier um dia a vagar...

Hathi deu uma gargalhada, enquanto Baloo, ressentido, advertia com severidade:

- Filhote de Homem, não fica bem dizer isso a um Mestre da Lei. «Nunca» minha pele vagou...

- Não quis ofender-te, Baloo; mas pareces-me um côco na casca, a mim que sou um côco descascado. Se essa tua casca pardacenta vier a vagar...

Mowgli, que estava sentado de pernas cruzadas explicando o que dizia com gestos, não pôde concluir. Bagheera pousara-lhe a pata sôbre o ombro e o afundara de costas n'água.

- De mal a pior, disse a Pantera Negra, enquanto Mowgli se erguia, gotejante. Primeiro tem Baloo de ser depilado; depois virará coco. Então, cuidado que êle não te faça o que os cocos maduros fazem!

- Que fazem? perguntou Mowgli, curioso e em guarda, embora aquela história de côcos fôsse uma adivinhação sabidíssima na Jângal.
- Quebram tua cabeça, respondeu Bagheera, derrubando-o n'água outra vez.

Baloo ainda estava ressentido,

- Não é direito mofar dum velho mestre, disse quando Mowgli mergulhou pela terceira vez.

- Sim, mas que queres? rosnou de súbito uma voz nova. Essa coisinha nua, que tece de cá para lá, gosta de fazer coisas de macaco contra nós, os velhos caçadores, e por brincadeira já puxou os bigodes do mais forte de todos,

Falava Shere Khan, o tigre aleijado que, mancando, vinha de aparecer no bebedouro. Falou e deteve-se um instante para gozar a sensação que sua presença causara entre os gamos da margem oposta. Em seguida pendeu a cabeça quadrada e, lambendo a beiçaria, rosnou:

- A Jângal transformada em ninho de filhotes nus!... Olha para mim, filhote de homem!

Mowgli olhou, ou melhor, fitou no tigre os olhos com tal insolência que após um minuto Shere Khan baixava a cabeça, incomodado, e - «filhote de homem isto, filhote de homem aquilo» - lá foi resmungando, enquanto bebia. Depois murmurou:

- Filhote de homem? Nem filhote, nem homem. Fosse uma coisa ou outra e teria mêdo. Neste andar, da próxima vez terei de pedir-lhe licença para beber meu gole d'água. *Augrh!*

- Esse tempo virá, disse Bagheera com os olhos fitos entre os olhos do tigre. Virá, virá. Mas, *faugh*, Shere Khan, que novo crime vens de cometer?

O Aleijado mergulhara n'água as faces das quais escorria algo escuro e oleoso.

- Homem! respondeu Shere Khan friamente, Matei um, não faz uma hora - e continuou a resmungar para si mesmo.

A linha de animais que orlava o rio oscilou. Um murmúrio ergueu-se: «Homem! Ele matou um homem! » E os olhares de todos se dirigiram para Hathi, o Elefante Selvagem, o qual parecia alheio a tudo. Hathi nada fêz antes do momento próprio - e é essa uma das razões por que vive tanto,

- Numa estação destas matar Homem! Não haveria outra caça ao alcance? murmurou Bagheera com escárnio, erguendo-se da água ensujecida pelo tigre e sacudindo as patas como fazem os gatos,

- Matei por prazer, não por necessidade, resmungou o tigre, fazendo que os olhos miúdos de Hathi se voltassem na sua direção. Por prazer, repetiu Shere Khan, e agora, venho tomar meu gole d'água e mundificar-me. Será isto coisa proibida?

O dorso de Bagheera principiou a curvar-se qual o bambu dobrado pelo vento, mas Hathi ergueu sua tromba e falou calmamente.

- Mataste por gosto?

Quando Hathi pergunta o melhor é responder.

- Sim. Era meu direito e estava em «minha noite» de caça, tu o sabes, ó Hathi, respondeu Shere Khan, quase cortêsmente,
- Sei, sei, murmurou Hathi. E depois de curto silêncio: Já acabaste de beber?
- Sim, por esta noite.
- Vai-te, então. O rio é bebedouro, não esgoto. Nenhum ser, salvo o Tigre Aleijado, seria capaz de arrotar seus direitos numa estação calamitosa destas, em que todos sofremos juntos, homens e animais. Puro ou impuro, vai para teu covil, Shere Khan!

Estas últimas palavras soaram cortantes, fazendo que os três filhos de Hathi se adiantassem dum passo, embora não houvesse necessidade. Shere Khan retirou-se, não ousando sequer rosnar. Sabia - como todos na Jângal sabem – que nos momentos supremos quem diz a última palavra é sempre o elefante.

- Que direito é êsse a que se referiu Shere Khan? perguntou Mowgli ao ouvido de Bagheera, Parece-me que matar Homem é sempre degradante, A Lei o diz, Hathi, entretanto, deixa entender que.,.

- Pergunta-o a êle, que eu não sei, Irmãozinho. Exista ou não exista êsse direito, se Hathi não tem falado eu daria uma lição ao carniceiro manco. Vir à Roca da Paz inda fresco da morte dum Homem - e gabar-se! Coisa de chacal. E ainda sujou nossa água. . .

Mowgli criou coragem durante um minuto antes de dirigir-se a Hathi; depois perguntou:

- Que direito é êsse a que se referiu Shere Khan, ó Hathi?

Em ambas as margens sua pergunta foi repetida, porque o Povo da Jângal é curioso e todos acabavam de presenciar algo que nenhum, exceto o pensativo Baloo, parecia compreender.

- Trata-se duma velha história, respondeu Hathi, uma história ainda mais velha do que a Jângal. Guardem silêncio que vou contá-la.

Houve durante um minuto ou dois um empurra-empurra entre os cerdos e búfalos. Os chefes dos bandos logo impuseram silêncio.

- Vamos à história, Hathi.

O elefante adiantou-se na direção da Roca da Paz até ter a água pelos joelhos. Apesar de magro, enrugado e surrado como estava, o vulto de Hathi dizia à Jângal quem ele era - o Mais Forte.
- Sabeis, meus filhos, que nada tememos tanto como o Homem, começou êle com as suas primeiras palavras seguidas dum murmúrio de aprovação.
- Isto é contigo, Irmãozinho, sussurrou Bagheera a Mowgli.

- Por que comigo? Pertenço à Alcatéia - sou um simples caçador do Povo Livre, replicou o menino. Que tenho com os homens?

- E sabeis por que tememos o Homem? prosseguiu Hathi. Ouvi-me. No comêço da Jângal - que ninguém sabe quando foi - nós convivíamos harmoniosamente sem que um tivesse mêdo do outro. Sêcas não havia nesse tempo. Flores e fôlhas e frutas acumulavam-se nas árvores - e não nos alimentávamos senão de flôres, fôlhas, frutas e cascas.
- Felizmente não sou dessa era, rosnou Bagheera. Cascas me servem apenas para afiar as unhas.

- E o Senhor da Jângal, continuou Hathi, era Tha, o Primeiro dos Elefantes. Fôra a tromba de Tha que tirara a Jângal do seio profundo das águas. Onde fêz êle brechas no solo com as prêsas, aí surgiram rios; onde afundou a terra com as patas, aí se formaram lagos. Quando Tha soprava - assim - árvores vinham

ao chão. Dêste modo a Jângal se formou, conforme me foi contado.

- E não emagreceu a história ao ser recontada, sussurrou Bagheera, fazendo Mowgli esconder com as mãos um riso.

- Naqueles tempos não existia o milho, nem os melões, nem a pimenta - nem se viam as cabanas que vemos hoje. O Povo da Jângal ignorava o Homem. Constituía uma grande irmandade amiga. Breve, porém, surgiram disputas a respeito de comida, embora a abundância de alimento vegetal desse para todos. Preguiçosos que eram, cada qual queria comer no próprio lugar onde estava, como fazemos hoje quando as chuvas da primavera vêm abundantes. Tha, o Primeiro dos Elefantes, vivia ocupado em criar novas florestas e em abrir leitos para novos rios. Como não pudesse estar ao mesmo tempo em toda a parte, fêz do Primeiro dos Tigres o mestre e juiz da Jângal, ordenando que todos lhe submetessem as suas queixas. Naquele tempo o Primeiro dos Tigres comia ervas e frutas como os demais. Era grande como o sou eu e belo de cor - tinha a côr das trepadeiras amarelas. Nenhuma listra ou pinta manchava a sua pelagem macia. Todos os animais vinham à sua presença sem receio nenhum. Sua palavra fazia lei. Éramos, lembrai-vos, um povo só.

«Certa noite houve disputa entre dois gamos – disputa a respeito de pastagem, como estas de hoje, que se resolvem a coices e chifradas. Os briguentos vieram à presença do Primeiro dos Tigres, que os atendeu de dentro dum tufo de flores. Durante os debates um dos gamos o marrou com o chifre - e, esquecido de que era o juiz, o Tigre lhe quebrou o pescoço com um valente munhecaço.

«Até aquela noite nenhum de nós havia morrido. Desconhecíamos a Morte, e o Primeiro dos Tigres, vendo o que havia feito e sentindo-se alucinado pelo cheiro do sangue, correu a mergulhar-se nos pantanais do Norte. Ficamos sem juiz e as disputas recrudesceram. Tha, ouvindo de longe o barulho da desordem, voltou. Disseram-lhe uns isto, outros disseram-lhe aquilo, mas Tha percebeu o cadáver do gamo no tufo de flores e indagou quem o matara. Ninguém respondeu. Estavam tados endoidecidos pelo cheiro do sangue, a rondar com meneios de cabeça em redor do tufo. Tha, então, deu ordem aos cipós e árvores de galhos baixos que margeiam as trilhas para que marcassem o matador, de modo que pudesse ser sempre reconhecido. Depois disse: «E quem quer agora ser o chefe do Povo?» O Macaco Gris saltou dos galhos onde vivia e respondeu: «Serei êsse chefe». Tha sorriu e disse: «Assim seja» - e retirou-se, suspirando.

«Meus filhos, todos vós conheceis o Macaco Gris, que era então o que hoje é. No comêço havia arranjado uma cara muito sisuda; depois deu de coçar-se e pular. Quando Tha de novo regressou, veio encontrá-lo de cabeça para baixo, pendurado pela cauda num ramo, fazendo micagens para o Povo da Jângal, que por sua vez caçoava dêle. Tinha assim desaparecido a Lei, substituida por palavrório tolo e sem sentido.

«Então Tha nos chamou e disse: «O primeiro chefe que vos dei trouxe a Morte

para a Jângal e o segundo a Derrisão. É tempo de terdes uma Lei que não possa ser quebrada. Será ela o Mêdo. Quando tiverdes encontrado o Mêdo, vereis que é êle realmente o vosso chefe supremo», E então o Povo da Jângal perguntou: «Que é o Mêdo?» E Tha respondeu: «Aprendei-o por vós mesmos. Procurai-o», E então o Povo da Jângal espalhou-se em procura do Mêdo. Certo dia os búfalos...»

- *Ugh!* espirrou Misa, o chefe da manada de búfalos.
- Sim, Misa, os antepassados dos teus búfalos de hoje. Apareceram os búfalos com a notícia de que em tal gruta, no seio da floresta, morava o Medo - uma criatura sem pêlo no corpo e que andava de pé. O Povo da Jângal seguiu de rumo à gruta, em cuja entrada encontraram o Medo, de pé e nu de pêlos, como disseram os búfalos. Assim que nos viu chegar, gritou - e sua voz nos encheu do mesmo medo que hoje nos causa sempre que a ouvimos. Corremos em desabalada fuga porque estávamos com medo, e aquela noite, conforme sei, não nos deitamos sossegados e em comum, como até ali vínhamos fazendo. Separamo-nos por tribos, cerdos dum lado, gamos de outro - chifre com chifre, casco com casco e assim ficou.

«Únicamente o Primeiro dos Tigres lá não fora porque vivia nos pantanais do Norte. Quando soube do que tínhamos encontrado na gruta, disse: «Irei ver essa Coisa nua e lhe quebrarei o pescoço». Disse e fêz. Andou tôda uma noite em procura da covanca, e foi então que as árvores e cipós dos caminhos, atentos às ordens de Tha, o riscaram de listras nas costas, nos flancos, na testa, no focinho. Sempre que esbarrava num galho ou cipó, ficava com uma listra ou pinta nova em sua pelagem amarela. E essas marcas até hoje seus descendentes as usam! Quando alcançou a gruta, Medo, o Pelado, apontou para êle e disse: «O Manchado aí vem!» e o Primeiro dos Tigres teve medo do Pelado e voltou para os pantanais, miando».

Mowgli, mergulhado n'água até o queixo, sorriu.
- Tão alto miava o tigre, que Tha o ouviu e perguntou: «Que mágoa te assalta?» e o Primeiro dos Tigres, com o focinho erguido para o céu novo em folha (este velho céu que temos hoje), exclamou: «Restitui meu antigo poder, ó Tha! Tornei-me malvisto de tôda a Jângal e corri do Pelado, o qual me insoltou de sujo». «E por que?» perguntou Tha. «Porque eu estava todo listrado da lama do pantanal», respondeu o Primeiro dos Tigres. «Sujo de lama? Pois banha-te no rio e rola-te na relva que as listras deixarão tua pelagem», disse Tha. E o Primeiro dos Tigres banhou-se no rio, e rolou na relva até que as árvores da mata começassem a girar em torno dêle, mas nem uma só das listras desapareceu. Tha, que o observava, sorriu. Então o Primeiro dos Tigres disse: «Que faria eu para ficar assim marcado?» E Tha explicou: «Mataste o gamo, soltaste a Morte na Jângal e com a Morte apareceu o Medo, fazendo que os filhos da Jângal se amedrontem uns dos outros e tu te amedrontes do Pelado». O tigre disse: «Os filhos da Jângal não podem ter medo de mim, porque nos conhecemos desde o começo». Tha sorriu: «Verifica isso». E o Primeiro dos Tigres logo verificou que inutilmente chamava pelos cerdos, pelos veados, pelos Sambhurs – todos fugiam ao som da voz do seu antigo chefe e juiz. Tinham medo.

«Então o Primeiro dos Tigres, já com o orgulho quebrado, deu com a cabeça no chão, rompeu a terra com as unhas e exclamou: «Lembra-te, Tha, de que já fui o chefe da Jângal. Não te esqueças de mim, Tha. Faze que meus filhos saibam que já fui amado e ignorante do medo», E Tha disse: «Assim seja, já que tu e eu vimos a Jângal sair do nada. Por uma noite cada ano tudo será para ti e para os teus como antes da morte do gamo. Nessa noite, se encontrares o Pelado – cujo nome é Homem - não terás medo dele. Ele, sim, terá medo de ti, como se fosses o juiz supremo da Jângal e o chefe de todas as coisas, Nessa noite de medo para o Homem, sê generoso com êle, porque já sabes o que o medo é».

«E então o Primeiro dos Tigres respondeu: «Basta. Estou satisfeito». Mas logo depois, indo beber, viu refletirem-se n'água as suas listras e recordou que o Pelado o insultara de sujo. A cólera pô-lo a fremir. Tinha de vingar-se. Voltou aos pantanais, onde passou um ano à espera do que Tha lhe prometera e uma noite, em que a lua se ergueu muito clara, sentiu que a sua Noite era vinda. Tomou então rumo à Gruta do Pelado. Lá tudo aconteceu como Tha predissera, pois que o Homem, tomado de medo, se agachou e o tigre lhe partiu a espinha

com um munhecaço. O Primeiro dos Tigres estava certo de que na Jângal só existia um Pelado e que, matando-o, matava o Medo. Pensava nisso, farejando a vítima, quando Tha se aproximou. Sua voz retumbante vêz-se ouvir. Era esta mesma voz que soou agora...»

Hathi referia-se ao trovão que naquele momento reboara pela morraria ressêca. Riscas de fogo riscavam o céu. Mas não chovia. O Elefante Selvagem prosseguiu:

- Era esta a voz que o Primeiro dos Tigres ouviu, voz que perguntava: «Onde a tua generosidade, ó Tigre? » O Primeiro dos Tigres lambeu os beiços e explicou que apenas matara o Medo. Disse então Tha: «Louco! O que fizeste foi desatar os pés da Morte - e agora a Morte seguirá teus passos até o fim dos fins. Tu acabas de ensinar o Homem a matar!»

«Com a pata ainda sôbre o peito do Pelado inerte, o Primeiro dos Tigres exclamou: «Está imóvel como o gamo que matei! Não existe mais Medo. Posso voltar a ser o juiz da Jângal».

«E Tha disse: «Nunca mais os Filhos da Jângal virão a ti. Nunca mais cruzarão teu carreiro, nem seguirão teus passos, nem dormirão perto de onde dormires, nem pastarão junto à tua caverna. Únicamente o Medo te seguirá - e por meio de golpes que não poderás perceber donde vêm, nem como vem, te dominará. Ele fará o chão abrir-se em mundéus aos teus pés, fará laços de cipó constringirem teu pescoço, fará troncos de árvores se erguerem unidos em redor de ti, cercando-te; por fim tomará tua pele para conchego dos seus filhotes, no tempo frio. Não tiveste piedade do Homem e o Homem
jamais terá dó de ti».

«O Primeiro dos Tigres era valente e, como ainda fosse _ dono da sua Noite, disse: «A promessa de Tha é a promessa de Tha. Terei sempre a minha Noite?»

«E Tha respondeu: «Uma Noite única em cada ano será sempre tua, como já te disse, mas há um preço... Tu ensinaste o Homem a matar. O Homem não é tardo no aprender».

«O Primeiro dos Tigres disse: «Aqui está êle sob minhas patas, com a espinha quebrada. Permite-me, Tha, que toda a Jângal saiba que matei o Medo».

«Tha sorriu e disse; «Tu mataste um entre muitos – mas dize-o tu mesmo à Jângal pois que tua Noite está terminada».

«Veio o dia e logo à boca da gruta apareceu outro Pelado; vendo o morto sobre o qual o tigre pisava, tomou duma longa vara de ponta aguda...»

- Eles lançam agora uma coisa que corta, interrompeu Ikki, o Porco-espinho, que os Gonds, tribo de homens selvagens das redondezas, consideravam bom petisco.

Ikki referia-se à machadinha que os Gonds arremessam de longe, qual relâmpago.

- Era uma vara de ponta cortante, prosseguiu Hathi, como essas que êles colocam hoje na cabeça dos troncos de árvore que descem sobre o nosso corpo quando caímos nos mundéus. E, arremessando-a, aquêle segundo Pelado feriu o Primeiro dos Tigres no flanco. O Primeiro dos Tigres correu como um doido pela Jângal até que a vara se quebrasse - e os filhos da Jângal ficaram conhecendo que os Pelados sabiam ferir de longe - e mais ainda o temeram daí por diante. Dêsse modo, meus filhos, o tigre número um foi quem ensinou o Homem a matar - e sabeis que calamidade para nós começou a ser isso – essa ciência, essas pontas cortantes, êsses mundéus, a vara aguda que vem sibilando e a mosca terrível que nasce ao longe dentro duma fumacinha branca (Hathi referia-se à bala). E também a Flor Vermelha que nos tange para onde êles querem (Hathi referia-se ao fogo). Entretanto, por uma noite única em cada ano, o Pelado teme o tigre, como Tha prometera, e jamais o tigre fêz algo que amortecesse tal temor. Onde o tigre encontra o Homem, aí o mata - ou morre. E o Medo circula pela Jângal, de dia e de noite.

- *Ahi! Aoo!* gemeu um veado que sabia muito bem daquilo.

- E unicamente quando um Medo imenso paira sobre todos nós, como agora, é que os filhos da Jângal esquecem o medo comum e se reúnem como estamos reunidos.
- Por uma noite só em cada ano teme o Homem ao Tigre? perguntou Mowgli.
- Por uma noite só, respondeu Hathi.
- Mas sei - como tôda a Jângal sabe - que Shere Khan mata dois, três homens cada lua!...
- Sim. Mas à traição e fechando os olhos quando fere - de medo. Se o Homem lhe olhasse firme nos olhos, Shere Khan fugiria. Na sua Noite, porém, êle penetra abertamente nas aldeias, corre-lhe as ruas, mete a cabeça pelas portas - e o Homem, apavorado, deixa-se matar de frente.
- Oh! exclamou Mowgli para si mesmo, espalhando-se n'água. «Agora» percebo porque Shere Khan me mandou que olhasse para êle! Queria ver, queria experimentar se suportava meus olhos, se eu não caía por terra dominado pelo seu olhar... Mas nesse caso não sou Homem - pertenço mesmo ao Povo Livre.
- *Umm!* roncou Bagheera para dentro da garganta. Sabe o Tigre quando é a sua Noite?

- Nunca o sabe, senão quando o Chacal da Lua aparece claro na neblina noturna. Isso sucede às vêzes pelo verão, outras vêzes durante as chuvas. É a Noite do Tigre. Mas se não fosse o Primeiro dos Tigres, nada teria acontecido – e nenhum de nós jamais conheceria o medo.

Os veados suspiraram, e Bagheera encrispou o beiço num sorriso mau.

- Conhecem os homens esta história? perguntou ela.
- Ninguém a conhece, exceto os tigres e nós, os elefantes descendentes de

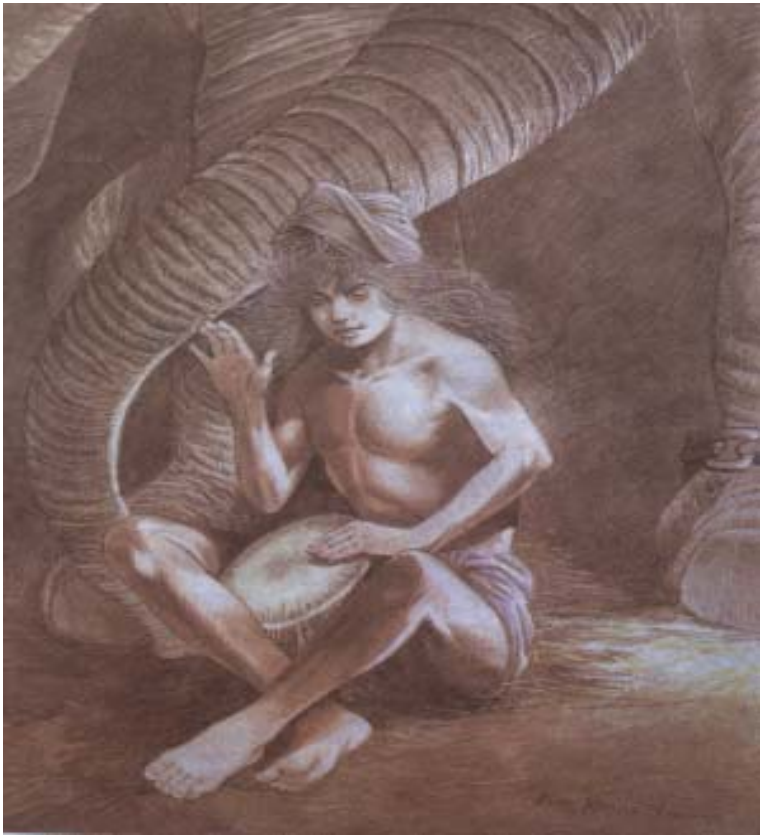
Tha. Agora vós todos a conheceis.

Hathi mergulhou a tromba n'água como sinal de que tinha dito tudo.

- Mas, mas, mas... começou Mowgli virando-se para Baloo... por que não continuou o Primeiro dos Tigres a alimentar-se de folhas de árvore e ervas rasteiras? Ele apenas quebrou o pescoço do gamo - não o «comeu». Que foi que o levou à carne?

- As árvores e cipós haviam-no marcado, Irmãozinho, haviam-no transformado nesse tapete de listras que vemos hoje. Por isso o tigre evitou dali por diante alimentar-se de folhas, e vinga-se de tais plantas nos veados e outros comedores de ervas, explicou o urso.
- Oh, também conheces a história, Baloo!... Por que nunca ma contaste?

- A Jângal está cheia de histórias como esta. Se me pusesse a contá-las todas, não faria outra coisa. Vamos! Larga da minha orelha, Irmãozinho!



## Lei da Jângal

*Aqui está exposta agora a Lei da Jângal*
*Antiga como o céu e como o céu tão vera.*
*O Lobo que a transgrido por certo sucumbe.*
*O Lobo que a respeita por certo prospera.*

*A Lei vai para trás e para diante*
*Como em torno do tronco, a se enroscar, a liana.*
*Ouve: A força do grupo reside no Lobo,*
*Como a força do Lobo do grupo dimana.*
*Lava-te cada dia, da cauda ao focinho,*
*Bebe. Sacia a sede mas sem abusar.*
*E não olvides nunca: O dia é para o sono*
*E as noites foram feitas para se caçar.*

*O Chacal segue, o tigre, mas tu, Lobozinho,*
*Mal te crescerem os bigodes com vigor,*
*Apenas poderás confiar em ti mesmo,*
*Lembra-te bem: O Lobo é sempre caçador.*

*Estejas sempre em paz com os senhores da jângal,*
*Com o urso, com a pantera, com o Tigre feroz.*
*Não zombarás do porco na sua guarida,*
*Nem turbarás Hathi, o que perdeu a voz.*

*Se duas alcatéias se encontram na jângal,*
*E nenhuma das duas cogita ceder,*
*Espera em calma que confabulem os chefes,*
*Pode o termo cortês prevalecer.*

*Quando tu combateres com um Lobo do Clã*
*Seja bem num lugar distanciado e escondido*
*Para que outros não entrem no conflito*
*E fique o grupo pela guerra diminuído.*

*O antro do Lobo há de ser seu refúgio*
*E quando ele o escolher para seguro lar*
*A êle não poderá ir nem mesmo o Conselho*
*Nem o chefe dos Lobos nele pode entrar.*

*O antro do Lobo há de ser seu refúgio,*
*Se ele estiver acaso demasiado exposto,*
*Mandará o Conselho uma mensagem*
*E mudarás de abrigo mesmo a contragosto,*
*Se a caça for antes da meia-noite,*
*Tu não acordarás a mata com os gritos.*
*Deixarias então os teus irmãos jejunos,*
*Deixarias então os galheiros aflitos.*

*Matarás para ti e para a prole*
*Tanto quanto precisem e fores capaz.*
*Mas nunca mates pelo prazer de matar,*
*E, sete vêzes, o homem sempre pouparás,*

*Podes tomar a prêsa de alguém mais pequeno,*
*Teu orgulho porém exaltado não cresça.*
*Também o humilde tem direito na alcatéia,*
*Deixa-lhe então o couro assim como a cabeça.*

*A caça da alcatéia pertence à alcatéia.*
*Bem onde ela estiver será comida.*
*Ninguém pode levar desta carne ao seu fojo*
*Sob risco de poder até perder a vida!*

*Mas a caça do Lobo só o Lobo come,*
*Fará com ela o que muito bem enteder*
*E só pode a alcatéia comer desta caça*
*Se tiver nisto o Lobo algum prazer.*

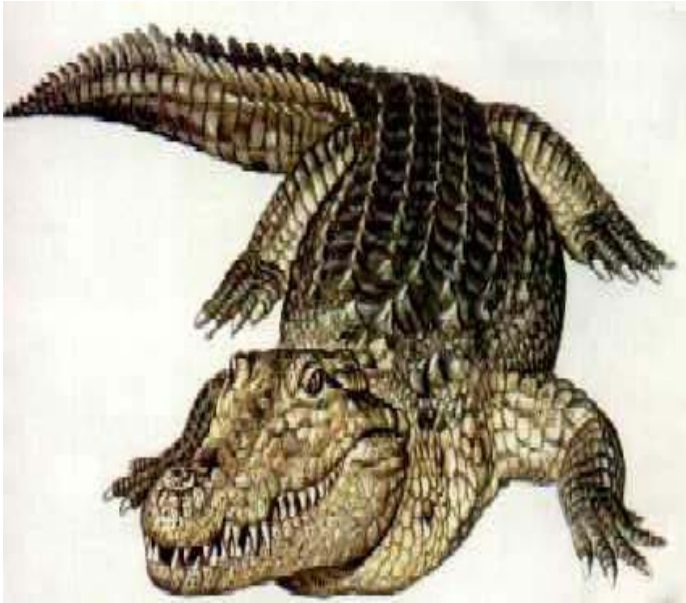
*Os filhotes também tem seu direito,*
*E dos membros do grupo podem reclamar*
*A parte que lhes cabe; e com certeza*
*Não haverá quem vá lhes recusar.*

*Há também o direito do covil.*
*Pertence à mãe, que pode reclamar*
*A anca de cada presa; e certamente*
*Não haverá quem vá lhe recusar.*

*O direito do fojo é um direito do Pai;*
*De caçar para si e os seus. Porém*
*Só pode ser julgado pelo Grão-Conselho*
*Não devendo ligar no Clã a mais ninguém.*

*E por causa de sua idade e sua astúcia,*
*Por seu pêso e por suas garras incisivas,*
*Onde esta lei da jângal for omissa,*
*As palavras do chefe serão decisivas.*

*Enfim são estas as Leis numerosas*
*Da Jângal. E potentes elas soem ser.*
*Mas a cabeça e o casco desta Lei e a anca*
*E a bossa estão numa palavra: Obedecer.*



# JACALA, O CROCODILO

Quando disserdes a Tabaqui, “Irmão!”, e Eis
nossa caça” à Hiena
Com Jacala, o ventre que corre sobre quatro
patas, fareis trégua plena.

Lei da Jângal

- Respeito aos velhos!

Era uma voz espêssa que dava calafrios - voz de lama - voz semelhante a qualquer coisa mole que se abre em dois pedaços. Havia nela em trêmulo de crocito e uivo.

- Respeito aos velhos! Ó Companheiros do Rio, respeito aos velhos!

Nada se via sôbre o espelho líquido, senão os batelões de velas quadradas, cheios de pedra, que acabavam de passar sob a ponte da estrada de ferro e seguiam águas abaixo. Tinham os rudes lemes erguidos para evitar os bancos de areia formados pelo impedimento dos pilares; ao passarem, três em linha, a horrível voz recomeçou:

- Ò Brâmanes do Rio, respeito aos velhos e doentes!

Um barqueiro, sentado no alcatrate, voltou o rosto; sua mão ergueu-se para acentuar uma blasfêmia - e os barcos afastaram-se na tarde que caía. A ampla caudal indiana, mais semelhante a um rosário de lagoas do que a um rio, estava lisa como um cristal; no centro refletia-se o céu avermelhado e junto às margens o tom era amarelo sombrio.

Pequenos riachos que na estação chuvosa para ela fluem estavam agora secos. Cada foz era uma bôca aberta acima da linha d'água. Sôbre a margem esquerda e quase debaixo da ponte via-se uma aldeia de palhoças, cuja rua principal vinha ter ao rio, acabando numa espécie de molhe de tijolo com degraus, a serviço de quem descia a utilizar-se da água. Era ali o Ghaut(1) da aldeia de Mugger-Ghaut.

A noite caía rápida sobre as roças de arroz, de lentilhas e algodão, cultivadas nas várzeas que o rio todos os anos inundava. Papagaios e corvos, que haviam estado taralhando e crocitando à tarde nos bebedouros, internavam-se agora nas matas, para o pouso, recruzando nos ares com batalhões de morcegos em comêço de revôo; e nuvens e nuvens de aves aquáticas vinham gralhantes abrigar-se dentro das tabuas. Gansos cerzetas, adens, tadomas, curicacas e, aqui e ali, um flamingo.

Atrás de todos voava um moroso Grou, lerdo como se cada movimento de asas fôsse o último.

- Respeito aos velhos! Brâmanes do Rio, respeito aos velhos!

O Grou voltou a cabeça, guinou na direção da voz e veio pousar na barra de areia, debaixo da ponte. Fácil perceber que patifão estava ali. Visto de costas parecia imensamente respeitável, alto de seis pés e dando a idéia duma pessoa calva.

De frente mudava, porque a cabeça e o pescoço não possuíam uma só pena; em vez de penas, um horrível saco de pele rugosa, à guisa de papo, onde guardava tudo quanto seu bico enorme conseguia apanhar. As pernas tinha-as compridas, magras e sêcas, embora se movessem com delicadeza. Talvez por isso as olhasse com orgulho, cada vez que com o bico arrumava as penas da cauda côr de cinza.

Um sarnento Chacal, que estivera a uivar sua fome numa elevação do terreno, aprumou orelhas e cauda e veio juntar-se ao Grou.

Era o mais baixo da sua casta - não que o mais nobre dos chacais valha alguma coisa, mas aquêle não passava dum misto de mendigo e bandido, simples fossador de monturos, eternamente esfaimado e cheio de manhas que nunca lhe renderam nada.

- *Ugb!* exclamou sacudindo-se tristemente ao chegar. Que a sarna destrua todos os cães da aldeia! Tenho pelo corpo

***(1) Escadaria que nas cidades fluviais da índia desce até o rio, para comodidade dos banhistas e das lavadeiras.***

tantas mordidas quanto pulgas, e tudo só porque olhei - olhei, hem? - para um sapato velho que vi junto à cêrca dum curral. Mas, afinal de contas, posso lá viver de lama? e o triste Chacal coçou-se atrás da orelha.

- Ouvi dizer, respondeu o Grou na sua voz de seria grossa a serrar tábua espêssa, que havia um cachorrinho recém-nascido dentro dêsse sapato...

- Ouvi dizer é uma coisa, ser é outra, replicou o Chacal, muito sabido em provérbios pilhados à conversa dos homens.

- Verdade, verdade. E tanto que tornei a meu cargo esse cachorrinho num momento em que os pais andavam longe, muito ocupados.

- *Muito* ocupados, sim, disse o Chacal, e por causa disso não posso durante certo tempo voltar aos meus lambiscos pela aldeia. Com que então havia um cachorrinho de olhos fechados naquele sapato, hein?

- E está aqui êle, respondeu o Grou batendo com o longo bico no papo. Uma coisinha de nada, mas aceitável, por êstes tempos de caridade curta.

- Ai! O mundo anda agora de coração de pedra, lamentou o Chacal - e nesse momento os seus olhos vivos perceberam um tremor na superfície das águas, o que fêz dizer depressa e alto: A vida é dura para todos nós, e -não duvido que até o nosso grande chefe, o Orgulho de Ghaut e a Inveja do Rio...

- Um mentiroso, um bajulador e um chacal foram abocados no mesmo ôvo, interrompeu o Grou, não se referindo a ninguém em particular, porque também era um hábil mentiroso, quando preciso.

- Sim, a Inveja do Rio, repetiu o Chacal erguendo a voz. Até ele sabe que depois da ponte construída o alimento se tornou escasso. Mas, por outro lado, embora eu de nenhum modo lho diga na cara, êle é tão sábio e virtuoso como...

- Quando um Chacal confessa que é pardo, quão negro deve ser! murmurou o Grou, que não percebera quem, vinha aproximando-se.

- Que a carne nunca lhe falta e que...

Ouviu-se um marulho n'água, como se um bote houvesse abicado. O Chacal girou nos pés e deu de frente com a criatura sobre a qual falava. Era um crocodilo de vinte e quatro pés de comprido, encastoado numa como chapa de caldeira cheia de rebites, com quilha e cristas serrilhadas; as pontas amarelas da dentuça franjavam sinistramente sua afilada maxila inferior. Era o Mugger de

Mugger-Ghaut, de nariz rombo, mais velho que qualquer ancião da aldeia e tão antigo ali que havia dado nome ao povoado; o verdadeiro demônio daquelas águas antes da construção da ponte - carniceiro comedor de homens e ao mesmo tempo fetiche local. Quedou-se, ao chegar, com o focinho na areia, mostrando-se dentro d'água por um quase imperceptível movimento de cauda. O Chacal sabia que um golpe daquela cauda era o bastante para projetá-lo sôbre o sêco da praia com a violência duma máquina a vapor.

- Bem-vindo seja o Protetor dos Pobres! começou êle, curvando-se a cada palavra. Uma deleitosa voz foi por mim ouvida e cá vim na esperança duma agradável prática. Minha ousadia levou-me, enquanto esperava, a falar de ti, mas estou certo de que nada do que eu disse foi ouvido.

Mentira. O Chacal falara justamente para ser ouvido, porque sabia que a lisonja era o melhor meio de apanhar coisas de comer; também o Mugger sabia que o Chacal falara só com aquêle fim; e o Chacal sabia que o Mugger sabia que o Chacal sabia - de modo que todos estavam muito contentes consigo mesmos.

O velho bruto de nôvo grunhiu no banco de areia «Respeito aos velhos e doentes!» e seus olhos pequenos arderam como brasas sob as córneas sobrancelhas da cabeça triangular, entalada entre as decrépitas pernas dianteiras; em seguida imobilizou-se. Acostumado como estava o Chacal àqueles modos, nem por isso deixou de admirar-se, pela centésima vez da habilidade com que o Mugger imitava um velho tronco de pau encalhado na areia. O crocodilo tivera até o cuidado de colocar-se no ângulo exato que faz na correnteza um tronco que abica. Tudo por fôrça do hábito, está claro, porque o Mugger tinha vindo à praia apenas por desfastio, não para prear; mas um crocodilo nunca se sente completamente farto, e se o Chacal não se mantivesse sempre em guarda, não estaria àquela hora a filosofar sôbre o caso.

- Meu filho, nada ouvi, disse o Mugger fechando um dos olhos. A água tapava meus ouvidos e além disso eu ando a desfalecer de fome. Desde que a ponte foi construída o povo desta minha aldeia deixou de venerar-me - e isto me rompe o coração.

- Que desgraça! murmurou o Chacal. Um tão nobre coração! Mas os homens sempre foram isso mesmo, ao que penso. Todos iguais.

- Não, ao contrário, os homens apresentam grandes diferenças, contestou o Mugger. Alguns são magros coma estacas de amarrar botes. Outros são gordos como jovens chac...digo jovens cães. Nunca detratarei sem motivo os homens. Há-os de todos os jeitos; mas os anos me têm mostrado que, uns pelos outros, são muito boas criaturas. Homens, mulheres e crianças - não tenho queixa dêles. Lembra-te, filho, que quem detrata o Mundo, pelo Mundo será detratado.

- A lisonja é pior do que lata velha no estômago, mas isto que acabo de ouvir vale por sabedoria pura, disse o Grou, avançando um pé.

- Espera, amigo. Considera, por exemplo, a ingratidão dos homens para com esta excelente criatura, defendeu-se o Chacal com voz enternecida.

- Nada disso. Nada de ingratidão, contraveio o Mugger. Eles não pensam como nós outros, eis tudo. Mas tenho notado, do meu ponto de estacionamento neste rio, que. os degraus da nova ponte são terrivelmente difíceis de galgar, tanto para os velhos como para os moços. Os velhos vá lá que não mereçam consideração, mas sinto-me deveras chocado - realmente chocado - por causa das crianças gorduchas. Por isso julgo que logo que a ponte deixar de ser novidade veremos de novo a minha brava gente de pés descalços atravessar o rio a vau, como outrora. E então o velho Mugger será honrado novamente.

- Entretanto eu vi esta tarde grinaldas de malmequeres flutuando no Ghaut, advertiu o Grou.

Em tôda a Índia grinaldas de malmequeres significam reverência.

- Erro, erro puro. Trata-se da mulher do vendedor de doces. Ela está perdendo a vista e já não distingue entre um pedaço de pau e mim - eu o Mugger do Ghaut! Observei isso quando jogou a grinalda, porque eu estava bem perto já - e se ela desse mais um passo eu poderia mostrar-lhe minha diferença dum pau. Todavia, sua intenção era boa e temos de atender ao espírito das oferendas,

- De que servem grinaldas de malmequeres quando a gente está já no monte de lixo? disse o Chacal, coçando as pulgas, mas sempre alerta e conservando de olho o Protetor dos Pobres.

- Sim, mas o monte de lixo em que serei lançado ainda não começou a formar-se. Cinco vêzes já vi o rio afastar-se da aldeia e deixar terra nova no extremo da rua. Cinco vêzes vi a aldeia reconstruída, e ainda verei reconstruírem-na outras tantas. Não sou nenhum indigno Gavial (1) comedor de peixe, «hoje em Kase, amanhã em Prayag», como diz o ditado, mas sim o verdadeiro e constante guardião do rio nesta passagem. Não é à toa que a aldeia traz o meu nome - e «quem espera sempre alcança», como diz o ditado.

- Eu tenho esperado tôda a minha vida e, a não serem mordeduras e pauladas, nada alcancei, suspirou o Chacal.

- Ho! ho! ho! gargalhou o Grou.

Nasceu o chacal em agôsto;
Caem as chuvas em setembro;
Disse: Na vida, de um dilúvio
Assim, meu Deus, eu não me lembro.

Há uma peculiaridade desagradável no Grou. Costuma ser atacado de cãibras nas pernas e, embora seja o mais virtuoso da respeitabilíssima família dos bicancas, mete-se a dançar danças de guerreiro inválido, com as asas semi-abertas e a cabeça indo e vindo, tendo o cuidado de ritmar os seus piores ataques com as suas mais cruéis observações. Assim fêz êle ao dar aquela resposta, e logo que a concluiu aquietou-se, ficando dez vêzes mais grou do que antes.

O Chacal remexeu-se apenas, embora já fôsse adulto, porque não há ressentir ofensa duma pessoa com bico de meio metro e força para lançá-lo que nem um dardo. O Grou era notoriamente covarde; o Chacal, mais ainda.

- Temos que viver para aprender, disse o Mugger, e isto significa que pequenos chacais nada valem, mas um mugger

**(1) Variedade de crocodilo do Ganges e outros rios da índia, que só sc alimenta de peixe.**

como eu é raro. Entretanto, não sou orgulhoso, porque sei que o orgulho conduz à destruição; é Fado, e contra seu Fado ninguém que caminha, nada ou voa pode rebelar-se. Estou contente do meu Fado. Com boa sorte, bons olhos e o hábito de verificar, antes de nela meter-nos, se uma enseada ou água represada tem boa saída, muita coisa pode ser feita.

- Já ouvi contar que mesmo o Protetor dos Pobres já cometeu um êrro, disse com perversidade o Chacal.

- E é verdade; mas ainda aí o Fado ajudou-me. Foi antes de haver atingido o meu completo desenvolvimento - três anos para lá da última fome. (Pela Direita

e Esquerda do Gunga, como os rios se encheram por êsse tempo!) Sim, eu era moço e leviano, e ninguém pulou tanto de alegria como eu, ante aquêle dilúvio. A aldeia ficou afundada em lama, o que me fêz nadar pelo Ghaut acima e entrar pelas terras arrozeiras, também cobertas de lama. Lembro-me dum par de braceletes de vidro que encontrei certa tarde. De vidro sim; e, se a memória não me falha, junto também encontrei um par de sapatos. Eu devia ter sacado fora êsses sapatos, mas a fome não me deixou. Mas tarde compreendi o êrro. Sim. Enchi o estômago e fiquei em repouso; depois, quando me preparava para voltar ao rio, as águas da enchente haviam descido de modo a permitir-me caminhar pela rua principal da aldeia, um lameiro. Quem faria isso senão eu? A minha gente foi chegando, sacerdotes, mulheres e crianças, e para todos olhei com benevolência. Não é boa arena para lutar, o lameiro. Um remador disse: «Tragam machados e matem-no! Este é o Mugger que vive no Ghaut». Um brâmane protestou: «Não, não o matem! Ele vai levando daqui a inundação! É o deus protetor da aldeia». Então aquela boa gente me cobriu de flôres, e uma criatura teve a feliz lembrança de pôr-me uma cabra ao alcance do focinho.

- Que bom.., que bom manjar é uma cabra! exclamou o Chacal, remexendo-se.

- Muito peluda; e, quando lançada à água do rio, costuma ter dentro um grande anzol em forma de cruz. Mas aceitei a oferenda e continuei meu caminho rumo ao Ghaut, sempre com muitas honras. Mais tarde o meu bom Destino pôs-me nos dentes o remador que quis picar minha cauda a machado.Seu bote revirou numa velha corredeira que já existiu dêstes lados; os amigos não podem lembrar-se.

- Nem todos aqui somos chacais, disse o Grou, que é  ave de vida longa. Não era uma corredeira onde os batelões de carregar pedra naufragaram no ano da grande sêca? Uma comprida corredeira que durou por três inundações?

- Havia duas, Explicou o Mugger; uma brava e uma rasa.

- É verdade, lembro-me agora. Um canal as dividia, um canal que já secou, disse o Grou, com orgulho da sua boa memória.

- Na corredeira rasa o bote do meu caro remador foi a pique. Estava êle dormitando à proa, e foi estremunhado que entrou n'água até a cintura - não, até os joelhos apenas - para puxar o bote. O bote obedeceu ao empuxão e deixou-se arrastar na direção dum esteio fincado na margem. Eu segui a manobra, certo de que mais homens viriam ajudá-lo a meter em terra o bote.

- E vieram? perguntou o Chacal ansioso, pois que aquilo lhe cheirava a caçada gorda.

- Vieram, e mais abaixo meteram-se n'água. Coloquei-me em boa posição, de

modo que colhi três num dia - três bem fornidos *manjis* (bateleiros) e com exceção do último nenhum soltou um só grito de alarma - mas o último pouco se me dava que berrasse ou não.

- Ah, o nobre esporte! Mas que grande habilidade e tática exige! murmurou o Chacal.

- Não habilidade, menino, apenas reflexão. Um pouco de reflexão na vida é como sal no arroz, dizem os bateleiros - e eu nunca deixo de refletir muito. O Gavial, meu primo comedor de peixe, contou-me o quanto lhe custa seguir suas prêsas de escama, e como tem necessidade de as conhecer a tôdas, em conjunto e uma por uma. Isto, afirmo eu, é sabedoria; mas por outro lado meu primo Gavial vive entre gentes da sua própria espécie, os aquáticos. Já a *minha* gente aqui não nada em cardumes, com a bôca fora d'água como faz Rewa; nem sobe à tona d'água, como Mohoo e o pequenino Chapta; nem se reúne nas corredeiras depois das enxurradas, como Batchua e Chilwa.
- Todos são muito bons petiscos, disse o Grou, estalando a bicanca, à lembrança dos peixes citados.

- É o que diz o primo, fazendo barulho dessas caçadas; mas essa caça não salta fora do rio a fim de lhe escapar à bocarra de dentes agudos. Meu povo é diferente. Vive em terra, dentro de casas, rodeado de bois e cabras e aves. Eu tenho de estudar o que êles fazem e adivinhar o que vão fazer; e «somando a cauda com o corpo formo o elefante», como diz o ditado. Estão um ramo verde e um anel de ferro pendurados duma porta? O velho Mugger *sabe* que naquela casa um menino acaba de nascer e um dia virá brincar nas águas do Ghaut. Vai casar-se uma virgem? O velho Mugger *sabe*, porque vê homens entrando com presentes; e também *sabe* que a noiva aparecerá no Ghaut para o banho do ritual - e o Mugger fica de tocaia. Muda o rio seus canais e nova terra se forma onde antes era só areia? O Mugger *sabe*.

- E para que serve êste último conhecimento? perguntou o Chacal, O rio tem mudado até durante o curso da minha vida tão breve.

Os rios da Índia estão sempre a mudar de leito, às vêzes por duas ou três milhas numa só estação - inundando os campos de uma das margens e espalhando bom húmus sôbre a terra.

- Não há conhecimento mais proveitoso, respondeu o Mugger, porque terras novas querem dizer novas disputas. O Mugger sabe. Ohi! o Mugger sabe. Logo que as águas se drenem, formam-se erosões onde os homens julgam que nem um cachorro poderá esconder-se - e nelas o Mugger se oculta. Aparece então um lavrador dizendo que vai plantar abóbora ali e melões acolá, por tôda terra nova que o rio criou. E cavoca o solo com o dedão do pé. Depois aparece outro, dizendo que vai plantar ali cebolas e cenouras, e acolá cana-de-açúcar. E reúnem-se no lugar lavradores, como os botes que derivam ao léu e se reúnem

nos remansos, e por debaixo dos grandes turbantes azuis seus olhos fuzilam faíscas uns contra os outros. O velho Mugger vê e escuta. Os homens chamam-se mútuamente «Irmãos» e metem-se a fincar marcos na terra nova. O Mugger os segue por toda a parte, quietinho dentro da lama. Súbito, irrompe a briga! Explodem palavras de fogo! Agora, sacam os turbantes! Agora, erguem no ar os *lathis* (porretes) e por fim cai um na lama, enquanto os outros fogem. Quando voltam, não há mais disputa e, no entanto, nenhum se lembra de agradacer ao velho Mugger. Não! Metem-se a gritar «Mataram-no!» e suas famílias engalfinham-se em luta, vinte de cada lado. *Minha* gente é boa gente - Jats das montanhas Malwais do Bêt. Nunca dão bordoada por esporte, e quando a luta chega ao fim o velho Mugger os espera lá embaixo do rio, fora das vistas da aldeia, atrás dum tufo de *kikar*. E então êles se aproximam, os meus entroncados Jats - oito ou nove juntos, a trazerem o morto numa rede. São homens velhos, de grandes barbas e voz profunda qual a minha. Acendem pequenas fogueiras - ah! como eu conheço essas fogueiras! - fumam e meneiam as cabeças, voltados para o morto. Murmuram que a Lei Inglêsa breve virá tomar conta do caso, com uma corda, e que tal ou tal família se verá envergonhada porque tal ou tal homem terá de ser enforcado no pátio grande da cadeia. Depois dizem aos amigos do morto: «Deixá-lo enforcar», e a conversa repete-se vinte vêzes durante a noite. Por fim um dêles diz: «Foi uma luta leal. Cobremos pelo nosso silêncio um pouco mais do que a lei oferece pela captura do criminoso, e calemo-nos». E então debatem o preço do silêncio, porque o morto era homem forte, de muitos filhos. E antes da aurora êles chegam fogo

ao homem, como é costume, e depois o passam para mim, silenciando a respeito. Ah! meus filhos, o Mugger sabe - o Mugger sabe - e meus Malvah Jats são boa gente.

- Muito avarentos, crocitou o Grou. «Não perdem nem o brilho do chifre da vaca», diz o ditado; e quem lá pode respigar atrás dum Malwai?

- Ah!, eu - eu os respigo, a *eles!* disse o Mugger.

- Antigamente, em Calcutá do Sul, muita coisa era atirada às ruas, na qual eu bicava e escolhia, ajuntou o Grou. Bons tempos! Hoje, porém, êles conservam as ruas tão limpas como o lado de fora dum ovo - e minha gente passa de largo. Ser limpo é uma coisa; mas espanejar o pó, varrer e borrifar água sete vêzes ao dia, enfraquece os próprios deuses.

- Alguém certa vez me disse que em Calcutá do Sul todos os chacais eram gordos como lontras na estação das águas, lembrou o Chacal com água na boca.

- Ah, mas os caras-brancas estão lá hoje - os inglêses, que trazem cães não sei donde - canzarrões gordos - a fim de conservar os chacais em eterno estado de magreza, disse o Grou. .

- São êles, nesse caso, gente má como a daqui? É sempre assim, bem sei. Terra, céu ou água - nada tem caridade para com o chacal. Na barraca dum cara-branca, na estação passada, logo após as chuvas, pude apanhar umas rédeas para comer. Os caras-brancas não tratam o couro da boa maneira. Essas rédeas puseram-me bastante doente.

- Isso foi melhor que o que me aconteceu, disse o Grou. Quando entrei na minha terceira estação e era uma jovem e valente ave, fui ter ao rio onde navegavam os grandes barcos. Os barcos dos inglêses são três vêzes maiores que esta aldeia.

- E chegou até Delhi e viu lá todo o povo caminhando com a cabeça para baixo, murmurou ironicamente o Chacal, fazendo o Mugger abrir os olhos e enfitá-los atentamente no Grou.

- É verdade, sim, continuou êste. Um mentiroso mente apenas quando espera ser crido. Ninguém que não tenha visto êsses barcos pode acreditar que sejam como digo.
- Isso me parece mais razoável, disse o Mugger. E depois?

- De dentro dos grandes barcos estavam descarregando enormes blocos duma coisa branca que, passados uns instantes, virava água. Muitos dêsses blocos caíam na praia aos pedaços, mas a maior parte era rapidamente metida numa

casa de paredes espêssas. Um marinheiro, que se ria, tomou um pedaço não maior que um cachorro pequeno e lançou-o do meu lado. Eu e como eu toda a raça dos grous - tenho o hábito de comer sem refletir, gulosamente - e traguei a tal coisa. Imediatamente me vi torturado, por um frio horrível, que começou na garganta e se estendeu até à ponta dos meus dedos, privando-me da voz e fazendo o marinheiro rir-se ainda mais. Nunca senti tanto frio. Espinoteei e dancei e urrei contra as falsidades do mundo - e o marinheiro rolou no chão de tanto rir. O mais espantoso do caso é que, apesar daquela horrível frialdade, não senti mais nada no meu papo quando parei de lamentar-me.

O Grou tinha feito o melhor possível para descrever as sensações que lhe dera o engolimento dum pedaço de gelo do lago Wenham, trazido por um barco americano, isso antes de Calcutá possuir fábricas de gelo; mas como o Chacal não sabia o que era gelo e o Mugger muito menos, a história não interessou a nenhum.

- *Tudo* é possível, disse o Mugger fechando de novo o olho esquerdo. Tudo pode sair dum barco três vêzes maior do que o Mugger Ghaut. Nunca supus que minha aldeia fôsse tão pequena. . .

Um silvo soou em cima da ponte e o Expresso para Delhi passou, com os carros cheios de luz e sua sombra a segui-lo fielmente por cima das águas. Logo depois mergulhou nas trevas; mas o Mugger e o Chacal estavam de tal modo afeitos àquele espetáculo que nem sequer moveram a cabeça.

- Achas aquilo menos espantoso que um bote três vêzes maior que o Mugger Ghaut? perguntou o Grou com os olhos na ponte.

- Vi construírem-na, meu filho, disse o Mugger. Pedra a pedra vi erguerem-se os pilares e quando os homens caíam de cima (eram admiráveis de firmeza nos pés, mas às vêzes caía um ) eu os aparava embaixo. Depois de erguido o primeiro pilar os homens já não olhavam para o corpo que caía, com aquela idéia de o queimarem. Eu poupava-lhes êsse trabalho. Nada aconteceu de estranho durante a construção dessa ponte.

- Mas isso que corre por cima dela, puxando os carros cobertos? Isso é estranho, opinou o Grou.

- Não passa, sem dúvida nenhuma, de certa raça nova de touros. Qualquer dia perde o pé e cai, como acontecia aos homens - e o velho Mugger estará cá embaixo à espera.

O Chacal olhou para o Grou e o Grou olhou para o Chacal. Se de algo estavam certos era de que a coisa que passava sôbre a ponte poderia ser tudo, menos um touro de nova espécie. O Chacal a havia observado várias vêzes, escondido atrás das cêrcas de aloés que ficam do lado da linha, e o Grou tinha

visto trens desde o primeiro que correu na Índia. Mas o Mugger só o vira de baixo e tomava o cocoruto de latão polido pela corcova de um touro zebu.

- Sim, uma nova qualidade de touro, repetiu gravemente o Mugger para reafirmar-se naquela certeza - e o Chacal concordou que, sem dúvida nenhuma, era mesmo um touro. E também pode ser um... continuou o Mugger com ironia.

- Sem dúvida nenhuma, sem dúvida nenhuma, interrompeu o Chacal, sem esperar que o crocodilo terminasse.

- Sem dúvida nenhuma o quê? interpelou o Mugger colérico, não podendo admitir que alguém soubesse mais do que êle. Pode ser o quê? Eu disse que era um touro.
- Será tudo o que o Protetor dos Pobres quiser. Sou um humilde servo do amigo Mugger e não dessa coisa barulhenta que atravessa a ponte.

- Seja lá o que fôr, é obra dos caras-brancas, observou o Grou, e, quanto a mim, jamais farei ponto em lugar muito próximo de sua passagem, como é esta margem do rio.

- Tu não conheces os inglêses como eu, disse o Mugger. Havia um cara-branca por aqui, durante a construção da ponte, que costumava tomar o bote à tarde, mover-se nêle dum lado para outro, perguntando: «Estará aqui? Estará lá? Dêem-me a carabina». Eu ouvia-o antes de poder vê-lo - e ouvia todos os mais sons dêsse cara-branca, a armar e desarmar a espingarda, rio abaixo e rio acima. Tão certo como haver eu apanhado um dos seus homens e dêsse modo ter evitado que gastassem lenha em queimar-lhe o corpo, era a certeza de vê-lo pelo rio, aos gritos de que me caçaria e libertaria o Ghaut da minha presença - a mim, o Mugger de Mugger-Ghaut! Eu, meus filhos, nadava debaixo daquele bote por horas e horas, e ouvia-o dar tiros contra pedaços de pau; e ao perceber que êle já estava cansado, eu aparecia de improviso a um dos lados do bote, abrindo a goela em sua cara. Depois que a ponte se concluiu, êsse homem desapareceu. Todos os inglêses caçam dessa maneira exceto quando são caçados.

- Quem caçará os caras-brancas? latiu o Chacal excitadamente.

- Ninguém, agora; mas já os cacei, no meu tempo.

- Lembro-me alguma coisa dessa caçada, disse o Grou batendo a bicanca de modo significativo.

- Eu me achava bem estabelecido aqui, continuou o Mugger. Pela terceira vez, esta minha aldeia andava em reconstrução, lembra-me como se fôsse ontem! quando meu primo Gavial veio contar de águas muito ricas, acima de Benares. Não fiz caso, porque meu primo, que é um simples comedor de peixe, não

sabe distinguir entre o bom e o ruim; mas entreouvindo à noite conversas da minha gente sôbre o assunto convenci-me de que era verdade.

- E que é que a tua gente dizia? perguntou o Chacal.

- Dizia o bastante para induzir-me, a mim, o Mugger do Mugger-Ghaut, a sair d'água e meter-me em terra. Caminhei pela noite adentro, utilizando-me de quantas águas pequenas encontrei; era pelo tempo do calor e tôdas as águas estavam rasas. Cruzei estradas poentas; atravessei, ervaçais; subi morros ao clarão da lua. Até sôbre rochas trepei - prestem atenção a isto. Atravessei a cauda do Sirhind, o rio sem água, e fui esbarrar na série de pequenos ribeirões que correm para o Gunga. Separei-me um mês de jornada da minha gente e do meu rio aqui. Foi uma coisa maravilhosa!
- Que comia pelo caminho? perguntou o Chacal cuja alma era o estômago e não estava nada impressionado com a viagem do Mugger.

- Comia o que encontrava, *primo!* respondeu o Mugger, lentamente, arrastando as palavras.

Ninguém na Índia dá o tratamento de primo se não há parentesco de sangue, e como só em conto de fadas poderia um mugger aparecer como parente dum chacal, o Chacal percebeu por que motivo fôra repentinamente elevado à categoria de membro da família do Mugger. Se estivesse ali só, não teria dado importância ao caso; mas não estava - e os olhos do Grou sorriam à ironia do Mugger.

- Certamente, pai. Eu devia saber disso, penitenciou-se o Chacal.

A um mugger não importa ser chamado pai de chacal, e o Mugger de Mugger-Ghaut fêz ver isso - e muito mais que não interessa repetir aqui neste momento.

- O Protetor dos Pobres é na realidade meu parente, não posso saber em que grau. Em todo o caso, comemos a mesma comida. Ele já o disse, foi a resposta do Chacal.

Isto estragou ainda mais o capítulo, porque com essa frase o Chacal sugeria que naquelas terras pantanosas o Mugger se alimentara de carne fresca, em vez de guardá-la até ficar nas condições desejadas, como faz todo o mugger que se preza e a maioria dos animais selvagens, quando podem. Na realidade, uma das mais fortes expressões de desprêzo ao longo do rio é «comedor de carne fresca». Soa tão mal como chamar a um homem antropófago.

- Essa comida foi comida trinta estações atrás, disse o Grou calmamente. Se vamos recordar coisas de trinta estações atrás, não chegaremos nunca. Conta-nos o que sucedeu quando alcançaste as águas ricas depois dessa admirável

jornada. Se nos pomos a atender a cada uivo de chacal, os negócios da cidade param, como diz o ditado.

O Mugger parece que ficou agradecido da interrupção, pois prosseguiu com ímpeto:

- Oh, pela Direita e Esquerda do Gunga! nunca vi águas assim!

- Eram maiores que as da grande enchente da última estação? perguntou o Chacal.

- Muito maiores. Esta última enchente foi das tais que ocorrem cada cinco anos - alguns afogados, galinhas e lá um ou outro boi atolado na lama. Mas na estação de que estou falando o rio estava baixo, macio, igual e, como dissera o primo, inúmeros inglêses mortos nêle boiavam, esbarrando uns nos outros. Eh, de tanto comer, encorpei nessa ocasião. De Agra, por Etawah, e de Allahabad...

- Oh, o rodamoinho que se formou rente aos muros do forte de Allahabad! exclamou o Grou. Os cadáveres vinham ter ali como marrecas na tabua, e a regirar sumiam-se - assim...

O Grou pôs-se de novo a dançar a sua horrível dança, enquanto o Chacal olhava para ambos com inveja, porque não podia dizer nada daquele terrível ano da Revolta dos Sipaios(1), de que estavam a falar. O Mugger prosseguiu:

- Sim, em Allahabad eu ficava imóvel na água rasa, deixando que passasem vinte para pegar um; e, além do mais, os inglêses não andam sobrecarregados de jóias - pulseiras e anéis no nariz, como as minhas mulheres de hoje. «Deleitar-se com jóias é vir a ter colar de corda ao pescoço», como diz o

***(1) As cenas contadas do ponto de visita do crocodilo, referem-se ao terrível episódio conhecido conto «The Indian Mutiny» a grande revolta das tropas nativas, ou <sepoys> (sipaios). em 1857. O massacre foi horrível e a repressão dos ingleses, violentissima. Em conseqüência, cessou o funcionamento da East índia Company e a índia passou a ser governada diretamente pelo governo inglês.***

ditado. Todos os muggers dos arredores engordaram então, e o destino quis que eu engordasse ainda mais que os outros. Notícias me vinham de que os inglêses estavam sendo caçados; e, pela Direita e Esquerda do Gunda! nós sabíamos que eram verdadeiras; depois fui até além do Monghyr, lá onde há túmulos que olham para o rio.

- Conheço êsse lugar, disse o Grou. A partir dêsse tempo Monghyr tornou-se uma cidade morta. Muito pouca gente vive hoje lá.

- Depois subi lentamente a correnteza e, um pouco acima do Monghyr, topei descendo o rio um bote cheio de caras-brancas - vivos! Eram, lembro-me bem, mulheres deitadas debaixo dum toldo, chorando alto. Nenhum tiro foi desfechado contra nós, os guardiães dos pontos estratégicos. As carabinas andavam ocupadas em outra coisa, longe dali. Ouvíamos os seus tiros em terra, noite e dia, trazidos pelo vento. Ergui-me sôbre a água, bem defronte à embarcação, porque jamais havia visto caras-brancas vivos, embora mortos fôssem muito meus conhecidos. Um menino branco e nu ajoelhou-se a um dos bordos do barco e, inclinando-se, procurava atingir a água com a mãozinha. É uma linda coisa ver como as crianças gostam de brincar com água. Eu estava bem comido naquele dia e, conquanto ainda houvesse um pequeno espaço em meu estômago, foi mais por esporte do que por fome que me lancei sôbre aquela mãozinha. Tão clara era, que nem mais a vi quando abocanhei, e tão pequena que apesar do meu bocanho o menino a recolheu num movimento rápido, sem ferir-se. A munhequinha escapou-se por entre o vão das minhas prêsas. Errei. Eu devia ter abocanhado mais acima, junto ao ombro, mas, como já disse, fôra apenas por esporte e curiosidade que me movi àquele passo. Rompeu uma gritaria na embarcação e ergui-me de nôvo para observá-los. O bote era muito grande para ser revirado, e não oferecia perigo por só conter mulheres. Mas «Quem crê em mulheres caminha sôbre raizame de tabua no pântano», como diz o ditado, e, pela Direita e Esquerda do Gunga! quão verdadeiro é isto!

- Certa vez uma mulher me deu um couro de peixe sêco, disse o Chacal. Eu tinha tentado pegar seu filhinho - mas «comida de cavalo é melhor do que cascos de cavalo», como diz o ditado. Que é que essas mulheres fizeram?

- Uma delas atirou contra mim com uma arma de fogo muito curta, que eu ainda não conhecia e nunca mais vi. Cinco vêzes, um tiro depois do outro (o Mugger devia ter sido atirado com um revólver dos antigos); e fiquei de bôca aberta, com a cabeça envolvida em fumaça. Nunca tinha visto semelhante coisa. Cinco tiros, rápidos como o movimento da minha cauda, assim!

O Chacal, cada vez mais interessado na história, mal teve tempo de saltar de banda, quando viu a enorme cauda vir sôbre si qual foice.

- Após o quinto tiro, continuou o Mugger, muito naturalmente, como se não tivesse tido a menor intenção de colher com a cauda um dos seus ouvintes, só após o quinto tiro é que mergulhei, ainda a tempo de ouvir um dos que iam no bote dizer que com certeza eu estava morto. Uma bala penetrou-me na casca entre duas escamas do cangote. Podes ver aqui a marca, meu filho, testemunha de que minha história é verdadeira. Aproxima-te.

- Eu? exclamou o Chacal. Pode lá um roedor de sapatos velhos e ossos duvidar da palavra do Enviado do Rio? Que a minha cauda seja comida por cãezinhos recém-nascidos, se a sombra de tal pensamento me passou pela cabeça! O Protetor dos Pobres houve por bem informar a êste seu humilde servo que foi,

certa vez na vida, ferido por uma mulher - e é o suficiente para que eu transmita a história aos meus filhos, sem curar de contraprovas.

- Excesso de civilidade é às vêzes pior do que excesso de descortesia; porque, como diz o ditado, «a gente pode sufocar um hóspede com abraços». Eu não desejo que nenhum filho de chacal saiba que o Mugger de Mugger Ghaut teve o seu único ferimento na vida feito por mãos duma mulher. Eles terão muito em que pensar, se viverem na miséria em que vive seu pai.

- Está tudo esquecido! Não direi nada! Nunca houve nenhuma mulher branca que ferisse o Mugger! Nada, absolutamente nada aconteceu!

E isto dizendo o Chacal moveu a cauda de espanador para mostrar que tudo, absolutamente tudo, já estava varrido da sua memória, e sentou-se de nôvo com ar inocente.

- Na realidade muitas coisas aconteceram, continuou o Mugger, derrotado aquela noite em duas tentativas de caçar o seu amigo, ( Sem malícia nenhuma, entretanto. Comer ou ser comido era a lei ao longo do rio, e o Chacal tinha vindo para a sua parte de lambisco no jantar do Mugger.) Deixei aquêle bote e subi o rio até alcançar Arrah, onde não mais boiavam inglêses. O rio passou

vazio algum tempo. Depois surgiram dois ou três cadáveres de túnicas vermelhas, não mais inglêses, apenas hindus e purbeeahs; depois apareceram cinco ou seis e finalmente, de Arrah para o norte, foi como se aldeias inteiras se tivessem metido n'água. Vinham de todos os lados, pelos ribeirões afluentes, como troncos de paus que derivam pelo tempo das chuvas. Quando o rio se erguia, êles também se erguiam em massa das corredeiras onde haviam encalhado; e a torrente da inundação os arrastava consigo através dos campos e da Jângal. Tôdas as noites, na minha viagem para o norte, fui ouvindo tiros de canhão e, de dia, o tropel de homens atravessando pontos de vau, e êsse barulho que os carros pesados fazem na areia do fundo d'água. Cada ondazinha trazia mais mortos. Por fim, até eu senti mêdo, e disse comigo: «Se isto está acontecendo com os homens, como poderá escapar o Mugger do Mugger-Ghaut?» Também havia barcos sem vela, ardendo e despejando fumaça, como às vêzes acontece com os que trazem algodão; mas nunca iam ao fundo,

- Ah! exclamou o Grou. Barcos como êsses existem na Calcutá do Sul. São grandes e negros; batem a água atrás de si com a cauda e...

- ... medem três vêzes o tamanho da minha aldeia, já sei. Mas os barcos que eu vi eram brancos e pouco fundos, e batiam a água dos dois lados, não sendo maiores do que os botes de quem fala a verdade. Causaram-me mêdo êsses botes, fazendo-me retornar a êste meu rio; vim, cauteloso, a ocultar-me de dia e a caminhar de noite, quando não havia nenhum curso d'água de que pudesse aproveitar-me. Cheguei por fim a minha aldeia, mas sem esperança de encontrar a gente que deixei. Encontrei-os a todos, entretanto, uns arando a terra, outros semeando, ou colhendo, ou indo e vindo pelos campos tão calmos como os seus bois.

- Ainda havia boa comida no rio? perguntou o Chacal.

- Mais do que eu necessitava. Até eu - e eu não sou nenhum comedor de lama - me sentia um pouco amedrontado daquela constante descida de silenciosos boiantes. Ouvi então dizer na aldeia que todos os inglêses haviam sido mortos; mas os que vinham sobre as águas de barriga para baixo não eram inglêses, como a minha gente bem viu. Então a minha gente murmurou que era melhor não dizer mais nada e pagar as taxas. Depois de algum tempo o rio limpou-se; os que sobre êle ainda apareciam boiantes não passavam de criaturas apanhadas pelas enchentes, como eu bem via; e, embora não fosse fácil por êsse tempo obter comida, senti-me satisfeito de que as coisas tivessem voltado a ser como dantes. Um pouco de matança aqui e ali não é mau - mas até o Mugger se cansa quando a mortandade é demais.

- Maravilhoso! Realmente maravilhoso! exclamou o Chacal. Cheguei a engordar só de ouvir a história de tanta comida. E depois disso, se me é permitido indagar, que foi que o Protetor dos Pobres fêz?

- Jurei a mim próprio que jamais sairia a aventurar naquelas bandas, e fiquei a viver cá junto ao Ghaut, perto desta minha gente que trago de olho há anos e anos. Eles me querem tanto que me lançam coroas de malmequeres à cabeça, sempre que a ponho fora d'água. Sim, o Fado tem sido muito bom para comigo, e também o rio, sempre respeitador da minha pobre e doentia presença; mas.

- Ninguém é totalmente feliz do bico à cauda, disse o Grou com simpatia. Que poderá querer o Mugger de Mugger Ghaut, além do que teve e tem?

- Oh, desejo e quero sempre aquela criança que não pude apanhar! Respondeu o Mugger com um suspiro profundo. Era muito pequenina, mas apesar disso jamais a esqueci. Sou um velho hoje, mas um velho que não quer morrer sem experimentar essa novidade. É certo que se trata de gente de pés duros (1), barulhenta e louca, e por isso o esporte não será grande; mas eu me lembro sempre dos velhos dias que passei acima de Benares, e se a criança ainda vive também deve lembrar-se de mim. Quem sabe se não anda agora a subir as

**(1) Ingleses.**

margens dos rios, contando de como naquela vez a sua mãozinha escapou por entre as prêsas do Mugger de Mugget-Ghaut? Meu destino tem sido muito bom para comigo, mas êsse ponto me entristece - a lembrança do menino que me fugiu...

Depois de finda a lamúria, o Mugger bocejou.

- E agora vou descansar e meditar. Guardai silêncio, meus filhos, e respeitai a velhice.

O crocodilo voltou-se de lado e moveu~se para o topo duma duna de areia enquanto o Chacal e o Grou se dirigiam para a árvore perto da cabeça da ponte.

- Que vida agradável e proveitosa! comentou o chacal olhando interrogativamente para o Grou acima dêle repimpado num galho. Mas nem uma só vez - nota isto, amigo - me deu o Mugger qualquer indicação do ponto em que um sobejo seu foi deixado, e no entanto o tenho prevenido mil vêzes das boas coisas que descubro pelo rio. Como é verdadeiro o ditado - todo o mundo esquece o Chacal e o Barbeiro, depois das novidades contadas! Agora vai êle dormir! *Arrh!*
- Como pode um chacal ser companheiro de caça dum mugger? disse o Grou friamente. Ladrão poderoso e ladrãozinho: é fácil saber quem pega a prêsa.

O Chacal voltou-se, a uivar com impaciência, e ia deitar-se enrodilhado ao pé do tronco da árvore quando de súbito se encolheu, pondo-se a olhar para a ponte por entre os galhos, quase sôbre sua cabeça.

- Que há? perguntou o Grou, entreabrindo as asas.

- Vê!... O vento vai de nós para êles mas êles não estão olhando para cá - aquêles dois homens...

- Homens? Minha profissão me protege. Tôda a Índia sabe que sou uma ave sagrada. O grou é um comedor de carniça de primeira classe, de modo que o deixam errar pela terra livremente.

- Eu não valho um tiro; apenas valho pedradas, disse o Chacal, pondo-se à escuta. Repara nesta pegada, continuou. Não é de sola de couro indígena, mas de casco de cara-branca. Ouve! Barulho de ferro! Uma carabina! Meu amigo, os tais inglêses de pé duro e loucos vêm vindo para conversar com o Mugger...

- Avisa-o sem demora. O Mugger foi chamado Protetor dos Pobres, não faz muito tempo, por um certo chacal faminto...

- Não. Meu primo que se proteja como puder. Sempre lhe ouvi dizer que nada havia a recear dos caras-brancas. Aquêles dois homens devem ser caras-brancas. Nenhum da aldeia ousaria vir ter com o Mugger. Vês? Bem disse eu que era uma carabina! Antes que o dia venha iremos ter comida abundante. O Mugger não ouve bem fora d'água - e desta feita não se trata duma mulher...

Um cano luzidio brilhou à luz da lua na direção do Mugger, que jazia na duna de areia, quieto como sua própria sombra, as patas dianteiras abertas e a cabeçorra entremetida, a ressonar como. . . como um mugger.

Uma voz na ponte murmurou:

- Vise no pescoço! Deus! Que monstro! Os da aldeia vão ficar furiosos. Esse crocodilo é o *deota* da zona (sagrado).

- Não se incomode, respondeu outra voz. Ele já devorou cêrca de quinze dos meus melhores *coolies* quando a ponte estêve a construir-se; é tempo de dar cabo da peste. Ando a perseguí-lo de bote há já semanas. Conserve a Martini em pontaria enquanto descarrego meus dois canos.

- Cuidado com o coice! Tiro duplo não é brincadeira.
- Lá vai...

Soou um estrondo semelhante ao tiro dum pequeno canhão (a carabina de caçar elefante não difere muito da artilharia de pequeno calibre), seguido do duplo jato de fogo da Martini, cuja bala comprida atravessa brincando a mais dura casca de crocodilo. Mas as balas explosivas fizeram seu trabalho. Uma delas alcançou o Mugger no pescoço, a um palmo da espinha, enquanto a outra arrebentava um pouco abaixo, no comêço da cauda. Em noventa e nove casos em cem um crocodilo mortalmente ferido pode arrojar-se à água e sumir-

se; mas o Mugger de Mugger-Ghaut ficara literalmente partido em três pedaços. Com dificuldade ergueu a cabeça por um instante, enquanto a vida o abandonava - e logo aplastou-se no chão, chato como um chacal.

- Trovão e relâmpago! Relâmpago e trovão! exclamou o miserável animalzinho. Será que a coisa que puxa os carros cobertos por cima da ponte também veio abaixo?

- Nada disso. Apenas tiro de carabina, disse o Grou, também aterrorizado, com as penas da cauda a tremerem. Apenas ca-ra-bi-na... O Mugger deve estar morto. Aí vêm os caras-brancas.

Os inglêses tinham descido da ponte a correr, e meteram-se para a duna, onde ficaram a contemplar o crocodilo, com muita admiração pelo seu desmesurado tamanho. Depois um indígena cortou-lhe a cabeça a machado e outros quatro o arrastaram dali.

- Já tive minha mão dentro da boca dum mugger, disse um dos inglêses ( era o homem que havia construído a ponte ), quando, com cinco anos apenas, descia o Gunga de bote, rumo a Monghyr. Chamavam-me «menino da Revolta». Minha pobre mãe, que estava na embarcação, atirou contra o monstro com uma velha pistola de meu pai.

- Muito bem. Você vingou a afronta neste chefe de clã embora ficasse com o nariz a sangrar do coice da arma. Olá, remadores! Puxem essa cabeça para aquêle ponto acolá; vamos cozinhá-la para aproveitar o crânio. O couro está

muito estragado; não vale a pena sacá-lo fora. E toca a dormir, que a noite está bem ganha. Valeu ter esperado, não?

Curioso! O Chacal e o Grou, três minutos depois que os homens se afastaram, fizeram a mesmíssima observação...

Canção da corrente

A corrente que desliza
À hora em que o dia declina
Roça a mão de uma menina
Ao passar o vau.

Pé mimoso e terno seio -
Leve-te a outra borda a sorte.
Moça, espera! disse o veio;
Espera um pouco! Eu sou a Morte!

Vou! Que o amado esta a esperar -
O amor seria um pecado. . .
Ele é um peixe a saltar
E que se revira ousado.

Pé mimoso e terno seio
Que uma barca te transporte
Moça, espera! disse o veio;
Espera um pouco! Eu sou a Mortel

Desejo ir ao meu amado -
O Desdem não é casado!

Quero o amor, disse a Donzela!
o Desdém não é casado
E eis que o veio em tomo dela
Turbilhona alucinado.

Mão fiel, sonso coração
Oh, pé que a terra tocou
Foge o veio em turbilhão.
O veio rubro ficou.

SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

1 - Os Irmãos de Mowgli
- Quiquern

2 - As Caçadas de Kaa
- Toomai dos Elefantes

3 - Como apareceu o medo
- Jacala, o crocodilo

4 - O Milagre de Purun Baghat
- Servidores da Rainha
- Tigre! Tigre!

5 - Kotick, a Foca Branca
- Os Cães Vermelhos

6 - O Avanço da Jângal
- Rikki-Tikki-Tavi

7 - A Embriaguês da Primavera
- O Ankus do Rei

Publicado por
UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL
REGIÃO DO RIO GRANDE DO SUL

# SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

## Tigre! Tigre!
## O Milagre de Purun Bhagat
## Servidores da Rainha

Rudyard Kipling

4

**Produzido pela UEB/RS - Edição Impressa: Gestão 2001/2003 - Edição Digital: Gestão 2004/2006**

Esta é mais uma publicação

TAFARA

# SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

## Volume 4

## - Tigre! Tigre!

## - O Milagre de Purun Bhagat

## - Servidores da Rainha

1a. Edição: 500 exemplares
Autor: Rudyard Kipling
Capa e Edição: Carlos Alberto F. de Moura
Coordenação: Mario Henrique P. Farinon
Digitação: Norma Beatriz de Oliveira Brito
Tradução: Monteiro Lobato
Ilustração: Christian Broutin e Mariano Ramos

Porto Alegre, RS, 2003

**EDIÇÃO IMPRESSA PELA DIRETORIA REGIONAL 2001/2003**

| | |
|---|---|
| Diretoria | Mario Henrique Peters Farinon |
| Diretoria | David Crusius |
| Diretoria | Márcio Sequeira da Silva |
| Diretoria | Ronei Castilhos da Silva |
| Diretoria | Osvaldo Osmar Schorn Correa |

**EDIÇÃO DIGITAL DISPONIBILIZADA PELA DIRETORIA REGIONAL 2004/2006**

| | |
|---|---|
| Diretoria | Ronei de Castilhos da Silva |
| Diretoria | Neivinha Rieth |
| Diretoria | Waldir Sthalscmidt |
| Diretoria | Paulo Roberto da Silva Santos |
| Diretoria | Leandro Balardin |

**COMITÊ GESTOR**

Carlos Alberto de Moura
Marco Aurélio Romeu Fernandes
Mario Henrique Peters Farinon
Miguel Cabistani
Paulo Lamego
Paulo Ramos
Paulo Vinícius de Castilhos Palma
Siágrio Felipe Pinheiro
Tania Ayres Farinon

# APRESENTAÇÃO

Na Páscoa de 1998, de 10 a 12 de abril, um grupo de escotistas e dirigentes reuniram-se, em um sítio denominado TAFARA CAMP, tomando para si a incumbência de suprir a lacuna deixada pela falta de definição do tema das Especialidades, concebeu e criou o que hoje constitui-se no Guia de Especialidades da UEB.

O mesmo grupo, na seqüência, participou decisivamente na elaboração dos Guias Escoteiro, Senior e Pioneiro.

Visto que este trabalho informal e espontâneo estava tendo resultados positivos, e, entendendo que a carência de instrumentos, principalmente literatura, é um grande obstáculo ao crescimento do Escotismo, resolvemos assumir como missão "disponibilizar instrumentos de apoio aos praticantes do Escotismo no Brasil".

Este grupo, que tem sua composição aberta a todos quantos queiram colaborar com esta iniciativa, também resolveu adotar o pseudônimo TAFARA para identificar-se e identificar a autoria e origem de todo o material que continuará a produzir.

Os instrumentos que TAFARA se propõe a produzir, tanto serão originais, como também reproduções, traduções, adaptações, atualizações, consolidações, etc., de matérias já produzidas em algum momento, e que, embora sejam úteis, não mais estão disponíveis nos dias de hoje.

O material produzido por TAFARA é feito de forma independente e sem fins lucrativos. Não temos a pretensão de fazermos obras primas, mas instrumentos que possam auxiliar a todos quantos pratiquem Escotismo no Brasil.

Esta edição é feita para registrar e comemorar o Dia do Lobinho e reproduz três histórias do Livro da Selva, de Rudyard Kipling.

Este livro faz parte de uma série de 7 volumes que serão lançados entre 2002 e 2003.

Este é mais um instrumento de apoio a suas atividades.

Aproveite!

**Mario Henrique Peters Farinon**
**Diretor Presidente UEB/RS**

## TIGRE! TIGRE!

Voltas contente, caçador ousado?
Irmão, a espera
Longa e fria que era!
Tua prêsa é que agora eu estou percebendo?
Irmão, e na Jângal vai pascendo.
Onde está a força que te fez tão orgulhoso?
Irmão, fizeram meu coração doloroso.
Por que com tanto alento tu estás a correr?
Irmão, eu vou ao fojo. Vou para morre.

Voltemos um pouco atrás. Quando Mowgli deixou a caverna do lobo, depois da luta com a Alcatéia na Roca do Conselho, desceu às terras cultivadas onde os camponeses viviam. Mas não se deteve lá, por ser muito perto da Jângal onde havia feito pelo menos um inimigo na reunião do Conselho. Avançou bastante, tomando pela estrada que corria pelo vale e seguindo-a por cinco léguas até alcançar zona sua desconhecida. Esse vale achava-se em grande planura, verrugosa de rochedos e picada de ravinas. Num dos extremos via-se pequena aldeia cercada de pastagens, que de chofre terminavam na orla de espêssa Jângal. Por toda a planura andavam búfalos pastando sob a guarda de pequenos pastores, os quais fugiram aos gritos ao verem Mowgli. Seus cães amarelos puseram-se a latir. Mowgli, porém, não se deteve. Estava faminto. Quando alcançou a porta da aldeia, viu ainda aberto o tapume de espinheiro com que a fechavam de noite.

- *Umph!* exclamou diante daquela defesa que já conhecia de outras incursões. Os homens precavêm-se ainda aqui contra os habitantes da,Jângal, murmurou sentando-se à soleira da porta.

Quando o primeiro homem apareceu, pôs-se de pé e apontou para a boca aberta, a significar que tinha fome. O homem arregalou os olhos e sumiu-se, para logo depois voltar seguido dum sacerdote - homenzarrão vestido de branco emarcado de vermelho e amarelo na testa. Atrás do sacerdote vieram magotes de povo, gente com caras de espanto. Todos apontavam para o menino.

- Não sabem comportar-se, estes homens, pensou Mowgli consigo. Só macacos agiriam assim - e com esse pensamento na cabeça jogou para trás os seus cabelos compridos e encarou firme a multidão.

- Que há para causar medo? disse o sacerdote. Olhai para as cicatrizes que ele tem nos braços e nas pernas. Mordeduras de lobo. É um filho de lobo que fugiu da Jângal.

De fato, de brincarem juntos os filhotes de Mãe Loba haviam, sem querer, mordido Mowgli fartamente, donde aquelas cicatrizes tão visíveis. O menino, entretanto, jamais considerara aquilo mordeduras, pois não passava de brinquedo.

- *Arre! Arre!* exclamaram duas ou três mulheres a um tempo. Mordido de lobos, o pobrezinho! E tão galante que é! Tem olhos de fogo. Por minha honra, Messua, parece-se muito com o teu menino que o tigre raptou.

- Deixai-me ver, disse uma mulher de grossos anéis nos dedos e pulseiras de cobre nos braços - e, aproximando-se, examinou-o bem de perto. Não é ele, não. Mais delgadinho, embora se pareça muito com meu filho.

O sacerdote, homem fino, sabia que Messua era a esposa do mais rico lavrador da região. Assim, olhou para o céu por um minuto, e disse com solenidade:

- O que a Jângal tomou, a Jângal acaba de restituir. Leva o menino para tua casa, Irmã - e não te esqueças de recompensar o sacerdote que vê tão fundo tudo na vida dos homens.

- Pelo Touro que me comprou! disse Mowgli consigo. Isto aqui me parece uma outra reunião do Conselho. Bem, bem. Se sou homem, que homem me torne de verdade.

A multidão dispersou-se logo que a mulher conduziu Mowgli para sua cabana, onde havia um estrado de laca, uma grande arca de pão com desenhos em relêvo na tampa, meia dúzia de utensílios de cozinha, a imagem dum Deus hindu na pequena alcova e, na parede, um espelho dos que se vendem nas feiras.

A mulher deu-lhe uma vasilha de leite e um pedaço de pão; depois tomou-lhe a cabeça e olhou-o nos olhos. Quem sabe se não era ele o menino que o tigre levara? E chamou-o:

- Nathoo, Nathoo (Mowgli não deu mostras de conhecer tal nome). Não te lembras do dia em que te fiz uns sapatinhos novos? perguntou ela apontando-lhe para os pés calejados. Não, não, respondeu para si mesma a mulher, cheia de mágoa, êstes pés jamais usaram sapatos - mas tu te assemelhas bastante ao meu Nathoo e ficarás sendo meu filho.

Mowgli não se sentia à vontade por nunca se ter visto dentro duma cabana; mas sossegou, olhando para o teto e vendo que por ali poderia fugir, se lhe desse gana - além de que as janelas não tinham ferrôlho.

- De que me vale ser homem, se não entendo a linguagem dos homens? pensou consigo. Estou aqui tão estúpido e mudo como um homem que estivesse conosco lá na Jângal. Tenho de apanhar a linguagem deles.

Não fora por desafio que Mowgli aprendera na caverna dos lobos a imitar o grito de desafio dos bodes selvagens e o grunhir dos cervos novos. Por isso, logo que Messua pronunciava uma palavra, ele a imitava incontinenti, tendo assim assimilado nesse mesmo dia o nome de muita coisa existente na cabana.

À hora de dormir houve dificuldades. Mowgli não sabia dormir fechado no que lhe parecia um mundéu para leopardos. Assim, quando trancaram a porta, saiu pela janela.

- Deixa-o fazer, disse o marido de Messua. Lembra-te de que ele jamais dormiu em cama. Se êsse menino foi realmente enviado pelo céu para substituir o nosso filho, não fugirá.

Pôde destarte Mowgli estirar-se na relva macia do campo vizinho para dormir à lei da natureza. Antes que seus olhos se fechassem, entretanto, um focinho amigo veio farejá-lo.

- *Fhew!* exclamou o Lobo Gris (filhote mais moço de Mãe Lôba). Acho que estás mal recompensado das cinco léguas que fizeste. Cheiras a gado e a fumaça - tal qual um homem. Levanta-te, Irmãozinho. Trago noticias.

- Vai tudo bem na Jângal? perguntou Mowgli abraçando-o.

- Tudo, exceto para os lobos que chamuscaste com a Flor Vermelha. Ouve. Shere Khan afastou-se para longe, onde ficará até que lhe cresçam de novo as barbas queimadas. Mas jurou que quando vier há de deixar os ossos do filhote de homem a branquejarem no Waingunga.

- Fiz igual promessa quanto aos dele, respondeu calmamente o menino. Bem, bem. Notícias são notícias. Sinto-me cansado esta noite - cansado de coisas novas. Traga-me sempre novidades, Irmão Gris.

- Não te esquecerás de que és lobo? Não te farão os homens esquecer isso? perguntou o Lôbo Gris apreensivo.

- Jamais! Sempre me lembrarei de todos da nossa caverna - embora também não me esqueça de que fui expulso da Alcatéia.

- Nem percas de vista que podes ser lançado fora de outra alcatéia - a alcatéia dos homens... Homens são unicamente homens, Irmãozinho, e falam como rãs na lagoa. Quando eu regressar a ver-te, esperarei por ti ao pé das touceiras de bambu deste pasto.

Por três meses depois disso poucas vêzes Mowgli transpôs as portas da aldeia, tão ocupado andava em aprender os usos e costumes dos homens.

Teve de acostumar-se a usar panos em cima do corpo, coisa que muito o incomodava; como também aprendeu o valor do dinheiro e seu emprego (sem nada compreender), e o uso do arado, que lhe parecia inútil. Os meninos da rua o punham furioso. Felizmente a Lei da Jângal lhe ensinara a dominar-se, porque na vida selvagem o alimento e a segurança dependem muito do domínio sôbre si próprio. Mas quando os meninos se riam dele por não saber empinar um papagaio ou por dizer erradas as palavras, unicamente pelo fato de não ser permitido é que deixava de agarrá-los e parti-los em pedaços.

Mowgli desconhecia a sua própria força. Na Jângal sabia-se fraco, em comparação com os animais selvagens; na aldeia os homens o consideravam forte qual um touro.

Também não tinha a menor idéia a respeito da separação de castas. Quando o asno do oleiro escorregava e caía no varal da moenda, ele o punha de pé com um empuxão de cauda. Também ajudava o oleiro a levar suas telhas para o mercado. Aquilo impressionava mal, porque o oleiro pertencia à casta dos párias, e o seu asno a outra casta ainda mais vil. Quando o sacerdote o advertiu disso, Mowgli o ameaçou de pô-lo também em cima do asno, o que fez o santo homem ir dizer ao marido de Messua que era tempo de meter o menino no trabalho. Em conseqüência, teve ele ordem de ir guardar os búfalos no pasto. Ninguém poderia receber semelhante ordem com maior contentamento. À noite desse dia foi ter à grande figueira que ornava a praça principal da aldeia. Era lá o clube onde os chefes políticos e o barbeiro (o qual conhecia todos os mexericos do lugar) e ainda o velho Buldeo, caçador dono de uma carabina Tower, se reuniam para conversar e fumar. Macacos vinham empoleirar-se nos galhos da figueira, em cujo tronco havia um ôco onde morava uma cobra. Todos os dias as mulheres punham ali um prato de leite, visto tratar-se duma cobra sagrada. Os velhos sentavam-se em torno dessa árvore para conversar por entre longas baforadas dos cachimbos d'água. Narravam maravilhosas histórias de deuses, homens e fantasmas. Buldeo, com as suas lorotas relativas aos costumes dos animais da Jângal, fazia as crianças arregalarem os olhos. A razão dessas histórias vinha de estar a floresta muito próxima da aldeia, a ponto de os porcos selvagens invadirem freqüentemente as plantações e os tigres tocaiarem homens ao cair da noite, à vista de todos.

Mowgli, que muito naturalmente conhecia a fundo a vida da Jângal, tinha de esconder o rosto para ocultar o riso, quando Buldeo, com a sua carabina Tower sobre os joelhos, dissertava sobre o assunto.

Buldeo era de opinião que o tigre que raptara o filho de Messua era um tigre-fantasma, cujo corpo servia de morada à a!ma dum onzeneiro falecido anos atrás.

- E sei que isto é verdade, dizia ele, porque Purun Dass (o tal onzeneiro) mancava duma perna em conseqüência do tiro que levou numa briga e o tigre de que falo manca também, como verifiquei pelos rastros.

- Deve ser isso mesmo, concordavam os velhos barbaças meneando a cabeça.

Mowgli não se conteve.

- Todas as histórias contadas aqui serão deste naipe? perguntou ele. Esse tigre manca porque nasceu aleijado, como todos lá sabem. Supor que a alma dum onzeneiro habite o corpo dum tigre que jamais teve sequer a coragem dum chacal, é infantilidade.

Buldeo perdeu a fala de tanta surpresa em face do atrevimento daquela observação.

- Oho! É o homenzinho-lobo quem fala! disse ele. Se entendes tanto desse tigre, seria melhor que nos trouxesses a sua pele; o governo dá por ela cem rupias. Faze isso, em vez de estares aí a meter a colher torta na conversa dos mais velhos.

Mowgli retirou-se.

- Toda a tarde tenho estado aqui, disse ao levantar-se, e a não ser uma vez ou outra Buldeo não disse nada certo da Jângal, que começa ali adiante. Como hei de crer, pois, nas histórias de deuses e duendes que ele diz ter visto?

- Este rapazinho precisa entrar no trabalho quanto antes, observou um dos velhos, enquanto Buldeo engasgava de cólera ante a impertinência de Mowgli.

As aldeias indianas costumam consagrar uns tantos rapazes à guarda dos bois e búfalos, que eles levam a pastar cada manhã e recolhem à noite. Enormes animais que dariam com facilidade cabo dum homem, deixam-se conduzir e bater por essas crianças. Enquanto os pastorzinhos permanecem junto do gado, nenhum perigo correm, porque nem o tigre ousa atacar uma manada de bois ou búfalos. Mas se se afastam, atraídos por flores silvestres ou para apanhar algum lagarto, freqüentemente são caçados pelos tigres. Mowgli atravessou a aldeia pela madrugada, montado no pescoço de Rama, o touro do rebanho. Seguiam-no os búfalos de chifres retorcidos para trás e olhos selvagens. Mowgli os tangia com uma longa vara de bambu. Logo que chegou ao campo, disse a Kamya, um dos seus companheirinhos de pastoreio, que tomasse conta dos bois juntamente com os outros, que ele sozinho guardaria os búfalos.

Uma pastagem indiana é em geral um terreno rochoso, cheio de moitas e picado de ravinas, dentro das quais o gado desaparece. Os búfalos procuram pontos pantanosos, onde chafurdam durante as horas quentes do dia. Mowgli levou seu rebanho para o extremo da planura, lá onde o rio Waingunga sai da floresta. Saltou de sobre o pescoço de Rama e correu a moita de bambus, ao pé da qual devia estar o Lobo Gris.

- Esperei-te aqui muitas vezes, disse este. Que história é essa, de guardar gado agora?

- Mandaram-me, respondeu Mowgli. Estou feito pastor de búfalos. Que há de novo sobre Shere Khan?

- Já voltou para esta zona e tem estado aqui à tua espera. Agora me consta que se afastou em procura de caça, visto que por cá existe pouca. Ele quer matar-te.

- Muito bem, respondeu Mowgli, Enquanto êle estiver por fora, tu te sentarás nesta pedra de modo que da aldeia possas ser visto por mim. Assim que ele voltar, tu me esperarás na ravina, perto daquela árvore grande que daqui se, vé. Precisamos evitar de cair dentro da goela de Shere Khan.

Em seguida Mowgli escolheu um lugar de sombra, onde se deitou a dormir enquanto os búfalos pastavam.

O pastoreio na Índia é um dos serviços mais vazios do mundo. O gado move-se e pasta, e deita-se, e move-se de novo para pastar adiante e deitar-se outra vez. Raro muge. Os búfalos chafurdam em todos os pântanos que encontram, caminhando dentro deles apenas com os focinhos de fora. O sol faz que as pedras pareçam dançar em tremeliques, e os pastorzinhos se distraem com o solitário Kite a descrever curvas sobre suas cabeças, lá no alto do céu; sabem eles que assim que uma vaca morre esse urubu descerá imediatamente, e que o Kite mais próximo virá também, e assim todos os Kites da região. E os rapazes dormem e despertam e dormem de novo, e tecem pequenos cestos onde aprisionam gafanhotos; ou apanham louva-a-deus que põem a lutar entre si; ou fazem colares de sementes vermelhas e pretas, colhidas na Jângal; ou acompanham o lagarto que toma sol sobre as pedras; ou assistem ao espetáculo da cobra a fascinar rãs nas ravinas. Também cantam cantigas da terra e fazem figurinhas de barro, ou ídolos. Quando a tarde cai, os pequenos pastores chamam o gado. Os búfalos arrancam-se dos lameiros com estampidos, e um atrás do outro rumam em direção da aldeia.

Dias seguidos levou Mowgli seus búfalos ao campo e dias seguidos avistou o Lobo Gris no ponto combinado, sabendo assim que Shere Khan inda não estava de volta. Passou a maior parte desse tempo deitado na relva, a sonhar com a vida da Jângal, enquanto o seu ouvido alerta apanhava os menores rumores. Se Shere Khan desse nas matas marginais do Waingunga um passo em falso com a sua perna aleijada, ele o teria percebido nesses momentos de repouso.

Por fim chegou o dia em que não viu o Lobo Gris no lugar de sempre. Mowgli sorriu e fez marcharem seus búfalos pela ravina adentro, rumo da árvore grande, por essa ocasião coberta de flores, de ouro. Lá encontrou o irmão lobo, todo arrepiado.

- Ele prepara-se para arrancar-te aos búfalos. Seguido de Tabaqui, Shere Khan cruzou o rio a noite passada, disse o lobinho inquieto.

Mowgli franziu os sobrolhos.

- Não tenho medo de Shere Khan, disse ele, mas Tabaqui é muito astucioso.

- Nada receies de Tabaqui. Encontrei-o de madrugada e a estas horas está contando suas lorotas aos urubus. Antes de quebrar-lhe a espinha, porém, fi-lo falar e contar tudo. Shere Khan planeja tocaiar-te esta tarde às portas da aldeia. Neste momento deve estar oculto na grande ravina seca do Waingunga.

- Teria comido hoje ou ainda está em jejum? perguntou Mowgli, para quem da resposta dependia a vida.

- Matou um porco de madrugada e também bebeu no rio. Shere Khan nunca se conserva em jejum, nem mesmo em vésperas duma vingança.

- Louco! Louco! Que infantil que é! Comeu e bebeu e pensa que o inimigo vai esperar até que digira! Dize-me, onde está Shere Khan exatamente? Se fôramos dez, daríamos cabo dele já. Meus búfalos não o atacarão, salvo se atiçados - e eu desconheço a linguagem dos búfalos. Mas poderemos seguir os rastros dele, de modo que o farejem.

- Shere Khan atravessou a nado o Waingunga para cortar caminho, respondeu Lobo Gris.

- Tabaqui ensinou-lhe esse meio de encurtar a viagem, já sei. Por si mesmo não teria nunca tal idéia, observou Mowgli, de pé, com o dedo na boca, meditativo. A ravina grande do Waingunga abre para o campo a menos de milha daqui. Eu poderei cortar a Jângal com meus búfalos para sair no começo da ravina, e então varrê-la toda - mas Shere Khan fugiria, advertido pelo tropel... Temos de bloquear a outra saída, Irmão Gris, és capaz de conduzir metade dos meus búfalos?

- Creio que não, mas trouxe comigo um bom auxiliar, respondeu o Lobo Gris, afastando-se até sumir-se num buraco donde logo depois surgiu uma cabeça que Mowgli conhecia muito bem, Imediatamente o espaço se encheu com a repercussão do mais desolador grito da Jângal - o Grito de Caça do Lobo.

- Akela! Akela! exclamou Mowgli batendo palmas. Eu tinha certeza de que não me havias de esquecer. Há serviço pesado hoje. Toma conta de metade dos meus búfalos, Akela. Separa as fêmeas e crias dum lado e os machos de outro.

Ajudado pelo lobinho, Akela pôs-se a executar a ordem. O rebanho foi separado em dois. Num grupo ficaram as fêmeas, com as crias no centro, escarvando a terra, prontas para a defesa da prole. No outro ficaram os touros e garrotes formados, cuja atitude guerreira, apesar de imponente, não era tão perigosa como a das fêmeas, visto não terem prole a defender.

- Que ordenas agora? perguntou Akela, ofegante. Os búfalos não tardarão a reunir-se.

Mowgli saltou para o pescoço de Rama e gritou;

- Tange o bando de machos para a esquerda, Akela, e tu, Irmãozinho Gris, irás com o bando de fêmeas ocupar o outro extremo da ravina.

- Em que ponto?

- Num ponto onde as barrancas sejam tão altas e íngremes que Shere Khan não as possa galgar.

O lobinho plantou-se imóvel diante das fêmeas, em atitude de desafio. Elas avançaram contra ele; o lobinho recuou e parou de novo; elas avançaram outra vez; o lobinho recuou e parou novamente. Desse modo as foi conduzindo para o ponto indicado por Mowgli. O mesmo sistema usou Akela para conduzir o seu bando de machos.

- Belo serviço, Akela! gritava Mowgli de cima de Rama.Uma carga mais e basta. Cuidado agora! Não os irrites muito, que carregarão contra ti. A carga tem de ser contra o tigre, lembra-te. *Huyah!* Sabias que estas criaturas de chifre voltado para trás são assim ligeiras no mover-se?

- Já.., já cacei búfalos, no meu bom tempo, respondeu Akela, meio asfixiado pela poeira. Viro agora em direção da Jângal?

- Sim e depressa. Rama está ardendo em furor. Oh, se eu pudesse fazê-lo compreender meu plano...

Vendo de longe aquele movimento do gado, os outros pastores correram para a aldeia, a contar que os búfalos haviam estourado e fugiam para a Jângal.

O plano de Mowgli era muito simples. Queria alcançar o começo da ravina e para isso cortaria um trecho da floresta. Alcançando o começo da ravina, meter-se, ia por ela adentro de modo a entalar Shere Khan entre os dois bandos de búfalos. Mowgli sabia que, depois de haver comido e bebido o tigre era incapaz de luta, bem como de galgar as barrancas da ravina. Sempre montado em Rama, seguia na frente, acalmando os búfalos com os seus gritos; Akela seguia atrás, apressando a marcha da retaguarda. Ao chegar a certo ponto, Mowgli deteve os animais num alto donde podia avistar por entre as árvores a planície ao longe. O que interessava eram as barrancas. Pôde verificar que eram bem altas, quase a prumo, justamente como necessário no caso. As plantas trepadeiras que nelas cresciam não formavam pontos de apoio para um tigre que tentasse subir.

- Deixa-os tomar fôlego, Akela, gritou Mowgli de mão erguida. Teus búfalos ainda não farejaram o tigre. Deixa-os respirar livremente e apanhar a catinga que está no ar.

E depois disso feito:

- Shere Khan pode aparecer agora. Não escapará.

Em seguida levou ambas as mãos à boca e desferiu um grito no rumo do canal da ravina - verdadeiro grito num túnel - e o eco multiplicou aquêle som de rocha em rocha.

Sem demora lhe chegou aos ouvidos o ronco de espreguiçamento dum tigre farto que acaba de despertar.

- Quem me chama? urrou Shere Khan, fazendo esvoaçar duma moita um assustado pavão.

- Eu, Mowgli. Chegou teu dia, comedor de bezerros! Vamos, Akela! Avança! Ataca, Rama, ataca!

Os búfalos, detidos por uns momentos na boca da ravina e postos em marcha pelo grito de guerra que o lobo desferiu, lançaram-se para a frente em doido atropelo, fazendo que a areia do chão se erguesse em nuvens e as pedras que os cascos batiam pererecassem tontas. Uma vez na disparada, coisa nenhuma os poderia deter. Haviam-se transformado em furacão. Logo adiante Rama farejou o ar, no qual sentiu bem viva a catinga do tigre.

- Ha! Ha! exclamou Mowgli. Agora sabes do que se trata, não é?

A torrente daqueles chifres negros, daqueles focinhos espumarentos, daqueles olhos chamejantes, daqueles corpos lançados num ímpeto incoercível, varreu o canal, como enormes pedrouços levados pela enxurrada. Os mais fracos eram espremidos de encontro às barrancas, que tentavam galgar por entre o emaranhado das plantas trepadeiras; sabiam a força da avalancha que lhes vinha atrás, tão impetuosa que nem o tigre resiste. Shere Khan ouviu o tropel e ergueu-se, pondo-se em marcha em procura dum ponto favorável onde pudesse galgar a barranca; eram elas, porém, muito íngremes naquele trecho, de modo que teve de trotar para adiante, pesado da digestão e disposto a tudo, menos a lutar. A torrente de búfalos breve alcançou o brejo onde ele estivera deitado, e todos mugiram coléricos. Mowgli ouviu os mugidos de resposta das fêmeas no outro

extremo da ravina. Shere Khan também os ouviu e entreparou. Entreparou e voltou-se. Compreendera tudo e preferia enfrentar os touros da retaguarda do que a ponta de fêmeas que o esperavam na frente. Era tarde. Rama atirou-se contra ele e apisoou-o, furioso, seguido nisso de quantos o acompanhavam de perto. Mowgli já havia saltado do seu cangote, pondo-se a seguro num ressalto da barranca, de vara em punho.
- Depressa, Akela! Dispersa os búfalos antes que comecem a entreferir-se. Estão muito amontoados. Anda, Akela! Hai! Rama! Cuidado! Cuidado!. . .

Akela e o Lôbo Gris, que se haviam reunido, entraram a correr dum lado para outro, mordendo as pernas dos búfalos, de modo a dispersá-los antes que o entrechoque dos seus corpos fosse maior. Shere Khan não necessitava de mais cascos sobre a massa do seu corpo. Estava moído, e já com urubus a caminho da sua carriça.

- Foi morte de cachorro, Irmãos, disse Mowgli, sacando da faca que aprendera a trazer à cintura depois de sua entrada na aldeia. Nem sequer lutou. Sua pele será apresentada na Roca do Conselho. Vamos a isso.

Um rapaz educado entre homens jamais pensaria em tirar sozinho a pele dum tigre de dez pés de comprimento; Mowgli, porém, sabia melhor do que nenhum outro como a pele dos animais adere ao corpo, e de que modo se pode sacá-la fora. Apesar disso o trabalho era duro e o reteve ali por uma hora, enquanto os lobos ofegantes faziam isto ou aquilo, conforme ele o ordenava.

Em dado momento sentiu sobre seu ombro um pousar de mão. Olhou. Era Buldeo, com a sua carabina Tower. Esse caçador soubera pelos outros meninos do estouro dos búfalos e furioso viera castigar Mowgli, o culpado. Assim que surgiu, os dois lobos se esconderam.

- Que loucura é essa?! exclamou Buldeo, colérico. Então te julgas capaz de tirar a pele dum tigre? Oh, é o tigre aleijado! Vale cem rupias! Bem, bem, perdoarei o teres deixado o rebanho estourar e talvez te dê uma rúpia de recompensa por teres descoberto esta pele - e assim falando Buldeo sacou do bolso do colete o isqueiro para abrir fogo e chamuscar as barbas do tigre, na crença de que isso previne perseguição por parte da alma da fera.

- Hum! exclamou Mowgli para si próprio enquanto escorchava uma das mãos do tigre. Queres levar a pele de Shere Khan para Khanhiwara a fim de recolher a recompensa da qual me darás uma rupia, não é? Sim, mas tenho minhas idéias a respeito desta pele. Heh! Buldeo, afasta daí esse fogo!

- Que modos são esses de falar ao caçador-chefe da aldeia? Tua sorte apenas e a estupidez dos búfalos te deram esta presa. O tigre tinha acabado de comer - não fosse isso, estaria a vinte léguas daqui. Tu não podes sequer escorchá-lo direito, pedacinho de gente, e tens o topete de dizer a Buldeo que não lhe queime as barbas? Mowgli, já não te darei nem um cobre da recompensa, estás ouvindo? Em vez disso terás uma surra. Deixa essa carniça, vamos!

- Pelo Touro que me comprou, disse Mowgli que estava nesse momento arrancando a pele do pescoço do tigre, será que terei de ouvir as caduquices deste macacão velho toda a tarde? Anda aqui, Akela! Este homem está a aborrecer-me.

Buldeo, que já ia chegando o fogo dum facho às barbas do tigre, viu-se de súbito arremessado ao chão, com Akela sobre si, enquanto Mowgli, sem sequer voltar o rosto, prosseguia no escorchamento como se estivesse sozinho no mundo.

- Sim, sim, rosnava ele entre dentes. Tens razão, Buldeo. Não me darás nem um cobre da recompensa. Está bem. Mas existe uma velha pendenga entre mim e este tigre, muito velha pendenga - e eu venci.

Faça-se justiça a Buldeo. Fosse ele dez anos mais moço, teria arrostado Akela, se o topasse pela frente; mas, um lobo que obedecia às ordens dum menino que tinha pendenga com tigres não era um lobo comum. Magia, feitiçaria da pior espécie, pensou consigo Buldeo, enquanto esperava que o amuleto que trazia ao pescoço o salvasse. E ficou imóvel, estarrecido, certo de que Mowgli também dum momento para outro iria transformar-se em tigre ou coisa equivalente.

- Mahraj! Grande Rei, murmurou ele por fim, no delírio do terror.

- Sim, respondeu Mowgli, sorrindo, sem lhe voltar o rosto e sem interromper o trabalho.

- Sou um velho. Perdoa. Não sabia que fosses mais que um simples pastorzinho de búfalos. Permites-me que me vá ou queres que este teu fiel servo lobo me faça em pedaços?

- Vai em paz. Mas doutra vez não te metas comigo. Larga-o, Akela.

Buldeo saiu dali cambaleando. A espaços voltava o rosto sobre os ombros para verificar se Mowgli não se havia ainda transformado nalgum monstro feroz. Quando chegou à aldeia contou apavorado uma história de feitiçaria e encantamento que deixou o sacerdote apreensivo.

Mowgli prosseguiu no seu trabalho, como se nada tivesse acontecido. Logo que o concluiu, disse:

- Temos agora de esconder esta pele e reconduzir os búfalos à aldeia. Ajuda-me a reuní-los, Akela.

O rebanho foi juntado e quando Mowgli alcançou a aldeia já viu as luzes acesas. Mas os sinos tangiam e metade da população o esperava nas portas. «Deve ser uma homenagem a mim por ter morto Shere Khan», pensou ele. Um chuveiro de pedras lançadas na sua direção fê-lo ver que não se tratava disso.

- Feiticeiro! Lobisomem! Demônio da Jângal! Fora! Fora! Para longe daqui, ou o sacerdote te virará em lobo outra vez. Atira, Buldeo! Atira!

Um tiro soou, que fez um jovem búfalo gemer de dor.

- Mais feitiçaria! gritaram os da aldeia. Ele desvia as balas. Mataste o «teu» búfalo, Buldeo!

- Que história será essa? pensou Mowgli, atarantado com as pedradas e os gritos.

- Não me parecem muito diferentes dos da Alcatéia, estes teus irmãos homens, disse Akela, sentando-se calmamente sobre as patas traseiras. Quer-me parecer que te estão expulsando do povoado.

-Lobo! Lobisomem! Fora! Fora! gritava o sacerdote sacudindo no ar um ramo de «tulsi», a planta sagrada.
- Outra vez? exclamou Mowgli. Da primeira insultavam-me de homem. Agora insultam-me de lobo. Vamo-nos daqui, Akela.

Uma mulher correu em sua direção, gritando:

- Oh, meu filho, meu filho! Eles dizem que és um feiticeiro que sabe virar-se em fera à vontade. Não creio nisso, mas vai-te daqui antes que te assassinem. Buldeo afirma que és um mágico, mas eu sei que vingaste a morte do meu Nathoo.
- Para trás, Messua! urrou a turba.' Para trás, se não te apedrejaremos também.

Mowgli sorriu numa careta. Uma pedra o havia atingido na boca.
- Volta para trás, Messua, gritou ele. O que eles dizem não passa de mais uma dessas histórias idiotas que costumam contar debaixo da figueira grande. Vinguei teu filho, é certo. Adeus. Volta depressa, porque vou arremessar contra essa macacada os meus búfalos. Não sou mágico nenhum, Messua. Crê. Adeus.

Em seguida gritou para Akela:

- Faze que os búfalos entrem.

Os búfalos estavam ansiosos por entrar; não foi preciso que Akela fizesse muito para que o rebanho se atirasse contra as portas, espalhando com violência a malta dos apedrejadores.

- Contai-os, berrou Mowgli com desprezo, para que mais tarde não me veja acusado de ter escondido algum. Contai-os, que não guardarei mais esse rebanho. Agradecei a Messua, homens. Por amor dela apenas deixo de invadir a aldeia com os meus lobos para caçar-vos a todos nas ruas.

Depois desse desabafo, Mowgli tomou o caminho da Jângal, seguido dos dois amigos. Olhava as estrelas e sentia-se imensamente feliz.

- Não mais dormirei em mundéus, Akela. Tenho as estrelas por teto outra vez!... Vamos agora apanhar a pele de Shere Khan. Nunca mais Lungri causará dano à aldeia onde Messua foi boa para mim.

Quando a lua se ergueu no alto dando a tudo um tom de leite, os horrorizados habitantes da aldeia viram Mowgli, com os dois lobos à sua ilharga e a pele do tigre sobre a cabeça, tomar rumo da Jângal em passo apressado, Fizeram então ressoar os sinos do templo e os gongos ainda com mais fúria do que antes, Messua chorava, enquanto Buldeo bordava a história da sua aventura, inventando que o lobo que o atacara tinha falado tal qual um homem.

A lua já descia quando Mowgli e os dois lobos alcançaram a Roca do Conselho. O menino dirigiu-se para a caverna de Mãe Loba.

- Expulsaram-me da Alcatéia dos homens, Mãe, gritou ele ao chegar, e aqui estou com a pele de Shere Khan a fim de cumprir minha palavra.

Mãe Lôba, rodeada dos seus lobinhos, apareceu à entrada da cova. Seus olhos chisparam ao ver a pele do tigre.

- Bem disse eu a Shere Khan, no dia em que tentou penetrar nesta caverna, que o caçador seria caçado! Muito bem, Mowgli!

- Muito bem, Irmãozinho! rosnou fora uma voz. Ficamos tão solitários na Jângal sem ti.., e Bagheera veio dum salto juntar,se ao grupo.

Dali dirigiram-se à Roca do Conselho, onde Mowgli abriu a pele do tigre sobre a pedra chata onde Akela costumava sentar-se. Esticou-a por meio de quatro varas de bambus e fez o velho Lobo Solitário pular em cima para desferir o grito de convocação do Conselho, «Olhai bem, ó Lobos!» exatamente como no dia da sua apresentação,

Desde o tempo em que o Lobo Solitário se viu deposto, a Alcatéia ficara sem chefe, caçando e lutando ao bel-prazer de cada um. Não obstante, todos os lobos, por força do hábito, atenderam ao chamado e foram-se chegando. Uns estavam aleijados por terem caído em armadilhas; outros estavam lazarentos, por terem comido carnes venenosas; muitos tinham desaparecido. Mas vieram os que restavam e viram a pele de Shere Khan estendida sobre a pedra, com as afiadas unhas pendentes, Mowgli então improvisou um canto sem rimas, que borbotou espontâneo da sua boca à medida que seus pés dançavam sobre a pele do inimigo. Akela ia marcando o compasso com uivos à lua.

- Olhai, ó Lobos. Cumpri minha palavra ou não? Gritou Mowgli ao terminar. E os lobos uivaram:

- Sim.

Um deles avançou e disse:

- Chefia-nos de novo, Akela. Estamos fartos desta vida desregrada; queremos voltar a ser o Povo Livre de outrora. Chefia-nos tu também, Filhote de Homem.
- Não! protestou Bagheeral Nunca! Assim que estiverdes de estômago cheio, a loucura e o desrespeito imperarão de novo. Não é sem causa que sois chamados o Povo Livre. Já lutastes pela liberdade absoluta e a tivestes. Comei-a agora, ó Lobos!...
- A Alcatéia dos Lobos e a Alcatéia dos Homens expulsaram-me do seu grêmio, disse Mowgli. Doravante caçarei sozinho na Jângal.
- E nós contigo! uivaram os quatro lobinhos de Mãe Loba.

E foi assim que Mowgli passou a viver solitário em companhia apenas dos quatro lobinhos até o dia em que...

Mas isto já é outra história.

# A canção de Mowgli

(Cantada na Roca do Conselho,quando ele dançava sobre a pele de Shere Khan.)

*É o canto de Mowgli - Eu,Mowgli, vou cantando.*
*Que a Jângal escute as coisas que fiz.*
*Shere Khan afirma que matará - que matará! Junto às partas, ao*
*Crepúsculo, ele matará Mowgli, a Rã!*
*Ele correu e bebeu. Bebe! Bebe! Shere Khan, quando beberas*
*de novo? Dorme e sonha com a presa.*
*Estou só nas pastagens. Vem a mim, Irmão Cris.*
*Vem a mim, Lobo Solitário, que teremos à tarde uma presa enorme.*
*Reuni os formidáveis touros-búfalos, os rebanhos dos touros de pele*
*azul e olhar colérico. Levai-os para um lado e outro lado, conforme eu ordenar.*
*Tu dormes ainda, Shere Khan? Acorda! Acorda!*
*Eis que eu vim e os touros me acompanham.*
*Rama, o rei dos búfalos, feriu o chão com o seu pé.*
*Águas do Waingunga, para onde foi Shere Khan?*
*Ele não é Ikki para cavar buracos; nem Mao, o Pavão, para voar;*
*ele não é Mang, o Morcego, para se suspender nos ramos.*
*Bambus pequenos que ciciais, dizem-me para onde ele fugiu?*
*Owl Está lá Aooh! Está lá! Debaixo dos pés de Rama se estende*
*o Coxo! Ergue-te, Shere Khan! Ergue-te e mata! Eis a presa; quebra o pescoço dos touros!*
*Hsh! Ele dorme! Nós não o despertarmos porque sua força é*
*muito grande. Os milhanos desceram para vê-lo. As formigas*
*negras subiram para conhece-lo. Há lá uma grande assembléia em sua honra.*
*Alala! Não tenho um manto que me envolva. Os milhanos verão*
*que estou nu. Tenho vergonha de me defrontar com toda esta gente.*
*Empresta-me tua roupa, Shere Khan. Empresta-me a tua alegre*
*roupa rajada para que eu possa ir à Roca do Conselho.*
*Ao touro que me resgatou, eu fiz uma promessa - pequena promessa.*
*Não falta senão a tua roupa para que eu a cumpra.*
*Com o punhal - com o punhal que os homens usam - com o*
*punhal do caçador, o homem, eu descerei a esta oferenda.*
*Águas do Waingunga, Shere Khan deu-me a sua roupa pelo amor que me dedica.*
*Tira-a, Irmão Gris! Tira-a, Akela! É pesada a pele de Shere Khan.*
*A corja dos homens está colérica. Eles atiram pedras e falam coisas*
*de criança. Minha boca sangra. Deixai-nos fugir.*
*Através da noite, através da noite quente, correi ligeiros comigo,*
*meus irmãos. Nós deixaremos as luzes da aldeia e iremos aonde a lua é baixa.*
*Águas do Waingunga, a corja dos homens me expulsou. A Jângal*
*se me fechou e as portas da aldeia também estão fechadas. Por que?*
*Assim como Mang voa entre as bestas e os pássaros erro entre as aldeias e a Jângal. Por que?*
*Eu danço sobre a pele de Shere Khan. Mas o meu coração é muito*
*pesado. Minha boca está cortada; feriram-na as pedras da*
*aldeia. Mas o meu coração é leve porque eu voltei para a Jângal. - Por que?*

*Estas duas coisas lutam em mim como lutam as cobras na primavera.*
*A Água jorra dos meus olhos; e eu rio enquanto ela cai. Por que?*
*Eu sou dois Mowglis, mas a pele de Shere Khan está debaixo dos meus pés.*
*Toda a Jângal sabe que eu matei Shere Khan. Olhai! Olhai bem, ó Lobosl*
*Ahae! Meu coração é pesado como as coisas que eu não compreendo.*

# O MILAGRE DE PURUN BHAGAT

Na noite em que sentimos na terra um rumor
De abalo, o agarramos pela mão ansiada.
Tínhamos nós por êle o grande amor
Que sabe tudo e não compreende nada.

E quando aconteceu o monte desabar
E o mundo submergiu nas chuvas torrenciais
Nós, os pequenos, é que fomos o salvar.
elas, êle, ai dêle! não retornará jamais!

Chorai! A sua salvação nos foi devida
Por força deste nosso humilde amor constante.
Chorai! O nosso irmão não voltará à vida,
E os seus irão nos expulsar daqui por diante.

Havia na Índia um homem que era Primeiro-Ministro dum dos Estados semi-independentes do norte. Um brâmane de tão alta casta que o preconceito de casta cessou de ter para êle qualquer significação; seu pai já havia sido notável numa lantejoulante

corte dos velhos tempos. À proporção que Purun Dass subia foi percebendo que a velha ordem de coisas estava mudando, e que se alguém quisesse fazer caminho no mundo devia andar bem com os inglêses e agir em tudo como os inglêses julgam conveniente. Mas um oficial nativo necessita ao mesmo tempo conservar o favor do seu real amo, jogo difícil, que o calmo e silencioso brâmane, ajudado por boa educação na Universidade de Bombaim, desenvolveu friamente, subindo de degrau em degrau até o posto supremo de Primeiro-Ministro.

Quer dizer que atingira uma situação mais poderosa que a do próprio Marajá.

Quando o velho rei - sempre muito desconfiado dos ingleses, de trens de ferro e telégrafos - veio a falecer, Purun Dass manteve-se em nível com o seu sucessor, sujeito à tutela inglêsa; e agindo sempre de modo que o amo recebesse todo o crédito, Purun criou escolas para meninas, construiu estradas, organizou dispensários e exposições de instrumentos agrícolas, e fêz sair anualmente um «livro azul» sobre o «Progresso Moral e Material do Estado», muito agradável ao Governo da índia.

Poucos principados indianos aceitam integralmente a civilização inglesa, porque não acreditam, como Purun Dass acreditava, que o que é bom para os inglêses é duas vêzes bom para o asiático. O Primeiro-Ministro tornou-se o grande amigo dos Vice-Reis, Governadores, Vice-Governadores, médicos, missionários e rudes oficiais da cavalaria inglêsa que vinham caçar nas reservas florestais, bem como de toda a horda de turistas que viajam através da índia, mostrando como as coisas devem ser feitas. Em seus momentos de lazer dotava bons estudantes para o aperfeiçoamento do estudo da medicina e da manufatura em moldes estritamente inglêses, e escrevia cartas para o Pioneiro, o diário indiano de maior tiragem, expondo as idéias e os objetivos de seu amo.

Por fim rumou para a Inglaterra, em viagem de visita, e teve de pagar grandes somas aos sacerdotes ao regressar, porque mesmo um brâmane de alta estirpe, como Purun, perdia a casta pelo simples fato de transpor o oceano. Em Londres encontrou-se e privou com quanta gente alta valia a pena homens cujos nomes correm mundo - e viu mais coisas do que as disse. Recebeu graus honoríficos de velhas universidades e fez conferências sobre a reforma social da Índia diante de damas magnificamente vestidas - até que tôda Londres exclamasse: «Esse é o homem mais fascinante que ainda apareceu desde que se inventou a roupa».

De volta à sua terra trazia um halo de glória, e o próprio Vice-Rei o honrou com uma visita especial, para impor sobre o Marajá a Grã-Cruz da Estrêla da Índia - toda diamantes, fitas e esmalte; e nessa mesma cerimônia, enquanto o canhão troava, Purun Dass foi feito Cavaleiro Comandante da Ordem do Império Indiano; seu nome passou a ser Sir Purun Dass, K. C. I. E. (Knight Commander of the Order of the Indian Empire).

Naquela tarde, no jantar dado na grande tenda do Vice-Rei, Sir Purun Dass ergueu-se com a comenda ao peito e em resposta ao «toast» erguido à saúde do seu real amo pronunciou um discurso que poucos inglêses poderiam melhorar.

No mês seguinte, quando a cidade reentrou na calmaria do costume, Purun fêz uma coisa que nenhum inglês em tal situação sonharia fazer - morreu. A comenda cravejada de diamantes voltou para o Governo e um novo Primeiro-Ministro foi posto à testa dos negócios públicos, com o grande jogo das nomeações para os cargos subalternos recomeçado. Os sacerdotes não ignoravam o que havia acontecido e o povo suspeitava; mas a índia é o único lugar no mundo onde um homem pode fazer como lhe apraz, sem que ninguém lhe tome contas; e o fato de Sir Purun Dass, K. C. I. E., ter resignado sua alta posição e tomado a escudela do mendigo e a samarra ocre de um sunnyasi, ou homem sagrado, não foi tido como estranho.

Ele havia sido, como a Lei Velha o ordena, moço durante vinte anos, lutador durante outros vinte (embora jamais carregasse uma arma) e, por ainda mais outros vinte anos, dono de casa.

Havia usado sua riqueza e poder para o que lhe parecera o bem; tinha colhido honras quando o momento era de colhêr honras, e tinha visitado cidades próximas e remotas, que o glorificaram. Deixava agora que todas estas coisas dêle se retirassem como vestes já inúteis.

Atrás de si, enquanto caminhava para as portas da cidade, de muleta, com uma pele de antílope ao ombro e a escudela de coco na mão, pés nus e olhos baixos - atrás de si iam ficando as salvas dos fortes em homenagem ao seu feliz sucessor, Purun Dass meneou a cabeça. Toda a sua vida de grandezas havia terminado, como um sonho que esmaece. Não passava agora dum sunnyasi - mendigo sem pouso fixo, dependente de encontros fortuitos para o alimento diário, embora sabedor de que enquanto houvesse na índia um pedaço de pão a dividir, sacerdote ou mendigo não padeceria fome. Nunca em sua vida tinha Purun provado carne, e raramente comera peixe. Uma nota de cinco libras teria bastado para suas despesas pessoais de boca durante cada um dos muitos anos em que foi senhor absoluto de tesouros. Ainda quando estêve a receber ovações em Londres conservara diante dos olhos o seu sonho de calma e paz: as compridas e poentas estradas indianas, marcadas de pés descalços, onde o tráfego é sonolento e a acre fumaça dos fogos acesos pelos viajantes ondura sob as figueiras, à hora em que acampam para o preparo do jantar.

Chegado que foi o tempo de transformar este sonho em realidade, o Primeiro-Ministro deu os necessários passos - e mais facilmente poderia ser encontrada uma certa bolha na amplidão do Atlântico do que Purun entre os milhões de criaturas que enchem a Índia.

Ao cair da tarde a sua pele de antílope era estendida no chão, no ponto em que o escuro da noite o apanhava - às vêzes num mosteiro sunnyasi dos que bordejam as estradas, às vêzes rente a um pilar votivo de Kala Pir, onde os iogues - essa outra classe de homens sagrados - o recebiam reverentes, como bons conhecedores que são das castas. Outras vêzes dormia nos arredores duma pequena aldeia, ou em pastos onde a chama da sua fogueirinha de gravetos acordava os camelos adormecidos. Tudo era o mesmo para Purun Dass - ou Purun Bhagat, como se chamava a si próprio agora. Terra, gentes, alimentos - era tudo um. Mas inconscientemente seus pés o levavam para noroeste; do Sul para Rohtak; de Rohtak para Kurnool; de Kurnool para a arruinada Amanah, e daí para o rio acima, pelo leito sêco do Gugger, o qual só se enche quando desabam chuvas nas montanhas. Um dia Purun avistou no céu as grimpas do Himalaia.

Sorriu. Lembrou-se de que sua mãe era da estirpe Rajput, de origem Kulu - montanhesa sempre nostálgica das neves - e que uma só gota de sangue montanhês acaba sempre levando um homem para as montanhas.

- Lá longe, murmurou Purun Bhagat galgando as mansas elevações do Sewaliks, onde os cactos se erguem como candelabros de sete ramais, lá farei meu pouso e meditarei - e logo que se fêz de rumo na direção de Simla os ventos gélidos do Himalaia assobiaram em seus ouvidos.

Da última vez que por ali passara vivia ainda na grandeza, e viera com escolta de cavaleiros, na viagem de visita ao mais afável dos Vice-Reis; e ambos conversaram mais de uma hora sobre amigos deixados em Londres e sobre o que o povo da Índia pensa a respeito das coisas. Agora, porém, não fazia visitas. Apenas contemplava, de sobre os trilhos da via férrea, a gloriosa vista das planuras desdobradas numa extensão de quarenta

milhas, e contemplou-a até que um guarda maometano o avisou de que estava obstruindo o tráfego. Purun curvou-se reverente perante a Lei, porque conhecia o valor dela e estava ele próprio à procura da sua. Em seguida rumou para a frente e dormiu numa palhoça abandonada perto de Chota Simla, que, embora parecesse o verdadeiro fim do mundo, não passava do comêço da sua peregrinação.

Purun seguiu pela estrada Himalaia-Tibé - estreita senda de três metros rasgada na dureza das rochas ou pendurada com estiras de madeira sobre abismos de mil pés de fundo; carreiro que mergulha por dentro de abafadas e úmidas covancas e trepa por encostas desnudas que o sol requeima; ou volteia por dentro de florestas sombrias nas quais os fetos parasitos revestem os troncos de alto a baixo, e o faisão pia chamando a companheira. E Purun encontrou pastôres tibetanos com seus cães e rebanhos de carneiros, cada qual com carga de bórax no lombo; e madeireiros errantes; e Lamas do Tibé que vinham de peregrinação à Índia; e enviados dos remotos reinos montanheses cavalgando póneis pampas, quando não a própria cavalgada dum Rajá em visita a um igual. Outras vêzes durante todo o curso dum dia claro, não topava senão um urso negro a fossar rahes no fundo do vale, A princípio, logo que começou a peregrinação, o rumor do mundo que Purun deixava o seguiu cantando-lhe no ouvido, como o barulho dum túnel transposto continua a cantar no ouvido do viajante; agora, porém, que o Passo do Muttiani estava galgado e já perdido ao longe, Purun Bhagat se via a sós consigo, a caminhar absorto, de olhos no chão e pensamento nas nuvens.

Certa tarde atravessou o tope mais alto que seus pés ainda haviam pisado - dois dias levara a subí-lo - e seus olhos viram uma linha de picos de neve que tomava todo o horizonte - montanhas de quinze a vinte mil pés de altura, como que ao alcance duma pedrada embora a cinqüenta ou sessenta milhas além. Espêssa e escura floresta envolvia êsse passo - castanheiros, cerejeiras bravas, oliveiras silvestres, sobretudo deodars, os cedros do Himalaia; e à sombra dum deodar encontrou um eremitério votivo a Káli, divindade adorada como afastadora da varíola.

Purun Dass varreu as lajes, sorriu ao ídolo risonho e armou um tosco fogão de barro atrás do eremitério; em seguida estendeu a pele de antílope sobre um acamado de folhas sêcas e sentou-se a repousar.

Diante de si a encosta nua descambava por mil e muitos pés, deixando ver lá embaixo uma pequena aldeia de pedra, telhados de terra cozida. Em redor, terraços de cultura dispostos como aventais sobre os joelhos da montanha; e pastagens retrilhadas de carreirinhos, com vacas não maiores que besouros, pastando. Quem olha do alto vê tudo tão diminuído que não pode conceber sejam as moitazinhas avistadas florestas de pinheiros de cem pés de altura. Purun Bhagat seguiu cum os olhos uma águia em revôo por sobre o imenso vazio aéreo, o qual logo se transformou em ponto microscópico. Nuvens estiradas, boiantes no ar, escondiam pedaços da montanha ou aproximavam-se até se diluírem, quando atingiam o sopé da ermida.

- Aqui encontrarei paz, murmurou o peregrino.

Para montanheses, subir morro não é nada; e, pois, logo que a fumacinha de Purun Bhagat empenachou o eremitério e foi vista da aldeia, um sacerdote montanhês rumou para lá, a fim de dar-lhe boas-vindas. Quando seus olhos encontraram os de Purun Bhagat - que os tinha afeitos ao comando - o sacerdote curvou-se até ao chão, tomou a escudela de coco e, sem dizer palavra, regressou à aldeia, para contar que havia visto, finalmente, um santo.

- Nunca encontrei na vida criatura assim. Vem das Planuras e é um brâmane dos brâmanes.

Então as mulheres da aldeia admitiram que o homem santo viria estacionar ali e prepararam os melhores petiscos para o seu recebimento. Petiscos montanheses são o que há de simples; mas com trigo e milho indiano, arroz e pimenta vermelha, pequeninos peixes dos riachos, mel selvagem, abricós secos, turmeric e gengibre, uma mulher devota prepara muita coisa boa.

A escudela que o sacerdote trouxe viu-se logo cheia de gulodices. Mas iria o santo permanecer lá? perguntava o sacerdote. Necessitaria dum *chela* - um discípulo - para serví-lo?

Teria cobertor que o resguardasse do frio? Gostaria dos quitutes?

Purun Bhagat aceitou os manjares e agradeceu ao doador.

Era sua intenção permanecer ali. Aquilo bastava, declarou o sacerdote. Pusesse a escudela de coco fora da ermida, no vão daquelas duas raízes do deodar, que diàriamente a encontraria refarta. Porque a aldeia grandemente se honrava da sua presença na montanha - e enquanto estas coisas dizia, o sacerdote olhava para o rosto de Purun Bhagat com a timidez do pequeno em face do grande.

Aquela tarde marcou o fim da peregrinação de Purun. Tinha alcançado o lugar que lhe parecia o pouso final - no silêncio e no espaço. Para êle agora o tempo estaciunaria; sentado à porta da ermida, não podia saber se vivo ou morto; se era ainda um homem no govêmo de seus membros ou se parte da montanha, das nuvens, das chuvas que caem e dos raios de sol. Purun repetia a si próprio, baixinho, centenas e centenas de vêzes, um Nome, até que, a cabo de repetições, parecesse escapar-se mais e mais do seu próprio corpo, como prestes a fazer alguma tremenda descoberta; mas assim que o alvo ia sendo atingido, seu corpo o puxava para trás - e com amargura o santo advertia estar ainda amarrado à carne e aos ossos de Purun Bhagat.

Cada manhã a escudela aparecia cheia entre as raízes do deodar, trazida pelo sacerdote, por algum mercador Ladakhi, que, de passagem pela aldeia, se mostrava ansioso por ganhar benemerência, e ainda mais amiúde pelas próprias mulheres que preparavam a comida. Murmuravam-lhe elas, com a respiração suspensa: «Peça por mim aos deuses, Bhagat. Peça por fulana mulher de fulano. Peça por nós». De quando em vez alguma criança mais intrépida recebia a honra de trazer a escudela de Purun, o qual a via largá-la entre as raízes e fugir com a máxima velocidade das peminhas. Mas à aldeia Purun jamais desceu. Lá ficava ela, qual um mapa estendido aos seus pés. Via de longe o povo reunir-se à tarde nos pontos nivelados; via as manchas verdes dos pequenos arrozais, via os milharais de tom índigo e os quartéis de trigo, e na estação própria a florada vermelha dos amarantos, cuja minúscula somente é comida pelos hindus nos dias de jejum.

Em certa época do ano os tetos das cabanas tomavam-se quadradinhos do mais puro ouro, pois serviam de terreiro onde secar as espigas de milho. Colheita e sêca, plantação de arroz e ceifa, perpassavam-lhe pelos olhos, lá embaixo, nos terraços de cultura, e Purun meditava sobre o para onde iria ter tudo aquilo no correr do tempo.

Mesmo na parte populosa da Índia um homem não pode sentar-se quieto num ponto sem que vidinhas venham pousar-lhe em cima como sobre uma pedra; natural, pois, que naquela silenciosa amplidão breve aparecessem vidinhas conhecedoras da ermida de Káli, para inspecionar o intruso. Langurs, os macacões de bigodes gris do Himalaia, foram lógicamente os primeiros, porque a curiosidade nêles dói; e depois de derrubada a escudela, que rolou pelo chão, e experimentados seus dentes na muleta, e

de caretas para a pele de antílope concluíram que a criatura humana ali sentada era inofensiva. A tarde saltavaiu de cima dos pinheiros e pediam, estendendo as mãos, coisas para comer. Gostavam também do calor do fogo, e rodeavaiu-no até que Purun Bhagat os afastasse para botar mais lenha.

O romper da manhã encontrou muitas vêzes um macaco a compartilhar o abrigo do seu cobertor. Durante todo o dia sempre ficava por ali um outro do bando, a resmungar com os olhos nas neves distantes, ou a enfitá-lo com ar de sabedoria.

Depois dos macacos veio um barasingh, veado grande, comparado ao europeu, porém, maior. Viera para acalmar o veludo dos seus galhos de encontro à pedra fria da estátua de Káli, mas ao dar com um homem na ermida fugiu. A imobilidade de Purun, entretanto, venceu-lhe o medo e, breve, ainda ressabiado, estava com o focinho rente ao ombro do peregrino. Purun ergueu a mão gelada e pousou-a sobre os chifres quentes, e aquêle toque foi uma doce carícia para o filho das selvas; sua cabeça inclinou-se para que a mão da suave criatura melhor lhe corresse pelo veludo. Depois disso o barasingh trouxe a sua companheira e um filhote - gentis viventes que farejavam a coberta de Purun e vinham à noite, os olhos verdes a brilharem à luz da fogueira, comer sua parte nas castanhas frescas. O veado mosco, o mais arisco e o menor da espécie, veio também, com as grandes orelhas de coelho eretas. E até o silencioso masbick-nabá achou de obrigação vir ver o que significava aquela luz na ermida - e acabou repousando o seu focinho de rato no colo do Bhagat. Purun Bhagat chamava a todos «meus irmãos», e seu meigo apêlo de «Bhai! Bhai!» era de longe atendido. O urso negro do Himalaia, Sona, que tem uma marca de V sob o focinho, apesar de desconfiado que é, passava por ali muitas vêzes, e, como o Bhagat não demonstrasse nenhum mêdo, Sona limitou-se a observá-lo; depois foi-se achegando, para ter os agrados do Santo e apanhar um pedaço de pão ou algumas cerejas silvestres. Freqüentemente, quando pela calada matutina o Bhagat contemplava, do ponto mais alto do cabeço, o dia vermelho que vinha subindo detrás dos picos de neve, o urso aparecia a fungar nos seus calcanhares, varrendo com a mão por debaixo dos troncos caídos e retirando-a com um whuff de impaciência; outras vêzes o primeiro passeio iuatinal de Purun o levava para onde o alentado bruto jazia a dormir; Sona, ao perceber rumor, erguia-se sobre as patas, pronto para a luta, atitude que abandonava ao perceber tratar-se do seu melhor amigo.

Quase todos os eremitas e santos que vivem retirados do mundo gozam da teputação de fazer milagres com os animais das selvas; mas todo o milagre se resume em conservar-se diante dêles imóvel, não fazendo nenhum movimento brusco que o assuste, e nunca, pelo menos durante os primeiros encontros, olhá-los diretamente. Os montanheses da aldeia viam o perfil do barasingh estampado em silhueta sobre o escuro da floresta oposta à ermida; viam o minaul - faisão do Himalaia, rutilando suas melhores côres diante da estátua de Káli; e viam os langurs sentados por lá, a brincarem com cascas de castanhas. Alguns dos meninos contavam ter visto Sona cantando para si próprio, à moda dos ursos, rente às grandes pedras roladas. Tudo isto firmara a reputação do Bhagat como fazedor de milagres.

Nada, entretanto, estava mais afastado do seu espírito do que a idéia de milagres. Purun admitia que tôdas as coisas eram um grande milagre, e homem que isto admite não se mete a realizá-los. Purun sabia que nada é grande e nada é pequeno neste mundo, e dia e noite lutava para pensar com o coração das coisas, retornando para donde sua alma tinha vindo.

***(1) Veado de chifres revestidos duma pilosidade macia.***

E tanto assim pensara que o seu cabelo despenteado lhe caíra sôbre os ombros; e a laje que ficava ao lado da pele de antílope cavara-se dum buraquinho no ponto de apoio da muleta; e o lugar entre as raízes onde a escudela repousava a maior parte do dia afeiçoara-se com a forma da vasilha. Também cada animal conhecia o ponto exato onde Purun acendia fogo.

Os campos mudavam de côr conforme as estações; os terreiros lá embaixo enchiam-se e desenchiam-se, e novamente se enchiam e outra vez se desenchiam; e outra vez e outra vez, ao vir dos invernos, os ldngars tiritavam nos galhos apendoados de neve, até que as mães macacas, no comêço da primavera, regressassem dos vales quentes, para onde emigram com os seus bebês de olhos nostálgicos.

Poucas mudanças se davam na aldeia. O sacerdote crescia em velhice e as crianças, que primeiro tinham vindo trazer a escudela, mandavam-na agora pelos seus filhos. E se alguém perguntava aos montanheses há quanto tempo vivia lá em cima o santo homem, respondiam - «Sempre viveu lá».

Certo ano vieram chuvas de verão como não havia memória de iguais. Durante três meses o vale viu-se envolvido em nuvens e cerração de molhar, com aguaceiros intermináveis sucedendo a aguaceiros sem fim. A ermida de Káli só aparecia a espaços, para os da aldeia, num rasgão de nuvem, e Purun chegou a passar todo um mês sem vislumbrar nesga do povoado. Escondiam-no as nuvens de cerração branca, que ondulavam, estiradas dum ponto para outro sem jamais perderem contato com os murmurejantes flancos do vale.

Por todo êsse tempo o Bhagat nada mais ouviu senão o som de milhões de aguazinhas, escorrendo das árvores, correndo pelo chão, pingando das folhas dos fetos ou pinoteando por canalículos rasgados de fresco nas rampas. Afinal o sol apareceu forte e fêz brotar dos deodars e rododendros a essência balsâmica, e de todas as coisas aquêle cheiro limpo que o povo diz - «cheiro de neve». Durou êsse sol uma semana; depois disso todas as chuvas se reuniram para um aguaceiro final - e a água caiu em cordas que torturavam o chão e o faziam uma lama única, Purun Bhagat acendeu fogo maior essa noite, porque estava seguro de que seus irmãos das selvas iriam pedir mais calor; nenhum dos animais, entretanto, veio abrigar-se na ermida, embora êle insistentemente os chamasse, desejoso de saber o que ia pela floresta.

Mas lá no mais forte da noite escuríssima, quando a chuva tamborilava como um milhão de tambores, Purun viu-se desperto por um puxo na sua coberta dado pela mãozinha dum langor.

- Muito melhor aqui do que nas árvores, murmurou Purun sonolentamente, estendendo uma ponta da coberta ao visitante. Aquece-te.

O macaco, porém, agarrou-lhe a mão e puxou-a rijo.

- É comida que queres? indagou o santo. Espera um momento, que prepararei alguma.

Mas assim que se ajoelhou para reacender o fogo, o langor correu para a porta da ermida, roncou e retornou, agarrando-se-lhe ao joelho.

- Que há? Que te está agitando, Irmão? perguntou Purun, vendo os olhos do langor cheios de coisas que o brutinho não podia expressar. A não ser que algum teu companheiro tenha caído em armadilhas - e ninguém as arma por aqui - não sairei para fora com um tempo dêstes. Olha, Irmão, até o bàràsingb vem atrás de abrigo.

Os chifres engalhados do animal tatalaram dentro da ermida ao esbarrarem de encontro à risonha estátua de Káli.

Depois êle os baixou na direção de Purun, e com as patas dianteiras escarvou o chão, inquieto, emitindo sibilos pelas ventas semicerradas.

- Hai! Hai! Hai! exclamou o Bhagat. É essa a paga duma noite de abrigo que ofereço?

Mas o veado empurrou-o para a porta, e nesse momento Purun ouviu um som como de bocejo e viu duas laíes do chão afastarem-se, esguichando lama.

- Compreendo agora, murmurou Purun Bhagat. Vejo porque meus irmãos não vieram aquecer-se ao fogo desta noite.

A montanha está caindo - mas para que ir para fora? Seus olhos, porém, foram ter à escudela vazia e sua face demudou-se.

Eles deram-me comida desde que aqui cheguei e se agora não me apresso não existirá amanhã vivalma no vale. Tenho que avisá-los. Afasta-te, Irmão. Deixa-me chegar ao fogo.

O barasingh afastou-se de má vontade, permitindo que Purun metesse na fogueira um resinoso galho de pinho até vê-lo bem incendiado.

- Ah! Vieste avisar-me, disse depois o santo, erguendo-se, mas há melhor a fazer. Vamo-nos agora, e dá-me o apoio do teu pescoço, Irmão, visto como só tenho dois pés.

Purun apoiou a mão direita sobre o congote do barasingh, ergueu o facho com a esquerda e, deixando a ermida, afundou pelo escuro adentro.

Nenhuma ventania, mas a chuva quase apagou o archote quando o veado escorregou de anca pelo declive abaixo. Logo que saíram da floresta mais irmãos do Bhagat a êle se juntaram, e o santo homem ouvia sem ver os langars apertarem-se em redor dêle e atrás o uhh! uhh! de Sona. A chuva aplastava seus compridos cabelos em mechas, a água espirrava sob seus pés e a samarra ocre lhe aderia ao frágil corpo de ancião; mas Purun caminhava sem parar, firmemente, sempre apoiado no coilgote do barasingh. Não era mais o santo, e sim Sir Purun Dass, K. C. I. E., Primeiro-Ministro de um não pequeno Estado, homem afeito ao comando, que ia a evitar uma catástrofe. E a amassar lama caminharam o Bhagat e seus irmãos, até que a pata do veado desse na pedra dum terreiro e de suas ventas saísse o fungar do bicho que fareja Homem, Estavam na entrada do vilarejo, e logo o Bhagat bateu na janela de grades do ferreiro local, enquanto a chama do seu archote clareava o beiral do telhado.

- Para fora todos! gritou êle, desconhecendo a sua própria voz porque havia anos e anos que não falava alto para uma criatura humana. O morro está caindo! O morro está caindo! Para fora, todos daí de dentro!

- É o nosso Bhagat! disse a mulher do ferreiro. Ele vive entre os animais e sabe. Pega os pequenos e dá aviso.

Purun foi de casa em casa, sempre rodeado dos bichinhos e seguido de Sona a dar puffs impacientes.

O povo precipitou-se para as ruas - não passavam de setenta almas ao todo - e ao clarão de archotes viram o seu Bhagat segurando o aterrorizado barasingh, com os macacos agarrados à sua túnica e Sona, sentado sobre as patas traseiras, a roncar.

- Todos para o morro de além-vale! gritava Purun Bhagat. Ninguém se deixe ficar. Nós seguiremos por último.

E o povo da aldeia correu como só montanheses correm, certos de que a salvação estava na fuga para o morro de além-vale. Fugiram, chapinhando o ribeirão passado a vau e galgando, entre arquejos, os terraços de cultura. Atrás de todos vinham o Bhagat e seus irmãos. Mais e mais subiram os montanheses pela montanha oposta, a chamarem-se uns aos outros para verificar se não faltaria algum, e distanciaram-se de Purun Bhagat. Por fim o veado deteve-se à sombra dum pinhal a meia encosta, meia milha antes do alto. O mesmo instinto que lhe dera aviso do desmoronar da montanha advertia-o agora de que ali estava em seguro.

Purun Bhagat descaiu de lado numa vertigem, exausto da vida pela friagem da chuva e pelo esforço feito; mas antes de vir ao chão ainda gritou para as tochas lá da frente:

- Detende-vos e contai-vos, e depois que os montanheses se detiveram agrupados para a contagem, disse ao veado: Fica comigo, Irmão. Fica até.. . que... eu. . me. . . vá.

Nenhum montanhês - nem mesmo o sacerdote - se sentiu intrépido bastante para ir em socorro do Bhagat que lhes salvara a vida.

Acocoraram-se todos sob os pinheiros à espera de que o dia rompesse. Quando a luz do sol lhes permitiu ajuizar da catástrofe notuma, viram que o que restava da floresta, dos terraços de cultura e dos pastos retrilhados de carreirinhos, não passava de uma enorme cicatriz vermelha em forma de leque, pontilhada de umas tantas árvores de raízes para cima. Aquêle vermelho prolongava-se até a meio do morro onde se achavam, e no fundo do vale barrava o ribeirão que, represado, se ia alargando em lagoa côr de tijolo. Da aldeia, da estrada conducente à ermida, da própria ermida e floresta convizinha, nem sinal! Por milha de largo e dois mil pés de fundo a encosta da montanha esbarrondara-se de alto a baixo.

Visto e revisto o desastre, os montanheses, um a um, puseram-se a caminho para rezar diante do seu Bhagat. Viram-no de longe com o bàrasingb imóvel ao lado, e ouviram os lúngars em choro nos galhos, e Sona a lamentar-se perto. Ao aproximarem-se, fugiram todos, e os montanheses encontraram o santo sem vida, de pernas cruzadas e o dorso apoiado de encontro a uma árvore. Sua face estava voltada para noroeste.

O sacerdote disse:

- Vejam! Um milagre depois de outro, porque esta atitude é a verdadeira atitude em que todos os sunnyasis têm que ser enterrados! Por isso, aí onde está aí ficará - e construiremos um templo para abrigo do seu corpo.

Antes de passado um ano o templo foi erguido - pequeno eremitério de pedra - e o morro tomou o nome de Morro do Bhagat, ponto de peregrinação com luzes e flôres a partir daquele dia. Mas nenhum dos montanheses ficou sabendo que o seu santo era mesmo Sir Purun Dass, K. C. I. E., D. C. L., Ph. D., etc., outrora Primeiro-Ministro do Estado de Mohiniwala e membro honorário ou correspondente de numerosas sociedades científicas que nunca fizeram nenhum bem neste mundo - nem o farão no outro.

## Canto de Kabir!

*Leve era o mundo que êle susteve na mào!*
*De seus feudos era pesada a tradição.*
*Ele deixou o trono e o sudário vestiu*
*E como um verdadeiro bairagi partiu.*

*A seus pés o caminho de Delhi se estende,*
*Sal e Kikar guardá-lo-ão deste calor que acende.*
*A sua casa é o campo, é a turba é o deserto -*
*Bairagi, êle procura o seu caminho certo.*

*Olhou o hoirtem, com os olhos a fulgir*
*(Houve Um; há Um, só Um - disse Kabir);*
*Dissolveu-se nesta hora o nevoeiro da Ação,*
*E êle, Bairagi, escolheu a Direção.*

*Saber e discernir da terra os irmãos seus,*
*De seu irmão o bruto, e seu irmão o Deus.*
*Deixa o conselho para o sudário vestir,*
*Um Bairagi confesso (Ouves? disse Kabir).*

# SERVIDORES DA RAINHA

Tinha chovido a cântaros o mês inteiro sobre o acampamento de Rawal Pindi, onde trinta mil homens e milhares de camelos, elefantes, cavalos, bois e mulas estavam reunidos para serem passados em revista pelo Vice-Rei da Índia.

O Vice-Rei andava às voltas com a visita do Emir do Afeganistão - rei selvagem dum país selvagíssimo, o qual trouxera consigo uma guarda de oitocentos cavaleiros que nunca haviam visto um acampamento ou uma locomotiva - homens selvagens e cavalos selvagens lá do fundo da Ásia Central. Todas as noites bandos dêsses cavalos estouravam, correndo tontos pelo acampamento - quando não eram os camelos que fugiam dos cabrestos e disparavam aos tropeções pelo cordame das barracas. Isso não tornava nada agradável o sono dos homens.

Minha barraca ficava longe da linha dos camelos e por isso me julguei a salvo; certa noite, porém, um homem enfiou a cabeça pela abertura e gritou:

- Saia depressa! Eles vêm vindo. A minha barraca já se foi.

Eu sabia o que significava aquêle «êles», por isso enfiei as botas, a capa de borracha e precipitei-me em fuga, A pequenina Vixen, minha fox-terrier, saiu pelos fundos. Fora, um tumulto de grunhos, roncos, berros - e lá se aplastou a minha barraca, com o mastro central partido, a dançar epilépticamente debaixo da lona. Um camelo entalara-se nela. Apesar de furioso e encharcado como me achava, não pude deixar de rir-me, mas continuei a correr, não sabendo quantos camelos corriam à sôlta. Em pouco tempo vi-me longe dali, à fôrça de patinhar na lama. Súbito, dei de encontro à culatra dum canhão. Estava junto às linhas da artilharia, onde os canhões eram desatrelados durante a noite. Cansado de amassar lama sob o chuvisco, estendi minha capa sôbre a bôca do canhão, ajeitando-a de modo a formar uma espécie de cabana, e deitei-me embaixo.

E Vixen? pensei, Onde andará ela?

O sono já me vinha vindo quando ouvi um barulhar de arreios e um relincho, ao tempo em que uma bêsta passava, a sacudir as orelhas molhadas. Pertencia a uma bateria de canhões de parafuso; deduzi isso do ruído das correias, argolas, correntes e mais tralha do seu lombilho acolchoado. Canhões de parafuso são uns canhõezinhos feitos de duas partes separáveis, que se aparafusam no momento de usar. Os soldados içam-nos pelas montanhas acima, por onde quer que passe uma bêsta, pois são muito úteis nos terrenos pedregosos.

Atrás da bêsta vinha um camelo, cujos cascos moles escorregavam na lama. Vinha balançando o pescoço, qual galinha tonta. Felizmente eu conhecia a língua dos animais - não dos animais selvagens, mas dos que viviam naquele acampamento - de modo que pude compreender a conversa, Tratava-se do mesmo bruto que ruíra minha barraca.

- Que fazer? Para onde ir? dizia êle à bêsta. Tive um encontro sério com uma coisa branca, que flutuava e me bateu com um pau no pescoço. Referia-se ao mastro da barraca.

- Devo continuar a correr? perguntou depois.

- Oh, é então você, respondeu ela, você e mais os seus amigos que causaram tôda esta desordem no acampamento? Muito bem. Vão todos levar surra amanhã, e o mais que posso fazer é dar alguma coisa por conta.

Ouvi um trinclido de arreios e um som de tambor; o camelo recebera na barriga duas parelhas de coices.

- Isto ensinará a você, disse ela, que não se corre impunemente pelo meio duma bateria de bêstas à noite, gritando, como um bôbo: «Ladrões! Fogo!» Deite-se, e fique quieto com êsse estúpido pescoço.

O camelo dobrou-se à moda dos camelos e sentou-se, gemendo.

Nisto rompeu no escuro um parará ritmado - e logo um cavalão de guerra chegou em galope de ordenança, como se estivesse em parada: pulou por cima dum canhão e veio cair perto do criminoso.

- Que vergonha! murmurou assoprando pelas ventas.

Estes camelos novamente estouraram pelas nossas linhas, pela terceira vez esta semana. Como há de um cavalo conservar-se em forma, se não o deixam dormir?

E percebendo a bêsta:

- Quem é você?

- Sou a mula da culatra número dois da Primeira Bateria de Canhões de Parafuso, respondeu a bêsta, e este cá é um dos tais. Também a mim me veio acordar. E você?

- Número quinze, tropa E do Nono de Laficeiros. Sou o cavalo de Dick Cunliffe, Abra espaço, faça o favor.

- Oh, desculpe, disse a mula. Está tão escuro que não vejo nada. Éstes camelos são umas pestes. Tive de deixar minha cama em busca de um pouco de calma aqui, - senhores, disse o camelo com humildade, tivemos sonhos maus esta noite e ficamos cheios de mêdo. Eu sou um dos camelos do comboio do 39 de Infantaria Indígena, e não posso gabar-me de ter tanta coragem como os amigos,

- Então por que não ficou com a bagagem do 39, em vez de meter-se a galopar pelo acampamento? observou a mula.

- Maus sonhos, já disse, Queiram desculpar-me. E agora? Devo continuar a correr?

- Deite-se, ordenou a mula, ou você vai quebrar essas estacas, a que chama pernas, de encontro às baterias.

Em seguida empinou as orelhas à escuta.
- Bois! disse ela. Bois da bateria! Os camelos despertaram todo o campo, ao que vejo. Olhe que é preciso fazer um serviço limpo para acordar até um boi de bateria!

Nesse momento chegou-me aos ouvidos um barulho de corrente a arrastar-se - e logo divisei uma junta dêsses grandes bois brancos que puxam os pesados canhões de assédio, quando, nas horas de fogo, os elefantes se recusam a avançar. Atrás dêles vinha outra mula de bateria, que chamava desesperadamente por «Billy».

- É uma das nossas recrutas, disse a primeira mula ao cavalo. E voltando-se para a recém-chegada: Aqui, menina! Basta de espantos, Escuridão nunca fêz mal a ninguém.

Os bois da bateria deitaram-se e puseram-se a ruminar, enquanto a mula nova se achegava de Billy.

- Coisas horríveis, Billy! disse ela, Coisas horríveis entraram pelas nossas linhas enquanto dormíamos. Será que nos vão matar?
- Só mesmo a coice! Uma senhora mula dêsse tamanho e com a educação que você tem, a envergonhar a bateria diante dêste cavalheiro!
- Devagar, devagar! murmurou o cavalo. Lembre-se de que somos todos assim no comêço, Da primeira vez que vi um homem (foi na Austrália e eu tinha três anos), corri metade de um dia - e se tivesse visto um camelo estaria a correr ainda...

Quase todos os cavalos da cavalaria inglêsa nas Índias procedem da Austrália e são amansados pelos próprios soldados.

- Não deixa de ser verdade, concordou Billy - Mas basta de tremuras, menina. Da primeira vez que levei no lombouma cangalha completa, com tôdas as suas correias e loros e o diabo, corcoveei como nunca, e atirei com tôda a tralha longe.

E apesar de ser ainda uma ignorante na verdadeira ciência do coice, todos da bateria disseram jamais ter visto nada igual.

- Mas não se trata aqui de cangalhas ou do que seja, objetou a mulinha nova. Nada disso me espanta. Eram coisas enormes como árvores, que caíam do alto, roncando; meu cabresto partiu-se e não pude mais achar meu condutor - nem pude encontrar você, Billy.,, Fugi então como doida, seguida dêstes senhores.
- Hum! exclamou Billy, Logo que vi os camelos disparados tratei de safar-me por minha conta e risco. Oh, mas para que uma mula de bateria (de bateria de canhão de parafuso) chame «senhores» a êstes bois é preciso que esteja realmente emocionada... Quem são vocês, que mal chegaram já se deitaram?
Os bois engoliram o bôlo que ruminavam e responderam a um tempo:

- Somos a sétima junta do primeiro canhão da Artilharia de Assédio, Estávamos dormindo quando os camelos chegaram e, como viessem para cima de nós, escapamos por aqui, Antes dormir em sossêgo nesta lama do que estar em perigo sôbre boa palha. Dissemos a esta senhora (e apontaram com a língua para a mulinha) que não havia motivos para assustar-se, mas ela pensou de outra maneira, Wah!

E continuaram a ruminar.

- É em que dá ter mêdo, disse Billy, Tornamo-nos objeto de troça até de bois de bateria. Isto deve ser muito agradável a você, senhora mulinha. . .

Os dentes da mulinha estalaram, e ouvi-a gritar que jamais tivera mêdo a «bifes»; os bois, porém, contentaram-se com esfregar os chifres um no outro, sem nada responder.

- Agora, mulinha, não se mêta colérica só porque teve mêdo. É a pior espécie de covardia, disse o cavalo, Nada mais perdoável do que ter mêdo à noite, quando vemos coisas incompreensíveis. como penso, Nós, cavalos, já disparamos em bando de quatrocentos, só porque um nôvo recruta se pôs a contar histórias das serpentes de fogo que existem na Austrália. Ficamos a ponto de morrer de mêdo à simples vista dos cabrestos pendentes dos moirões de amarra.

- Tudo isto não é nada nos acampamentos, disse Billy.

Eu mesmo costumo disparar por desfastio quando passo prêsa dois ou três dias. Mas em campanha?

- Oh, aí o caso é diverso, respondeu o cavalo, Dick Cunliffe está sempre sôbre o meu lombo, a apertar-me com o joelho dos dois lados. Tudo quanto posso fazer é olhar para onde meto os pés e obedecer às rédeas.

- Que história é essa de obedecer às rédeas? perguntou a mulinha.
- Pelas Árvores de Goma de Back Block! relinchou o cavalo, Quer você que eu acredite que a senhorita não sabe o que é obedecer às rédeas? Para que serve uma bêsta, se não se volta ligeira quando a rédea é estirada dêste ou daquele lado? Isso é questão de vida ou de morte para o cavaleiro - e naturalmente também de vida ou de morte para a cavalgadura. Temos que frear a marcha logo que sentimos a pressão da rédea. Se não há espaço para uma volta, temos de empinar a cabeça, descarregando todo o pêso do corpo nas pernas de trás. Eis o que se chama obedecer às rédeas.

- A nós não nos ensinam dessa maneira, disse Billy friamente. Temos que obedecer ao homem que segue a frente; avançar, se êle nos dá ordem para isso ou recuar, se nos manda recuar, Creio que isto dá na mesma. Mas, afinal de contas, depois dessa bela proeza de descarregar o corpo sôbre as pernas traseiras, etc., e tal, que é que acontece?

- Isso depende, respondeu o cavalo. Em regra tenho de lançar-me contra magotes de homens cabeludos que urram, armados de facas - longas facas rebrilhantes, piores do que as facas dos veterinários - e tenho de estar atento para que a bota de Dick não esbarre na do homem que vem a par dêle.

Vejo a lança de Dick com o rabo do ôlho direito e sei que não há perigo, Ah, não queira ninguém ser o cavalo ou o homem que se atrevesse em nosso caminho - meu e de Dick - quando nos atiramos para a frente...

- Essas facas fazem mal? perguntou a mulinha.
- Ora se! Certa vez apanhei um golpe no peito - mas não por culpa de Dick, não.
- Se fôsse comigo eu não ficaria sem saber quem era o culpado, murmurou a mulinha.

- Não é assim, replicou o cavalo. Se a gente não confia no homem que nos monta, melhor então abandonar o serviço.

É o que certos cavalos fazem - e não os culpo, Mas, como ia dizendo, a culpa não foi de Dick. Estava um homem deitado de bruços na minha frente e eu manobrei para não esmagá-lo; nesse momento recebi o golpe de baixo para cima. Outra vez que tiver de passar por sôbre um homem, hei de assentar as patas bem em cima - e com todo o pêso.

- Hum! exclamou Billy. Isso me cheira a tontice. Facas são sempre horríveis, A melhor coisa a fazer é galgar morros, com arreios bem ajustados, pés rijos e orelhas atentas, até ficar a boa distância de todo o mundo, num ponto onde haja base firme para os cascos, E então ficar imóvel, Nada de deixar que um homem manobre o nosso queixo. Apenas permanecer imóvel, enquanto os canhões são aparafusados. E ver os obuses caírem ao longe, por entre as árvores, rebentando como pipocas vermelhas.
- Não tropica você nunca? perguntou o cavalo.
- Mula não tropica nunca. De vez em quando uma sela mal posta talvez nos faça perder o equilíbrio, mas é raro. Eu tinha vontade que você conhecesse o nosso serviço. É perfeito, Mas levei três anos para descobrir o que os homens queriam de mim. Tôda a ciência está em esconder o mais possível o corpo, pois do contrário é certo vir bala, Nunca se esqueça das minhas palavras, menina. Fique sempre o mais escondida possível, mesmo que tenha de dar uma grande volta.

Sou eu quem conduz a bateria nas escaladas dêste gênero.
- Deixar-se fuzilar sem um arremêsso contra quem nos fuzila? observou o cavalo franzindo a testa, Não compreendo semelhante coisa, Eu gosto de dar cargas, com Dick.

- Oh, não, não, A gente sabe que, colocados os canhões nos pontos próprios, as cargas são com êles, Isto, sim, é científico; mas lutar peito a peito contra as facas, pah!

Durante a conversa o camelo movia a cabeça de cá para lá, procurando meter o bedelho no assunto. Por fim murmurou com timidez, depois de tossir o pigarro:
- Eu... eu... eu também lutei um bocadinho, mas não dessa moda de subir morros ou de dar cargas a galope.
- Sim? fêz Billy, Ficamos cientes. Você não tem mesmo muito ar de bicho próprio para subir morros ou galopar...

Mas conte lá como foi a sua luta, cargueiro velho.
- Da maneira certa, respondeu o camelo. Nós todos nos deitamos...
- Oh, meu Rabinho de couro de búfalo! exclamou o cavalo entre dentes. Deitados! Lutar deitado...
- Nós todos nos deitamos, uma centena mais ou menos, num enorme quadrado, prosseguiu o camelo, e os homens, depois de empilharem os nossos kajawahs, as cargas e arreios a certa distância, puseram-se a dar tiros escondidos atrás de nós - sim, atrás.
- Que espécie de homens eram êsses? Quaisquer homens ao acaso? perguntou o cavalo. Na escola de exercícios, nós, cavalos, aprendemos a deixar que os cavalgantes atirem por cima dos nossos corpos, mas Dick Cunliffe é o único no qual tenho confiança para isso. Sinto cócegas no pescoço e, com a cabeça por terra, nada vejo do que se passa.
- Que importa que seja êste ou aquêle quem atire por trás de nós? replicou o camelo. Indiferente. Nessas ocasiões ficam juntos muitos camelos e inúmeros homens - e é aquela fumaceira! Eu de mim confesso que não sinto nenhum medo.

Conservo-me bem quieto à espera.

- Sim, sim, não têm mêdo - no entanto de noite sonham os tais sonhos que põem o acampamento em polvorosa...

Cá comigo é diferente. Se quiserem que me deite para que um homem atire por detrás de mim, meus cascos vão primeiro conversar com a cara dêle... É lá possível admitir semelhante coisa?

Houve um longo silêncio. Em seguida um dos bois da bateria levantou a cabeçorra para dizer:

- Tido isso é na realidade bem absurdo. O verdadeiro sistema de combater parece-me outro.

- Continue, disse Billy. Não olhe para mim. Imagino que os bois combatem pondo-se em pé sobre a cauda...

- O verdadeiro sistema é um só, disseram os dois bois a um tempo (eram gêmeos). Consiste nisto: encangar vinte juntas ao canhão grande logo que Duas Caudas começa a trombetear. (Duas Caudas é o nome do elefante em gíria de acampamento).

- E por que Duas Caudas trombeteia? perguntou a mulinha.

- Para declarar que se recusa a seguir para onde está a fumaceira, Duas Caudas não passa dum grande poltrão. Assim que isso acontece, nós nos pomos à frente do canhão grande. Heia, Hullah! Heeiah! Hullah! Cá conosco, nada de subir encostas como gatos, nem de galopar como bezerros. Seguimos pela planície, vinte juntas cada vez, até que nos desencanguem. E ficamos a pastar enquanto os grandes canhões conversam com as aldeias de palhoças, cujas paredes desmoronam dentro de nuvens de poeira - como se enormes rebanhos estivessem entrando para um curral.

- Oh, e vocês escolhem justamente êsse instante para pastar?..... observou a mulinha.

- Esse momento ou outro qualquer, Pastar é sempre agradável. E nós pastamos até que nos ponham de novo na canga, para a volta ao ponto onde Duas Caudas nos espera. Às vêzes, lá da aldeia, outros canhões respondem ao nosso e caem alguns companheiros. Destino. Mas não resta dúvida que Duas Caudas é um grande covarde, não acham? Eis o verdadeiro sistema de combater. Nós somos irmãos, eu cá e êste outro. Nascemos em Hapur. Nosso pai foi um touro consagrado a Civa. É só.

- Muito bem, disse o cavalo. Aprendi alguma coisa esta noite, Mas, digam-me senhoras dos canhões de parafuso: por acaso sentem-se inclinadas a pastar quando a artilharia ronca e Duas Caudas permanece lá atrás?

- Não podem falar disso os que se deitam para que os homens dêem tiros entrincheirados em seu corpo, nem os que se arremessam contra gente armada de facas. São absurdos equivalentes. Disparates! Um relêvo de montanha, uma cangalha bem ajustada, um condutor de confiança - e sou uma sua criada. Mas essas tais outras coisas, tenham paciêficia! disse com desprêzo Billy.

- Evidentemente, contraveio o cavalo, nem todos nós somos feitos do mesmo pau, e vejo que na sua família, senhora mula - e do lado paterno - havia muita dureza de côco para compreender certas coisas.

- Não se mêta com a família de meu pai! protestou Billy colérica (tôdas as mulas se irritam quando lhes lembram que seus pais foram jumentos). Meu pai, continuou ela, foi um «gentleman» do Sul, que não vacilava em pôr em pandarecos qualquer cavalo. Não esqueça disto, senhor Brumby.

Brumby quer dizer animal sem raça, cavalo à-toa. Imaginem o ressentimento dum vencedor do Derby, se um sendeiro de trole lhe chamasse égua lazarenta! O cavalo australiano ofendeu-se a sério. Vi o branco dos seus olhos brilhar no escuro.

- Espere lá, filha de asno de importação malaguenha, rosnou êle entre dentes, furioso. Vou mostrar que sou descendente, pelo lado materno, de Carbine, o vencedor do Grande Prêmio de Melbourne, e que não estamos habituados, lá na nossa terra, a ouvir desaforos duma bêsta de língua de papagaio e cabeça de porco, que trabalha em bateria de tiaques da China. Está pronta?

Os dois quadrúpedes já se erguiam nas pernas de trás, cara com cara, prontos para terrível luta, quando uma voz grossa e lenta rompeu do escuro, à direita.

- Calma, calma, meu filhos. Que briga é essa?

Os dois animais aquietaram-se, mas com ar desgostado, porque tanto os cavalos como as mulas não podem suportar a voz do elefante.

- É Duas Caudas, murmurou o cavalo. Não o tolero.

Duas Caudas - uma em cada extremidade do corpo, é demais...

- Também penso assim, concordou a mula achegando-se ao cavalo por necessidade de companhia. Somos parentes em muita coisa, senhor cavalo.

- Esse parentesco suponho que procede de nossos mies, observou úste. Não vale a pena brigarmos. Olá, Duas Caudas, estúi você na corrente?

- Sim, respondeu o elefante com uma risada que lhe desceu rolando pela tromba.

Estou prêso ao moirão da noite.

Ouvi a conversa. Não tenham mêdo que não posso sair de onde estou.

Os bois e os camelos murmuraram a meia voz:

- Ter mêdo de Duas Caudas! Que absurdo!

Em seguida os dois bois disseram, dirigindo-se ao elefante:

- Sentimos muito que você ouvisse a nossa conversa, mas dissemos a verdade pura. Por que é que você tem mêdo de canhão quando o canhão fala?

- Sim, sim, disse Duas Caudas esfregando uma peina na outra tal qual menininho que recita poesia. Não sei se poderão compreender-me. . .

- Nós só compreendemos que somos obrigados a puxar os canhões grandes, disseram os bois.

- Sei disso e sei também que os bois são muito mais valorosos do que se pensa. Mas comigo as coisas mudam, Outro dia o meu capitão chamou-me Anacronismo Paquidermatoso.

- Quererá isso dizer algum nôvo sistema de lutar? perguntou Billy, que estava recobrando a sua vivacidade.

- Vocês não podem saber o que isto significa, é natural.

Mas eu sei, Significa que posso prever, cá com a minha cabeça, o que acontece quando um obus arrebenta.

- Eu também posso, disse o cavalo. Até certo ponto, posso, mas procuro não pensar.

- Pois eu posso melhor do que todos, e penso muito nisso. Meu tamanhão me obriga a pensar muito em mim mesmo, porque quando fico doente ninguém sabe curar-me. Tudo quanto fazem é suprimir a paga do comaca até que eu sare - e como ter confiança num comaca?
- Ah! exclamou o cavalo. Isso explica muita coisa. Já eu tenho tôda a confiança em Dick.
- Pois eu, ainda que tivesse todo um regimento de Dicks sôbre o costado, não me comportaria de outra maneira. Sei onde o sapato me aperta e não sou tolo.
- Pois nós nada compreendemos, declararam os bois.
- Sei disso, mas não estou falando com vocês. Os bois ignoram o que é sangue.
- Como ignoram? protestaram êles. Sangue é um líquido vermelho que embebe a terra e tem cheiro.

O cavalo soltou no ar uma parelha de coices, e relinchou.

- Não me fale de sangue, Só a palavra já me dá ganas de fugir, quando não tenho Dick na sela.
- Mas não há sangue por aqui, disseram o camelo e os bois. Não seja estúpido.
- Sangue é algo horrível. A mim não me dá ganas de fugir, mas procuro não pensar no assunto.
- Com que então vocês... começou a dizer Duas Caudas, agitando uma delas.
- Sim, nós.. . responderam os bois. Nós. . . estamos aqui...

Duas Caudas bateu com uma pata no chão, fazendo retinir as correntes.

- Não me estou referindo a vocês. Vocês não sabem ver com os olhos lá de dentro.
- É verdade, Só enxergamos com os olhos de fora, responderam os bois. Vemos em linha reta o que está bem diante de nós.
- Se eu fôsse como os bois, os bois não teriam necessidade de puxar a artilharia grossa. Se eu fôsse como e meu capitão - êle vê muito bem com os olhos de dentro e quando começa o fogo treme da cabeça aos pés, mas não se mete a fugir - se eu fôsse como êle, está claro que puxaria os canhões de assédio.

Mas se eu fôsse tão inteligente assim, não estaria aqui, e sim na floresta, qual um rei, dormindo à farta e banhando-me sempre que o desejasse. Faz já semanas que não tomo um bom banho.

- Está tudo muito bonito, disse Billy, mas dar nomes a uma coisa em nada a melhora.
- H'sh! assoprou o cavalo, Creio que compreendi a explicação de Duas Caudas.
- Compreenderá muito melhor daqui a pouco, gritou o elefante colérico. Quero agora que me explique porque não gosta disto.

E começou a trombetear furiosamente.

- Pare! Pare! berrou Billy e berrou o cavalo, pondo-se ambos a espemejar, irritados. O trombeteamento dum elefante é sempre desagradável, sobretudo em noites negras.
- Não paro. Quero que me expliquem isto: Hbrrmph! Rrrt! Rrrmph! Rrrhha!

Súbito, deteve-se e eu ouvi um ganido no escuro. Era Vixen que me havia encontrado afinal. Vixen sabia que a coisa que mais mete mêdo a um elefante é a voz do

cachorro e por isso correu para o lado dêle a fim de latir em redor das suas patorras. Duas Caudas agitou-se e gritou:

- Sai daqui, cachorrinha! Não se chegue que te dou uma patada. Cachorrinha. . . Linda cachorrinha.. . Sai! Sai!

Vai latir para longe! Por que não vem alguém tirar êste bicho daqui? É capaz de morder-me dum momento para outro.

Eu então assobiei e Vixen veio correndo, toda suja de lama, e depois de beijar-me no nariz contou a longa história da sua travessia pelo campo. Vixen ignorava que eu sabia a língua dos animais - e foi bom isso para que não tomasse muitas liberdades. Por fim abotoei-a dentro da minha capa, enquanto Duas Caudas continuava a agitar-se, resmungando:
-É extraordinário! Absolutamente extraordinário! Um mal de família. Mas para onde iria a pestinha?

Percebi que o elefante tateava em redor de si com a tromba.
- Todos nós temos as nossas fraquezas, disse êle depois, assoprando. Agora, meus senhores, compreendo porque se alarmam quando trombeteio.
- Alarmados propriamente não ficamos, observou o cavalo, mas a mim me dá a sensação de ter passarinhos no lombo, em vez de sela. Não recomece, por favor.
- Sim, tenho mêdo de cachorrinhos, e aí o senhor camelo tem mêdo de sonhos maus.
- Bem bom para nós que não tenhamos todos de combater do mesmo modo, advertiu o cavalo.
- O que eu queria saber, disse a mulinha que havia guardado silêncio até ali, é por que motivo combatemos.
- Ora! Combatemos porque nos mandam combater, resolveu o cavalo com um rincho de desprêzo.
- Recebemos ordens, sim, disse Billy ringindo os dentes.
- Hukm hai! (Ordem, sim) gemeu o camelo num grugulejo - e Duas Caudas, mais os bois, repetiram: Hukm hai!
- Sim, sim; mas quem dá ordens? continuou a mulinha.
Veio a resposta em côro:
- O homem que segue na frente - o que nos cavalga - o que nos puxa pelo nariz - o que nos torce a cauda, disse Billy, disse o cavalo, disse o camelo e disseram os bois.
- Mas quem dá a êsses homens ordens para isso?
- Está querendo saber demais, menina, murmurou Billy.

Essas curiosidades costumam atrair coices, Tudo o que a me, nina tem a fazer é obedecer sem rezingar ao homem que segue na frente.

- Billy está com a razão, observou o elefante. Mas eu não posso obedecer sempre, sempre, porque sou meio cá meio lá; mas Billy tem razão. Há que obedecer ao homem que nos leva, sob pena de atrapalhar a marcha de tôda a bateria - além da surra.

Os bois ergueram-se; iam retirar-se.
- A manhã vem rompendo, disseram. Vamos regressar às nossas linhas. É bem verdade que só enxergamos com os olhos de fora, e que somos muito pouco jeitosos; esta noite, entretanto, fomos, nós dois, os únicos que não mostraram mêdo. Até logo, heróis.
Ninguém respondeu - e o cavalo, para disfarçar, perguntou, mudando de conversa:

- Onde está o cachorrinho? Em qualquer parte onde anda um cão anda um homem.
- Aqui estou eu, latiu Vixen, debaixo da culatra, com o meu homem. Esse estúpido camelo nos derrubou a barraca e meu homem está furioso.
- Pff! assopraram os bois. É branco êsse homem?
- Está claro que é, respondeu Vixen. Eu lá ia andar com algum boieiro sujo?
- Huah! Uch! Uch! assopraram de nôvo os bois. Raspemo-nos daqui.
Logo adiante entalaram a canga no cabeçalho duma carreta de munição.
- Ora muito bem! gritou Billy com tôda a calma. Não lutem por escapar que é pior. Esperem que rompa o dia.

Os bois, entretanto, debatiam-se, patinhando na lama, no esfôrço de se arrancarem dali; por fim quase caíram e ficaram semideitados na lama, ofegantes, a bufar resmungos.
- Acabam quebrando o pescoço, observou o cavalo. E tudo isso só porque ouviram falar em homem branco. Que mal fazem os homens brancos? Eu vivo muito bem com êles.
- Eles... êles nos comem! Fôrça companheiro! e os bois redobraram de esforços, conseguindo afinal romper a canga e fugir.

Só então percebi o motivo pelo qual o gado indiano mostra tanto mêdo aos inglêses. É que os inglêses comem carne - coisa proibida aos nativos - e está claro que o gado não gosta disto.
- Nunca pensei, observou Billy, que postas de carne dêsse tamanho perdessem a cabeça. Mêdo do homem...
- É o que não tenho, e quero ver já êsse homem branco.
Eles sempre trazem coisas nos bolsos, disse o cavalo.
- Bem, e eu vou deixá-lo, amigo, porque não posso dizer o mesmo. Além do mais, êsses homens brancos que não dormem em lugar certo não passam de ladrões - eu trago no meu lombo muita coisa pertencente ao govêmo. Venha menina.

Voltemos para o nosso campo. Boa noite, Austrália! Você vai figurar na parada amanhã, com certeza. Lá nos velemos.

Boa noite, fardo de feno! Trate de dominar os terrores noturnos, ouviu? Boa noite, Duas Caudas! Se passar por nós amanhã na parada, faça o favor de não trombetear, sim? Isso nos estraga tôda a formação.

E Billy lá se foi, trotando no seu passo marcial de velho soldado. Logo após, senti tocar em meu peito o focinho da cavalo. Dei-lhe um pedaço de biscoito, e Vixen, que é a criaturinha mais fútil do mundo, começou a contar-lhe potocas dos numerosos cavalos que nós, eu e ela, possuíamos.
- Amanhã irei à parada no meu carrinho, disse Vixen. Onde vai ficar você, senhor cavalo?
- À esquerda do segundo esquadrão. Sou quem regula o passo de toda a tropa, senhorita. E agora vou ter com Dick.

Minha cauda está toda suja de lama. Dick terá umas duas horas de trabalho para pôr-me em forma, antes da parada.

A grande revista dos trinta mil homens realizou-se depois do meio-dia. Vixen e eu ocupávamos um bom lugar peno do Vice-Rei e do Emir do Afeganistão. O Emir trazia na cabeça um grande quépi de astracã negro, com enorme estrêla de diamantes na frente. A primeira parte da revista transcorreu em pleno sol; os regimentos desfilaram em sucessivas vagas de pernas a moverem-se todas juntas, embaixo dos fuzis aprumados em linha, coisa de doer nos olhos.

Depois chegou a vez da cavalaria, que desfilou ao som da Bonnie Dundee, e Vixen conservou-se de orelhas em pé, sentadinha na boleia do meu «dog-cart», Quando

o segundo esquadrão de lanceiros passou pela nossa frente, vi o cavalo da conversa noturna aparecer caracolando, uma orelha ereta e outra pendente, a cauda bem penteada. Era quem dava o tom a todo o esquadrão, com as pernas a moverem-se como reguladas por música.

Vieram depois os canhões de assédio e vi Duas Caudas com mais dois companheiros atrelados a uma peça de quarenta, tendo atrás de si um lote de vinte juntas de bois. A sétima junta trazia uma canga nova e mostrava-se cansada. Por fim vieram baterias de canhões de parafuso, e nela Billy, a mula, comportava-se como se fôsse a comandante de tôda a tropa com os metais dos arreios polidos a ponto de atrapalhar os olhos. Aplaudi a excelente mula, que por coisa nenhuma no inundo voltaria a cabeça.

Nisto a chuva sobreveio e a cortina que embaciou o ar impediu-me por algum tempo de ver o que as tropas faziam.

Estavam formadas na planura em amplo semicirculo e iam-se desdobrando em linha. Linha que se foi estirando por três quartos de milha - sólido dique de homens, cavalos e fuzis. Em seguida tudo marchou em reta para onde estavam o Vice-Rei e o Emir - e à medida que se aproximava o solo tremia como um vapor cargueiro quando as máquinas forçam a pressão.

Só quem já viu faz idéia do efeito impressionante que êste avanço de tropas em massa produz no espírito dos espectadores, embora todos saibam tratar-se apenas duma parada. Olhei para a cara do Emir, que até então fugira de manifestar o mínimo indício de espanto pelo que quer que fôsse, e notei que seus olhos se iam arregalando e que insensivelmente puxava as rédeas do cavalo e olhava para trás. Por um instante pareceu-me vê-lo a pique de sacar da espada para abrir caminho através dos inglêses, homens e mulheres, que se apinhavam em redor.

Mas a arrancada para a frente logo se deteve; o solo cessou de tremer e as tropas do avanço, em uníssono, saudaram os homenageados ao som de trinta bandas de música. Era o fim da revista. Os regimentos regressaram aos seus campos encharcados de água.

Os animais iam dois a dois, Hurrah!
Os animais iam dois a dois
O elefante e a mula de bateria
Entraram todos para a Arca
Para se abrigarem da chuva.

Ouvi então um velho chefe de comprida cabeleira grisalha, vindo com o Emir da Ásia Central, propor perguntas a um oficial indígena.

- Mas como conseguiram chegar a esta coisa maravilhosa?
O oficial respondeu:
- Uma ordem foi dada e todos obedeceram.
- Mas os animais... São êles então de tanta inteligência como os homens?
- Os animais igualmente obedecem. Mulas, cavalos, elefantes, bois, todos obedecem ao seu condutor; o condutor obedece ao sargento; o sargento obedece ao tenente; o tenente obedece ao capitão; o capitão obedece ao major; o major obedece ao coronel; o coronel obedece ao general-de-brigada; o general-de-brigada obedece ao general-de-divisão, E êste obedece ao Vice-Rei, que é um humilde servo da Imperatriz. É dêste modo que as coisas se passam.

- Que bom se fôsse assim no Afeganistão! observou o velho. Lá só obedecemos à nossa própria vontade.

- É por isso, conclui o oficial, frisando os bigodes, que o vosso Emir, ao qual não obedeceis, está aqui recebendo ordens do nosso Vice-Rei.

Canto de parada dos animais de campo

**ELEFANTES DE BATERIA**

*Alexandre nos deu a força de Hércules,*
*A ciência de nossas frontes; a astiicia de nossos joelhos;*
*Pesa-nos ao pescoço a canga: não se desaferra,*
*Perfilai-vos aqui, parelhas de dez pés*
*Das grandes peças de guerra.*

**BOIS DE BATERIA**

*Estes heróis ajaezados temem a bala do canhão*
*E pode até incomodá-los a poeira que sobe da terra.*
*Puxemos estas carretasl Entremos logo em ação.*
*Perfilar-vos, juntas de vinte jugos,*
*No cortejo das peças de guerra.*

**CAVALOS DE CAVALARIA**

*Pelo sinal de minha espútdua a mais suave das cançúes*
*É a que cantam os lanceiros, os hussardos e os dragões.*
*Mais do que "Estábulo" e "Água" e mais acaricia*
*A Bonnie Dundee outro hino de cavalaria!*

*Dêem-nos o feno e o freio, dêem-nos o cuidado, moços de estrebaria,*
*e espaço dilatado.*
*Ponham-nos em coluna para se notar*
*Que nós ao som da "Bonnie" vamos desfilar!*

**MULAS DE ALBARDA**

*Eu e os meus companheiros*
*Galgamos os outeiros -*
*O caminho é perdido, pedregoso, ingente,*
*Mas mesmo assim iremos sempre pai-a a frente.*
*Por qualquer lugar*
*Estaremos agora a galgar, a trepar.*
*No monte, é para nós o melhor dos ideais*
*O possuir uma ou duas pernas a mais.*
*I*
*Bem haja pois cada sargento*
*Que nos deixa escolher a própria via.*
*Mal haja cada condutor*
*Que a sua carta não amarraria.*

*Por qualquer lugar*
*Estaremos agora a galgar, a trepar.*
*No monte, é para nós o melhor dos ideais*
*O possuir uma ou duas pernas a mais.*

**CAMELOS DO COMISSARIADO**

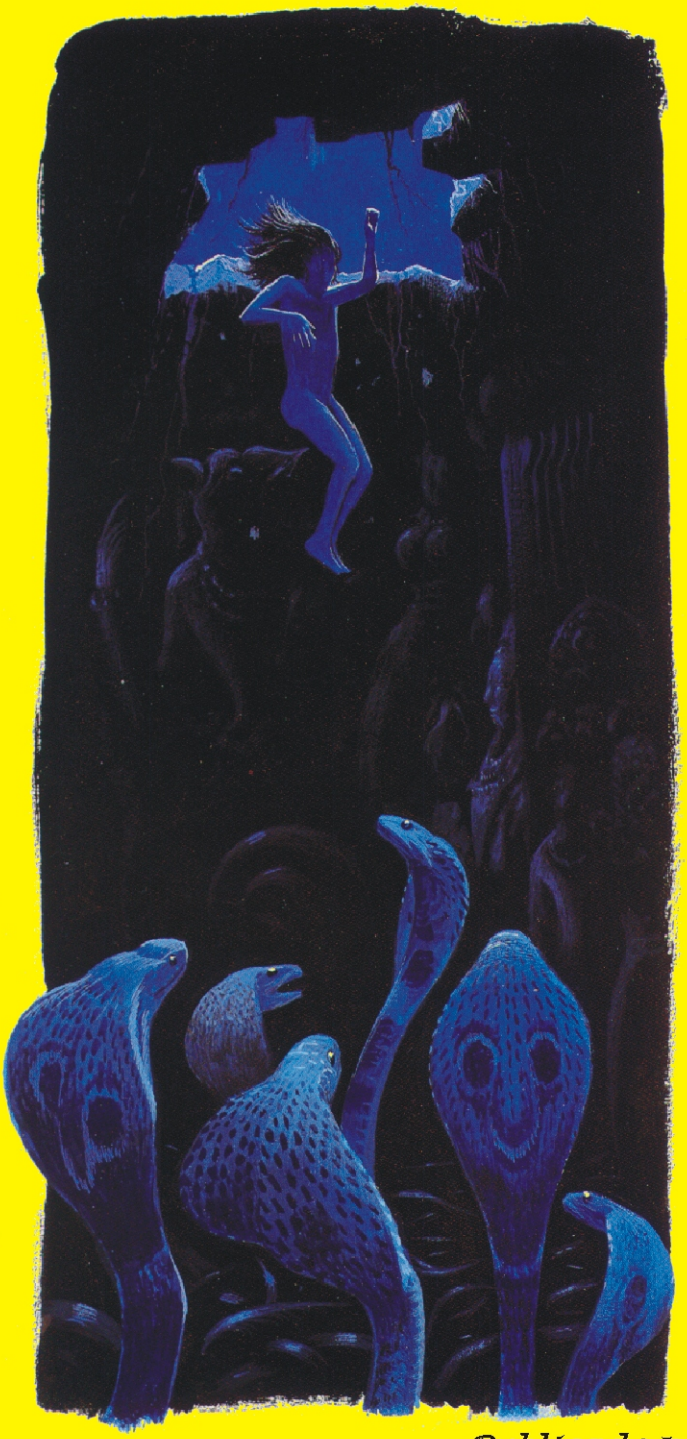
*Os camelos não têm uma ária*
*Que nos ajude a caminhar na vida vária.*
*Mas cada pescoço é um trombone*
*(Rtt-ta-ta-tá é um trombone)*
*E é sempre esta a nossa canção:*
*Não e Jamais! Jamais e Não!*
*E vai passando pela linha.*
*De um dorso cai ao chão a carga*
*É certo que não foi a minha.*
*carga de alguém rolou ao chão*
*E agora todos gritarão:*
*Urrr! Yarrh! Grr! Arrh!*
*Outros por certo a apanharão.*

**TODOS JUNTOS**

*Filhos do Campo nós somos*
*E a servir nós nos propomos*
*Vamos pela estrada larga,*
*Ao flanco o arnês, ao dorso a carga.*
*Nossa linha na planura*
*Tem estranha curvatura.*
*Agora caminharemos*
*Rumo à guerra. E lutaremos!*

*E o homem que anda ao nosso lado,*
*Sujo, quieto, o olhar pesado*
*Pensa em qual de nós seria*
*Quem mais sofre cada dia.*

*Filtros do Campo nós somos*
*E a servir nós nos propormos.*
*Vamos pela estrada larga,*
*Ao flanco o arnês, ao dorso a carga.*



SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

1 - Os Irmãos de Mowgli
- Quiquern

2 - As Caçadas de Kaa
- Toomai dos Elefantes

3 - Como apareceu o medo
- Jacala, o crocodilo

4 - O Milagre de Purun Baghat
- Servidores da Rainha
- Tigre! Tigre!

5 - Kotick, a Foca Branca
- Os Cães Vermelhos

6 - O Avanço da Jângal
- Rikki-Tikki-Tavi

7 - A Embriaguês da Primavera
- O Ankus do Rei

**Publicado por**
UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL
REGIÃO DO RIO GRANDE DO SUL

SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

# Kotick, a Foca Branca

# Os Cães Vermelhos

SEMPRE ALERTA

É TEMPO DE CRESCER
1
UEB - RS

Rudyard Kipling

5

**Produzido pela UEB/RS - Edição Impressa: Gestão 2001/2003 - Edição Digital: Gestão 2004/2006**

Esta é mais uma publicação

TAFARA

# SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

## Volume 5

## - Kotick, a Foca Branca

## - Os Cães Vermelhos

1a. Edição: 500 exemplares
Autor: Rudyard Kipling
Capa e Edição: Carlos Alberto F. de Moura
Coordenação: Mario Henrique P. Farinon
Digitação: Norma Beatriz de Oliveira Brito
Tradução: Monteiro Lobato
Ilustração: Christian Broutin e Mariano Ramos

Porto Alegre, RS, 2003

**EDIÇÃO IMPRESSA PELA DIRETORIA REGIONAL 2001/2003**

| | |
|---|---|
| Diretoria | Mario Henrique Peters Farinon |
| Diretoria | David Crusius |
| Diretoria | Márcio Sequeira da Silva |
| Diretoria | Ronei Castilhos da Silva |
| Diretoria | Osvaldo Osmar Schorn Correa |

**EDIÇÃO DIGITAL DISPONIBILIZADA PELA DIRETORIA REGIONAL 2004/2006**

| | |
|---|---|
| Diretoria | Ronei de Castilhos da Silva |
| Diretoria | Neivinha Rieth |
| Diretoria | Waldir Sthalscmidt |
| Diretoria | Paulo Roberto da Silva Santos |
| Diretoria | Leandro Balardin |

**COMITÊ GESTOR**

Carlos Alberto de Moura
Marco Aurélio Romeu Fernandes
Mario Henrique Peters Farinon
Miguel Cabistani
Paulo Lamego
Paulo Ramos
Paulo Vinícius de Castilhos Palma
Siágrio Felipe Pinheiro
Tania Ayres Farinon

# APRESENTAÇÃO

Na Páscoa de 1998, de 10 a 12 de abril, um grupo de escotistas e dirigentes reuniram-se, em um sítio denominado TAFARA CAMP, tomando para si a incumbência de suprir a lacuna deixada pela falta de definição do tema das Especialidades, concebeu e criou o que hoje constitui-se no Guia de Especialidades da UEB.

O mesmo grupo, na seqüência, participou decisivamente na elaboração dos Guias Escoteiro, Senior e Pioneiro.

Visto que este trabalho informal e espontâneo estava tendo resultados positivos, e, entendendo que a carência de instrumentos, principalmente literatura, é um grande obstáculo ao crescimento do Escotismo, resolvemos assumir como missão "disponibilizar instrumentos de apoio aos praticantes do Escotismo no Brasil".

Este grupo, que tem sua composição aberta a todos quantos queiram colaborar com esta iniciativa, também resolveu adotar o pseudônimo TAFARA para identificar-se e identificar a autoria e origem de todo o material que continuará a produzir.

Os instrumentos que TAFARA se propõe a produzir, tanto serão originais, como também reproduções, traduções, adaptações, atualizações, consolidações, etc., de matérias já produzidas em algum momento, e que, embora sejam úteis, não mais estão disponíveis nos dias de hoje.

O material produzido por TAFARA é feito de forma independente e sem fins lucrativos. Não temos a pretensão de fazermos obras primas, mas instrumentos que possam auxiliar a todos quantos pratiquem Escotismo no Brasil.

Esta edição é feita para registrar e comemorar o Dia do Lobinho e reproduz duas histórias do Livro da Selva, de Rudyard Kipling.

Este livro faz parte de uma série de 7 volumes que serão lançados entre 2002 e 2003.

Este é mais um instrumento de apoio a suas atividades.

Aproveite!

Mario Henrique Peters Farinon
Diretor Presidente UEB/RS

# A FOCA BRANCA

Dorme, criança! Em torno a Noite é escura!
A água dantes verde ora preta fulgura.
Nos céus a lua vem nos procurar
Quietos, em sonho, no seio do mar.
Entre as vagas agora, vai fazer teu ninho
Meu lindo nadador, desliza de mansinho.
Tubarões ou tormentas não vêm te ferir.
O mar é embalador! Principia a dormir!

**Balada da Foca**

O que vou contar aconteceu há muitos anos, num lugar de nome Novastoshnah, situado no extremo nordeste da ilha de São Paulo, lá longe, lá muito longe, no mar de Bering. Limmershin, o passarinho do inverno, mo narrou, quando se viu lançado pelo vento ao tombadilho dum barco de rumo ao Japão. Eu o havia levado para a minha cabina, onde o aqueci e alimentei durante dois dias, até que ficasse em estado de voltar para terra. Limmershin é um passarinho maroto, mas que sabe dizer a verdade.

Ninguém vai a Novastoshnah a não ser para negócios, e só as focas fazem negócios com essa terra. Chegam sempre pelos meses do estio. Contam-se por centenas e centenas de milhares as que emergem as cabeças negras de dentro do mar grisalho, isso porque as praias de Novastoshnah lhes oferecem mais comodidades do que qualquer outro lugar no mundo. Sea Catch sabia disso e em conseqüência partia de onde estivesse, varando as águas como torpedeira, de rumo a Novastoshnah, onde passava todo um mês a bater-se com as focas para conseguir um bom lugar nos rochedos, o mais perto possível da água. Tinha então quinze anos de idade e era um enorme macho cinzento, cuja pelagem no pescoço dava idéia de crina e cujas longas presas à mostra assumiam um ar de mau.

Quando Sea Catch se erguia sobre as natatórias dianteiras, dominava de quatro pés de altura o ambiente; e seu peso - se fosse possível pesá-lo - devia atingir setecentas libras. Embora já estivesse todo recoberto de cicatrizes relembrativas de passadas lutas, Sea Catch mostrava-se sempre apto para uma nova batalha. Costumava trazer a cabeça inclinada dum lado, como medroso de encarar de face um inimigo; mas se a projetava para a frente, era num movimento rápido como o raio; e se cravava os caninos no pescoço de outra foca, esta que deles se arrancasse como pudesse, porque Sea Catch não lhe facilitaria de nenhum modo a façanha. Apesar disso Sea Catch jamais castigava a foca já vencida, por ser coisa contrária à Lei da Praia. Tudo quanto procurava se resumia num bom ponto junto ao mar, para fazer o ninho; havia, entretanto, quarenta ou cinqüenta mil rivais por ali espalhados, cada primavera, procurando a mesma coisa, de modo que os silvos, os latidos, os urros e os guinchos conseqüentes formavam na praia um terrível concerto.

Duma pequena colina, chamada Morro de Hutchinson, descortinava-se uma área de três milhas de raio coberta de focas em atitudes combativas, e a espuma do mar pintalgava-se, por toda a baía, de cabeças rumantes à praia, ansiosas de também tomarem parte na luta. Batalhavam nos rochedos onde o mar se quebra na areia, sobre os basaltos polidos pela fricção e entre os pedrouços onde costumavam estabelecer os ninhos, porque as focas são tão estúpidas e difíceis de se arrumarem na vida como os homens. Muitas só chegavam à ilha em fins de maio, ou começos de junho, e vinham apenas para serem lanhadas fundo; as focas novas, de dois, três e quatro anos, que ainda não haviam dado cria, avançavam cerca de um quilômetro terra adentro, através da massa das combatentes, e ficavam a brincar nas dunas em bandos numerosos, que não deixavam nenhuma verdura em redor. Chamavam-se *holluschickies* - ou solteiras, existindo só em Novastoshnah umas duzentas ou trezentas mil.

Sea Catch acabava de vencer a luta número quarenta e seis quando a meiga Matkah, sua esposa de olhos cariciosos, saiu do mar. Sea Catch tomou-a pela pelanca do pescoço e arrastou-a brutalmente para o ninho, rosnando.

- Atrasada como sempre, hem? Onde andaste metida?

Sea Catch tinha o hábito de nada comer durante os quatro meses que permanecia na praia, e por isso era constante o seu mau humor. Matkah, muito experiente da vida para responder no mesmo tom, olhou em tomo e murmurou com ternura:

- Que boa idéia! Escolheste o mesmo ponto de outrora.

- Conquistei-o, sim, respondeu ríspido Sea Catch. Olha.

Estava rasgado e sangrento em vinte pontos do corpo, com um olho quase furado e os flancos em molambos.

- Oh, estes machos, estes machos! exclamou Matkah movendo as natatórias posteriores. Por que não escolhem seus lugares em paz, por mútuo acordo? Estás com ar de quem se bateu com a Orca que mata as baleias.

- Não tenho feito outra coisa senão bater-me, desde meados de maio. A praia está muito cheia este ano, uma lástima. Topei com, pelo menos, cem focas de Lukannon em procura de abrigo. Por que não ficam por lá onde moram?

- Tenho pensado que seríamos talvez muito mais felizes se freqüentássemos a ilha de Otter, em vez desta praia tão cheia, sugeriu Matkah.

- Ora! Unicamente as *holluschickies* vão para Otter. Se formos também, hão de dizer que é medo. Temos que guardar as aparências, minha cara.

Sea Catch enterrou a cabeça no pescoço e fez menção de dormir, mas com um olho só, porque precisava estar sempre alerta para alguma nova luta.

Agora que todas as focas acasaladas se achavam na praia podia-se-lhes ouvir o vozeio de muitas milhas de distância, vozeio que dominava até as mais ruidosas tempestades. Calculando baixo, havia por ali um milhão de focas... focas velhas, focas criadeiras, focas moças e *holluschickies*... combatendo, rebolando, balindo, latindo, rastejando e brincando juntas, descendo ao mar e retornando abandonadas, cobrindo literalmente o terreno até onde a vista pudesse alcançar e dividindo-se em brigadas para escaramuças dentro do nevoeiro. Faz sempre nevoeiro em Novastoshnah, salvo quando o sol aparece para dar às coisas, por instantes, tons de pérola e arco-íris.

Kotick, o filhote de Matkah, nasceu no meio daquela confusão. Era todo cabeça e ombros, com pálidos olhos cor d'água como todas as foquinhas novas; mas havia algo em sua pelagem que muito impressionava sua mãe.

- Sea Catch, disse por fim Matkah, nosso filhinho vai ser branco!

- Conchas vazias e algas secas! blasfemou Sea Catch num espirro. Nunca houve no mundo nada semelhante a uma foca branca.

- Não tenho culpa disso, observou Matkah, mas vai surgir a primeira.

Antes de seis semanas não nadarás, não?
Senão tua cabeça teu pé afundará.
As baleias do mar e os ventos do verão
São maus para as focas infantes.

São maus para as foquinhas, meu ratinho,
São de uma maldade sem par.
Porém chafurda e forte crescerás
Que sempre assim com a razão estarás,
Filho do aberto mar!

E cantou a meia voz a remorosa cantiga cheia de conselhos que todas as mães focas cantam para os seus filhotes. A foquinha está claro que nada entendeu, e limitava-se a dar com as natatórias na areia molhada, sempre ao lado de sua mãe, e a afastar-se quando o pai rolava por terra, aos urros, atracado com outra foca. Matkah saía para longe em busca de coisas de comer, e o filhote alimentava-se em dois em dois dias, comendo então por quatro.

A primeira coisa que Kotick de moto próprio fêz foi afastar-se para o interior, onde descobriu milhares de filhotes da sua idade, a brincarem como cãezinhos e a dormirem sobre a areia branca. Os pais não se ocupavam com eles e as *holluschickies* se conservavam a distância, em sua zona, de modo que a criançada se divertia

maravilhosamente. Quando Matkah regressava das excursões de pesca, dirigia-se àquela «nursery» de «babies» e gritava chamados, como a ovelha faz para o cordeirinho, até que Kotick ouvisse e respondesse. Movia-se então em linha reta para o lado do filhote, abrindo caminho por entre a legião das foquinhas, que eram reviradas de barriga para o ar, lado a lado, como o ferro da charrua revira a terra. Havia sempre naquelas dunas uma centena de mães em procura da prole, de modo que as pequenas focas tinham necessidade de arregalar o olho e apurar os ouvidos. Mas o lugar era seguro, como Matkah havia dito a Kotick.

- Contanto que não se meta em água pantanosa, que dá doença, e não deixe penetrar areia seca numa cortadura, e não se meta no mar quando está bravo, nenhum transtorno pode acontecer.

As foquinhas, como as crianças, têm que aprender a nadar, e só se mostram felizes depois disso. A primeira vez que Kotick desceu ao mar uma onda o levou, que o fez perder pé; sua cabeça desproporcionada ao corpo afundou e as pequenas natatórias traseiras agitaram-se no ar; o que lhe valeu foi que a onda imediata o arremessou à praia - do contrário ter-se-ia afogado. Depois disto aprendeu a ficar nas depressões para ser recoberto e erguido pelas ondas que sobrevinham; Kotick movia então as natatórias, mas sempre atento à vinda de alguma vaga maior que lhe pudesse fazer mal. Duas semanas levou para aprender o manejo das natatórias, e durante todo esse tempo arrastou-se da praia ao mar e do mar à praia, tossindo, espirrando, ganhando a costa do rojo, dormindo qual um gato na areia e voltando de novo à água, isso até que se sentisse com pleno domínio sobre o elemento.

Fácil imaginar a festa que foi sua vida daí por diante. Juntamente com inúmeras companheirinhas dava mergulhos para dentro das vagas, erguia-se-lhes sobre a crista e voltava à terra, espirrando e bufando, enquanto a onda se desdobrava espumejante até morrer longe. Gozava o prazer de pôr-se a prumo sobre a cauda e coçar a cabeça como

fazem as focas velhas, ou então de brincar o «Sou o rei do castelo» sobre as rochas escorregadias que só a espuma das ondas alcançam. Às vezes Kotick via uma ponta de cauda, como a dum grande tubarão, a singrar pela superfície líquida, bem rente aos «castelos» - e como sabia tratar-se da baleia Grampus, que come as focas novinhas quando as apanha de jeito, Kotick lançava-se à praia com a maior rapidez, até alcançar ponto seguro - e de lá via a ponta de cauda afastar-se lentamente, como se não estivesse procurando coisa nenhuma.

Em fins de outubro começaram as focas a partir rumo ao mar alto. Iam aos lotes, por famílias ou tribos; cessaram as batalhas em redor dos ninhos, e as *holluschickies* já podiam brincar livremente onde lhes agradava.

- Daqui a um ano, disse Matkah a Kotick, serás uma *holluschickie*; mas por agora trata de aprender como se apanha o peixe.

Puseram-se as duas a caminho, através do Pacífico, Matkah mostrando ao filhote como se pode dormir de costas, com as natatórias distendidas dum certo modo e as narinas fora d'água. Não existe berço mais embalador do que a ondulação do Pacífico. Quando Kotick sentiu pela primeira vez um picotamento sobre toda a superfície do corpo, Matkah explicou-lhe que era o «toque da água», anunciador de mau tempo a sobreviver próximo, e que era necessário nadar de rijo para a frente, em fuga.

- Mais tarde saberás por ti próprio para onde deves nadar. Por agora trata de seguir Sea Pig, que é muito avisado e experiente.

Um cardume de delfins rebolava na superfície líquida; o pequeno Kotick o seguiu a toda a velocidade.

- Como sabes para onde deves ir? perguntou ele a um delfim.

O chefe do cardume revirou o olho branco e mergulhou, dizendo:

- Minha cauda me avisa, menino. Diz-me quando vem algo atrás de nós. Toca a nadar!

Quando estamos a sul da Água Grossa (queria referir-se ao Equador) e sentimos um estiramento na cauda, quer isso dizer que há borrasca pela frente e que é preciso rumar para o norte. Toca a nadar! A água nada me diz de bom por aqui.

Foi essa uma das muitas coisas que Kotick aprendeu - e ainda aprenderia muitas. Matkah ensinou-lhe a seguir o bacalhau e o atum por sobre os bancos submarinos; a fazer saírem os peixes de rochedo de dentro de suas luras, escondidas no entremeio das plantas marinhas; a seguir cem braças abaixo um destroço boiante, e a penetrar, qual bala, por uma abertura, para sair do outro lado na cola do peixe; a dançar sobre a crista das ondas enquanto os relâmpagos riscavam o céu; a sondar polidamente a fragata e o albatroz de cauda reversa, quando descem num boleio sobre o mar; a saltar três, quatro pés fora d'água, qual o delfim, com as natatórias ajustadas aos flancos e a cauda recurva; a deixar o peixe-voador em paz, visto ser todo espinhos; a abocar um bacalhau em movimento duma distância de dez braças; a nunca se deter a observar navios e muito menos botes pequeninos. Ao cabo de seis meses, o que Kotick ignorava com relação à pesca em águas profundas era coisa que não valia a pena saber – e durante todo esse tempo não teve contato com a terra firme uma só vez sequer.

Certo dia, entretanto, ao flutuar semi-adormecida na água tépida ao largo da ilha de João Fernandes, sentiu-se invadida de estranho mal-estar, ou preguiça, exatamente como sucede aos humanos pela entrada da primavera, e Kotick lembrou-se da boa areia firme das praias de Novastoshnah, a duas mil léguas dali; recordou-se das companheiras, do cheiro da maresia, do grito das focas em luta. Imediatamente fez-se de rumo ao norte e entrou a nadar firme. Breve encontrou-se com dezenas de outras, todas com o mesmo destino, as quais lhe disseram:

- Salve Kotick! já somos todas nós *Holluschickies* e poderemos dançar a dança do fogo nos arrecifes de Lukannon, e brincar na erva rebrotada. Mas... onde arranjaste esse vestuário?

A pelagem de Kotick tinha a brancura imaculada da neve; e embora ele sentisse muito orgulho disso, respondeu apenas:

- Toca a nadar! Depressa! Tenho cãibras nos ossos, tanta é a minha ânsia de rever terra.

Quando chegaram à costa onde haviam nascido, as jovens focas perceberam de longe o rumor das velhas, atracadas em lutas, dentro do nevoeiro. Naquela mesma noite Kotick dançou a «dança do fogo» em companhia das demais. Desde Lukannon até Novastoshnah o mar se mostra cheio de fogos durante a noite de estio, e cada foca deixa atrás de si um rastro luminoso, ou uma chama brusca, quando salta - e as vagas se quebram em grandes lezardas e turbilhões fosforescentes. Depois, dirigiram-se todas para o interior até alcançar a zona das solteiras, e lá rebolaram felizes sobre as ervas rebrotas, contando entre si histórias do que lhes sucedeu durante aquele primeiro ano de mar alto. Falavam do Pacífico ao jeito de meninos de escola que falam da floresta aonde vão à cata de amoras, e se alguém as pudesse compreender teria meios de traçar desse oceano uma carta como jamais se fez nenhuma. As focas solteiras, de três e quatro anos, degringolaram pelo morro de Hutchinson abaixo, gritando:

- Abram alas, meninas! O mar é profundo e vós pouco sabeis da muita coisa que há dentro. Esperai para depois de dobrado o Cabo... Olá, pequena, onde arranjaste semelhante vestuário?

- Não arranjei, respondeu Kotick, nasceu em mim por si mesmo.

Nesse momento dois homens de cabelos negros e caras chatas saíram de trás das dunas, fazendo que Kotick, que jamais vira tão estranhos animais, baixasse a cabeça e tossisse. As *holluschickies* afastaram-se pesadamente de alguns metros e depois se imobilizaram, a olhar estúpidamente para os intrusos. Eram esses homens Kerick Booterin, chefe dos caçadores – de focas da ilha, e Patalamon, seu filho. Vinham duma pequena aldeia situada a menos de milha dali, e estavam em atitude de decidir quantas focas tangeriam para o matadouro, porque as focas são tratadas como carneiros por esses comerciantes de peles.

- Oh, disse Patalamon. Olha lá uma branca!

Kerick Booterin chegou a empalidecer sob a sua máscara de óleo e fuligem. Era um aleuta e os aleutas não cuidam do corpo. Em seguida pôs-se a murmurar uma reza.

- Não lhe toques, Patalamon. Nunca vi foca branca em toda a minha vida. Talvez seja o espírito do velho Zahrrof, que pereceu o ano passado numa borrasca.

- Passarei de largo, que isso traz desgraça na certa. Julgas realmente que é o espírito do velho Zahrrof? Eu lhe fiquei a dever algum dinheiro, duns ovos de pingüim,..

- Não desse lado, aconselhou Kerick. Tange lá aquele lote de quatro anos. Os homens do matadouro deviam escorchar duzentas hoje, pois que é começo de estação; mas cem bastam. Depressa!

Patalamon fez soar um par de castanholas, feitas de clavículas de foca, diante dum bando de *hollaschickies*, as quais imediatamente se detiveram, ofegantes. Em seguida aproximou-se. As focas puseram-se em movimento e Kerick as tangeu para o interior sem que nem uma só procurasse fugir. Centenas e centenas assistiram àquêle apartamento das companheiras, mas continuaram a brincar como se nada houvesse acontecido. Kotick foi o único a indagar do fato, e tudo quanto lhe puderam responder foi que os homens vinham sempre buscar focas daquela maneira, durante dois meses cada ano.

- Vou segui-las, disse êle.

E lá se foi, com os olhos quase a lhe pularem das órbitas, no esforço de seguir o rebanho.

- A foca branca nos está seguindo, gritou Patalamon. É a primeira vez que um desses animais se dirige de si mesmo para o matadouro.
- Não olhes para trás, Patalamon. Mais que nunca estou certo de que é o espírito de Zahrrof... Tenho de ir falar com o padre.

A distância a que ficava o matadouro seria de oitocentos metros, mas tomou uma boa hora para ser coberta, pois Kerick sabia que se as focas caminhassem mais depressa se afoguearíam, e ao serem escorchadas a pele vinha má. Isso o forçava à marcha lenta - e lentamente passou pelo *Sea-Lion's Neck* e pela *Webster House*, atingindo por fim o saladeiro situado fora do alcance visual das facas da praia. Kotick o seguia, ofegante e perplexo. Julgava-se no fim do mundo, e a grita dos ninhos lá atrás ressoava alto como barulho de trem que atravessa túnel.

Em certo momento Kerick sentou-se e, tirando do bolso um pesado relógio de estanho, deixou que o rebanho descansasse trinta minutos... e Kotick pôde ouvir a água do nevoeiro escorrer das abas do seu chapéu de couro. Em seguida dez ou doze homens armados de varas de três ou quatro pés de comprimento, ferradas nas duas pontas, aproximaram-se. Kerick apontou algumas das focas do rebanho que haviam sido mordidas pelas companheiras ou que estavam afogueadas; os homens afastaram-nas a pontapés. Depois, Kerick ordenou:

- Vamos!

Os homens puseram-se a massacrar o rebanho o mais depressa que podiam. Dez minutos mais tarde Kotick já não conseguia reconhecer as companheiras, de cujo corpo as peles eram arrancadas dum golpe. Saíam inteirinhas, do focinho à cauda, para serem amontoadas no chão.

Aquilo foi demais para Kotick, o qual virou de rumo e partiu a galope - as focas podem galopar por pouco tempo dirigindo-se para o mar, com os bigodes, ainda em estado de buço, arrepiados de horror. Em *Sea-Lion's Neck*, onde os grandes leões-do-mar se mostram à beira da espuma, Kotick lançou-se, com as nadadeiras acima da cabeça, para dentro da água gelada, onde ficou a balançar-se e suspirar lastimosamente.

- Quem está aí? perguntou um leão-do-mar com rudeza, porque tais criaturas não gostam de companhia.

- *Scoochnie! Ochen Scoochnie!* Estou cá sozinho, respondeu Kotick. Os homens andam a matar todas as *holluschickies* das dunas!. . .

O leão-do-mar volveu os olhos para o lado da terra.

- Absurdo! disse. Tuas companheiras estão a fazer o mesmo rumor de sempre. O que viste foi o velho Kerick arrancando a pele a um lote apenas. Há trinta anos que ele faz isso.

- Mas é horrível! exclamou Kotick, enristando-se n'água para quebrar o ímpeto duma onda, e em seguida equilibrando-se, com um golpe das nadadeiras em forma de pá de hélice, a três centímetros duma ponta de rochedo.

- Não está mal para uma criança de ano, disse o leão-do-mar, que sabia dar valor às proezas de natação. Admito que o que presenciaste seja horrível do teu ponto de vista, menino; mas vós outros, com persistirdes em aparecer cá todos os anos, vós vos denunciais aos homens - e é isso o que acontece. Se não tratardes de descobrir uma ilha ignorada dos homens, eles vos darão cabo da espécie.
- Haverá alguma ilha assim? perguntou Kotick ansioso.

- Tenho, nestes últimos vinte anos, seguido por toda a parte os *poltoos* (meros) e jamais encontrei esse lugar. Mas, ouve... Tu pareces gostar de prosa com os teus superiores, hem?... Por que não vais para a ilha de Walrus, conversar com Sea Vitch? Talvez Sea Vitch saiba dalguma coisa. Mas não te precipites assim. Trata-se duma travessia de seis milhas, e em teu caso eu me punha em seco e preparava-me com uma boa soneca.

Kotick aceitou o conselho e, de volta às suas dunas, pôs-se em seco e dormiu durante meia hora, com frêmitos pelo corpo à maneira de todas as focas. Em seguida rumou para a ilha de Walrus, pequeno platô rochoso ao norte de Novastoshnah, todo estriado de rochedos onde as gaivotas armam ninho. Kotick saiu d'água junto ao velho Sea Vitch, o enorme elefante-marinho, gordo e cheio de dartros, do norte do Pacífico, espessíssimo de pescoço e de compridas presas, únicamente amável quando está dormindo - como acontecia daquela vez.

- Acorda-te! latiu Kotick, com a voz abafada pelo barulho das gaivotas.
- Ah! oh! *Hamph!* Que é que há? rosnou Sea Vitch.

Ao fazer isso esbarrou com as presas no companheiro que tinha ao lado, o qual acordou e por sua vez acordou o vizinho - de modo que instantes depois estava o bando inteiro desperto, correndo os olhos arregalados para todas as direções, exceto para a devida.

- Eh! Sou eu! disse Kotick emergindo da espuma qual pequena lesma branca.

- Olá! exclamou Sea Vitch. Que me escorchem se...

Todos olharam para a foca branca, como num clube de velhos todos se voltam para a criança que entra. Kotick arrepiou-se ao ouvir falar em escorchamento, tanto o presenciara naquele dia, e foi logo entrando no assunto.

- Não haverá um lugar onde as focas possam veranear sem que os homens venham persegui-las?

- Procura-o, respondeu Sea Vitch cerrando os olhos. Percorre o mar e não nos incomodes.

Kotick deu o salto de boto no ar e gritou com toda a força:

- Comedor de marisco! Comedor de marisco! Corredor de marisco!

Ele sabia que Sea Vitch jamais se alimentava de peixe e sim de mariscos e algas, embora pretendesse ser um terrível personagem. Muito naturalmente os Chickies, os Gooverooskies e os Epatkas, aves marinhas que procuram sempre oportunidade para a impolidez, retomaram o grito e - como me contou o passarinho Limmershin - durante cinco minutos o barulho foi tal que nem um tiro de espingarda seria ouvido por ali. Toda a tribo piava e gritava:
- Comedor de marisco! *Stareek!* (homem velho) enquanto Sea Vitch bamboleava dum lado e doutro, rosnando e tossindo.

- E agora? Responderás ou não ao que te pergunto? gritou Kotick, todo afrissurado.

- Vai perguntá-lo à vaca-marinha, respondeu Sea Vitch. Se ela ainda vive poderá esclarecer-te.
- Como poderei reconhecê-la quando a vir? indagou Kotick, preparando-se para retomar caminho.

- Muito fácil, respondeu uma gaivota Burgomestre, voltando o bico para Sea Vitch. É o único bicho do mar ainda mais feio que este cá - mais feio e mais mal-educado. *Stareek!*

A foca branca pôs-se a nado para Novastoshnah, deixando atrás as gaivotas em grita. Mas lá não encontrou nenhuma simpatia para com a sua idéia de achar pouso menos mortífero para as focas. Contaram-lhe que os homens sempre fizeram aquilo com as *holluschickies*, e, pois, era uma coisa normal. Quem não quisesse ver a matança, não fosse ao saladeiro. A verdade é que nenhuma daquelas focas jamais havia visto o que Kotick vira, e isso marcava a diferença entre ele e suas companheiras, não se levando também em conta o fato de ser uma foca branca.

- O que tens a fazer, disse-lhe o velho Sea Catch depois que ouviu as aventuras do filho, é crescer, tornares-te uma grande foca ao tipo de teu pai, com um ninho bem escolhido na praia. Daqui a cinco anos poderás lutar.

Até a meiga Matkah, sua mãe, pensava daquele modo.

- Impossível, filho, impedires as matanças. Vai brincar no mar, Kotick - e Kotick foi-se, a dançar a dança do fogo, com o coraçãozinho apertado.

Naquele outono deixou a praia logo que pode e fez-se ao largo, sozinho com uma só idéia na cabeça. Havia de descobrir a vaca-marinha, se é que tal personagem existia, e havia de achar Lima ilha deserta, de boas praias, inacessível aos homens.

Sozinho explorou todo o sul do Pacífico, infatigávelmente, nadando até trezentas milhas num dia e numa noite. Aconteceram-lhe aventuras de toda sorte, impossíveis de serem contadas. Escapou por um triz a um tubarão malhado e a outro de cabeça de martelo; cruzou com todos os salteadores do mar, sem fé nem lei, e com enormes peixes lisos, e com as grandes conchas escarlates que ficam ancoradas no mesmo ponto por centenas de anos, com enorme orgulho disso; mas nada soube da vaca-marinha, nem encontrou ilha deserta que servisse aos seus propósitos. Se a praia era boa e firme, com inclinação suave como as focas a querem, havia sempre no horizonte fumaça dum barco baleeiro ocupado em derreter toucinho – e Kotick sabia muito bem o que aquilo queria dizer. Ou então se certificava de que as focas já haviam visitado esse lugar outrora, tendo sido destruídas por sistemáticas matanças. Kotick sabia que onde os homens põem o pé, aí ficam para sempre.

Em certa altura teve uma conversa com um velho albatroz de cauda reversa, o qual considerava a ilha de Kerguelen um sítio ideal de paz e silêncio. Kotick foi para lá - e por pouco não levou a breca de encontro aos arrecifes negros durante uma terrível tempestade, picada de raios e trovões. Pôde apesar disso verificar que também ali já havia existilo um ninho de focas. E o mesmo sucedeu em todos os mais lugares que visitou.

Limmershin enumerou-me uma longa lista, dizendo que Kotick havia passado em pesquisas cinco estações, com apenas um repouso de quatro meses cada ano em Novastoshnah, onde as *holluschickies* caçoavam dele e de sua ilha imaginária. Foi até Galápagos, um horrível deserto que o Equador torra; foi às ilhas Orcadas, à ilha da Esmeralda, à ilha do Pequeno Rouxinol, à ilha de Bouvet e até a uma minúscula ilhota ao sul do cabo da Boa Esperança. Mas por tôda a parte o povo do mar lhe repetia sempre a mesma coisa, isto é, que as focas haviam estado naquelas ilhas, eras atrás, mas que os homens as tinham chacinado a todas. Certo dia, depois de ter nadado centenas de léguas nas águas do Pacífico, chegou a um sítio chamado cabo Corrientes (isso durante

a sua volta da ilha de Gough), onde encontrou sobre os rochedos algumas centenas de focas sarnentas. Também por lá andavam homens, soube-o logo. Isso o desesperou e, dobrando o cabo, fez-se de volta para a praia de Novastoshnah; súbito, em certo ponto, deu com uma ilha coberta de vegetação, na qual encontrou uma foca muito velha, que morria lentamente. Kotick pescou para a moribunda e narrou-lhe todas as suas decepções.

- E agora, concluiu, vou voltando para Novastoshnah, e se acaso for levado para o matadouro com as demais *holluschickies*, não farei caso.

A foca velha não lhe deu razão.

- Insiste um pouco mais, menino. Sou a derradeira foca da extinta tribo de Masafuera, e recordo-me de que no tempo em que os homens nos andavam matando aos milheiros correu na praia uma lenda a respeito de certa foca branca que um dia, vinda do norte, nos levaria a todas para lugar seguro. Estou velha demais para ver esse dia, mas outras focas o verão. Experimenta um pouco mais,

Kotick retorceu os bigodes, que já os tinha soberbos, e replicou:

- Eu sou a única foca branca que jamais existiu e, além disso, sou a única, branca ou preta, que jamais teve a idéia de procurar ilhas novas.

A informação da foca velha trouxe-lhe coragem, e Kotick voltou para Novastoshnah. Lá chegando, sua mãe lhe suplicou de casar-se e constituir família, visto como ele não era mais um *holluschickie* e sim um *sea-catch* já adulto, de crina branca e frisada a lhe cair sobre as espáduas, e tão rijo, forte e corajoso como o pai.
- Concede-me mais uma estação, pediu Kotick. Lembra-te, mãe, que é sempre a sétima vaga a que avança mais longe sobre as areias.

Por uma curiosa coincidência apareceu uma foca que pensava como Kotick e concordou em adiar seu casamento com ele para o ano seguinte. Na véspera da partida

de Kotick para a última viagem, os dois namorados dançaram a dança do fogo ao longo da praia de Lukannon. Dessa vez dirigiu-se ele para o oeste, na pista dum imenso cardume de peixes, do qual retirava por dia pelo menos cem libras para a sua alimentação. Kotick afastou-se até sentir-se cansado; depois enrodilhou-se e dormiu sobre as vagas que batem de encontro à ilha do Cobre. Conhecia perfeitamente a costa, de modo que à meia-noite, esbarrando numa esteira de sargaços, murmurou, estremunhado:

- Hum! A maré está forte esta noite...

Kotick abriu lentamente os olhos e estirou o corpo. Depois saltou, como um gato, percebendo enormes coisas que punham o focinho fora e pastavam naqueles sargaços.

- Pelos Grandes Rochedos de Magalhães! Exclamou Kotick. Que diabo de bicho poderá ser este?

Eram criaturas que não lembravam nenhuma outra – nem leão-do-mar, nem cavalo-marinho, nem foca, nem baleia, nem tubarão, nem polvo ou concha que Kotick já tivesse visto antes. Mediam de vinte a trinta pés de comprimento, e em vez de natatórias posteriores possuíam uma cauda em forma de pá, como que feita de couro molhado. Tinham as cabeças profundamente cômicas e, quando não pastavam, balouçavam-se nas águas, saudando-se umas às outras e agitando as natatórias dianteiras ao jeito de homem gordo que agita os braços curtos.

- Olá! exclamou Kotick. A quem tenho o prazer de me dirigir?

As informes criaturas responderam com balanço de corpo e agitação de natatórias, como aquêle criado Sapo do livro «Alice no País das Maravilhas». Em seguida puseram-se a pastar, e Kotick viu que tinham o beiço de cima rasgado ao meio, podendo abri-lo de modo a caber na fenda um molho de sargaços. Iam metendo na boca aquelas ervas marinhas e mastigando-as solenemente.

- Modo grosseiro de comer, comentou Kotick.

Os animais continuaram a balançar o corpo e isso começou a impacientar o recém-chegado.

- Muito bem, disse por fim Kotick. Se tendes uma articulação a mais nas natatórias dianteiras, isso não é motivo para tanta exibição, já sei que sabem saudar-se umas às outras com muita graça, Digam-me agora como se chamam.

Os bichões de beiço rachado agitaram-se e torceram-se, com os olhos de vidro verde a arredondarem-se, mas nada disseram.

- Está bem, murmurou Kotick. Sois na realidade as criaturas mais feias que existem, piores ainda do que Sea Vitch. . . e mais mal-educadas.

Ao dizer isto, quase caiu de costas, lembrando-se das palavras da gaivota Burgomestre na ilha de Walrus. O acaso o havia posto defronte às vacas-marinhas!

Os mostrengos continuavam a mascar os sargaços sem dar nenhuma resposta às perguntas que Kotick lhes fazia em todas as línguas que aprendera em suas viagens,

porque no mar há quase tantas línguas como entre os humanos. Não respondiam, simplesmente porque não sabiam falar. As vacas-marinhas só têm seis ossos no pescoço, em vez de sete, e é isso – dizem no mar - o que lhes impede a fala; mas como possuem uma articulação extra nas natatórias anteriores, fazem com elas jeitosos movimentos que correspondem a uma espécie de código elementar.

Ao romper da aurora a crina de Kotick estava eriçada e a sua paciência, no fim. As vacas-marinhas, então, puseram-se muito morosas, a nadar de rumo norte, parando amiúde para conciliábulos naquela grotesca linguagem de gestos. Kotick as seguiu, dizendo:

- Gente idiota como esta de há muito que se teria feito chacinar, se não houvesse descoberto alguma ilha segura e o que é seguro para a vaca-marinha o será também para as focas. Vamos ver para onde se dirigem.

Foi uma viagem cansativa para Kotick, As vacas-marinhas não caminhavam mais de quarenta a cinqüenta milhas por dia, detendo-se à noite para pastar e rentando a costa todo o tempo, enquanto Kotick lhes nadava em redor, por baixo e por cima, sem que isto lhes fizesse render a marcha. À medida que os mostrengos avançavam para o norte, sempre com paradas para conciliábulos na linguagem dos gestos (o que fazia Kotick roer os bigodes de impaciência), notou ele que entravam numa corrente de água mais aquecida. Oh, as vacas-marinhas sabiam orientar-se, não eram tão estúpidas assim...

À noite deixaram-se levar pela corrente - ou, melhor, deixaram-se rolar como pedras - e logo depois, pela primeira vez desde a partida, deram de nadar depressa. Kotick espantou-se daquilo, porque jamais supôs que vacas-marinhas soubessem nadar. Pois nadaram, e dirigiram-se a um promontório rochoso no qual um túnel se abria a vinte braças de profundidade; por ele se enfiaram, com Kotick na peugada, aflito no negror e extensão daquela passagem.

- Pela minha peruca! exclamou ele ao sair do outro lado, tonto. Não há dúvida que foi um mergulho dos bons – mas valeu a pena.

As vacas-marinhas dispersaram-se e puseram-se a pastar sobre a mais bela praia que Kotick ainda vira. Extensos recifes, polidos pela fricção das águas, estendiam-se por léguas, extraordinariamente adaptados para ninhos de focas; atrás deles, e subindo em inclinação suave, viam-se grandes espaços de areia dura, próprios para «lugar de estar» de focas. E havia ondas bem derramadas, boas para as danças; e ervaçais macios onde rolar; e dunas onde trepar e onde degringolar. Além disso, era facilmente perceptível - uma foca jamais se engana nesse ponto - que o homem nunca havia posto pé em tais paragens. Kotick tratou de assegurar-se se a zona era rica em peixe; depois nadou ao longo da praia e contou as ilhotas existentes, de boa área, semi-ocultas na movediça bruma. Ao norte estirava-se uma linha de reentrâncias, de recifes e pontas de pedras que não permitiam a aproximação de um barco a seis milhas da praia. Entre as ilhotas e a costa corria um canal de águas profundas, donde emergia a paliçada perpendicular dos rochedos.

- Isto aqui é uma outra Novastoshnah, mas dez vezes melhor, refletiu Kotick. As vacas-marinhas não são tão estúpidas como supus. Ainda que apareçam homens, não conseguirão descer a paliçada, e do lado do mar nenhum navio pode aproximar-se. Se há no oceano um lugar seguro para as focas, é este.

E pôs-se a pensar na foquinha que ficara à sua espera; apesar disso, e da pressa de retornar às praias de Novastoshnah, não esqueceu de explorar minuciosamente aquela zona, a fim de responder a todas as perguntas que lhe fizessem.

Depois mergulhou, a fim de bem localizar a boca do túnel que para ali conduzia, e rumou na direção sul. Ninguém, a não serem as vacas-marinhas e agora ele, suspeitava da existência daquele retiro seguro, e ao fazer-se ao largo chegou até a duvidar se realmente o havia encontrado.

Dez dias gastou na volta, sem perder nenhum tempo pelo caminho; e ao meter-se em terra, perto do Sea-Lion's Neck, a primeira criatura com quem topou foi a namorada. Imediatamente a meiga foquinha compreendeu, pela expressão dos olhos de Kotick, que ele havia encontrado, afinal, a desejada ilha.

As *holluschickies*, entretanto, bem como Sea Catch, seu pai, e todas as outras focas mofaram, quando Kotick narrou o que havia descoberto. Uma jovem foca chegou a dizer:

- Tudo isso está muito bonito, Kotick, mas não basta contares coisas lindas para que nos encaminhemos para lá. Recorda que nós aqui vivemos a nos bater para a conquista de bons ninhos, o que ainda não fizeste. Preferes vagabundear pelo oceano a fora.

Todas as focas aprovaram-na com grandes risadas, o que fez a jovem foca balançar a cabeça da direita para a esquerda, envaidecida. Estava casadinha de fresco e muito ancha do seu estado.

- Mas por que haveria eu de lutar, se não tenho ninho a defender? respondeu Kotick. Desejo apenas mostrar-vos um lugar onde a segurança é completa. De que serve batermo-nos?

- Oh, se tu foges a isso, então nada mais tenho a dizer, replicou a recém-casada com um riso de ironia.

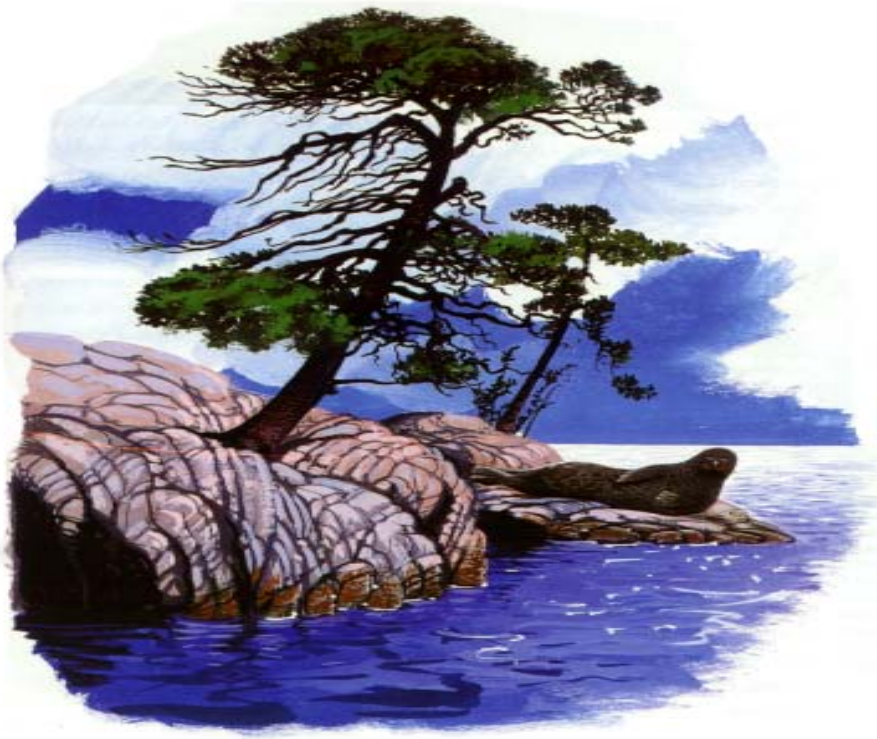
Kotick principiou a encolerizar-se.

- Virás comigo para essa praia segura se eu lutar e vencer? perguntou.
- Perfeitamente, respondeu com leviandade a outra. Se lutares e venceres, lá irei.

Mal acabou de pronunciar essas palavras e já se viu por terra, com os dentes de Kotick cravados em seu pescoço gordo; em seguida ele a agarrou pelas ancas e a arrastou pela praia, sacudindo-a violentamente. Depois que a deixou nocaute, rugiu para a assistência:

- Fiz o que pude para o bem de todos, durante as últimas cinco estações. Encontrei finalmente uma ilha de segurança absoluta, mas a não ser que arranque as vossas cabeças do corpo, nenhuma me dará crédito. Pois bem, vou fazê-las mais atentas ao que digo. Lá vai!

O passarinho Limmershin me declarou que apesar de estar afeito a assistir todos os anos às batalhas de mais de dez mil focas adultas, jamais em sua vidinha viu coisa equivalente ao ataque de Kotick contra o povo dos ninhos. Mal acabou de dar o aviso do «Lá vai! », atirou-se contra o maior sea-catcb da assistência; agarrou-o pela garganta e castigou-o brutalmente, até ouvi-lo dar berros de misericórdia. Largou-o então e ferrou



outro. O segredo estava em que Kotick, durante toda a sua vida, nunca estivera submetido àquele regime comum de jejuar por quatro meses ao ano; sua vida sempre em mar alto, a comer todos os dias, tinha-o conservado em magníficas condições físicas e, pois, fazia-o superior em força e agilidade a todas as focas da praia. Muito branco, a crina eriçada pela cólera, os olhos flamejantes, os afiados caninos a se mostrarem ameaçadores, oferecia um quadro esplêndido de vida e vigor. O velho Sea Catch, seu pai, o viu passar, qual uma tromba, a arrastar pela areia velhas focas já grisalhas e a arremessar para longe, com trancos, as mais novas. Sea Catch rugiu de entusiasmo.

- É um louco talvez, exclamava, mas que esplêndido lutador! jamais apareceu nestas praias campeão assim. Não ataca a teu pai, meu filho! Lembra-te de que ele é por ti!

A resposta de Kotick foi um urro de desafio, e o velho Sea Catch teve de empenhar-se em luta, bamboleante, a bigodeira eriçada e silvando que nem locomotiva. Enquanto isso, Matkah e a noiva de Kotick tomavam posição para acompanharem o espetáculo e admirarem os respectivos machos. Foi batalha magnífica e tão longa que ao terminar nenhuma outra foca ousava erguer a cabeça. Os lutadores, então, as encararam orgulhosos, mugindo.

À noite, quando os fogos boreais principiaram a cintilar e dançar através da névoa, Kotick escalou um rochedo e correu os olhos pelos ninhos dispersos, onde focas sangrentas ou machucadas gemiam.

- Levastes a lição merecida, urrou lá de cima.

- Pela minha peruca! exclamou o velho Sea Catch, erguendo o corpanzil terrivelmente dolorido. A Orca que mata baleias não nos teria tratado melhor... Sinto-me orgulhoso de ti, meu filho... e quero ir para tua ilha.., se é que realmente a descobriste.

- Escutai, porcos do oceano! gritou Kotick. Quereis ou não acompanhar-me à praia das vacas-marinhas? Respondei; do contrário, recomeço a lição.

Um murmúrio cresceu por toda a extensão dos ninhos.

- Iremos, iremos todos! gritavam milhares de vozes cansadas. Nós todos te seguiremos, Kotick!

Kotick, então, enterrou a cabeça nos ombros e cerrou os olhos, cheio de orgulho. Não estava branco naquele momento, mas vermelho, todo lavado em sangue. Apesar disso, nem sequer olhava para uma só das suas feridas.

Uma semana mais tarde cêrca de um milheiro de *holluschickies* e focas velhas partiram para o norte de rumo ao túnel das vacas-marinhas. Kotick seguia cheio de orgulho na frente, considerado como louco pelas que haviam ficado em Novastoshnah. Mas na primavera seguinte, quando regressaram daquela excursão, tais coisas disseram as focas das praias encontradas para lá do túnel das vacas-marinhas, que milhares e milhares de outras emigraram. Não todas de uma vez, porque não são criaturas das mais espertas e levam tempo para se decidir; a emigração, porém, foi-se repetindo cada ano, sempre em número crescente, de modo que, não só de Novastoshnah e de Lukannon mais ainda de outros ninhos, quase todas as focas se foram para lá onde Kotick reinava durante cada estio, forte e respeitado, dentro da legião das *hulluschickies*, agora perfeitamente em seguro naquela parte do mundo livre de homens.

## Lukannon

Encontrei meus irmãos ao despontar do dia
(Que velho neste instante inicial me sentia!)
Lá onde, dos recifes e a encher a amplidão
Subia um estridor das vagas do verão.
O seu apagava o clamor que provinha

Da rocha marinha. . .
E a praia de Lukannon naquela hora,
Por dois milhões de gritos ruidosa Clangora.

Cantai a estação a borda das lagunas
Os esquadrões arfantes que descem das dunas...
cantai a dança singular, a meia-noite,
vergastada das flamas que provem do mar -
Praias de Lukannon, antes que os marinheiros
Possam chegar.
Encontrei meus irmãos de madrugada e eu sei
Que não mais, nunca mais eu os encontrarei:
A praia escurecendo, vinham em legiões,
E com a voz a inundar aquelas solidões

A tribo que passou ali nos invocamos.
E a sua terra nós cantamos.

Praias de Lukannon, as aveias crescidas -
Os liquens enrugados e as brumas que eu vi,
Praias de Lukannon, jardins onde brincamos,
Praias de Lukannon onde nasci.

Encontrei meus irmãos de manhã. Tinham mágoa -
Na terra o homem nos mate ou nos fuzile na água.
À salina nos leve assim como carneiros!
Cantemos antes que venham os marinheiros.

Ao Sul! Ao Sul! Ao Sul! Oh! gooveroosk, anda!
Fala ao Rei deste Mar da nossa dor nefanda!
como um ovo de tubarão, que quando finda,
vem,ter ao litoral, é vazio, vazio
De Lukannon a praia. E nos conhece ainda.

## OS CÃES VERMELHOS

Por nossas noites puras e fagueiras,
Pelas noites das rápidas carreiras,
Pelos sorrisos das madrugadas,
Pelos adeuses das orvalhadas,
Pelo galope entre os nevoeiros,
Pela prêsa escondida
Em sua guarida,
Pelo clamor dos companheiros,
Quando o Sambhur volteia. Pela bacanal,
Pelo sono nos fojos lutaremos afinal.

Depois que a Jângal invadiu e apagou a aldeia é que a melhor parte da vida de Mowgli começou. Andava com a consciência leve dos que vivem com tôdas as contas justas, além de que tôda a Jângal o adorava, embora com uma ponta de medo. O que ele viu ou fêz enquanto andou de um povo para outro, só ou com os seus habituais companheiros, daria margem para muitas histórias longas como esta. Não sabereis, portanto, como encontrou o Elefante Louco de Mandla, o qual matara vinte e dois bois que puxavam onze carros de prata do governo, derramando tôdas aquelas rupias no pó da estrada; nem como lutou com Jacala, o Crocodilo, durante uma noite inteira nos pantanais

do Norte, quebrando a sua faca nas escamas do bruto; nem como encontrou outra faca maior no cadáver dum homem, morto por feroz javardo, o qual javardo Mowgli perseguiu e matou para justificar a posse da faca; nem como foi apanhado, durante a Grande Fome, por um rebanho de gamos em retirada, que quase o mataram a casco; nem como salvou Hathi, o Silencioso, de cair num mundéu em cujo fundo havia uma terrível estaca de empalar; nem como, no dia seguinte, caiu ele próprio numa engenhosa armadiha para leopardos, donde Hathi o tirou depois de remover todos os troncos amontoados em cima; nem como tirava leite às búfalas nos pantanais; nem como. . .

Mas temos que contar uma história de cada vez. Pai Lobo e Mãe Loba haviam morrido e Mowgli rolara para a boca da caverna um grande bloco de pedra, depois de entoar diante dos dois cadáveres o Canto da Morte. Baloo envelhecera bastante, e até Bagheera, cujos nervos eram de aço e os músculos de ferro, não passava de sombra do que fora. Akela mudara de gris para quase totalmente branco, devido à idade: suas costelas desenhavam-se-lhe em relêvo na pele e quando andava parecia feito de pau. Mowglí caçava para êle. Mas os jovens lobos, os filhos da desmantelada Alcatéia de Seeonee, esses prosperavam, muito aumentados. Quando atingiram o número de quarenta - fortes, senhores de si, voz cheia, pés agílimos de lobos de cinco anos - Akela disse-lhes que deviam juntar-se em alcatéia unida e seguir a Lei sob o comando dum chefe, como de praxe na história do Povo Livre.

Isso não era caso em que Mowgli devesse intervir, porque, como ele mesmo costumava observar, já comera frutos azedos e conhecia as árvores donde pendem; mas, quando Fao, filho de Faona, lutou pela chefia da Alcatéia de acôrdo com a Lei da Jângal, e uma vez mais os velhos cantos de convocação começaram a soar sob as estrelas, Mowgli compareceu à Roca do Conselho movido apenas de saudades. E todas as vezes em que lá falou foi ouvido em completo silêncio. Corriam bons os dias, para a caçada e para o sono. Nenhum intruso ousava penetrar na floresta ocupada pelo «Povo de Mowgli», que era como diziam da Alcatéia, e os lobos prosperavam, nédios e fortes, sempre com abundantes lobinhos trazidos à cerimônia do «Olhai-o, ó Lobos!» Mowgli não as perdia, para relembrar a noite em que a Pantera Negra o comprou, criança nuzinha, pelo preço dum touro gordo. O merencório apelo - «Olhai, olhai bem, ó Lobos!» punha-lhe o coração a palpitar. Não fosse isso e ter-se-ia alongado na Jângal, com os quatro companheiros, para provar, tocar, ver e sentir coisas novas.

Certa tarde em que vinha trotando preguiçosamente através das montanhas para trazer a Akela a metade do gamo que havia caçado, enquanto atrás os quatro lobos pulavam e brincavam na louca alegria de viver, Mowgli ouviu um grito que não ouvia desde os maus tempos de Shere Khan. Era o que a Jângal chama o «pheeal» - hedionda espécie de uivo que o chacal desfere quando está caçando na frente do tigre, ou quando topa perigo de vulto. Se podeis imaginar um misto de ódio e triunfo, medo e desespero, com um olhar de malícia malvada de través, tereis vaga noção do «pheeal» que se ergueu na selva, ondulou, ecoou e vibrou ao cruzar o Waingunga. Os quatro lobos detiveram-se imediatamente, rosnando, arrepiados. A mão de Mowgli crispou-se no cabo da faca; seu corpo imobilizou-se; o sangue afluiu-lhe ao rosto e as sobrancelhas carregaram-se.

- Não sei de nenhum Listrado que ouse caçar por aqui, disse ele.

- Nem é grito de chacal mensageiro de tigre, observou o Irmão Gris. Perigo de vulto, sim. Escuta!

O «pheeal» ressoou de novo, meio soluçado, meio gargalhado, como se o chacal

tivesse garganta humana. MowgÍi então tomou longo fôlego e correu para a Roca do Conselho, ganhando avanço, no caminho, sobre os lobos da Alcatéia que para lá se dirigiam. Fao e Akela já estavam na Roca, um ao lado do outro, e abaixo deles, com os nervos eletrizados, muitos mais. As mães escondiam os filhotes nas cavernas, porque quando o «pheeal» soa não é tempo de ficarem os fracos expostos.

Nada se ouvia senão o mugir nas trevas do Waingunga e o rumor leve dos ventos noturnos na fronde das árvores. Súbito, além do rio, um lobo uivou. Não era lobo da Alcatéia de Seeonee, pois que esses já se achavam todos na Roca. Uivou um uivo que logo descaiu para desesperado ganir, «Dhole!» gemia ele. «Dhole! dhole! dhole!» Minutos depois ouviu-se o rumor de cansados pés que vinham tropeçando pelas trilhas, e por fim, um lobo magro, listrado de vermelho nos flancos, mão direita ferida, boca espumejante, lançou-se entre eles, a ofegar, e lambeu os pés de Mowgli.

- Boa caçada! saudou gravemente Fao. A que grupo pertences?

- Boa caçada! respondeu o estranho. Won-tolla me chamo, declarou a seguir, querendo dizer que era um lobo solitário, dos que lutam só para si, para a companheira e para os filhotes ocultos nalguma caverna perdida, como há muitos no sul. Won-tolla significa Arredio - um que vive fora de qualquer bando. O recém-chegado ofegava, exausto.

- Que é que perturba a Jângal? perguntou Fao, repetindo a pergunta que toda a Jângal faz quando o «pheeal» soa.

- O dhole, o dhole do Dekkan - Cão Vermelho, o Matador! Vem do norte para o sul dizendo que o Dekkan está vazio - e vem matando pelo caminho. Quando esta lua começou, éramos cinco - minha companheira, eu e três filhotes. Minha companheira saíra a ensinar aos filhotes como se caça na planície. À meia-noite ouvi-os juntos, seguros na pista dum gamo. Pela madrugada encontrei-os rígidos na macega – aos quatro, quatro filhos do Povo Livre! Procurei então o matador. Encontrei o dhole.

- Quantos? perguntou Mowgli, com a voz a destacar-se viva do lúgubre uivar da Alcatéia.

- Não sei. Três, nunca mais matarão; os outros fizeram-me fugir qual gamo, sobre três patas. Vêde, Povo Livre! e o lobo arredia mostrou a pata pendente, empapada de sangue em coágulos. Pelo seu corpo viam-se as marcas de cruéis mordidas, sobretudo no pescoço.

- Vem comer, disse Akela, erguendo-se de cima da carne que Mowgli lhe havia trazido.

- Não será bondade inútil, respondeu o lobo com humildade, depois que satisfez o grosso da fome. Restaura-me as forças, Povo Livre, que eu também ajudarei a matar. Minha caverna está vazia - e estava cheia quando esta lua começou. A Dívida de Sangue não foi toda paga ainda.

Fao ouviu os dentes do recém-chegado estalarem num osso do gamo e rosnou aprovativamente:

- Vamos precisar dessas maxilas. Observou filhotes entre os dholes?

- Nem um. Caçadores ruivos todos; cães adultos, pesados e fortes em conseqüência dos muitos lagartos comidos no Dekkan.

O que Won-tolla tinha dito significava que o dhole, o cão vermelho do Dekkan, vinha em incursão de matança - e todos sabiam que até o tigre abandona a presa ao dhole. Varam eles em linha reta a Jângal e estraçalham a quanto encontram. Embora não sejam grandes, nem tão hábeis como os lobos, são fortíssimos e muito numerosos. O dhole não se considera em bando senão depois de atingida a conta de um cento, ao passo que os lobos formam comumente uma alcatéia com quarenta. As incursões de Mowgli já o haviam levado às baixadas do Dekkan, onde vira os destemerosos dholes dormindo, brincando ou coçando-se uns aos outros, nas moitas que usam como antros. Desprezava-os e odiava-os, porque não tinham o cheiro peculiar do Povo Livre, porque não viviam em cavernas, e, acima de tudo, porque tinham pêlos entre os dedos ao passo que ele e seus companheiros lobos eram de pés pelados. Mas sabia por informação de Hathi que terrível coisa eram os dholes na caça. O próprio Hathi se afastava para lhes dar caminho. Até que sejam todos mortos, ou que a caça desapareça da zona, os dholes seguem sempre para diante.

Akela também sabia algo a respeito, pois disse calmamente a Mowgli:

- É preferível morrermos unidos em bando, a morrermos sem chefe, um por um. Isto vai ser boa caçada - e minha última caçada... Mas, se sobrevives, Irmãozinho, terás ainda muitas noites e dias. Segue para o norte, fica lá. Se algum de nós sobreviver, por ele conhecerás a história desta luta.
- Sim? murmurou Mowgli com aspecto grave. Achas que devo ir para os pantanais, viver de peixes e dormir em árvores, ou pedir abrigos aos «Bandar-log» e ficar quebrando nozes, enquanto a Alcatéia se bate?
- Vai ser luta de morte, disse Akela. Tu nunca enfrentaste o dhole - o Matador Vermelho. O próprio Listrado recua...

- Aowa! Aowa! exclamou Mowgli levianamente. Já matei um listrado, e estou certo de que Shere Khan teria abandonado sua própria companheira para pasto dos dholes, se tivesse percebido um bando deles três montanhas lá longe. Ouvi agora. Houve um lobo meu pai, e uma loba minha mãe - e um velho lobo gris (está ele agora branco de velhice ) que foi a um tempo meu pai e minha mãe. Por isso digo – e ergueu a voz - digo que quando os dholes vierem, se vierem, Mowgli e o Povo Livre serão uma só carne numa só pele - para a peleja; e digo, pelo Touro que me comprou – pelo Touro que Bagheera pagou por mim nos velhos dias que vós, lobos novos, não alcançastes - digo aos berros para que as Árvores e o Rio possam ouvir minha palavra e servirem de testemunhas; digo que esta minha faca será um dente da Alcatéia - e não será um dente embotado!,.. Esta é a Palavra que sai de dentro de mim.

- Tu não conheces o dhole, homem com língua de lobo! interveio Won-tolla. Eu procuro apenas ajustar com eles minha Dívida de Sangue antes que me façam em postas. Os dholes aproximam-se lentamente, matando pelo caminho, mas em dois dias um pouco de força voltará aos meus músculos e retomarei a liquidação de contas. Vós, porém, Povo Livre, meu parecer é que vades para o norte por uns tempos, enquanto os dholes permanecerem aqui. Não há carne nesta caçada.

- Ouvi o Arredio! gritou Mowgli numa risada. Povo Livre, devemos ir para o norte comer lagartixas e ratos para evitar a chança de enfrentar os dholes! Eles que cacem em nossos campos de caça enquanto permanecemos escondidos no norte, e que seja assim até que hajam por bem abandonar a zona! O dhole é cão, cão ruivo de barriga amarela, sem antros, como nós, com pêlos nos pés. Tiram seus filhos aos seis de cada ninhada, como se fossem Chicai, o pequeno rato saltador. Está claro que devemos fugir, Povo Livre, e ainda pedir licença aos povos do norte para apanhar-lhes os restos de comida! Conheceis o dito: «O norte é vérmina; o sul é piolho. A Jângal somos nós». Escolhei, escolhei. É boa caçada! Pela Alcatéia, pelo antro e pelo ninho, pela companheira que arrasta a corça e pelos pequenos filhotes que brincam dentro da caverna, resolvei!

A Alcatéia respondeu num uivo uníssono, que soou na noite como grande árvore que cai:

- Está resolvido. Resistiremos!
- Ficai com eles, disse Mowgli aos seus quatro companheiros. Necessitamos aqui todos os dentes. Fao e Akela prepararão a batalha. Eu vou contar o número dos cães.
- Morte! É morte! uivou Won-tolla semi-erguendo-se. Que pode essa criatura pelada fazer contra os Cães Vermelhos? O próprio tigre, lembrai-vos...

Mowgli o interrompeu de longe:

- Tu és realmente um Arredio. Mas conversaremos depois que os dholes estiverem mortos. Boa caçada para todos!

Mowgli correu nas trevas, excitado, sem dar tento ao chão onde punha os pés - e a conseqüência foi cair ao comprido sobre as roscas de Kaa, àquela hora de tocaia aos veados perto do rio.

- Kssha - silvou a serpente em cólera, É coisa da Jângal andar correndo e perturbando as caçadas noturnas - quando a caça se aproxima?
- Foi minha a culpa, confessou Mowgli voltando a si. Realmente estava à tua procura, Kaa, e sempre que te encontro vejo-te mais comprida e mais grossa. Não há na Jângal ninguém como tu - prudente, forte, bela...

- Para onde conduz esta pista? perguntou Kaa, amável. Não faz uma lua que um homenzinho de faca na mão me lançou pedras à cabeça e chamou-me feios nomes porque dormi ao relento, . .
- ...e porque, concluiu Mowgli sentando-se sobre ela, espantava os veados que o homenzinho estava correndo e, sendo surda como é, não lhe ouvia os gritos para que saísse do caminho.

- Agora, prosseguiu a serpente, esse mesmo homenzinho vem à insultada com palavras macias, chamando-lhe prudente, forte e bela. E a mesma Cabeça Chata em tudo acredita e o acolhe assim... Estás a cômodo agora, Irmãozinho? Poderia Bagheera dar-te tão bom assento?

Como de costume, Kaa tinha-se ajeitado em rede sob o peso de Mowgli, com a cabeça repousada em seu ombro. O rapaz contou-lhe o que havia sucedido.

- Prudente posso ser, disse Kaa no fim, mas surda certo que sou. Do contrário teria ouvido o «pheeal». Não me admira agora que os comedores de ervas estejam tão inquietos. Quantos são os dholes?
- Não sei, não os vi ainda. Vim voando para ti. Tu és mais velha do que o Silencioso. Mas, ó Kaa - e aqui Mowgli esperneou de alegria - vai ser muito boa a caçada! Poucos dentre nós verão outra lua.

- Pretendes lutar? Lembra-te de que és um homem e que a Alcatéia já te expulsou. Deixa os lobos às voltas com os cães. Tu és homem.

- As castanhas do ano passado são este ano pó negro, respondeu Mowgli. É verdade que sou homem, mas esta noite acabo de afirmar que sou lobo. Apelei para as Árvores e para o Rio como testemunhas. Lobo sou, pertencerei ao Povo Livre até que os dholes se tenham ido.

- Povo Livre! silvou Kaa. Ladrões livres, sim! E tu te amarraste a eles, num nó de morte, por amor de dois lobos defuntos? Isso não é boa caçada, Irmãozinho.

- Dei minha Palavra. As Árvores o sabem e o Rio também. Enquanto os dholes estiverem aqui, não trocarei de idéia.

- Ngssb.' Tudo muda agora. Julguei meu dever levar-te para os pantanais do norte, mas a Palavra Dada - ainda que palavra dum homem pelado - é a Palavra Dada. Assim sendo, eu, Kaa, digo...
- Pensa certo, Cabeça Chata, para que te não ligues num nó de morte também, Não necessito de tua palavra, pois bem te conheço.

- Assim seja, disse Kaa. Não darei minha Palavra. Mas que pensas fazer quando os dholes vierem?

- Eles devem atravessar a nado o Waingunga. Pensei em esperá-los no raso com a minha faca e com a Alcatéia atrás de mim; desse modo, esfaqueando e estraçalhando, poderemos lançá-los rio abaixo - ou esfriar suas gargantas.

- Os dholes não descerão rio abaixo, nem deixarão que lhes resfriem as gargantas, respondeu Kaa, Não haverá mais nem Homenzinho, nem filhote de lobo, quando a caçada chegar ao fim, Apenas haverá ossos.

- Alala! Se morrermos, morremos, Será a maior das caçadas! Mas meu estômago é jovem e não tenho visto muitas chuvas. Não sou prudente, nem forte. Tens melhor plano, Kaa?

- Eu tenho visto uma centena de chuvas. Antes que em Hathi nascessem os marfins de leite, já meu rasto deixava marca de vulto na areia. Pelo primeiro Ovo! sou mais velha que muitas árvores e conheço toda a vida da Jângal.

- Mas «isto» é caçada nova, disse Mowgli. Nunca antes cruzaram os dholes o nosso caminho.
- O que acontece, já aconteceu. O ano que vai ser não passa de repetição dum ano esquecido lá muito longe. Guarda silêncio, enquanto conto minha vida.

Por toda uma hora ficou Mowgli deitado nas roscas de Kaa, que, com a cabeça imóvel no chão, recordava tudo quanto vira, ou soubera, desde o tempo em que deixou o ovo. A luz parecia fugir dos seus olhos, deixando-os qual opala morta, e de quando em quando Kaa agitava em rápidos movimentos de cabeça para a esquerda ou para a direita, como se estivesse caçando no sono. Mowgli cochilava calmamente, porque sabia que nada há como o descanso do sono antes da luta e estava treinado em dormir a qualquer hora do dia ou da noite.

Súbito, sentiu o corpo de Kaa engrossar debaixo de si; a serpente inchava, silvando com o ruído da espada que sai da bainha. Houve um demorado silêncio.

- Recordei todas as passadas estações, disse ela, e as grandes árvores, e os velhos elefantes, e as rochas que eram nuas e de arestas agudas antes que os musgos as embotassem. Estás «tu» ainda vivo, Irmãozinho?

- Há pouco que a lua se deitou, respondeu MowgÍi. Não compreendo. . .

- Hssb! Sou de novo Kaa. Verifiquei-o há pouco. Vamos agora ao rio e te mostrarei o que há a fazer contra os dholes.

A serpente dirigiu-se em linha reta para a corrente principal do Waingunga, na qual mergulhou pouco acima do poço que escondia a Roca da Paz, Mowgli seguia-a.
- Não nades, disse ela. Monta em meu dorso, Irmãozinho.

Mowgli passou o braço esquerdo em torno ao pescoço de Kaa, estirou o direito ao longo do corpo e, de pernas unidas, deixou-se levar. A serpente enfrentou a correnteza como só ela o sabia fazer; o crespo da água cortada vinha franjar o pescoço de Mowgli, cujos pés subiam e desciam no remoinho formado atrás. Milha ou duas acima da Roca da Paz, o Waingunga estrangula-se numa garganta de rochas calcárias, de oitenta a cem pés de alto; a água corre como em bica de moinho por entre e por sobre toda a sorte de pedras, Mowgli não se perturbou com aquilo; nenhuma água do mundo lhe causaria um momento de pavor. Ia olhando para as paredes da garganta da rocha e farejava o ar com cara de desagrado: havia nele um bafio adocicado e azedo, como de grande formigueiro em dia quente. Instintivamente abaixou-se n'água, apenas erguendo a cabeça a espaços, para respirar, até que Kaa ancorou, com volta dupla da cauda, em torno duma pedra do fundo, Mowgli viu-se mantido a prumo dentro dum anel vivo enquanto a torrente perpassava.

- A Morada da Morte! exclamou o rapaz, Por que vimos ter aqui?

- «Elas» dormem, respondeu Kaa, Hathi não se desvia do caminho do tigre, Hathi e o tigre, entretanto, desviam-se do caminho dos dholes, os quais não se desviam de caminho nenhum. E de quem se desvia o Povo Miúdo das Rochas? Dize-me agora, ó Senhor da Jângal, quem é realmente o mais forte?

- «Elas», sussurrou Mowgli. Aqui é a Morada da Morte. Vamo-nos,

- Espera e olha bem. «Elas» estão dormindo, Tal qual no tempo em que meu corpo não era maior que o teu braço.

O destroço das rochas naquela garganta do Waingunga havia sido, desde os começos da Jângal, usado pelo Povo Miúdo das Rochas - as ferozes abelhas negras da Índia e, como Mowgli muito bem sabia, todos os caminhos se desviavam daquele ponto em meia légua de raio. Por séculos o Povo Miúdo vinha-se acolmeando de fenda em fenda, e desdobrando-se em novos enxames; por isso todo o calcário se manchava de cera negra e mel azedo, e grandes colméias vibravam no fundo escuro das covancas, onde nem homem, nem animal, nem fogo, nem água, jamais as alcançaram. Em toda a extensão da garganta, de ambos os lados, a pedra se recobria de negra cortina de veludo, que fez Mowgli esconder-se dentro d'água: eram milhões de abelhas adormecidas. Havia também ressaltos e festões, como velhos troncos petrificados, que não passavam de colméias abandonadas ou colméias novas, construídas à sombra da quieta garganta, e ainda grandes massas de tranqueira apodrecida, que rolara do alto e ficara pendente das saliências da pedra. Mowgli ouvia às vezes o ruído duma colméia a desprender-se do apoio e rolar, prenhe de mel, para o fundo do abismo; nuvem de coléricas asas em alvoroço completava a cena, bem como o pingar de fios ou gotas de mel pelas irregularidades das paredes. Havia uma pequena praia, numa das margens do rio, logo adiante, onde se amontoavam detritos de incontáveis anos - abelhas mortas, zangãos, larvas, favos azedos, cera alterada e asas de insetos pilharengos que, atraídos pelo mel, ali ficaram. O simples cheiro desses detritos era o bastante para amedrontar qualquer ser não alado que conhecesse a ferocidade do Povo Miúdo.

Kaa moveu-se rio acima até alcançar certa barra de areia, num dos extremos da garganta.

- Eis a matança da estação, Olha!

Viam-se na areia os esqueletos dum casal de veados e dum búfalo. Mowgli notou que nenhum lobo ou chacal havia tocado naqueles ossos.

- Vieram fugidos dos dholes. Não conheciam a Lei - e o Povo Miúdo os matou, disse Mowgli. Saiamos daqui antes que elas despertem.
- Só despertarão pela madrugada, observou Kaa. Escuta. Muitas chuvas atrás um gamo perseguido por alcatéia veio do sul para aqui sem conhecer a Jângal. Cego pelo terror, atirou-se ao rio da beira da garganta. A alcatéia entreparou no alto; uns lançaram-se n'água atrás dele, morrendo afogados. Os que não saltaram também morreram lá em cima, porque as abelhas estavam coléricas. Só o gamo se salvou.

- Como?

- Porque chegou primeiro e saltou antes que o Povo Miúdo o percebesse, Já estava no rio quando as abelhas revoaram para o assalto. A alcatéia, que vinha atrás, teve de suportar em cheio o ataque - e sucumbiu.

- Salvou-se o gamo realmente? perguntou Mowgli.

- Pelo menos não morreu nessa ocasião, embora ninguém o esperasse do outro lado, com um forte abraço que o recolhesse d'água, como certa Cabeça Chata, velha e gorda, esperaria um Homenzinho - sim, ainda que todos os dholes do Dekkan estivessem no seu encalço. Que pensas disto? Concluiu Kaa, com a cabeça rente ao ouvido de Mowgli.

A resposta demorou um pouco.

- Isso vale tanto como puxar os próprios bigodes da Morte, mas, realmente, Kaa, tu és a primeira cabeça da Jângal!
- Assim dizem... Observa agora se os dholes te seguem.
- Certo que me hão de seguir, Ho!Ho! Tenho muitos espinhos na língua para espetar-lhes na pele e assim fazê-los seguirem-me.

- Se te acuarem cegamente, os que não morrerem em cima serão forçados a lançar-se n'água, aqui ou além, porque o Povo Miúdo se erguerá em massa e breve cobrirá grande área. Mas as águas do Waingunga são coléricas e eles não terão nenhuma Kaa para os amparar; irão rolando até os rasos próximos de Seeonee, ponto em que a tua alcatéia poderá ferrá-los na garganta.

- Ahai! Eowawa.' A idéia é boa como chuva caída em estação de seca! Tenho apenas de correr e saltar a barranca. Antes disso me farei notado dos dholes, de modo que me sigam nos calcanhares.

- Examinaste as rochas que ficam sôbre tua cabeça, ao lado da terra?
- Não. Esqueci-me de as observar.

- Vai vê-las. É pedra podre, cheia de buracos. Um teu pé ali metido sem atenção, porá fim a tudo. Vamos. Deixo-te aqui - e apenas por amor a ti irei avisar a Alcatéia e dizer onde devem esperar os dholes. Sim, porque eu não me interesso por lobos.

Quando Kaa nutria desprezo por um povo, tornava-se para ele o mais desagradável animal da Jângal, exceção feita de Bagheera. A serpente nadou corrente abaixo até que em certo ponto viu Fao e Akela, atentos aos rumores noturnos.

- Hssh! Cães, silvou ela alegremente, Os dholes descerão o rio. Se não fordes covardes, podereis matá-los nos rasos.
- Quando virão? perguntou Fao.
- Onde está o Filhote de Homem? perguntou Akela,

- Virão quando vierem, respondeu Kaa, Esperai-os. Quanto ao «vosso» Filhote de Homem, ao qual tomaste a Palavra, deixando-o livre à Morte, «vosso» Filhote de Homem está «comigo», e se ainda vive não é a vós que o deve, ó cães descorados! Esperai pelos dholes e lambei as unhas por estarmos do vosso lado, eu e o filhote.

Kaa deslizou outra vez rio acima e ancorou no meio da garganta, olhando para o alto. Imediatamente viu, na fímbria da barranca, a cabeça de Mowgli em silhueta contra o céu, Logo em seguida algo sibilou no ar e *schlup!* um corpo de pés juntos caiu n'água, Instantes após o mergulhador descansava nas roscas de Kaa.

- Já pulei duas vezes por esporte, disse Mowgli calmamente, mas o ponto lá em cima é mau - arbustos baixos e voçorocas fundas, cheias de Povo Miúdo, Amontoei grandes pedras, umas em cima das outras, na beira de três voçorocas, para fazê-las cair no fundo quando vier correndo. Isto fará o Povo Miúdo erguer-se atrás de mim, tomado de cólera cega.

- Falas como Homem, com a astúcia do Homem, disse Kaa. Mas é preciso que saibas que o Povo Miúdo vive em permanente cólera.

- Madrugadinha todas as asas ainda repousam. Irei provocar os dholes, os quais preferem caçar de dia. Eles estão a seguir a pista sangrenta de Won-tolla.

- Chil, o Abutre, nunca abandona um boi morto – nem os dholes abandonarão uma pista sangrenta.

- Nesse caso dar-lhes-ei nova pista sangrenta, traçada com o próprio sangue dhole. Esperar-me-ás aqui, Kaa, até que eu volte com os meus dholes?

- Sim, mas se te matam na Jângal, ou se o Povo Miúdo te apanha antes que tenhas saltado?
- Quando o dia de amanhã vier, caçaremos para o dia de amanhã, respondeu Mowgli repetindo um dito da Jângal. Depois disso acrescentou: Se eu morrer, que me cantem o Canto da Morte. Boa caçada, Kaa.

Mowgli soltou o braço do pescoço da serpente e desceu a correnteza como um tronco que bóia; em certo ponto nadou para a margem onde a água remansava. Ria-se alto, tomado de estranha sensação de felicidade. De coisa nenhuma gostava mais do que, como dizia «puxar os bigodes da Morte», fazendo assim que a Jângal conhecesse ser ele o chefe. Freqüentemente, com a ajuda de Baloo, havia furtado mel de colméias isoladas; por isso sabia que as abelhas detestam o cheiro do alho selvagem. Colheu uma braçada dessa planta, amarrou-a em feixe com embira e só então se dirigiu para o rasto sangrento de Won-tolla, no ponto em que tomava rumo para os antros da sua Alcatéia. Caminhou cerca de cinco milhas, rindo-se para as árvores.

- Mowgli, a Rã, já fui, dizia para si mesmo. Mowgli, o Lobo, eu mesmo proclamei que sou, Agora tenho que virar Mowgli, o Macaco, antes que me torne Mowgli, o Gamo. No fim de tudo voltarei a ser Mowgli, o Homem. Ho! e acariciou a longa lâmina de sua faca.

O rasto de Won-tolla, manchado de sangue negro, passava por dentro duma floresta de árvores espessas, muito juntas, que seguia direção noroeste, gradualmente diminuindo até extinguir-se a duas milhas da Roca das Abelhas. Da última árvore da floresta aos arbustos nanicos da Roca havia um descampado onde dificilmente se esconderia um lobo. Mowgli trotou sob as árvores, medindo as distâncias entre galho e galho, trepando a várias e experimentando saltar duma para outra até alcançar o descampado, que foi cuidadosamente perquirido durante uma hora. Depois voltou, retomou o rasto de Won-tolla onde o havia deixado, ajeitou-se num galho de árvore que ficava a uns oito pés do chão e ali esperou, a trautear cantigas para si próprio e a afiar a faca na sola dos pés.

Pouco antes do meio-dia, quando o sol já estava bastante quente, ouviu o patear e sentiu a abominável catinga do bando de dholes, em trote pelo rasto de Won-tolla. Vistos de cima, pareciam menores que os lobos, mas o rapaz sabia quão rijos de pés e dentes eram. Fixou os olhos na cabeça, que vinha à frente farejando o solo, e gritou-lhe o «Boa caçada!»

O bruto olhou para cima, enquanto seus companheiros entreparavam. Eram dezenas e dezenas de cães ruivos, com caudas pendentes, ombros fortes, quartos mais

fracos e bocas sanguinárias, São os dholes um povo calado e sem maneiras certas, mesmo na Jângal -que habitam. Cerca de duzentos deviam estar ali, encabeçados pelos chefes, que farejavam o rasto de Won-tolla e faziam o bando mover-se para a frente. A intenção de Mowgli era mantê-los em redor da sua árvore até à tardinha.

- Com licença de quem penetrais aqui? perguntou ele.

- Tôdas as Jângals são a nossa Jângal, foi a resposta - e o dhole que a deu arreganhava os dentes alvíssimos.

Mowgli olhou para baixo, rindo-se, e imitou perfeitamente o grito agudo de Chicai, o rato saltador do Dekkan, querendo significar que não tinha os dholes em melhor conta que os Chicai. O bando rodeou o tronco e o chefe latiu asselvajadamente, chamando a Mowgli macaco. Como resposta Mowgli espichou uma das suas pernas e buliu com os dedos bem em cima da cabeça do chefe. Foi mais que bastante para lançar todo o bando na mais estúpida raiva. Os que têm pêlos entre os dedos dos pés não querem ser lembrados disso. Mowgli recolheu o pé quando o chefe soltou para agarrá-lo e disse-lhe amavelmente:
- Cão, cão ruivo! Volta para o Dekkan, a comer lagartixas. Vai para a companhia dos Chicai, teus irmãos – cão ruivo, cão ruivo! E buliu com os dedos dos pés pela segunda vez.

- Hás de descer, ou morrerás de fome aí, macaco pelado! latiu o bando - e era justamente que Mowgli queria. Deitou-se então ao longo do galho e disse aos furiosos dholes tudo quanto pensava a respeito dêles, de suas maneiras, de seus costumes, de suas fêmeas e filhotes, Não há no mundo linguagem mais rancorosa e cruel do que a que o Povo da Jângal usa para mostrar desprêzo. Mowgli havia dito a Kaa que tinha muitos espinhos na boca para lançar contra os dholes. Era certo. Lançou-os lentamente, um por um, levando os cães vermelhos do silêncio ao latido, do latido ao uivo e dêste a verdadeiros rugidos de fúria.

Os dholes experimentaram revidar, mas isso valia tanto como os momos dum filhote contra a cólera de Kaa; e todo o tempo a mão direita de Mowgli permaneceu crispada no cabo da faca, enquanto seus pés se trançavam em torno ao galho. O reforçado chefe - dhole já tinha dado muitos botes sem que Mowgli ousasse arriscar um golpe em falso. Por fim, enfurecido por nôvo insulto em grau que sobreexcedia suas próprias forças, o dhole pulou a oito pés de altura. A mão de Mowgli não vacilou. Lançou-se, qual cabeça de serpente arbórea, e agarrou-o pela pelhanca do pescoço. O galho vergou com o choque a ponto de quase virem os dois ao chão. Mowgli não perdeu a presa, porém, e, polegada a polegada, içou o bruto, pendurado pela gorja, até em cima do galho. Com a mão esquerda alcançou a faca e cortou-lhe a peluda cauda vermelha deixando-o cair por terra em seguida. Era tudo quanto necessitava. O bando não mais se moveria daí para seguir o rasto de Won-tolla antes que Mowgli o destruísse todo ou fosse por ele destruído. Mowgli viu-os disporem-se em círculos, com um tremor nas ancas significativo de que ali ficariam toda a vida. Então subiu vários galhos acima, ajeitou-se comodamente numa forquilha e dormiu.

Três ou quatro horas depois acordou e contou os dholes. Lá estavam todos - calados, inflexíveis, com olhos de aço. O sol começava a descambar. Dentro de meia hora o Povo Miúdo da Roca das Abelhas teria terminado o seu trabalho do dia. Também chegava a hora que os dholes preferem para lutar.

- Eu não precisava de tantos fiéis guardas, disse Mowgli polidamente, pondo-se em pé no seu galho, mas guardarei lembrança da gentileza. Sois verdadeiros dholes - mas muito iguais uns aos outros. Por esse motivo, para que varieis um pouco, não restituo a cauda do chefe comedor de lagartos. Estás satisfeito, ó Cão Ruivo?

- Com meus dentes hei de arrancar-te o estômago! urrou o chefe, lanhando furioso a casca da árvore.

- Reflete, ilustre rato do Dekkan, que doravante vão aparecer muitas ninhadas de cãezinhos ruivos com toquinhos de cauda, que muito sofrerão quando a areia estiver quente. Volta para tua terra, Cão Ruivo, e conta que um macaco te fez isso. Não vais? Então segue-me, que te farei sabido daqui por diante.

Mowgli passou, à moda dos «Bandar-log», para a árvore próxima e dessa à seguinte, indefinidamente, sempre seguido pelo bando de famintas cabeças alçadas. A espaços fingia cair e o bando se atropelava na ânsia de agarrá-lo. Espetáculo de ver-se - o rapaz com a faca a rebrilhar ao sol moribundo e o silencioso bando de ruiva pelagem incendida, negaceando-o e seguindo-o.

Quando Mowgli alcançou a última árvore da floresta, tomou o feixe de folhas de alho selvagem e com elas esfregou o corpo inteiro. Os dholes rosnaram de desprezo.
- Macaco pelado com língua de lobo, queres assim esconder tua catinga? Inútil. Nós te seguiremos até à Morte.

- Toma o teu rabo, gritou Mowgli lançando-o no meio dos dholes; e enquanto o bando inteiro, instintivamente, se atirava ao apêndice restituído, o rapaz gritou: E agora, segui-me, cães, segui-me até à Morte...

Disse e escorregou da árvore abaixo, lançando-se numa corrida doida como um vento de pés descalços em direção à Roca das Abelhas, antes que os dholes compreendessem o que estava fazendo.

Um uivo uníssono soou e todo o bando atirou-se numa corrida furiosa, de vencer a tudo quanto corre. Mowgli sabia que o seu galope era muito menos rápido que o dos dholes e jamais teria arriscado com eles corrida de duas milhas em campo raso. Os dholes estavam certos de que o rapaz lhes cairia nos dentes no fim, como certo estava Mowgli de que até ao fim conduziria o jogo como o planejara. Todo o seu empenho estava em conservar os dholes suficientemente excitados atrás de si, desse modo prevenindo que de súbito mudassem de rumo. Mowgli corria vivamente em linha reta, com o dhole sem cauda a menos de cinco jardas do seu calcanhar; os demais o seguiam por um espaço de quarto de milha, cegos de cólera e sedentos de sangue, Mowgli media a distância com o ouvido, reservando suas últimas forças para o salto à torrente, por cima da Roca das Abelhas.

O Povo Miúdo recolhera-se no começo do crepúsculo, porque não era estação de flores vespertinas; mas quando Mowgli alcançou o trecho esburacado de pedra podre, ouviu um som uniforme, como se toda a terra estivesse a zumbir. Então correu, como ainda não havia corrido em toda a sua existência, desmoronou uma, duas, três das pilhas de pedras amontoadas nas voçorocas, ouviu um rebôo semelhante ao rugido do mar em caverna, vislumbrou com o rabo dos olhos o ar a escurecer de abelhas atrás de si e viu a torrente do Waingunga lá embaixo, com uma cabeça chata à sua espera. Saltou, então, com o dhole sem cauda já a tocá-lo nos ombros e caiu de pés juntos n'água, sem fôlego mas triunfante. Não o picou uma só abelha, porque o cheiro do alho selvagem afastara de

si o Povo Miúdo durante os segundos em que lhe cortou a nuvem. Quando Mowgli emergiu do mergulho que dera, as roscas de Kaa estavam enleadas nêle - e bolos vivos rolavam do alto das rochas - bolos de abel.has, que antes de atingir a água se soltavam, revoando para cima e deixando que o corpo de um dhole viesse mergulhar na torrente. No alto, um coro furioso de ladridos curtos, abafado pelo zumbir imenso dos milhões de asas do Povo Miúdo. Alguns dholes tinham caído nas voçorocas comunicantes com as cavernas subterrâneas, e debatiam-se asfixiados no meio das colméias atingidas; por fim, moribundos, com espessas nuvens de abelhas como a impedi-los, rolaram pelas fendas exteriores para o rio, indo encalhar na prainha dos detritos. Outros haviam saltado sobre os tufos de vegetação das barrocas, onde as abelhas logo os revestiam duma fervilhante camisa de fogo; a maioria, porém, enlouquecida pelas ferretoadas, precipitara-se no rio - e o Waingunga, como observara Kaa, era uma água faminta.

Kaa susteve Mowgli nas suas rôscas até que o fôlego lhe voltasse.

- Não podemos ficar aqui, disse êle logo que readquiriu a voz. O Povo Miúdo está em pé de guerra. Vamo-nos!

Nadando baixo e mergulhando o mais que podia, Mowgli desceu a torrente, de faca em punho.

- Devagar, devagar! recomendou Kaa. Um dente não mata um cento, a não ser que seja dente de cobra. Muitos dholes alcançaram a água antes que as abelhas os atingissem.

- Melhor para a minha faca, então. Phai! Como o Povo Miúdo está alerta! exclamou Mowgli antes de nôvo mergulho. O ar sobre a superfície das águas escurecera de abelhas selvagens, que zumbiam raivosas e ferretoavam o que quer que encontrassem.

Cerca de metade dos dholes tinha percebido a armadilha em que seus companheiros caíram; esses voltaram-se rápido e abrigaram-se no ponto onde as águas do rio, vencida a garganta, banhavam os bancos de areia. Seus gritos de cólera e ameaças contra o macaco pelado que os ludibriara, misturavam-se com os uivos de dor dos moribundos. Ficar nos bancos era morte; cada dhole sabia disso. Em conseqüência, o bando derivou água abaixo, para os fundos remoinhos do Poço da Paz, mas ainda lá os seguiram as coléricas abelhas, forçando-os a permanecerem n'água. Mowgli pôde ouvir a voz do chefe derrabado, a animar seu povo com a perspectiva da matança de todos os lobos de Seeonee. Mas não perdeu tempo.

- Alguém nos mata por baixo! gritou um dhole. A água está tinta de sangue.

Mowgli tinha mergulhado, qual lontra, e puxado um dhole para debaixo d'água antes que ele pudesse abrir a boca – e logo círculos de sangue tingiram a correnteza enquanto o cadáver do animal vinha à tona, a boiar sôbre um dos lados. Os dholes tentaram voltar, mas a corrente os impediu e o Povo Miúdo os ferreteou nas orelhas e focinho. Enquanto isso, soava ao longe o uivo de desafio da Alcatéia de Seeonee, cada vez mais profundo vindo de dentro da escuridão. Outra vez Mowgli mergulhou e novo dhole desapareceu para logo em seguida emergir morto. O clamor ergueu-se no bando; uns achavam melhor saírem d'água; outros pediam ao chefe que os levasse de novo ao Dekkan; outros intimavam Mowgli a que se mostrasse.

- Eles vêm para a luta com dois estômagos e várias vozes, disse Kaa. O resto é com os teus irmãos Íobos, lá embaixo. O Povo Miúdo vai recolher-se. Trouxe-nos para bem longe. Também vou agora recolher-me, porque não sou amiga de lobos. Boa caçada, Irmãozinho, e não te esqueças de que os dholes mordem baixo.

Um lobo surgiu no banco de areia, mancando sobre três patas, de cabeça rente ao solo, dorso arqueado, a gingar como se estivesse de brinquedo com os filhotes. Era Won-tolla, o Arredio, que não pronunciou palavra, mas continuou seu horrível esporte diante dos dholes. Haviam estado estes já muito tempo n'água, de modo que nadavam com desalento, entanguidos, arrastando as caudas como esponjas, tão desfeitos que guardaram silêncio diante do par de fulgurantes olhos que os mirava do lado oposto.

- Isto não é boa caçada, murmurou um deles ofegante.

- Boa caçada, sim! gritou Mowgli emergindo de súbito e cravando-lhe a faca no peito, num movimento rapidíssimo para evitar o bote da vítima.

- Estás aí, Filhote de Homem? perguntou Won-tolla do outro lado.

- Pergunta aos mortos, Arredio! respondeu o rapaz. Nenhum desceu a corrente? Enchi de areia a boca destes cães. Empulhei-os de dia claro e seu chefe está sem cauda. Mas restam alguns para ti. Para onde queres que eu os conduza?

- Esperá-los-ei aqui, respondeu Won-tolla. Tenho toda a noite na minha frente.

Cada vez mais perto se fazia ouvir o grito de guerra dos lobos de Seeonee. Mais uma curva do rio vencida - e os dholes despejariam nos rasos, como o queria Mowgli.

Só então compreenderam a falta cometida. Podiam ter saído d'água meia milha acima e atacado os lobos em terreno seco. Era tarde agora. A praia estava alinhada de olhos chamejantes e, exceto o horrível «pheeal» que não cessara de soar desde a caída da noite, nenhum outro som quebrava o misterioso silêncio da Jângal.

- Para terra! gritou o chefe dos dholes. O bando inteiro embicou para a praia e as águas do Waingunga branquejaram de espuma, abrindo-se em ondas lado a lado, como se um grande bote rompera por ali. Mowgli lançou-se à frente e esfaqueou e cortou quantos pôde.

A grande luta começou então ao longo das areias úmidas, sobre e entre as emaranhadas raízes das árvores, em redor e em cima das moitas de arbustos e gramíneas. Os dholes ainda eram dois para um. Mas tinham pela frente lobos que lutavam por tudo quanto fazia a Alcatéia e não como caçadores habituais. Tinham pela frente as «lahinis», lobas de olhar ansioso que se batiam pela prole, aqui e ali seguidas de filhotes de ano, que as não largavam. O lobo atira-se à garganta ou ferra nos flancos do inimigo, ao passo que o dhole morde de preferência na barriga. Assim, quando os dholes estavam lutando fora d'água e tinham de erguer a cabeça, o azar corria do lado dos lobos. Na terra seca os lobos sofriam, mas na água ou na praia a faca de Mowgli trabalhava sem cessar. Seus quatro companheiros batalhavam ao seu lado. O Irmão Gris, agachado entre seus joelhos, protegia-lhe o estômago, enquanto os outros guardavam as costas e os flancos, ou trepavam sobre ele quando o salto dum dhole esfaqueado o fazia vir ao chão com o

choque. Reinava quanto ao resto terrível confusão - massa cega que oscilava da direita para a esquerda e da esquerda para a direita ao longo do banco de areia, regirando lentamente em tomo de si própria, Aqui, um monte, como bolha em remoinho, o qual rebentava como rebentam bolhas, e lançava para cima quatro ou cinco dholes espernejantes que forcejavam por voltar ao centro; ali, um lobo engalfinhado por dois ou três dholes que laboriosamente o arrastavam para adiante, caindo a espaços; lá, um lobinho de ano erguido no ar pela pressão em redor dele, já morto, enquanto sua mãe, louca de fúria, redobrava a violência das suas maxilas.

Em certo momento Mowgli cruzou-se com Akela e o viu com um dhole de cada lado, segurando um terceiro pela espinha com a sua boca desdentada... Também viu Fao com os dentes cerrados na garganta dum inimigo ao qual arrastava para onde os mais novos o pudessem acabar. Notou que o grosso da luta era constituído por cego asfixiamento no escuro - golpe, bote, Jatido, uivo e tumulto - em redor dele, atrás, adiante. À medida que a noite avançava a fúria do combate recrudescia. Os dholes já receavam atacar tão fortes lobos, mas ainda assim não ousavam retirar-se. Mowgli percebeu que o termo da refrega estava próximo e limitava-se a pôr inimigos fora de ação. Os lobinhos de ano cresciam de intrepidez; já Mowgli ousava de quando em vez tomar fôlego e passar uma palavra a um amigo. O simples reluzir da sua faca fazia o dhole recuar.

- A carne está muito perto do osso, uivou o Irmão Gris, ferido em vinte pontos do corpo.

- Mas o osso tem que ser quebrado, replicou Mowgli. Eowawa! Assim trabalhamos na Jângal! e sua faca vermelha caiu, qual língua de fogo, sobre o flanco de um dhole cujos quartos traseiros estavam ocultos por um lobo.

- Minha caça! rosnou esse lobo. Deixa-o comigo só.

- Está ainda vazio o teu estômago, Won-tolla? perguntou o rapaz numa risada.

O lobo manco mostrava-se horrivelmente ferido; mesmo assim suas fauces haviam paralisado o dhole, que não conseguia voltar-se para o morder.

- Pelo Touro que me comprou! O Sem Rabo! exclamou Mowgli surpreso, vendo que realmente era aquele dhole o derrabado chefe do bando. Não é direito matares filhotes e lahinis, observou-lhe o rapaz filosóficamente, limpando o sangue dos olhos, a não ser que mates também Arredio - e é diante de mim que este Won-tolla dá cabo de ti!

Outro dhole saltou em auxílio do chefe, mas, antes que seus dentes alcançassem o flanco de Won-tolla, a faca de Mowgli já lhe lacerara a garganta. O Irmão Gris completou a obra.

- Assim trabalhamos na Jângal! repetia Mowgli, trepidante.

Won-tolla nada disse; apenas suas maxilas mais se apertaram na espinha do inimigo. O dhole sem rabo estremeceu, pendeu a cabeça, imobilizou-se. Won-tolla o largou então.

- Huh! A Dívida de Sangue está paga, exclamou Mowgli. Canta o Canto da Dívida de Sangue, Won-tolla!

- Esse não caçará mais, disse o Irmão Gris. Também Akela não caçará mais. . .
- O osso está quebrado! trovejou Fao, filho de Faona. Fogem! Os dholes fogem! Mata, mata, ò caçadores do Povo Livre!

Uns após outros retiravam-se os dholes das sangrentas areias do banco, rumo ao espesso da Jângal - rio acima, rio abaixo, por onde pudessem.

- A dívida! A dívida! gritou Mowgli. Que seja paga a dívida! Eles mataram Akela, o Lobo Solitário! Que não fique um cão impune!

Disse e correu de faca em punho para o rio a fim de impedir que o inimigo ganhasse a água. De passagem viu erguer-se duma pilha de mortos a cabeça de Akela. Mowgli atirou-se a ele.

- Não te disse eu que esta luta seria a minha última luta? murmurou com, voz moribunda o Lobo Solitário. E tu, Irmãozinho?

- Matei a inúmeros, mas vivo.

- Pois eu morro, e queria,.. queria morrer perto de ti, Irmãozinho.

Mowgli ajeitou sobre seus joelhos aquela querida cabeça duramente castigada e passou os braços em torno ao pescoço do seu amigo.

- Longe vão os velhos dias de Shere Khan e do Filhote de Homem que me apareceu nuzinho na caverna...
- Não! Não! Sou lôbo. Sou do mesmo sangue do Povo Livre, gritou Mowgli. Jamais por vontade minha serei homem.

- És homem, Irmãozinho, lobo apenas de criação. Tu és um homem, ao contrário teria a Alcatéia fugido diante dos dholes. Já devi minha vida a ti e hoje salvaste a Alcatéia, como em tempo te salvei. Todas as dívidas estão pagas. Volta para teu povo. Digo-te outra vez, ó olho do meu olho, que esta caçada chegou ao fim. Volta para teu povo - para os homens.

- Nunca! Eu caçarei sozinho na Jângal. Já o disse.

- Depois do verão vêm as chuvas e depois das chuvas vem a primavera. Volta antes que te expulsem.
- Quem, expulsar-me?
- Mowgli expulsar Mowgli. Volta para teu povo. Volta para os homens.
- Quando Mowgli expulsar Mowgli, então voltarei,
- Nada mais tenho a dizer, concluiu Akela, Irmãozinho, poderás erguer-me nos pés? Também fui chefe do Povo Livre...

Muito cuidadosamente Mowgli ergueu Akela de pé, com os braços em tomo ao seu pescoço. O Lobo Solitário tomou então longo fôlego e entoou o Canto da Morte, que um que já foi chefe deve cantar quando se extingue. Sua voz ganhou força; atravessou o rio, Ao soar o último «Boa Caçada!» Akela desprendeu-se de Mowgli, deu um salto e caiu morto.

Mowgli sentou-se com a cabeça mergulhada nos joelhos, alheio a tudo, enquanto o remanescente dos dholes em retirada sofria a atroz perseguição das impiedosas lahinis. Pouco a pouco os gritos foram morrendo e os vitoriosos começaram a voltar, manquejantes, exaustos, sangrentos. Vinham dar balanço às perdas. Quinze machos e seis lahinis jaziam mortos no banco de areia. Quanto aos outros, nenhum ficara incólume.

Mowgli continuou imerso na sua dor até que o focinho úmido de Fao lhe viesse tocar na mão. Ergueu então a cabeça e apontou para o corpo de Akela.

- Boa caçada! rosnou Fao - e embora o corpo de Akela ainda mostrasse estremeções de vida, gritou por cima dos ombros feridos: Uivai, cães! Um grande lobo morreu esta noite!

Mas dos duzentos cães vermelhos, cuja senha era que todas as Jângals eram a sua Jângal e que nenhuma criatura viva jamais se interpunha à sua passagem, nem um só voltou ao Dekkan para transmitir o grito de Fao.

## *Canção de Chil*

*Eles foram m*eus amigos pela noite caminhando...
(chil! cuidado, chil!)
O final de seu combate vou eu agora anunciando...
(chil! Arautos de chil!)
Eles do alto me falavam de abatidos animais,
E de gamos na planície iam me dando sinais -
Aqui é o fim de toda pista - e eles não falarão mais.
Deram o grito de caça os que nesta hora os seguiram -
(chil! Cuidado, chil!)
Eles que o Sambhur visaram e quando passou feriram
(chil! Arautos de chil!)
Os que precedem o vento, os que vão diante do vento
E evitam o corno curto - e o vencem por um momento
Este é o fim de toda a pista, é o fim de todo movimento.
Eles foram meus amigos. Já morreram. Tende pena!
(chil! cuidado, chil!)
Vou agora conso-lá-los eu que os vi na força plena.
(chil! Arautos de chil!)
Flancos rotos, bocas rubras, olhos fundos, doloridos,
Solitários lá ficaram os seus corpos estendidos,
Este é o fim de toda a pista... os meus hão de ser nutridosl

SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

1 - Os Irmãos de Mowgli
- Quiquern

2 - As Caçadas de Kaa
- Toomai dos Elefantes

3 - Como apareceu o medo
- Jacala, o crocodilo

4 - O Milagre de Purun Baghat
- Servidores da Rainha
- Tigre! Tigre!

5 - Kotick, a Foca Branca
- Os Cães Vermelhos

6 - O Avanço da Jângal
- Rikki-Tikki-Tavi

7 - A Embriaguês da Primavera
- O Ankus do Rei

Publicado por
UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL
REGIÃO DO RIO GRANDE DO SUL

SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

# O Avanço da Jângal

## Rikki-Tikki-Tavi

Rudyard Kipling

6

**Produzido pela UEB/RS - Edição Impressa: Gestão 2001/2003 - Edição Digital: Gestão 2004/2006**

Esta é mais uma publicação

TAFARA

# SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

## Volume 6

## - Rikki-Tikki-Tavi

## - O Avanço da Jângal

1a. Edição: 500 exemplares
Autor: Rudyard Kipling
Capa e Edição: Carlos Alberto F. de Moura
Coordenação: Mario Henrique P. Farinon
Digitação: Norma Beatriz de Oliveira Brito
Ilustração: Christian Broutin e Mariano Ramos

Porto Alegre, RS, 2003

**EDIÇÃO IMPRESSA PELA DIRETORIA REGIONAL 2001/2003**

| | |
|---|---|
| Diretoria | Mario Henrique Peters Farinon |
| Diretoria | David Crusius |
| Diretoria | Márcio Sequeira da Silva |
| Diretoria | Ronei Castilhos da Silva |
| Diretoria | Osvaldo Osmar Schorn Correa |

**EDIÇÃO DIGITAL DISPONIBILIZADA PELA DIRETORIA REGIONAL 2004/2006**

| | |
|---|---|
| Diretoria | Ronei de Castilhos da Silva |
| Diretoria | Neivinha Rieth |
| Diretoria | Waldir Sthalscmidt |
| Diretoria | Paulo Roberto da Silva Santos |
| Diretoria | Leandro Balardin |

**COMITÊ GESTOR**

Carlos Alberto de Moura
Marco Aurélio Romeu Fernandes
Mario Henrique Peters Farinon
Miguel Cabistani
Paulo Lamego
Paulo Ramos
Paulo Vinícius de Castilhos Palma
Siágrio Felipe Pinheiro
Tania Ayres Farinon

# APRESENTAÇÃO

Na Páscoa de 1998, de 10 a 12 de abril, um grupo de escotistas e dirigentes reuniram-se, em um sítio denominado TAFARA CAMP, tomando para si a incumbência de suprir a lacuna deixada pela falta de definição do tema das Especialidades, concebeu e criou o que hoje constitui-se no Guia de Especialidades da UEB.

O mesmo grupo, na seqüência, participou decisivamente na elaboração dos Guias Escoteiro, Senior e Pioneiro.

Visto que este trabalho informal e espontâneo estava tendo resultados positivos, e, entendendo que a carência de instrumentos, principalmente literatura, é um grande obstáculo ao crescimento do Escotismo, resolvemos assumir como missão "disponibilizar instrumentos de apoio aos praticantes do Escotismo no Brasil".

Este grupo, que tem sua composição aberta a todos quantos queiram colaborar com esta iniciativa, também resolveu adotar o pseudônimo TAFARA para identificar-se e identificar a autoria e origem de todo o material que continuará a produzir.

Os instrumentos que TAFARA se propõe a produzir, tanto serão originais, como também reproduções, traduções, adaptações, atualizações, consolidações, etc., de matérias já produzidas em algum momento, e que, embora sejam úteis, não mais estão disponíveis nos dias de hoje.

O material produzido por TAFARA é feito de forma independente e sem fins lucrativos. Não temos a pretensão de fazermos obras primas, mas instrumentos que possam auxiliar a todos quantos pratiquem Escotismo no Brasil.

Esta edição é feita para registrar e comemorar o Dia do Lobinho e reproduz duas histórias do Livro da Selva, de Rudyard Kipling.

Este livro faz parte de uma série de 7 volumes que serão lançados entre 2002 e 2003.

Este é mais um instrumento de apoio a suas atividades.

Aproveite!

Mario Henrique Peters Farinon
Diretor Presidente UEB/RS

## RIKKI-TIKKI-TAVI

De sua gruta abandonada,
O Olho-Rubro ao Pele-Pragueada
Chamou e gritou forte:
Vem para dançar com a Morte!

Olho a olho, cabeça a cabeça,
(Guarda a medida, Nag)
A dança finde quando um pereça;
(À tua vontade, Nag)
Rodopia, corrupia,
(corre e esconde-te, Nag)
Ai, a morte falharia!
(Maldito sejas, Nag!)

Vou contar a história da grande guerra que Rikki-tikki-tavi sustentou sozinha, na sala de banho dum grande bangalô do acantonamento de Segowlee. É verdade que Darzee, o passarinho-alfaiate, a ajudou, e Chuchundra, o rato mosqueado que nunca

ousa caminhar pelo meio da casa e sempre passa deslizando ao longo das paredes, lhe deu um aviso. Isso, porém, foi pouco diante do muito que Rikki-tikki fez.

Era uma jovem mangusta, que pela cauda e pelo peso se assemelhava a um gatinho, embora pela forma da cabeça e hábitos lembrasse a doninha. Tinha os olhos côr-de-rosa, e também a ponta do focinho; podia coçar-se com todas as patas, as de diante e as de trás, à vontade; podia também eriçar a cauda ao jeito dos chumaços de lavar garrafa, e seu grito de guerra, quando estava em casa nos campos, era Riké-tikk-tikki-tikki-tchek!

Certo dia as águas dum temporal de verão a arrastaram da toca, onde vivia com os pais, e a levaram, a debater-se aflitíssima, para dentro dum valo que havia perto. Rikki agarrou-se a um tufo de ervas flutuantes e perdeu os sentidos. Quando voltou a si, estava numa rua de jardim iluminada pelo sol, com um menino na frente, que dizia:

- É uma mangusta morta. Vamos enterrá-la.
- Não, disse a mamãe. Vamos pô-la a secar, porque pode não estar bem, bem, bem morta. E recolheu-a dentro de casa, onde um homem a examinou e declarou que realmente não estava morta, mas apenas asfixiada; envolveram-na então em flanelas e a puseram perto do fogo... e Rikki-tikki logo abriu os olhos e espirrou.
- Bravos! exclamou o homem (era um inglês que havia alugado o bangalô muito recentemente). Agora é não a assustarem e veremos o que a pobrezinha faz.

A coisa mais difícil do mundo consiste justamente em assustar a mangusta, porque é um animalzinho da cabeça aos pés feito de curiosidade. Parece que a divisa da raça é: «Procura e descobre», e Rikki-tikki não desmentia as qualidades do seu povo. Provou logo a flanela que a envolvia e verificou não servir para comer; correu depois em redor da mesa, sentou-se, foi empoleirar-se sobre o ombro do menino.
- Não tenha medo, Teddy, disse-lhe o pai. Esse é o modo de as mangustas mostrarem amizade.
- Ui! Ela está-me fazendo cócegas no pescoço...

Rikki-tikki enfiou os olhos por entre a gola e o pescoço do menino, farejou-lhe as orelhas e depois veio dum salto ao chão, onde se sentou, esfregando o focinho.

- Meu Deus! exclamou a mãe de Teddy. Então é a isto que chamam animal selvagem? Será que compreende que somos bons para ela e mostra-se grata?
- Todas as mangustas são assim, disse o marido. Se Teddy não lhe puxar a cauda, nem procurar metê-la em gaiola, viverá em paz aqui dentro, correndo por toda a casa o dia inteiro. Vamos dar-lhe alguma coisa de comer.

Veio um pedaço de carne crua, que Rikki-tikki achou excelente. Depois que a comeu, foi para a varanda e sentou-se ao sol, eriçando a cauda para fazê-la secar completamente. Estava já quase sarada.

- Há mais coisas a descobrir nesta casa do que a minha gente lá no mato verá em toda a sua vida, pensou consigo a mangustinha. Vou ficar por aqui.

E começou a correr o bangalô, peça por peça. No banheiro por um tico não morreu afogada. No escritório sujou a ponta do nariz no tinteiro e a queimou na brasa do charuto, ao saltar para o colo do pai de Teddy a fim de vê-lo manejar a pena. Ao cair da noite correu ao quarto do menino para ver a criada acender o lampião, e quando Teddy foi para a cama Rikki-tikki fêz o mesmo. Mas era má companheira, visto como se levantava cem vezes durante a noite para descobrir a causa de todos os barulhinhos. Os pais de Teddy tinham vindo dar no filho a última vista d'olhos e lá encontraram a mangusta, muito esperta, deitada no travesseiro.

- Não gosto disto, declarou a mamãe. Ela é capaz de mordê-lo.
- Não morde, não, disse o pai. Teddy está mais seguro na companhia deste animalzinho do que se estivesse uma ama a guardá-lo. Se uma cobra entrasse no quarto agora...

No dia seguinte, muito cedo, Rikki-tikki veio à varanda, para a refeição, repimpada no ombro de Teddy; recebeu uma banana e um pouco de ovo cozido, deixando-se tomar ao colo por todos os presentes. A mangusta bem educada procura tornar-se logo doméstica, e a mãe de Rikki, que já morara na casa do general comandante da região, lhe havia ensinado o que fazer, caso caísse nas mãos dos homens brancos.

Depois do almoço Rikki foi passear e observar o que havia pelo jardim. Era um grande jardim, mas um tanto largado, com tufos de roseiras Marechal Niel espessos qual moitas, e limoeiros e laranjeiras e touceiras de bambu enormes. Rikki-tikki lambeu os beiços de gosto.

- Que esplêndido campo de caça! disse, e a esse pensamento sua cauda se eriçou. Imediatamente se pôs a correr dum lado e doutro, farejando tudo. Súbito, ouviu lamentações doloridas que vinham de dentro duma moita de espinheiros.

Era Darzee, o passarinho-alfaiate e sua companheira. Moravam ali, tendo construído um belo ninho por meio da junção de duas folhas largas que coseram com fibras nos bordos; a concavidade assim formada fora enchida de paina. O ninho balouçava-se no ar, enquanto os donos, com os olhos no chão, piavam um choro triste.

- Que é que têm vocês? perguntou Rikki-tikki.
- Somos muito infelizes, respondeu Darzee. Um dos nossos filhotes caiu do ninho, e Nag o devorou.
- Hum! exclamou Rikki-tikki. O caso é realmente triste. Mas sou nova por aqui e não sei quem é Nag.

Darzee e a companheira, em vez de responderem, recolheram-se precipidamente para dentro do ninho. É que do espesso do ervaçal viera um silvo surdo, um horrível som arrepiante... que fêz Rikki-tikki dar um pulo para trás. E então, polegada e polegada, ergueu-se da erva a cabeça com o capelo ereto de Nag, a grande cobra negra de mais de dois metros de comprimento. Depois que se levantou de um terço acima do solo, ficou a bambolear-se da esquerda para a direita, exatamente como se balança um pé de taraxaco - e a cobra olhava para Rikki-tikki com esses olhos duros das serpentes, os quais nunca mudam de expressão, seja o que fôr que elas pensem.

- Quer saber quem é Nag? Sou eu, disse a cobra. O grande deus Brama pôs sua marca sobre todo o nosso povo, quando a primeira cobra estirou o seu capelo para o preservar do sol enquanto dormia... Olha para mim e treme, mangusta!

A cobra retesou o mais que pôde o seu capelo, e Rikki-tikki pôde ver sobre seu corpo as marcas em forma de argolas.

Por um minuto a mangusta sentiu medo; mas é impossível a tal animalzinho sentir mêdo por muito tempo e, embora Rikki-tikki jamais houvesse encontrado uma cobra, sua mãe a nutrira de carne de cobras e lhe ensinara que o destino das mangustas é fazer guerra às cobras e devorá-las. Nag também sabia disso e lá no fundo do coração estava receosa.

- Muito bem, disse Rikki-tikki - e sua cauda eriçou-se de novo. Com marcas de Brama ou não, acha que tem o direito de comer os filhotes de passarinho que caem do poleiro?

Nag vigilava os menores movimentos do ervaçal que se estendia por trás da mangusta. Sabia muito bem o significado de mangusta no jardim - simplesmente morte para si e sua família, mais cedo ou mais tarde. Era preciso, pois, apanhá-la de surpresa. Pensando assim, Nag moleou o corpo e disse:

- Conversemos... Você come ovos. Por que não havemos nós de comer o que sai dos ovos? Responda.
- Olhe para trás, olhe para trás! cantou disfarçadamente Darzee.

Rikki-tikki compreendeu instantaneamente o aviso, sem necessidade de voltar a cabeça para ver do que se tratava. E saltou para o ar, o mais alto que pôde, ouvindo o ruído dum bote que falha. Era Nagaína, a companheira de Nag. Tinha vindo por detrás, sorrateiramente, enquanto Nag distraía a mangusta, a fim de dar cabo do inimigo por surpresa. Rikki-tikki, ainda no ar, ouviu o silvo de raiva da cobra lograda; depois veio ao chão e quase que caiu de costas. Se fosse mangusta de mais idade saberia que era aquêle o momento de quebrar a espinha do inimigo com uma boa mordedura, mas apavorou-se com a terrível chicotada que recebeu e limitou-se a uma mordidela única, pulando de lado. Nagaína ficou a rabear, furiosa e malferida.

- Malvado! Malvado Darzee! exclamou Nag.

E deu o salto mais impetuoso que pôde na direção do ninho; Darzee, porém, o construíra de modo a pô-lo fora do alcance de qualquer serpente - e o ninho continuou lá em cima, a balouçar-se, inatingido.

Rikki-tikki sentiu os olhos rubros e ardentes (quando os olhos duma mangusta ficam assim é que ela está em cólera), e sentou-se sobre a cauda e as pernas traseiras, qual pequenino canguru; olhou depois em torno e ringiu os dentes de raiva. Nag e Nagaína, porém, já haviam desaparecido dentro do ervaçal. Quando uma serpente erra o bote, nada diz nem denuncia o que pretende fazer em seguida. Rikki desistiu de persegui-la, porque não tinha a certeza de poder agüentar a luta com as duas. Em vista disso correu para o limpo e sentou-se, a refletir. Estava metida numa complicação muito séria.

Quem lê os velhos livros de história natural aprende que quando uma mangusta combate contra uma cobra e é mordida, foge dali para o mato a fim de mascar certas ervas curativas. Não é verdade. A vitória depende só de olho vivo e músculos prontos - arremesso de cobra contra salto de mangusta. E como olho nenhum pode seguir o movimento duma cabeça de cobra que dá bote, a agilidade defensiva da mangusta constitui maior prodígio que o efeito mágico de misteriosas ervas.

Rikki-tikki, verdadeira mangusta que era, não deixou de sentir-se satisfeita de ter tão habilmente evitado aquele golpe à traição. Veio-lhe disso mais confiança em si e quando Teddy desceu correndo para o jardim, mostrou-se com direito de ser admirada. No momento, porém, em que o menino se inclinava para ela, qualquer coisa mexeu-se na areia e uma vozinha disse:

- Cuidado! Eu sou a Morte!

Era Karait, a pequenina cobra côr de areia, que costuma dissimular-se na poeira. Tem a mordedura venenosíssima, mas é tão minúscula que ninguém lhe presta atenção - o que a faz ainda mais perigosa.

Os olhos de Rikki-tikki tornaram-se novamente rubros e, erguendo-se, ela dirigiu-se para Karait, com o bamboleio de corpo herdado de sua raça. Parecia cômico aquele andar, mas era sábio, porque lhe punha o corpo num tal equilíbrio que num dado momento podia, veloz como o relâmpago, mudar de direção para onde conviesse, o que constitui grande vantagem para quem vive em luta com as serpentes. Rikki-tikki, ignorando isso, estava a fazer coisa muito mais perigosa do que combater Nag; Karait era tão pequenina e movia-se com tanta agilidade que, a não ser que fosse agarrada rente à cabeça, poderia, num contragolpe, atingir a mangusta no olho ou no focinho. Rikki não sabia disso e, com os olhos em fogo, bamboleava-se naquele balanço de equilíbrio, procurando o momento de dar o golpe, Karait avançou. Rikki saltou de lado e fugiu com o corpo, a tempo de livrar-se, por um fio de cabelo do pequenino bote da cabecinha empoeirada.

Teddy gritou para dentro:
- Venham ver uma coisa! A mangustinha está caçando uma cobra.

Rikki ouviu a mãe do menino dar um grito, enquanto o pai se precipitava para o jardim, de bengala na mão. Nesse entremeio Karait desferiu novo bote, que também falhou e Rikki-tikki caiu sôbre ela, ferrando-a no ponto próprio, bem junto à cabeça. A mordedura paralisou-a, e Rikki ia devorá-la, a começar pela cauda, quando se lembrou que tais refeições deixam o corpo pesado. Ora, ela tinha necessidade de dispor, dum momento para outro, de toda a sua força e ligeireza para o recontro com as cobras grandes. Ficou, pois, em jejum e foi espojar-se no pó, sob uma touça de mamoeiros, enquanto o pai de Teddy dava umas últimas bengaladas no cadáver de Karait.

- Para que isso? pensou Rikki-tikki - Eu já a matei.

A mãe de Teddy desceu ao jardim ainda aflita e tomando nos braços a mangusta apertou-a ao peito, dizendo entre lágrimas que ela havia salvo seu filho da morte; o pai do menino concordou que aquela mangustinha era providencial. Teddy olhava para os dois com os olhos muito arregalados.

E no íntimo Rikki-tikki divertiu-se com a cena, embora a não compreendesse. Ao jantar, passeando dum extremo a outro sobre a mesa, por entre pratos e copos, poderia ter-se regalado de tudo quanto quisesse; mas a lembrança de Nag e Nagaína a fazia manter-se em jejum. E conquanto lhe fosse agradável ser amimada pela mãe de Teddy, para cujo ombro saltou, seus olhos de quando em vez tornavam-se rubros e de sua garganta saía o grito de guerra: Rikk-tikk-tikki-tikki-tchek!

Teddy levou-a para o quarto, à hora de dormir, e teimou em fazê-la deitar-se junto ao seu peito. Rikki-tikki resignou-se mas logo que o menino caiu no sono saltou dali para rondar a casa. No escuro que fazia deu de encontro com Chuchundra, o rato mosqueado, que, como sempre, se ia esgueirando rente à parede.

Chuchundra é um animalzinho triste, que choraminga toda noite, experimentando ganhar coragem para correr pelo meio dos quartos sem jamais o conseguir.

- Não me mate! exclamou Chuchundra quase em lágrimas.
- Julgas por acaso que um matador de serpentes persiga ratos mosqueados? respondeu Rikki com desprezo.
- Os que matam serpentes serão por elas morto, disse Chuchundra sempre choroso. E como estarei seguro de que Nag não me tome por você, durante alguma noite escura?
- Não há o menor perigo, respondeu Rikki-tikki, porque Nag mora no jardim e você não anda por lá.
- Meu primo Chua, o rato, contou-me que... ia dizendo Chuchundra, mas interrompeu-se.
- Que contou ele?
- Caluda! Nag anda por tôda parte, Rikki. Você devia conversar com Chua, no jardim.
- Não o conheço. Conte logo o que ele disse. E depressa, Chuchundra, que se não...

Chuchundra sentou-se e duas lágrimas lhe rolaram pelos bigodes.

- Sou um coitadinho, soluçou ele, que nunca teve coragem de correr pelo meio dos quartos...

Caluda! Não é preciso que eu fale. Não está ouvindo nada, Rikki?

Rikki-tikki pôs-se à escuta. A casa estava imersa no maior silêncio, mas mesmo assim pareceu-lhe ouvir um imperceptível «crá-crá...» um leve rumor como de abelha caminhando sobre vidro de vidraça... um esfregar seco de escamas sobre o tijolo.

- É Nag, ou a esposa de Nag, que para cá vem vindo pelo cano d'água do banheiro, murmurou a mangusta. Você tem razão, Chuchundra. Eu devia ter conversado com Chua.

Disse e dirigiu-se, cautelosa, para a sala de banho de Teddy, onde nada encontrou; de lá encaminhou-se para a sala de banho da mãe de Teddy. Viu logo no rodapé da parede uma abertura para o escoamento da água, através da qual pôde ouvir a conversa de Nag e Nagaína lá fora, no jardim. Dizia Nagaína:

- Quando a casa ficar vazia ela terá de mudar-se daqui - e nós então ficaremos de posse do jardim. Entre devagar e não se esqueça de que o homem que matou Karait é a pessoa que deve ser mordida em primeiro lugar. Depois venha contar-me como a coisa foi e combinaremos o modo de atacar Rikki-tikki.
- Mas está você certa de que teremos alguma coisa a ganhar matando tanta gente? indagou Nag.
- Teremos tudo a ganhar. Havia mangusta no jardim quando a casa esteve desabitada? Se a casa ficar novamente vazia voltaremos a ser os donos do jardim - e não se esqueça de que logo que os nossos ovos, no canteiro dos melões, terminem o choco (será talvez amanhã), as cobrinhas vão ter necessidade de espaço e sossego.
- Não pensei nisso, observou Nag. Vou iniciar o ataque, mas acho inútil dar caça a Rikki-tikki logo em seguida. Matarei o homem, a mulher e, caso possa, também o menino; depois voltarei tranqüilamente. Vendo a casa vazia, Rikki-tikki muda-se logo.

Rikki-tikki estremeceu do focinho à cauda, de raiva, ao ouvir tal conversa. Logo em seguida a cabeça de Nag surgiu na abertura, seguida de metro e meio de corpo escamoso e frio. Apesar de furiosa, Rikki-tikki não deixou de amedrontar-se diante do tamanho da serpente. Nag ergueu a cabeça e olhou para dentro do banheiro, então no escuro. Rikki viu seus olhos brilharem.

- Se o mato aqui, refletiu a mangusta, Nagaína virá a saber; e se para atacá-lo eu espero que Nag saia do buraco, as vantagens ficam do lado dele. Que fazer?!

Nag saiu do buraco e coleou pelo assoalho; Rikki ouvia-o beber num jarro bojudo de encher a banheira.

- Está bem, disse a cobra. Quando Karait foi morta, o homem tinha na mão um pau. Ele pode ter ainda esse pau, mas se vier ao banho pela manhã certo que não o trará consigo. Esperarei por esse momento. Está-me ouvindo, Nagaína? Vou esperar aqui até pela manhã,

Não veio nenhuma resposta de fora, o que fêz crer à mangusta que a outra cobra já se tinha ido, Nag enrodilhou-se no jarro e Rikki permaneceu imóvel, como morta.

Ao cabo de uma hora, porém, começou a mover-se lentamente na direção do jarro. Viu que Nag estava adormecida e pôde correr os olhos pelo seu longo dorso a fim de estudar em que ponto morder.

- Se não lhe quebro a espinha do primeiro bote, pensou ela, Nag poderá ainda lutar - e se Nag luta, ai de Rikki!...

Considerou depois a espessura do pescoço da cobra logo abaixo do capelo e achou muito para sua boca; mas uma mordida mais para perto da cauda só serviria para tornar a serpente ainda mais furiosa.

- É preciso ser na cabeça, resolveu-se por fim; na cabeça bem rente ao capelo; e, quando a agarrar, tenho de ficar agarrada, haja o que houver.

Deu o bote. A cabeça da cobra jazia um tanto afastada do jarro, bem sob a curva da asa; logo que seus dentes ferraram, Rikki encostou o congote de encontro ao rebôjo da vasilha, a fim de melhor manter a cabeça junto ao chão. Isso lhe deu melhor jeito. Mas foi sacudida da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, como rato seguro em boca de cão - e para diante e para trás, e para cima e para baixo, e em círculos largos e curtos. A mangusta, porém, que tinha os olhos bem rubros, manteve-se firme, enquanto a cauda da serpente chicoteava às tontas, derrubando saboneteiras e escovas, e ressoando surda de encontro ao metal da banheira. Sempre firme, a mangusta apertava os dentes cada vez mais, pois que, certa como estava de ser batida na luta, queria ao menos, para honra da raça, que a encontrassem de dentes cerrados. Sentia-se já completamente tonta, moída de golpes, como prestes a desfazer-se em pedaços, quando algo atrás dela estrondou horrível, e uma fulguração quente a pôs sem sentidos, com a pelagem tostada.

Desperto pelo barulho, o pai de Teddy havia pulado da cama e viera disparar a sua espingarda de dois canos bem sobre o capelo da cobra.

Rikki-tikki, de olhos fechados, continuava de dentes cerrados, convencida de que estava morta e bem morta; mesmo assim percebeu que a cabeça da cobra não mais se mexia e que o homem a levantava do chão, dizendo:

- A mangusta outra vez, Alice; acaba de salvar as nossas vidas, esta amiguinha.

A mãe de Teddy acudiu, muito pálida, e contemplou os restos mortais de Nag, enquanto Rikki-tikki se arrastava para o quarto do menino, onde passou o resto da noite a estudar-se cuidadosamente, a ver se realmente estava partida em vinte pedaços, como supunha.

Ao romper da manhã mostrava-se muito satisfeita com a sua façanha.

- Tenho agora de justar contas com Nagaína, que é pior que cinco Nags; e há ainda os ovos que estão em fim de choco. Ai, ai, ai! Preciso ver Darzee...

Sem esperar pelo almoço, correu para o espinheiro, onde encontrou Darzee entoando um canto de triunfo no tom mais alto possível. A notícia da morte de Nag já havia

dado volta ao jardim, depois que um criado lançou o cadáver da cobra à estrumeira.
- Ó estúpido chumaço de penas! exclamou Rikki-tikki encolerizada. É então tempo de cantar?
- Nag morreu - morreu - morreu! cantava Darzee. A corajosa Rikki-tikki agarrou-a pela cabeça e não largou mais. O homem veio com o canudo comprido que faz *pum!* e Nag foi partida em dois pedaços! Nunca mais nos comerá os filhotes...
- Tudo isso é verdade, mas onde está Nagaína? Indagou Rikki-tikki, olhando cautelosa para os lados.
- Nagaína chegou até a boca do esgoto do banheiro para chamar Nag, disse Darzee, mas Nag saiu na ponta dum pau, pendurada, e foi dormir no monturo. Cantemos louvores à grande mangusta de olho vermelho!

E Darzee estufou o papo e cantou,

- Se eu pudesse alcançar esse ninho, dava com os filhotes no chão! gritou a mangusta. Vocês não sabem fazer nada a seu tempo. Aí no ninho estão os dois bem seguros, mas cá embaixo tudo me cheira a guerra e perigos. Pare um minuto com essa cantoria, Darzee!
- Pelo amor da grande, da bela, da heróica mangusta, vou calar-me, respondeu Darzee. Que é que teme a matadora da terrível Nag?
- Temos Nagaína. Onde anda ela?
- No monturo, perto da cocheira, chorando a morte do marido. Viva Rikki-tikki, a gloriosa heroína dos dentes brancos!
- Para o diabo meus dentes brancos! Não sabe você por acaso onde Nagaína guarda seus ovos?
- Sei, sim. Estão no canteiro dos melões, no lugar onde o sol bate o dia inteiro. Faz muito tempo que ela os escondeu lá.
- E só agora lembra-se você de contar-me isso? Perto do muro, não é?
- Será que Rikki-tikki quer comer os ovos da cobra?
- Comer, propriamente, não, Darzee. Venha cá. Se você tiver um grão de juízo na cabecinha, vai já à estrumeira, fingindo estar de asa quebrada, para que Nagaína o persiga até àquela moita. Tenho de ir ao canteiro dos melões, mas sem que Nagaína me veja.

Darzee era um bobinho, incapaz de conservar na cabeça mais de uma idéia ao mesmo tempo, e unicamente porque lhe disseram que os filhos de Nagaína vinham de ovos, como os seus, não lhe parecia justo que alguém os destruísse. Mas já a sua companheira tinha outro modo de pensar, e sabia que ovos de cobra querem dizer futuras cobras; por isso voou do ninho, deixando em seu lugar o marido a aquecer os filhotes e sempre cantando cantigas a respeito da morte de Nag. Darzee em muitos pontos se assemelhava bastante aos homens.

A companheira de Darzee pousou perto de Nagaína, na estrumeira, e gemeu:

- Oh, a minha pobre asa quebrada!... O menino da casa grande me jogou uma pedra...

Em seguida pôs-se a esvoaçar desesperadamente.

Nagaína ergueu a cabeça e silvou:

- Foi você quem advertiu Rikki-tikki quando eu ia apanhá-la pelas costas, não me esqueci disso - e, portanto, acho que escolheu um bem mau ponto para debater-se...

E, rápida, ergueirou-se para o lado da avezinha.

- O menino me quebrou a asa com uma pedra! continuava a lamuriar-se, com pios de choro, a companheira de Darzee.
- Bom! Há de ser uma consolação para você, depois de morta, saber que breve justarei contas com esse menino. Meu pobre marido jaz na estrumeira, mas antes que a noite caia o menino também estará muito caladinho na casa grande. Para que correr? Não sabe que não me escapa dos dentes? Tolinha, olhe para mim!

A companheira de Darzee conhecia muito bem o perigo de fazer tal coisa. Quando os olhos do passarinho se encontram com os da serpente, o medo o tolhe de tal modo que ele não consegue fugir. Assim, a prudente avezinha continuou a esvoaçar, fingindo-se ferida, e a piar lamentosamente, mas sem volver os olhos para a cobra. E Nagaína continuou a perseguí-la.

Rikki-tikki percebeu de longe aquele jogo, que ia afastando a cobra de perto do monturo, e tratou de correr para o canteiro dos melões. Lá encontrou, habilmente escondidos, vinte e cinco ovos do tamanho dos de garnizé, mas revestidos duma pele branquicenta em vez de casca.

- Cheguei a tempo, murmurou ela, vendo por transparência as cobrinhas enroladas no interior dos ovos. Rikki não ignorava que logo ao saírem dos ovos as cobrinhas já podem matar homem ou mangusta. Fez serviço rápido. Esmagou-os. Depois passou-os em revista para verificar se não havia escapado algum. Encontrou três ainda intatos. Nesse instante riu-se, ouvindo a companheira de Darzee piar de longe:
- Rikki-tikki, eu trouxe Nagaína para a casa! Está na varanda! Venha depressa! Nagaína quer matar o menino!

Rikki-tikki esmagou dois dos ovos restantes e com o terceiro na boca precipitou-se para a varanda o mais depressa que pôde.

Teddy e seus pais lá estavam, diante do lanche do costume. Mas não comiam. Muito pálidos, conservavam-se numa imobilidade de estátuas, como que fascinados pela serpente enrolada sobre a esteira, em ótima distância para um bote contra a perna nua do menino. Nagaína balançava a cabeça dum lado e doutro, cantando o seu próximo triunfo.

- Filho do homem que matou Nag, silvava ela, fica tranqüilo. . . Ainda não vou ferir. . . Espera um bocado. . . Imóveis, todos os três, hein?... Insensatos que me mataram o meu Nag!

Os olhos de Teddy estavam fixos em seu pai, e tudo quanto o homem podia murmurar era:
- Não se mova, Teddy! Não faça o menor movimento...

Foi quando Rikki-tikki entrou gritando:
- Eis-me aqui, Nagaína. Em guarda, que lá vai!

- Cada coisa a seu tempo, respondeu a cobra sem tirar os olhos da família apavorada. Depois justarei minhas contas com você. Olhe os seus amigos, Rikki-tikki. Estão imóveis e pálidos de morte... Estão aterrorizados e não ousam fugir... Se você se aproximar de mais um passo, dou o bote.
- Vá ver os seus ovos, respondeu Rikki-tikki. Vá ver os seus ovos lá no canteiro dos melões. Vá vê-los, Nagaína!

A serpente voltou-se então e viu rolar por terra o ovo trazido na boca pela mangusta.

- Ah! gemeu ela. Dê-mo!

Rikki-tikki pousou as patas de cada lado do ovo, enquanto seus olhos se tornavam rubros como o sangue.

- Qual o preço dum ovo de serpente? Qual o preço duma cobrinha? Qual o preço da última cobrinha? Da última da última ninhada? As formigas lá estão ocupadas em comer as outras no canteiro dos melões,

Ao ouvir aquilo, Nagaína deu volta sobre si, esquecida de tudo por amor ao seu derradeiro ovo. Nesse momento Rikki-tikki viu o pai de Teddy estender os braços para o menino e arrancá-lo donde estava, por cima da mesa.

- Lograda! Lograda! Lograda! *Rikki-tck-tck!* gargalhou a mangusta triunfante. O menino está salvo e fui eu... eu... eu quem agarrou Nag pelo capelo, esta noite, na sala de banho.

Em seguida pôs-se a saltar de todos os lados, numa alegria louca.

- Nag me sacudiu à grande, mas não conseguiu fazer-me largar do seu pescoço - e já estava morto quando o homem lhe deu o tiro de misericórdia. Fui eu quem o matou! *Rikki-tikki-tck-tck!* Por aqui, Nagaína. Por aqui - e batamo-nos. Você não ficará viúva por muito tempo.

Nagaína viu que havia perdido toda a chança de matar o menino e que o ovo - seu último ovo - permanecia entre as patas da mangusta.

- Dê-me o ovo, Rikki-tikki! Dê-me o meu derradeiro ovo, que prometo ir-me para sempre, murmurou ela baixando o capelo.
- Sim, você vai daqui para sempre, porque vai para o monturo fazer companhia a Nag. Em guarda, senhora viúva! O homem já foi buscar o canudo que faz *pum!* Em guarda!

Rikki-tikki pôs-se a pular em torno da Nagaína, sempre fora do seu alcance, com os olhos vivos como brasas. A cobra armou o bote e arremessou-o, Rikki escapou dum salto e recuou. Outro e outro bote foram lançados, mas a cabeça da cobra batia sempre num choque surdo contra a esteira e seu corpo tinha de enrolar-se de novo, como espiral de relógio. Rikki-tikki dançava-lhe em redor para a pilhar de costas e a serpente girava sobre si para ter sempre a cabeça de frente ao inimigo. O ruído da sua cauda na esteira soava como folhas mortas que o vento agita.

Rikki-tikki havia esquecido o ovo em certo ponto da varanda. A cobra foi-se aproximando dele pouco a pouco, e, num momento em que Rikki tomava fôlego, segurou-o na boca e disparou de rumo ao jardim com a rapidez da flecha. Rikki a seguiu. Quando uma cobra foge para salvar a vida, toma o aspecto dum chicote ao acamar-se no pescoço do cavalo.

A mangusta sabia muito bem que, ou dava cabo da cobra, ou não haveria mais sossego na casa. Nagaína dirigia-se em linha reta para o ervaçal, perto do espinheiro, onde Darzee continuava piando o seu canto de triunfo, qual perfeito maluquinho. Já a companheira, muito mais avisada, voou do ninho e veio esvoaçar sobre a cabeça da cobra. Se Darzee fizesse o mesmo, teriam conseguido fazê-la deter-se; mas Nagaína limitou-se a achatar o capelo e prosseguiu na fuga veloz. Não obstante, a breve atrapalhação que o voejo da avezinha determinara na marcha da cobra permitiu que Rikki-tikki se aproximasse e lhe ferrasse o dente na cauda, no momento em que Nagaína se ia sumindo no buraco onde morava - e lá se foram por êle além, a cobra e a mangusta, embora nenhuma, por mais experiente que seja, tenha o costume de seguir as cobras nos buracos.

Fazia escuro lá dentro. Rikki não sabia se o buraco se alargava adiante, de modo a permitir que Nagaína pudesse voltar-se e desferir novo bote. Não se preocupou com isso. Manteve-se firme na mordida, com as pernas afastadas para melhor frear-se naquele declive escuro e úmido. Quando lá do seu galho Darzee viu que os capins à boca da toca haviam cessado de agitar-se, murmurou:

- Foi-se Rikki-tikki! Temos que lhe cantar um canto fúnebre. . . A valente mangustinha morreu!... Nagaína já a matou, lá no fundo da terra.

E pôs-se a cantar a mais triste das canções, improvisada com as notas mais sentidas da sua comoção. Súbito, quando estava justamente no trecho mais tocante, os

capins estremeceram de novo e Rikki-tikki foi reaparecendo, suja de terra primeiro a cauda, depois uma perna e outra, finalmente o corpo inteiro. Parou e lambeu os bigodes. Darzee deu um pio de surpresa, enquanto Rikki-tikki sacudia-se e espirrava.

- Está tudo acabado, disse a mangusta. A viúva não nos incomodará mais.

As formigas ruivas que moram nos caules das plantinhas ouviram essas palavras e trataram de descer em longas filas para verificar se era certo.

Rikki-tikki encolheu-se sobre a relva onde se achava e dormiu - dormiu até bem tarde, porque se sentia cansadinha do duro trabalho realizado.

- Agora, murmurou ela ao despertar, vou para casa. Darzee, conte o caso ao Caldeireiro, que ele espalhará por todo o jardim a notícia da morte de Nagaína.

O Caldeireiro é um pássaro que dá gritinhos absolutamente semelhantes à pancada do martelo numa vasilha de cobre; e faz isso porque é o arauto dos jardins indianos e o espalhador oficial de notícias.

Quando Rikki-tikki ia voltando para casa, ouviu o aviso de «atenção» do Caldeireiro, composto de notas semelhantes a pancadinhas num gongo - «*Ding-dong-tock!* Nag já não existe! *Ding-dong-tock!* Nagaína já não existe! *Ding-dong-tock!*»

A esse sinal todos os pássaros do jardim puseram-se a cantar, e os sapos fizeram coro, porque Nag e Nagaína viviam de comer sapos e passarinhos.

Ao aproximar-se da casa, Rikki-tikki viu saírem ao seu encontro Teddy, a mãe de Teddy (muito pálida ainda, pois havia desmaiado), e logo atrás o pai de Teddy, todos muito comovidos de ternura e gratidão. Choravam. Nessa noite a mangustinha comeu tudo quanto lhe ofereceram, comeu até não poder mais, e foi para a cama sobre o ombro do menino. Quando a mamãe apareceu no quarto para dar ao filho uma última vista d'olhos, viu a mangustinha quietinha, já livre das inquietações da véspera. Dormia.

- Parece incrível, disse a boa senhora ao marido, mas ela nos salvou a vida a todos!...

Rikki despertou de sobressalto, porque as mangustas têm o sono levíssimo.

- Oh, é a mãe de Teddy! exclamou reconhecendo-a. Não se inquiete mais, mulher. Tôdas as cobras foram mortas e, se aparecer mais alguma, aqui estou eu de atalaia.

Rikki-tikki tinha motivos para ficar cheia de si; mas não se encheu de si, não. Limitou-se a guardar o jardim, qual uma verdadeira mangusta - mangusta da ponta do focinho à ponta da cauda - e nunca mais nenhuma cobra ousou enfiar a cabeça para dentro do muro.

## Canto de Darzee

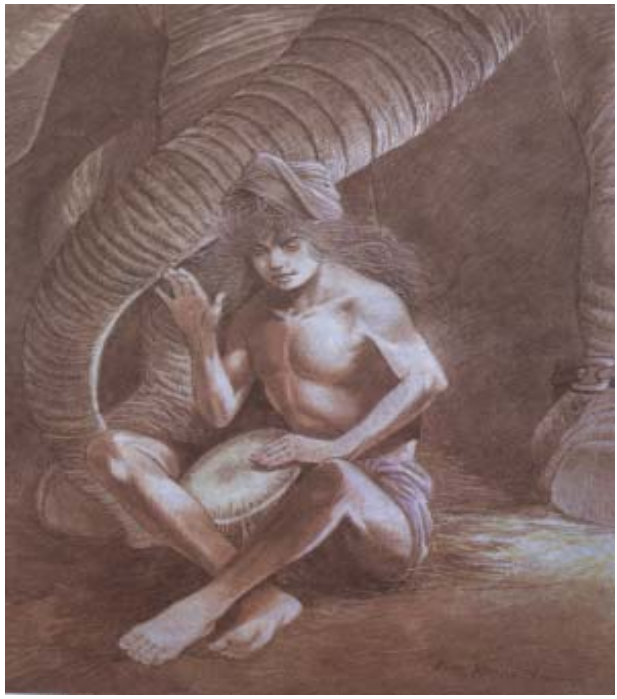
(Cantado em louvor de Rikki-tikki-tavi)

*Eu sou cantor e tecelão -*
*E falsos gozos conheci -*
*Sou cioso da minha canção,*

*Cioso da casa que teci.*
*Na terra e no céu - Assim teci eu minha música - Assim teci eu minha casa.*
*Canta de novo aos teus filhotes,*
*Mãe, e suspende o colo teu!*
*Findou-se agora mal que punge,*
*Lá fora a Morte já morreu.*
*O Terror que mora nas rosas é importante - lançou-se ao monturo e morreu.*
*E quem irá nos libertar?*
*Seu nome quem irá cantar?*
*Rikki, o valente entre os valentes,*
*Tikki, o das pupilas ardentes?*
*Rikk-tikk-tikki, o de garras ebúrneas, o caçador de pupilas ardentes.*
*Rendam-lhe louvores as aves*
*Com as caudas a se desdobrar*
*E os rouxinóis de vozes suaves...*
*Não! Sou eu quem o irá louvar.*

*Ouvi! Eu vos cantarei a loa de Rikki, o de cauda em forma de frasco e de pupilas de sangue.*

(Agora Rikki-tikki parou e o resto da canção se perdeu).



## O AVANÇO DA JÂNGAL

Velai-as, cobri-as cercai-as, ó flores,
Ò lianas, ó folhas virentes!
Olvidem-se agora o cantato e os odôres,
O som e até mesmo a, visão dos viventes.
E pelo altar de pedra há cinza mais escura,
Já veio a chuva com os pés alvadios;
Multiplica-se a corça nos campos bravios
E o susto agora nem mais a tortura.
A parede, tremendo, periclita.
Agora ali por certo nem uma alma habita.

Deveis estar lembrados de que, após haver estendido a pele de Shere Khan sôbre a Roca do Conselho, Mowgli declarara aos lobos da Alcatéia de Seeonee que dali por diante caçaria sozinho; e os quatro filhotes de Mãe Lôba disseram que queriam caçar com êle. Mas não se muda uma vida dum momento para outro, sobretudo na Jângal. A primeira coisa que Mowgli fez, quando voltou da Roca do Conselho, foi abrigar-se na caverna dos seus amigos lobos e dormir todo um dia e toda uma noite. Ao despertar contou-lhes o que por eles podia ser compreendido das suas aventuras entre os homens, na aldeia - e quando fez rebrilhar o sol na lâmina da faca que de lá trouxera, e com a qual havia esfolado o tigre, os lobos concordaram que Mowgli tinha lucrado alguma coisa. Falaram em seguida Akela e o Lôbo Gris, que explicaram a parte por êles tomada no

estouro dos búfalos pela ravina adentro. Baloo subiu o morro para ouvir a história. Bagheera também e teve ocasião de coçar-se de gosto ao conhecer as manobras com que Mowgli havia conduzido a guerra contra Shere Khan.

O sol já ia alto e ninguém pensava em dormir. De quando em quando Mãe Lôba erguia a cabeça e respirava com deleite as brisas que traziam até ali a catinga da pele do tigre.

- Não fossem Akela e o Irmão Gris, e eu nada teria feito, disse em conclusão Mowgli. Oh, Mãe! Se tivesses visto o rebanho de búfalos derramar-se qual tufão na ravina depois investir contra a aldeia quando os homens me apedrejaram...
- Felizmente não vi, respondeu Mãe Lôba. Não suporto ver meus filhos tratados como chacais. Teria tomado vingança da Alcatéia dos Homens, poupando apenas a mulher que te deu leite. Sim, só pouparia a ela.
- Paz, paz, Raksha! murmurou Pai Lôbo pachorrentamente. Nossa Rãzinha voltou de novo e veio tão cheia de sabedoria que até seu pai lobo tem de beijar-lhe os pés. Fiquem os homens lá com os homens.

Baloo e Bagheera fizeram eco a essas palavras:

- Fiquem os homens lá com os homens.

Mowgli sorria, satisfeito, com a cabeça em repouso sobre o flanco de Mãe Lôba. De sua parte só desejava nunca mais ver, ouvir ou cheirar uma criatura humana.

- E se os homens vierem a ti, Irmãozinho? perguntou Akela movendo uma orelha.
- Somos «cinco», rosnou o Lôbo Gris correndo os olhos pelo grupo e batendo os dentes na palavra cinco.
- Temos que esperar pelo revide, observou Bagheera, com um ondular de cauda, pondo os olhos em Baloo. Mas para que pensar nos homens agora, Akela?

- Por uma razão muito simples, respondeu o Lôbo Solitário. Depois que a pele daquele ladrão rajado foi estendida sobre a Roca do Conselho, voltei à aldeia pelo caminho por onde viemos, a fim de embaralhar ou desfazer as nossas pegadas e desse modo despistar quem as quisesse seguir. Estava no fim do trabalho quando Mang, o Morcego, surgiu à minha frente, pendurado num ramo. «A aldeia donde os homens expulsaram Mowgli está zumbindo que nem vespeira», disse ele.
- Foi uma grande pedra que lhe atirei, gargalhou Mowgli, que muitas vêzes se divertia em atirar pedras às vespeiras, fugindo a mergulhar-se nas lagoas próximas antes que as vespas o alcançassem.

Akela continuou:

- Perguntei a Mang o que vira por lá. Respondeu que a Flor Vermelha havia desabrochado nas portas da aldeia, com homens armados de carabinas em redor. Ora, eu sei que os homens não tomam as carabinas pelo simples prazer de as ter consigo - e isto dizendo o lobo olhava para as velhas cicatrizes que tinha num dos flancos. Homens armados devem a esta hora estar procurando o nosso rasto - se é que já o não acharam.

- Por que, pergunto eu? exclamou num assomo de cólera o menino. Os homens expulsaram-me de lá. Que mais querem comigo? Que pretendem?
- Tu és homem, Irmãozinho. Não compete a nós, Caçadores Livres, dizer o que os teus irmãos homens pretendem, disse Akela.

A faca de Mowgli brilhou no ar, rápida como o relâmpago. Mais rápido ainda o velho lobo fugiu com a pata, fazendo que o golpe falhasse e a lâmina se enterrasse no chão. Akela era lobo; e se até cães, degenerados pelo afastamento dos lobos de que procedem, despertam do mais profundo sono ao primeiro e levíssimo contato duma roda de carro, e fogem com o corpo antes que a roda os pegue, não seria um lobo quem recebesse o golpe do menino.

- Outra vez, disse Mowgli já calmo e metendo a faca na bainha, não me mistures com os homens. Quando falares da Alcatéia dos Homens e de mim, mete de permeio dois resfôlegos - não um só.
- Phff! Que dente agudo! murmurou Akela examinando o corte que a faca abrira no chão. Mas o fato de teres, vivido entre os homens, Irmãozinho, parece que enfraqueceu a rapidez do teu olhar. Falhaste no golpe e, ainda velho como estou, afirmo-te que eu teria matado um gamo no espaço de tempo que gastaste com o golpe em falso.

Súbito, Bagheera saltou de pé, com a cabeça esticada, músculos retesos. Farejava o ar. O Lôbo Gris imitou-a. Imobilizou-se à esquerda da pantera para ter nas ventas a débil aragem que vinha da direita. Akela, projetado de salto longe dali, também farejava, agachado.

Mowgli encheu-se de inveja. Podia farejar odores melhor do que qualquer outra criatura humana, mas estava longe da extrema sensibilidade do olfato dos filhos da Jângal - os três meses passados na aldeia fumarenta embotaram-no bastante.

Todavia molhou o dedo, esfregou-o no nariz e pôs-se na ponta dos pés, para apanhar de mais alto o cheiro, O cheiro apanhado no alto é o mais seguro, embora seja o mais fraco.

- Homem! rosnou Akela caindo em repouso sobre os quartos.
- Buldeo! completou Mowgli, sentando-se. Está a seguir os nossos rastos e o sol reflete-se na sua espingarda. Notai. Referia-se a um insignificante reflexo de luz, que numa fração de segundo brilhou no gatilho de bronze do velho mosquete Tower de Buldeo. Mas nada na Jângal pisca como esses reflexos, salvo quando as nuvens deitam coriscos no céu. Aí, um fragmento qualquer de mica, uma pouca d'água ou mesmo uma folha lustrosa cintilam como o heliógrafo.
- Eu tinha a certeza de que os homens iam seguir-nos, exclamou Akela com vaidade. Não foi imerecidamente que alcancei a chefia da Alcatéia.

Os quatro filhotes de lobo nada disseram, mas esgueiraram-se morro abaixo, sumindo-se na macega como a toupeira se some em seu buraco.
Mowgli gritou:
- Para onde ides, assim sem ordem?
- Hsh! responderam êles de longe. Havemos de rolar morro acima o crânio do caçador

antes que o sol esteja a pino.
- Para trás! Para trás! Homem não come homem, gritou Mowgli.
- Homem? disse com ironia Akela, enquanto os lobinhos voltavam de cabeça baixa. Homem? Quem insistia em ser apenas lobo ainda há pouco? Quem me lançou um golpe de faca só porque o misturei com os homens?
- Não dou as razões do que decido! gritou Mowgĺi com violência.
- Homem! Homem! Assim falam os homens! sussurrou Bagheera por entre seus bigodes. Assim falavam os homens que vi em redor das jaulas reais em Odeypore. Nós da Jângal sabemos que o homem é o mais fino de todos os seres. Mas, se valem nossas observações, é também o mais louco.

Depois, erguendo a voz:

- O Filhote de Homem tem razão. Os homens caçam em sociedade. Matar a um só, isolado, é mau negócio, embora saibamos o que depois costumam os outros fazer. Vinde todos. Vejamos o que êste homem quer de nós.
- Ficaremos aqui, rosnou o Lôbo Gris. Mowgli que cace sozinho. «Nós» nos entendemos. O crânio do caçador já estaria a estas horas pronto para ser rolado...

Com os olhos cheios de lágrimas e o coração pesado Mowgli correu a vista pelos lobos; depois, caindo sobre um dos joelhos, disse-lhes:

- Não sei então o que faço? Vamos, olhai para mim, nos olhos!

Os lobos o olharam nos olhos, mal à vontade, e logo desviaram a cabeça; Mowgli insistiu para que o olhassem de novo, e mais, e mais - e dominados pela força do seu olhar os lobos sentiram os pêlos arrepiarem-se e tremeram de corpo, como fascinados.

- Dizei-me agora: qual dentre nós cinco é o chefe?
- Tu, Irmãozinho, respondeu o Lôbo Gris vindo lamber-lhe os pés.
- Segui-me, então, ordenou Mowgli - e os quatro o seguiram, de cauda entre as pernas.
- Isso vem de ter êle vivido na Alcatéia dos Homens, observou Bagheera, esgueirando-se-lhes atrás. Há na Jângal, agora, alguma coisa acima da Lei de Baloo!

O velho urso nada disse; estava profundamente pensativo.

Mowgli cortou a floresta em silêncio, por atalhos, até alcançar o velho caçador de mosquete ao ombro. Buldeo seguia as pegadas do rasto num trotinho de cachorro.

Os leitores lembram-se de que Mowgli havia deixado a aldeia com a pesada carga da pele de Shere Khan às costas, seguido de Akela e do Lôbo Gris; dêsse modo um rasto tríplice ficara impresso no chão. Buldeo acabava de chegar ao ponto em que Akela desmanchara essa pista. Sentou-se, tossiu, resmungou; deu depois umas tantas voltas em redor, a ver se apanhava de novo as pegadas - e durante todo êsse tempo esteve à distância duma pedrada dos seus inimigos. Nada mais silencioso do que um loiro que procura não ser ouvido; quanto a Mowgli, movia-se qual sombra, embora seus companheiros achassem que êle se movia com espalhafato. Assim, rodearam o velho caçador como um bando de cetáceos rodeia o navio que vai a toda velocidade, e enquanto

o rodeavam conversavam despreocupadamente, pois o tom caíra a ponto baixo demais para que ouvidos humanos pudessem ouví-los.

- Isto é melhor do que matar, disse o Lôbo Gris divertido, vendo Buldeo abaixar-se, examinar o chão e praguejar. Parece um porco perdido na floresta. Que diz êle?

Buldeo resmungava continuadamente. Mowgli traduzia.
- Diz que bandos de loiros devem ter dançado em redor de mim. Diz que nunca em sua vida encontrou rastos como estes. Diz que está cansado.
- Descansará antes que encontre de novo a pista, murmurou friamente a pantera ao esconder-se atrás dum tronco, no jogo de cabra-cega que brincavam. E «agora», que está fazendo êle?
- Comendo e assoprando fumaça. Os homens sempre estão a brincar com a boca, respondeu Mowgli.

Os cautelosos sitiantes do caçador, vendo-o encher e acender o cachimbo do qual tirou longas baforadas, fixaram na memória o cheiro do tabaco, de modo a poderem identificar a pessoa de Buldeo dentro da noite mais escura, se necessário fosse.

Nesse momento um grupo de carvoeiros, que passava perto, veio ter com Buldeo, cuja fama de caçador notável era conhecida em círculo de mais de vinte milhas. Sentaram-se todos, a fumar, sob os olhos espionantes de Bagheera e dos lobos, e Buldeo contou toda a história de Mowgli, o Menino-Diabo, com acréscimos de pura invenção. Contou de como havia êle, Buldeo, matado Shere Khan e de como o menino se virará em lobo e lutara com êle toda a tarde; de como revirara depois em menino outra vez e enfeitiçara o mosquete, de modo que ao atirar contra Mowgli a bala se desviou indo acertar num búfalo; e de como a aldeia, que sabia ser êle, Buldeo, o mais valente caçador de Seeonee, o incumbira de dar cabo do Menino-Diabo. Contou também que o povo havia prendido Messua e seu marido, genitores, sem dúvida, do Menino-Diabo, os quais iam ser submetidos à tortura para que se confessassem feiticeiros. Depois seriam queimados.
- Quando? indagaram os carvoeiros, ansiosos por assistirem à cerimônia.

Buldeo respondeu que nada seria feito antes da sua volta, porque a aldeia desejava que o menino fosse morto primeiro. Só depois disso dariam cabo de Messua e do marido, apossando-se dos seus búfalos e terras. Òtimo isso de destruir os feiticeiros, ponderava Buldeo, com o pensamento na partilha dos búfalos; gente que lida com meninos-lôbos é sem dúvida a pior casta de feiticeiros.

Mas, perguntavam os carvoeiros, que acontecerá se os ingleses tiverem conhecimento disso? Os ingleses, êles bem o sabiam, eram homens maus, que não gostavam que honrados agricultores matassem sossegadamente feiticeiros. Buldeo respondeu que os cabeças da aldeia declarariam que Messua e o marido teriam sido mortos por picadas de cobra; tudo estava arranjado, e a coisa única que restava a fazer para dar início à trama, era matar o menino-lôbo. Não teriam êles por acaso visto por ali semelhante criatura?

Os carvoeiros correram os olhos em derredor, cautelosos, e agradeceram às suas estrelas não o terem visto nunca; mas confessaram que não tinham dúvidas de que um tão valente caçador como Buldeo logo o apanharia. O sol ia descambando. Os

carvoeiros lembraram~se de chegar ao vilarejo a fim de espiar a feiticeira. Buldeo alegou que, embora seu serviço fosse matar o menino-lobo, não poderia consentir que homens desarmados se aventurassem pela floresta sem escolta. O demoninho era capaz de aparecer e atacá-los. Por isso os acompanharia - e se o filho do feiticeiro surgisse, oh, mostraria mais uma vez quem era realmente o maior caçador de Seeonee. O Brâmane tinha-lhe dado uma figa que o punha a salvo de qualquer malefício.

- Que diz êle? Que diz êle? repetiam os lobos a cada passo - e Mowgli ia traduzindo a conversa até que se sentiu embaraçado. Aquilo de feiticeiro e feiticeira era coisa nova para ele. Mas contou, resumindo, que estavam presos na aldeia a mulher e o homem que haviam sido bons para com ele.
- Homens prendem homens? indagou Bagheera.
- Assim conta Buldeo. Não compreendo muito bem a conversa. Parecem-me loucos, todos êles. Que fizeram Messua e seu marido para que mereçam mundéu? E que história é essa de serem devorados pela Flor Vermelha? Tenho de evitar isso. Mas o que quer que pretendam fazer a Messua, não farão antes do regresso de Buldeo. Sendo assim...

Mowgli procurava firmar-se numa idéia. Estava de testa franzida, com a mão no punho da faca. Enquanto isso os carvoeiros levantaram-se e seguiram Buldeo em fila.

- Vou à Alcatéia dos Homens, resolveu Mowgli por fim.
- E êstes loucos? perguntou o Lôbo Gris com olhos coléricos na fila dos carvoeiros.
- Desviai-os do caminho certo, respondeu Mowgli numa careta. Não quero que cheguem às portas da aldeia antes da noite. Podereis, tu e os outros, atrapalhá-los?

O Lôbo Gris arreganhou os dentes com desprêzo.
- Podemos faze-los andar a noite inteira em círculo, como cabras na corda. Conheço os homens.
- Não é preciso tanto. Basta que os atrapalheis por algum tempo antes que tomem a estrada. Não creio que para isso seja necessário grande esforço, Irmão Gris. E tu, Bagheera, ajudarás no trabalho. Quando a noite cair, esperai por mim rente à aldeia. O Irmão Gris conhece o ponto.
- Não é fácil trabalhar para o Filhote de Homem. Quando tirarei a minha dormida? perguntou Bagheera num bocejo, embora seus olhos demonstrassem como estava encantada com a perspectiva daquele divertimento. Eu, a Pantera Negra, feita comparsa dum homenzinho nu! Mas experimentaremos isso.

Para começar, a pantera baixou a cabeça de modo que o som pudesse caminhar longe e desferiu o grito de «Boa caçada!» - grito da meia-noite soltado à tardinha, aterrorizante, Mowgli ouviu o grito erguer-se, ecoar e morrer transformado numa espécie de uivo queixoso atrás de si. Atrás, porque na carreira em que ia estava já longe. Percebeu que os homens se juntavam em grupo e que em tomo dêles rondava Buldeo, erguendo e baixando o mosquete qual folha de bananeira oscilada pelo vento. Então o Lôbo Gris desferiu o seu «Ya-la-hi!», grito de caça de quando a Alcatéia leva por diante o nilghai, gado selvagem cinzento - e êsse uivo parecia vir dos extremos da terra. Os demais lobos espalhados pela Jângal responderam em coro, e Mowgli percebeu que toda a Alcatéia

uivava em uníssono o Canto da Madrugada, com todas as finuras, nuanças e notas sutis que as gargantas dos lobos sabem modular.

Observamos que há pouco os nossos corpos
Não davam sombra na planura,
Agora bem obscuros vão traçando o rumo
À guarida escura.
Na madrugada cada rocha, cada moita
alta, brutal, eriçada aparece
E vão entoando o grito: “Bom descanço àquele
Que à Lei da Jângal obedece”.

Agora, chifres e garras se fundem
Nos antros escondidos;
Nossos Barões da Jângal à caverna e ao monte
Vão deslizando emudecidos.
É a hora em que os bois do Homem rijos e inocentes
Com a carga nova, puxam os arados.
Medonha e clara desperta a aurora
Iluminando os descampados.
Ho! A caverna! O sol brilha e calcina
A macega deserta.
Vão sussurando por entre os jovens bambus
Os avisos de alerta.
Tudo se toma estranho - a mata espessa

Que piscando cada um devassaria,
Enquanto embaixo os patos selvagens exclamam:

"É o dia para o Homem, é o dia"!
O orvalho que a pelagem nos umedecia
E as rotas que trilhamos já secou;
No bebedouro antigo, neste instante,
A lama se crispou.
Traidora, a noite revela os sinais
Das unhas e das garras.
Então se escuta o grito: "Bom descanso a Vós
Que a Lei da Jângal observais".

Nada pode dar idéia dêsse canto, nem do uivo em coro que os quatro amigos de Mowgli escandiam, qual estribilho, de espaço em espaço. De longe o menino ouviu estalidarem galhos. Eram os homens de Buldeo que trepavam às árvores, enquanto o velho caçador repetia as palavras mágicas que o Brâmane lhe ensinara. Uma única idéia absorvia Mowgli: arrancar Messua e o marido da trapa em que se achavam, qualquer que fosse ela, pois Mowgli detestava toda a sorte de trapas. Depois liquidaria contas com a gente da aldeia.

Amanhecia quando chegou aos campos cultivados e viu a árvore da «dhak», debaixo da qual o Lôbo Gris esperara por ele no dia da morte de Shere Khan. Irritado como se achava contra a Alcatéia dos Homens, algo lhe apertou a garganta ao divisar os primeiros tetos do vilarejo. Notou que todos os habitantes haviam regressado dos campos mais cedo e que em vez de estarem nas suas ocupações normais, preparando-se para a ceia do costume, estavam reunidos sob a figueira, muito excitados, num bate-boca sem fim.

- Os homens só se sentem satisfeitos quando armam coisas para outros homens, pensou Mowgli, A noite passada era para mim. Hoje é para Messua e seu marido. Amanhã e sempre será para mim outra vez.

Esgueirou-se ao longo do muro que circundava a aldeia até frontear a janela da casinha de Messua. Espiou para dentro. Lá a viu, amarrada de pés e mãos, respirando com dificuldade e gemendo. Ao seu lado o marido, atado aos pés da cama.
A porta da cozinha que abria para a rua estava trancada e três ou quatro homens sentavam-se por ali, de costas para ela.

Mowgli conhecia muito bem os costumes e hábitos daquela gente. Sabia que enquanto pudessem comer, conversar e fumar não fariam outra coisa, mas que logo depois de comidos, conversados e fumados tornavam-se perigosos. Buldeo mais cedo ou mais tarde chegaria, e teria uma nova história muito interessante para contar. Assim refletindo, entrou Mowgli pela janela e, achegando-se aos prisioneiros, cortou-lhes as cordas – soltou-os e olhou em torno à procura de leite.

Messua estava semimorta de dor e pânico (havia sido apedrejada pela manhã); apesar disso Mowgli pôs-lhe a mão na boca a tempo de impedir de gritar. Seu marido, que se mostrava desvairado, logo se sentou, a puxar as barbas revoltas e sujas.

- Eu sabia... eu sabia que ele voltava, soluçou Messua por fim. Agora já não tenho dúvidas de que é meu filho, e abraçou Mowgli bem junto ao coração. O menino, até ali perfeitamente senhor de si, começou a tremer - o que muito o surpreendeu.
- Para que todas estas cordas? Por que vos amarraram a ambos? perguntou após breve pausa.

Messua nada respondeu, e Mowgli fixou os olhos em suas feridas, rangendo os dentes quando viu sangue.

- Que é isto, afinal?
- Oh! isto é uma conjura de toda a aldeia, respondeu o homem. Eu era muito rico, possuía muito gado. «Por isso» fomos acusados de feitiçaria, com pretexto de te havermos dado abrigo.
- Não te compreendo, disse Mowgli. Deixa que Messua me explique.
- Dei-te leite, Nathoo, lembras-te? começou Messua timidamente. Porque eras meu filho, o filho que o tigre me tomou e porque te amava de todo o coração. Eles acusaram-me de ser mãe de um demônio e por isso merecedora de morte.
- Que é demônio? perguntou Mowgli. Morte sei o que é.
O homem olhou-o com tristeza, mas Messua sorriu.

- Veja! exclamou ela para o marido. Eu sabia.., eu sabia que êle não era feiticeiro. Apenas meu filho... meu filho.
- Filho ou feiticeiro, que nos adianta isso? Respondeu o homem. Vão matar-nos.
- O caminho da Jângal está livre, disse Mowgli apontando para a janela aberta, e tens as mãos e os pés libertos. Foge!
- Nós não conhecemos a Jângal, meu filho, como...como tu a conheces, começou Messua. Não creio que possamos afundar-nos nela muito longe.
- E os homens e as mulheres iriam em nosso encalço e nos arrastariam para cá de novo, disse o marido.
- Hmm! exclamou Mowgli, batendo com a palma da mão no cabo da faca. Eu não quero fazer nenhum mal à gente daqui, «por enquanto». Mas não creio que vos retenham. Dentro em pouco terão muito que refletir sobre o caso. Ah! exclamou com a cabeça ereta, ouvindo um tumulto que se erguera fora. «Eles» deixaram que Buldeo viesse...
- Buldeo foi mandado esta manhã em tua procura, para matar-te, disse Messua. Não o viste por lá?
- Sim, encontrei-o. Buldeo traz uma nova história para contar e, enquanto a conta, teremos tempo para tudo. Mas antes de mais nada preciso saber como pretendeis agir, Pensai bem e chamai-me quando for tempo.

Mowgli disse e saltou pela janela, esgueirando-se ao longo do muro da aldeia, por fora, até frontear a figueira das reuniões, onde o vozerio era intenso. Dali ouviria tudo. Buldeo estava sentado, tossindo e resmungando, dentro do tumulto de perguntas que lhe eram feitas. Seus cabelos caíam sobre os ombros; suas mãos e pernas estavam arranhadas de espinhos. Dificilmente podia falar, mas sentia a importância da sua situação. De espaço a espaço murmurava alguma coisa sobre os diabos - diabos cantores e encantamentos maravilhosos, para dar à multidão um ante-sabor do que pretendia narrar.

Depois pediu água.

- Bah! exclamou Mowgli, Conversa fiada, palavrório só. Os homens são irmãos de sangue dos <Bandar-log». Agora quer ele lavar a boca com água, depois quererá fumar, e depois de tudo isto ainda há a sua história a contar. São um povo muito sensato, os homens! Deixarão Messua sem guarda enquanto durarem as potocas de Buldeo. E... parece-me que fiquei tão lerdo quanto êles!

Mowgli sacudiu-se e voltou rápido à casinha de Messua. Ao alcançar a janela sentiu tocarem-lhe nos pés.

- Mãe loba, disse êle, que fazes aqui?
- Ouvi meus filhos cantarem o Canto da Madrugada, longe, na floresta, e segui-os - e vim atrás do que mais amo. Rãzinha, quero conhecer a mulher que te deu leite, concluiu Mãe Lôba, toda rebrilhante de gotas de orvalho.
- Eles a amarraram e querem-na matar. Cortei-lhe os laços e agora vai com o seu homem para a Jângal.
- Eu os acompanharei. Estou velha mas ainda tenho dentes, disse Mãe Lôba, ajeitando-se no muro para melhor espiar dentro da casinha.

Num segundo imobilizou-se e tudo quanto disse foi:

- Eu dei a ti o primeiro leite, mas Bagheera tem razão. O homem volta ao homem, no fim.
- Pode ser, disse Mowgli de muito má cara. Esta noite, estou muito longe disso. Espera aí sem deixar que ela te veja.
- «Tu» nunca tiveste mêdo de «mim», Rãzinha, observou Mãe Lôba voltando a mergulhar-se nas ervas altas como os lobos sabem fazer.
- Agora, fez ver Mowgli a Messua penetrando de novo na casinha, lá estão todos à volta de Buldeo, que conta o que não houve. Logo que se acabe a tagarelice, virão para aqui, em tumulto a fim de queimar-vos a ambos com a Flor Vermelha. E então?
-Já conversei com o meu homem, disse Messua. Khanhivara fica a trinta milhas daqui, mas em Khanhivara temos os inglêses. . .
- A que Alcatéia pertencem?
- Não sei. Os inglêses possuem a pele branca e dizem que governam êste país inteiro e não admitem que se queime ninguém, Se conseguirmos chegar até lá, estaremos salvos.
- Salvai-vos, então. Nenhum homem sairá da aldeia esta noite. Mas... que está êle fazendo? indagou Mowgli ao ver o marido de Messua escavar a terra a um canto da cabana.
- Ele tem um pouco de dinheiro escondido. Nada mais poderemos levar, respondeu Messua.
- Ah, sim. Essas rodelinhas que correm de mão em mão e nunca se esquentam. Usam-nas fora desta aldeia também? O homem olhou para o menino com ar de cólera.
- Ele não é diabo nenhum, é apenas bobo, murmurou. Com êste dinheiro comprarei um cavalo. Estamos muito machucados para empreender a jornada a pé; além disso, o povo nos seguiria os rastos dentro duma hora.
- Digo que ninguém seguirá coisa nenhuma antes que eu o permita; mas a idéia do cavalo é boa - Messua está cansada, advertiu Mowgli.

O homem pôs-se de pé e amarrou todas as suas rupias em torno à cinta, enquanto Mowgli ajudava Messua a pular a janela. O frescor da noite logo a reanimou, embora a Jângal, ao longe, sob as estrêlas, lhe parecesse terrível.

- Conheceis o caminho de Khanhivara? sussurrou Mowgli.
Ambos fizeram com a cabeça que sim.
- Nada de mêdos, então, e nada de pressa. Ouvireis por algum tempo o Canto da Jângal. Não vos assusteis com isso.
- Julgas que arriscaríamos uma entrada à noite na Jângal a não ser para fugir do fogo? Antes sermos mortos pelas feras do que pelos homens, disse o marido de Messua.

Messua, porém, olhou para Mowgli e sorriu.

- Eu digo, prosseguiu Mowgli, como se fosse Baloo que estivesse falando a filhotes ingênuos, que nenhum dente na Jângal se arreganhará contra vós, nenhuma pata se erguerá contra vós. Nem animal, nem homem vos deterá durante a jornada para Khanhivara. Sereis guardados.

Depois, voltando-se para Messua;

- «Ele» não acredita, mas tu sabes que é assim, não?
- Pois decerto, meu filho. Homem, fantasma ou lobo da Jângal: eu acredito em ti.
- «Ele» ficará apavorado quando ouvir o Canto da Jângal - o canto do meu povo. Tu, não; tu compreenderás tudo. Ide agora, e devagar - nada de pressa. As portas da aldeia estão fechadas.

Messua lançou-se soluçante aos pés de Mowgli, que a ergueu com um tremor no corpo. Então pendurou-se-lhe ela ao pescoço e disse-lhe todos os nomes de bênçãos que sabia. Enquanto isso seu marido olhava rancorosamente para os campos, resmungando:

- Se eu alcançar Khanhivara e puder ser ouvido dos inglêses, proporei uma demanda contra esta gente, o Brâmane, o velho Buldeo e outros, e roerei a aldeia até aos ossos. Hão de pagar-me no dobro as colheitas e rebanhos que vou abandonar. Hei de conseguir justiça.
Mowgli sorriu.

- Não sei o que justiça é, mas se voltares na próxima estação chuvosa verás o que resta da aldeia...

Saíram rumo à Jângal e Mãe Lôba surgiu do seu esconderijo.

- Segue-os, disse Mowgli, e vê que toda a Jângal saiba que eles têm passaporte. Dá à língua, um pouco. Vou agora chamar Bagheera.

O grito de apêlo à pantera soou, fazendo o marido de Messua estremecer e

entreparar, indeciso.

- Adiante! gritou Mowgli alegremente. Lembra-te de que te falei dumas cantorias. Este grito há de se repetir até Khanhivara. É a palavra de Senha da Jângal.

Messua impeliu seu homem para a frente, ao tempo em que Mãe Lôba e Bagheera surdiam quase sob os pés de Mowgli, trêmulas do deleite da noite.

- Estou envergonhada dos teus irmãos lobos, disse a pantera,
- Por quê? Não atrapalharam Buldeo lindamente? admirou-se Mowgli.
- Bem, bem, sim. Bem demais. Fizeram-me até perder o orgulho e - pelo Ferrôlho a que devo a liberdade! – sair uivando pela Jângal como se a primavera houvesse chegado. Não me ouviste?
- Estava muito preocupado com outras coisas. Mas pergunta a Buldeo se te ouviu o canto... Onde estão os Quatro? Não quero que ninguém transponha as portas da aldeia esta noite, ouviste?
- Para que, os Quatro? perguntou Bagheera rebolando as ancas, olhos em fogo, o ronrom cada vez mais alto. Eu poderei conte-los a todos, sozinha, Irmão. Haverá matança no fim. O Canto de Apêlo e a vista dos homens trepados às árvores puseram-me elétrica. Que é o Homem para que nos dê cuidados - êsse cavouqueiro escuro, sem pêlos nem dentes, comedor de coisas do chão? Eu os segui o dia todo quando o sol estava alto. Tangi-os como os lobos tangem rebanhos de gamos. Sou Bagheera, Bagheera, Bagheera! Assim como danço com a minha sombra, assim dancei com aquêles homens.

A grande pantera negra saltou como salta um gatinho sob a folha morta que desce regirante da árvore; desferiu golpes à esquerda e à direita no ar vazio, fazendo-o zumbir; saltou várias vêzes e ao voltar à terra chiou rosnidos que lembravam o vapor escapo da caldeira.

- Sou Bagheera, filha da Jângal e da Noite - e minha força está toda em mim mesma. Quem resiste a meus golpes? Filhote de Homem, com um só tabefe posso deixar tua cabeça chata como um sapo morto.
- Bate, então, desafiou Mowgli no dialeto da aldeia e não na língua da Jângal - e aquelas palavras humanas fizeram Bagheera armar o bote. Uma vez mais Mowgli a encarou como havia encarado os lobinhos rebeldes; encarou-a em cheio nos olhos verde-berilo, até que o rubi líquido que se esconde atrás dêsse verde se apagasse, como luz de farol se apaga a vinte milhas de distância sobre o mar. Os olhos da pantera baixaram e com êles a cabeçorra - e mais e mais e mais até que uma língua vermelha veio lamber os pés do menino.
- Irmã - Irmã - Irmã! exclamou Mowgli batendo-lhe cariciosamente no pescoço luzidio. Cala-te. A culpa é da noite, não tua.
- Foram os cheiros da noite, sim, concordou Bagheera penitentemente. Este ar grita para o meu sangue. Mas como «tu» o sabes?

O ar em torno das aldeias indianas recende a mil sortes de cheiros e para uma criatura que forma quase todos os seus pensamentos por meio da sensação olfativa, o cheiro é tão entontecedor como a música, ou as bebidas para os sêres humanos. Mowgli

acariciou a pantera por alguns minutos mais, conservando-a deitada diante do fogo, as patas sob o peito, os olhos semicerrados.

- Tu és da Jângal e tu não és da Jângal, murmurou Bagheera por fim. Já eu não passo duma simples pantera negra. Mas tenho-te amor, Irmãozinho.
- Eles estão numa conversa muito comprida sob a figueira, observou Mowgli mudando de assunto. Buldeo conta histórias. Breve irão arrancar a mulher e o seu homem do mundéu de barro, onde os prenderam, para lançá-los na Flor Vermelha - e encontrarão o mundéu vazio, Ho!ho!
- Agora ouve, disse Bagheera. A febre já abandonou meu corpo. Deixa-me ir esperá-los lá. Não será a primeira vez que eu fique dentro duma jaula - e não creio que desta me amarrem com cordas.
- Sê prudente, aconselhou Mowgli, rindo-se e já tão inquieto como a pantera, que se esgueirara para dentro da casa.
- Pah! rosnou Bagheera. Este lugar cheira a criaturas humanas, mas aqui vejo cama como já possuí parecida nas jaulas do Rei, em Odeypore. Vou deitar-me nela - e Mowgli ouviu a cama ranger ao peso da pantera. Pelo Ferrôlho que quebrei, continuou Bagheera, êles vão pensar que me apanharam! Aproxima-te e senta-te ao meu lado, Irmãozinho. Nós lhes daremos «Boa caçada!» juntos.
- Não; tenho outra idéia no estômago. A Alcatéia dos homens de nenhum modo deve saber que tomei parte neste jogo. Faze o que quiseres, que eu nem vê-los quero mais.
- Assim seja, disse Bagheera. Ah, lá vêm vindo êles! A conferência sob a figueira terminara. Entre gritos selvagens, uma onda de homens e mulheres, a brandirem facas, forces e paus, rolou pelas ruas, Buldeo e o Brâmane vinham à frente. A multidão seguia-os gritando:
- Abaixo a feiticeira e o mágico! Veremos se moedas em brasa os farão confessar. Queimemos a casa com os dois dentro! Havemos de lhes ensinar como receber lobos-diabos! Archotes! Mais archotes! Buldeo, prepara a espingarda!

Ao chegarem à casa de Messua, houve embaraço com a porta, que fora trancada por dentro. Eles, porém, a despedaçaram e a luz dos archotes invadiu o quarto onde, espichada na cama, negra como piche, terrível como o demônio, Bagheera os esperava. Houve meio minuto de apavorado silêncio, enquanto os da primeira fila forçaram o recuo para fora, e nesse meio minuto Bagheera ergueu a cabeça e bocejou - um bocejo elaborado, ostensivo (estudadíssimo, como o usava quando queria insultar a algum da sua raça. Sua beiçarra negra arreganhou-se para trás e para cima, ao mesmo tempo que a língua vermelha se espichava qual ponto de interrogação; a maxila inferior descaiu até mostrar o fundo da garganta; a alva dentuça entreabriu-se lenta para depois fechar-se de brusco, soando metálica qual porta de cofre forte.

A rua ficara deserta. Bagheera, que tinha saltado pela janela e permanecia ao lado de Mowgli, viu ao longe uma torrente de criaturas tomadas de pânico, atropelando-se na precipitação de ganhar suas casas.

- Eles não mais aparecerão antes que o sol rompa, previu Bagheera. E agora?

Um silêncio de sesta havia empolgado a aldeia, mas Mowgli percebeu que dentro das casas se arrastavam caixas e mais móveis pesados para o escoramento das portas.

Bagheera tinha razão. Ninguém apareceria antes que o sol rompesse. Mowgli sentou-se, calado e pensativo, com o rosto sombrio.

- Que fiz eu? indagou Bagheera vindo acariciar-lhe os pés.
- Nada de mau. Guarda agora os meus fugitivos até que o sol rompa. Vou dormir, disse Mowgli - e correu para a Jângal, onde caindo pesadamente sobre uma laje, dormiu toda a noite e todo o dia seguinte.

Quando acordou, estava Bagheera ao seu lado, com o gamo que viera de abater. A pantera acompanhou, curiosa, o trabalho da faca de Mowgli no carneamento da caça. O rapaz comeu e bebeu; depois sentou-se com o queixo nas mãos.

- O homem e a mulher chegaram sem novidade aos arredores de Khanhivara, disse Bagheera - tua Mãe Lôba o mandou dizer por Chil, o Abutre. Antes da meia-noite conseguiram um cavalo e seguiram rápido. Não correu tudo bem?
- Muito bem, confirmou Mowgli.
- E os teus homens da aldeia não se mexeram a noite inteira. Só depois que o sol rompeu é que puseram o nariz de fora.
- Por acaso não te teriam visto?
- Decerto que viram. Pela manhã ainda eu estava a espojar-me no pó à entrada da aldeia e creio mesmo que cantei alguns dos meus cantos. Agora, Irmãozinho, nada há mais que fazer. Vem caçar comigo e Baloo. Baloo tem novas colméias para ti e na Jângal todos desejamos tua volta. Deixa essa cara amarrada que até a mim mete mêdo. O homem e a mulher não serão devorados pela Flor Vermelha e tudo corre bem na Jângal, não é verdade? Esqueçamo-nos dos homens.

- Serão esquecidos... Onde está pastando Hathi?
- Onde lhe apraz. Quem pode responder pelo Silencioso? Mas que conseguiria Hathi fazer mais do que nós?
- Dize-lhe que venha ter comigo, êle e os filhos.
- Irmãozinho, não se vai assim dizendo a Hathi - «Venha» ou «Vá». Tu te esqueces de que é êle o Senhor da Jângal e que antes que a Alcatéia dos Homens mudasse tua cara, êle te ensinou as Palavras de Senha da Jângal.
- Tenho uma Palavra de Senha para Hathi. Dize-lhe que venha ter com Mowgli, a Rã, e, caso não te dê ouvidos, fala-lhe no Saque dos Campos de Bhurtpore.
- O Saque dos Campos de Bhurtpore, repetiu Bagheera duas ou três vêzes para bem decorar a senha. Já vou. Hathi pode ser lançado na pior cólera e eu daria uma caçada à lua para conhecer uma senha a que êle obedeça.

Bagheera partiu deixando Mowgli a esfaquear furiosamente o chão. Jamais havia ele visto sangue humano até o dia em que viu - e o que é mais, cheirou - o sangue de Messua nas cordas que a amarravam. E Messua tinha sido boa para êle e êle lhe queria tanto quanto detestava o resto do gênero humano. Mas por muito profundamente que o homem lhe repugnasse, com as suas falas, sua crueldade, sua covardia, por coisa nenhuma tomaria uma vida humana, nem aspiraria de novo aquêle terrível cheiro de sangue. Seu plano era mais simples, embora completo - e Mowgli riu-se para si mesmo

ao lembrar-se de que havia sido uma das histórias de Buldeo contada sob a figueira que lhe dera a idéia.

- Era de fato uma Palavra de Senha, sussurrou Bagheera ao regressar. Os quatro estavam pastando perto do rio e obedeceram-lhe como se fossem bois. Olha! Lá vêm êles!

Hathi e seus três filhos chegaram, como de costume sem barulho, ainda com a lama do rio nos flancos. Hathi mascava pensativamente os rebentos macios dum plátano arrancado com as prêsas. Mas cada linha do seu grande corpo mostrava a Bagheera que em face do Filhote de Homem o elefante não era o Senhor da Jângal - e sim um que tinha mêdo posto em frente a um que não tinha mêdo. Seus três filhos balançavam o corpanzil atrás dêle.

Mowgli apenas ergueu a cabeça quando Hathi o saudou com o «Boa caçada!» do costume. Deixou-o ficar por muito tempo naquele balanceamento de corpo, ora descansado sobre as patas da direita, ora sobre as da esquerda; e quando abriu a boca para falar, dirigiu-se à pantera, não a êle.

- Vou contar uma história que ouvi a um dos caçadores que tu atropelaste ontem, começou Mowgli. Trata-se dum elefante, velho e avisado, que caiu num mundéu e foi ferido por uma estaca pontuda que havia no fundo. Foi ferido num lanho contínuo desde rente ao casco até ao topo do ombro - e disso lhe ficou uma larga cicatriz branca, como de chibatada de ferro quente.

Mowgli espichou a mão e Hathi, ajeitando-se à luz da lua, deixou ver a sua cicatriz branca, perfeita chibatada de ferro quente.

- Os homens vieram tirá-lo do mundéu, continuou Mowgli, mas as cordas com que o amarraram se partiram e o elefante escapou, fugindo para longe e longe ficando até que o ferimento cicatrizasse. Então voltou, cheio de cólera, às terras desses caçadores, durante a noite. Recordo êsse fato agora que êle tem três filhos, pois é coisa sucedida há muitas e muitas chuvas atrás, em Bhurtpore. Que aconteceu aos campos desses caçadores, pela época das colheitas, Hathi!
- As colheitas foram recolhidas por mim e pelos meus filhos.
- E o aramento da terra para novas plantações depois da colheita? perguntou Mowgli.
- Nunca mais se arou aquêle chão, respondeu Hathi.
- E que sucedeu aos homens que vivem dessas plantas que saem do chão?
- Sumiram-se de lá.
- E as cabanas em que êsses homens moravam?
- Nós desmantelamos os tetos; o mato, depois engoliu as paredes.
- E que mais houve?
- Os campos foram invadidos pela Jângal, de norte a sul, de este a oeste, numa área que levo duas noites a percorrer. Foram assim engolidas pela Jângal cinco aldeias - e nessas aldeias, e seus campos de cultura e pastos, não existe hoje um homem só que tire alimento da terra. Esse foi o Saque dos Campos de Bhurtpore, que eu e os meus fizemos. Agora pergunto: como a notícia disto chegou ao Filhote de Homem?
- Um homem tudo me contou e agora vejo que até Buldeo pode falar a verdade. Foi

trabalho bem feito, Hathi, mas da segunda vez vai ser mais bem feio ainda, porque o novo saque será dirigido por um homem. Conheces, Hathi, a Alcatéia de Homens que me expulsou? Gente preguiçosa, insensata e cruel, gente que brinca com a boca e não mata os mais fracos para comer, sim por esporte. Quando está de estômago cheio é capaz de tudo - até de lançar os filhos à Flor Vermelha. Isto vi com meus olhos. Não fica bem, pois, que tal gente continue a viver na aldeia por mais tempo. Eu a detesto!
- Mata-os, então, sugeriu o mais moço dos filhos de Hathi, arrancando um tufo de capim, cuja terra sacudiu de encontro às pernas, para depois o lançar longe, enquanto seus olhos espiavam furtivamente dum lado e doutro.
- Para que quero ossos brancos? respondeu Mowgli com ímpeto. Sou acaso filhote de lobos dos que brincam ao sol com cabeças cortadas? Matei Shere Khan - e sua pele está apodrecendo na Roca do Conselho. Quero agora abafar a aldeia. Deixa que a Jângal a invada, Hathi!

Bagheera estremeceu e agachou-se. Podia compreender um assalto à aldeia, com tapas à direita e à esquerda na multidão apavorada, ou uma hábil matança de homens distraídos nos trabalhos dos campos; mas aquêle plano de deliberadamente apagar uma aldeia inteira dos olhos dos homens e dos filhos da Jângal, a apavorava. Hum! Para aquilo mandara Mowgli buscar Hathi! Somente o velho elefante era capaz de conduzir tal empresa.

- Façamo-los sumirem-se como se sumiram os homens dos campos de Bhurtpore, de modo que voltemos a ter lá apenas a água das chuvas em vez de aramentos de terra, e o ruído das gotas que caem sobre as folhas em vez do ruído das rocas de fiar - e Bagheera com seu antro na casa do Brâmane, e os gamos bebendo na fonte detrás da igreja! Hathi, Hathi, estende a Jângal sobre a aldeia, Hathi!
- Mas eu... mas nós não temos questões com a gente dessa aldeia, e sem ser movidos pela cólera rubra que a grande dor dá, não poderemos destruir os mundéus de palha e barro onde os homens dormem, respondeu Hathi vacilante.
- Sereis vós, os elefantes, os únicos comedores de erva da Jângal? Traze os outros. Faze que venham os gamos e javardos e nilghais. Não haverá necessidade de mostrares um palmo da tua pele antes que as culturas estejam destruídas. Estende a Jangal sobre a aldeia, Hathi!
- Não haverá matança? Minhas prêsas ficaram rubras no Saque dos Campos de Bhurtpore e eu não quero nunca mais sentir o cheiro do sangue.
- Nem eu. Nem quero que os ossos dessa gente fiquem sobre a terra limpa de suas presenças. Que vão para outras plagas em procura de novos antros. Tais criaturas não podem por mais tempo permanecer aqui. Vi o sangue, cheirei o sangue da mulher que me deu alimento, da mulher boa que quiseram matar por minha causa. Somente o cheiro vivo da vegetação nova a crescer na soleira das portas poderá apagar o cheiro de sangue que tenho no nariz. Sinto-o queimar-me o rosto. Hathi, Hathi, estende a Jângal sobre a aldeia, Hathi!
- Ah! exclamou o elefante. Do mesmo modo me queimou a cicatriz até o dia em que vimos as cinco aldeias subverterem-se dentro da vegetação da primavera! Compreendo-te agora. Tua guerra será a nossa guerra. Havemos de estender a Jângal sobre a aldeia, Irmãozinho!

Antes que Mowgli voltasse a si do acesso de cólera e ódio que o empolgava, Hathi e seus filhos puseram-se em marcha. Ficou Bagheera, de olhos fixos no menino-lobo, presa de pânico.

- Pelo Ferrôlho que me libertou! rugiu ela por fim. Serás tu aquela coisinha nua em favor de quem falei no Conselho, anos atrás? Senhor da Jângal! Quando minhas forças se extinguirem, fala também a meu favor, de Baloo, fala a favor de todos nós! Somos débeis filhotes diante de ti, ó grande! Somos galhinhos secos sob o pé que passa! Somos veadinhos que perderam a veada mãe!

A idéia de Bagheera comparar-se a veadinho sem mãe, curou Mowgli completamente; riu-se e soluçou e riu-se e soluçou de novo; por fim lançou-se à água a fim de voltar ao natural. Por longo tempo nadou, mergulhando a espaços sob a lua, como a rã de que trazia o apelido.

Por êsse tempo Hathi e seus filhos já estavam em marcha silenciosa pelo vale abaixo, longe dali, cada qual numa direção. Por dois dias caminharam, fazendo sessenta milhas através da Jângal; e cada passo que davam, cada movimento de suas trombas era notado por Mang e Chil, pelo Povo Macaco e todas as aves. Ao cabo de dois dias detiveram-se a pastar - e pastaram na maior calma por toda uma semana. Hathi e seus filhos são como Kaa, a Serpente da Rocha. Nunca se apressam antes do momento exato.

A partir dêsses dias um rumor de origem desconhecida entrou a correr na Jângal - que em tal e tal vale havia muito melhor pasto e aguadas. Os cerdos, os quais vão ao fim do mundo atrás de melhor alimento moveram-se antes dos outros, às manadas, brigando pelo caminho; depois movimentaram-se os gamos e as raposas que vivem dos mortos ou moribundos que os rebanhos em marcha deixam atrás de si; os nilghais de peito largo entraram na cauda dos gamos; os búfalos dos pantanais seguiram a trilha dos nilghais. Nessas marchas em bando a menor causa provoca estouros, que fazem os emigrantes arrepiar caminho. Dessa vez, porém, quando um alarma se dava, alguém surgia para sossegá-los. Ora Ikki, o Porco-espinho, cheio de boas notícias sobre a abundância de pastos um pouco além; ora Mang, que piava com alegria e voava rasteiro através duma aberta para demonstrar que não existia perigo nenhum. Também Baloo, com a boca cheia de raízes, costumava aparecer à margem daquela comprida procissão, ajudando-a a manter-se na rota devida. Muitos animais arrepiaram caminho, desgarraram ou perderam o interesse pela marcha; a maioria, porém, a prosseguiu. Gamos e cerdos e nilghais concentram-se num círculo de oito ou dez milhas de raio, enquanto os Comedores de Carne escaramuçavam nas beiradas, forçando o avanço da multidão. No centro desse círculo ficava a aldeia, rodeada das suas plantações. Aqui e ali, dentro das roças, viam-se homens sentados em «machãs» - altos jiraus toscos - com a missão de espantar passarinhos e outros depredadores de grãos. Era noite escura quando Hathi e seus filhos deixaram a Jângal e penetraram nas roças, das quais arrancaram as «machãs» como se fossem tenros talos de milho novo - e os homens que lá de cima vieram abaixo sentiram nas faces o hálito do elefante. Então a vanguarda do exército de gamos derramou-se pelas pastagens da aldeia e campos de cultura; e os cerdos de rijo focinho logo os seguiram - e o que escapava ao gamo não escapava ao cerdo. De quando em vez rompiam alarmas, «Os lobos! Os lobos!» e os copiosos rebanhos de comedores de ervas corriam desabalados dum ponto para outro, apisoando os campos de centeio e obstruindo as valetas de irrigação. Antes que a manhã rompesse, a pressão exterior sobre os rebanhos

fraquejou num ponto. Os Comedores de Carne abriram caminho por onde manadas e manadas de búfalos rompessem o círculo, rumo sul. Muitos dêles, os mais intrépidos, ocultaram-se nas moitas espessas para concluir na noite seguinte a refeição iniciada.

Mas o trabalho de arrasamento já estava feito, Pela manhã os da aldeia verificaram que suas roças eram perdidas, fato que queria dizer morte a fome, caso não se retirassem dali. Quando os búfalos domésticos, famintos do jejum da noite, foram soltos nos pastos, viram logo que os gamos tinham destruído tudo - e internaram-se na Jângal para se misturarem aos búfalos selvagens. Mais. Ao cair da noite três ou quatro pôneis da aldeia foram encontrados com as cabeças lanhadas. Unicamente Bagheera era capaz de produzir tais lanhos – como unicamente ela teria a lembrança de arrastar insolentemente as carcaças para as ruas do vilarejo.

Os camponeses não se sentiam com ânimo de acender fogueiras nos campos, durante a noite, o que permitiu que Hathi e seus filhos viessem completar a obra da véspera - e quando Hathi completava um trabalho, completo para sempre ele ficava. Os da aldeia resolveram viver dos cereais para semente que havia de reserva, e assim agüentarem-se até tempo de novas plantações; também se alugariam pelas redondezas para mitigar a espera. Mas enquanto os homens que possuíam reservas de cereais estavam a fazer a conta do que poderiam ganhar com a alta, as prêsas de Hathi esfuracavam as paredes dos celeiros, deixando que todo o grão se perdesse.

Depois que êste último desastre foi descoberto, o Brâmane falou. Disse que tinha rogado aos deuses, sem nenhuma resposta. Que com certeza os da aldeia haviam ofendido, involuntariamente embora, algum gênio da Jângal, pois que sem a menor sombra de dúvida a Jângal estava contra êles. Em vista disso mandaram buscar o chefe da próxima tribo de Gonds - pequenos caçadores negros que vivem no fundo da Jângal e cujos pais provêm da mais velha raça da Índia. Eram os aborígenes da zona. Depois de muito presenteado, o chefe Gond ficou sobre um pé só, de arco na mão e três flechas espetadas no turbante, olhando, meio com desprezo, meio com medo, para os campônios ansiosos e para os campos arrasados. Os da aldeia queriam saber se os deuses Gonds - os velhos deuses - estavam zangados com eles e que sacrifícios deveriam fazer. O Gond nada disse, mas tomou dum ramo de «Karela», a trepadeira que produz a mais amarga das cabaças, e o entrelaçou na porta do templo, em face do vermelho ídolo hindu de olhos arregalados. Em seguida apontou com a mão rumo de Khanhivara. Feito isso regressou para a sua Jângal, observando pelo caminho o avanço dos animais. O Gond sabia que quando a Jângal se move em tais procissões, só o homem branco tem forças para detê-la.

Não foi preciso perguntarem-lhe a significação do seu gesto. A cabaça selvagem iria crescer no templo, como em tapera, e quanto antes dali se retirassem melhor.

Mas é difícil arrancar um camponês ao seu pago. Os da aldeia nela ficariam enquanto um resto de alimento restasse. Experimentaram viver de nozes silvestres da Jângal - mas olhos de fogo os espiavam, perpassando diante deles em pleno dia, e quando, cheios de susto, retornavam à aldeia, notavam que a casca das árvores, nas sendas por onde haviam passado, estavam lanhadas de poderosas garras. Quanto mais os homens se apegavam à aldeia, mais insolentes se faziam os filhos da Jângal reunidos naquelas margens do Waingunga. As casas próximas à floresta deixaram de ser reparadas e os porcos-do-mato as esburacaram com os focinhos, permitindo que atrevidos brotos de trepadeiras se imiscuíssem pelas aberturas para logo se alastrarem no terreno

conquistado. Atrás delas vieram os capins de folhas pontudas como lanças dum exército de anõezinhos. Os homens solteiros escaparam-se dali muito antes dos outros, levando longe a notícia do pavoroso acontecimento. Quem pode lutar contra a Jângal? diziam êles, ou contra os gênios da Jângal, se até a cobra que morava no oco da figueira os havia abandonado? O pequeno comércio que a aldeia mantinha com as povoações próximas foi desaparecendo à medida que os caminhos se faziam intransitáveis. Por fim o trombetear noturno de Hathi e seus filhos cessou de persegui-los: nada mais havia ali que interessasse aos elefantes. As plantações crescidas e as que ainda tinham as sementes em germinação, estavam todas arrasadas. O aspecto dos campos não lembrava mais terra de cultura, e tempo chegou em que os camponeses se viram forçados a pedir socorro de esmolas aos inglêses de Khanhivara.

Mas, hindus que eram, foram protelando a mudança definitiva até que as primeiras chuvas do verão os viessem colhêr - inundando as casas esburacadas e transformando os campos em lameiros. E a vida furiosa da Jângal, alimentada gordamente pelo calor e umidade, avançou na sua conquista vingadora. Então os últimos da aldeia se puseram em marcha - homens, mulheres e crianças, dentro dos aguaceiros quentes da manhã. A espaços voltavam o rosto para os últimos adeuses aos lares perdidos.

Quando a derradeira família, carregada de seus tarecos, atravessou as portas da aldeia em ruína, um estrondo de vigamentos desmoronados, paredes e tetos que vinham ao chão, se fêz ouvir, com uma tromba a ímpar no meio dos escombros. Logo depois outro desmoronamento, êste seguido dum urro de dor. Hathi, que estava colhendo casas como quem colhe cogumelos numa podriqueira, fora espetado por uma lasca de viga. Aquilo desencadeou-lhe a força monstruosa que a cólera dá - e nenhuma força mais destruidora existe na Jângal do que a do elefante em cólera. Hathi deu com uma das patas traseiras em várias paredes, que aluíram, e sob a torrente d'água que caía logo se transformaram em lama vermelha. Depois girou sobre si mesmo, urrou e lançou-se pelas ruas estreitas, com ombradas à direita e à esquerda, arrasando casa por casa enquanto atrás seus filhos, contaminados pela fúria paterna lhe completavam a obra - tal qual no Saque dos Campos de Bhurtpore.

- A Jângal se encarregará de engolir êstes mundéus de barro e palha, murmurou calmamente uma voz. Mas os muros que cercam a aldeia têm que vir por terra já - e Mowgli, com a chuva a escorrer pelos ombros nus, saltou de sobre o muro onde estivera de cócoras, qual búfalo cansado.
- Tudo a seu tempo! gritou Hathi ofegante. Oh, mas minhas prêsas estão brancas, não ficaram rubras como em Bhurtpore! Às muralhas externas, meu filhos! Com a cabeça! Todos juntos! Vamos!

Os quatro elefantes trabalharam lado a lado, e os muros, batidos pelas quatro cabeçorras, vacilaram e vieram abaixo, afinal. Pelas brechas os camponeses em retirada viram as ferozes cabeças sujas de lama dos quatro elefantes. Então fugiram a correr pelo vale a fora, enquanto a aldeia, foçada, marrada, apisoada, lá se ia derretendo sob a chuva atrás dêles.

Um mês depois aquêle lugar não passava dum montão de ruínas coberto de macios e peludos brotos de ervas pujantes - e pelo fim das Chuvas a Jângal impava aos urros por sobre toda a área onde, seis meses antes, o arado calmamente feria a terra. . .

## *A canção de Mowgli contra os homens*

*Soltarei contra vós as alígeras vinhas -*
*A Jàngal mandarei assaltar vossas linhas.*
*Cairão os telhados,*
*Traves hão de cair da casa sobre vós*
*E Karela, Karela, o atroz,*
*Vos cobrirá todos!*
*Às portas destes vossos conselhos meu povo cantará,*
*Nos umbrais dos vossos celeiros o morcego se fixará.*
*Vós tereie por guardiã mesmo a serpente,*
*Nas vossas lareiras imundas.*
*E crescerá por certo onde dormirdes*
*Karela, Karela, o horrente.*
*Meus golpes não vereis. Ouvi-lo-eis hesitantes.*
*Virei antes que venha a lua e o seu fulgor...*
*Será o Lôbo pastor*
*Por umas pastagens distantes*
*E Karela, Karela, o atroz,*
*Germinará onde amastes.*
*Separei vossos campos bem antes que vós*
*Pelas mãos de uma horda... Seguireis após*
*Os seus passos, colhendo todo o pão perdido.*
*Poreis os gamos às vossas charruas.*
*E Karela, Karela, o atroz,*
*Crescerá onde houverdes construído.*
*Eu soltei contra vós as nodosas vinhas.*
*A Jângal eu mandei assaltar vossas linhas.*
*As árvores - estão sôbre vós -*
*As traves cairão*
*E Karela, Karela, o atroz,*
*Vos cobrirá todos.*

SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

1 - Os Irmãos de Mowgli
- Quiquern

2 - As Caçadas de Kaa
- Toomai dos Elefantes

3 - Como apareceu o medo
- Jacala, o crocodilo

4 - O Milagre de Purun Baghat
- Servidores da Rainha
- Tigre! Tigre!

5 - Kotick, a Foca Branca
- Os Cães Vermelhos

6 - O Avanço da Jângal
- Rikki-Tikki-Tavi

7 - A Embriaguês da Primavera
- O Ankus do Rei

Publicado por
UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL
REGIÃO DO RIO GRANDE DO SUL

# SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

## A Embriagues da Primavera

## O Ankus do Rei

Rudyard Kipling

7

**Produzido pela UEB/RS - Edição Impressa: Gestão 2001/2003 - Edição Digital: Gestão 2004/2006**

Esta é mais uma publicação

TAFARA

# SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

## Volume 7

## - A Embriaguês da Primavera

## - O Ankus do Rei

1a. Edição: 500 exemplares
Autor: Rudyard Kipling
Capa e Edição: Carlos Alberto F. de Moura
Coordenação: Mario Henrique P. Farinon
Digitação: Norma Beatriz de Oliveira Brito
Ilustração: Christian Broutin e Mariano Ramos

Porto Alegre, RS, 2003

**EDIÇÃO IMPRESSA PELA DIRETORIA REGIONAL 2001/2003**

| | |
|---|---|
| Diretoria | Mario Henrique Peters Farinon |
| Diretoria | David Crusius |
| Diretoria | Márcio Sequeira da Silva |
| Diretoria | Ronei Castilhos da Silva |
| Diretoria | Osvaldo Osmar Schorn Correa |

**EDIÇÃO DIGITAL DISPONIBILIZADA PELA DIRETORIA REGIONAL 2004/2006**

| | |
|---|---|
| Diretoria | Ronei de Castilhos da Silva |
| Diretoria | Neivinha Rieth |
| Diretoria | Waldir Sthalscmidt |
| Diretoria | Paulo Roberto da Silva Santos |
| Diretoria | Leandro Balardin |

**COMITÊ GESTOR**

Carlos Alberto de Moura
Marco Aurélio Romeu Fernandes
Mario Henrique Peters Farinon
Miguel Cabistani
Paulo Lamego
Paulo Ramos
Paulo Vinícius de Castilhos Palma
Siágrio Felipe Pinheiro
Tania Ayres Farinon

# APRESENTAÇÃO

Na Páscoa de 1998, de 10 a 12 de abril, um grupo de escotistas e dirigentes reuniram-se, em um sítio denominado TAFARA CAMP, tomando para si a incumbência de suprir a lacuna deixada pela falta de definição do tema das Especialidades, concebeu e criou o que hoje constitui-se no Guia de Especialidades da UEB.

O mesmo grupo, na seqüência, participou decisivamente na elaboração dos Guias Escoteiro, Senior e Pioneiro.

Visto que este trabalho informal e espontâneo estava tendo resultados positivos, e, entendendo que a carência de instrumentos, principalmente literatura, é um grande obstáculo ao crescimento do Escotismo, resolvemos assumir como missão "disponibilizar instrumentos de apoio aos praticantes do Escotismo no Brasil".

Este grupo, que tem sua composição aberta a todos quantos queiram colaborar com esta iniciativa, também resolveu adotar o pseudônimo TAFARA para identificar-se e identificar a autoria e origem de todo o material que continuará a produzir.

Os instrumentos que TAFARA se propõe a produzir, tanto serão originais, como também reproduções, traduções, adaptações, atualizações, consolidações, etc., de matérias já produzidas em algum momento, e que, embora sejam úteis, não mais estão disponíveis nos dias de hoje.

O material produzido por TAFARA é feito de forma independente e sem fins lucrativos. Não temos a pretensão de fazermos obras primas, mas instrumentos que possam auxiliar a todos quantos pratiquem Escotismo no Brasil.

Esta edição é feita para registrar e comemorar o Dia do Lobinho e reproduz duas histórias do Livro da Selva, de Rudyard Kipling.

Este livro faz parte de uma série de 7 volumes que serão lançados entre 2002 e 2003.

Este é mais um instrumento de apoio a suas atividades.

Aproveite!

Mario Henrique Peters Farinon
Diretor Presidente UEB/RS

## A EMBRIAGUES DA PRIMAVERA

O homem ao homem! É o desafio da Jângal!
Já parte aquele que foi nosso irmão.
Ouvi, então, julgar, ó vós, gente da Jângal
Respondei: Quem irá detê-lo então?

O homem ao homem! Ele soluça na Jângal!
O nosso irmão se aflige de males supremos.
O homem ao homem! Nós o amamos na Jângal!
Este é o seu trilho e nós não mais o seguiremos.

Dois anos depois da morte de Akeía na grande luta com os dholes do Dekkan, completou Mowgli dezessete anos. Parecia mais velho, porque o intenso exercício, a forte alimentação e os banhos freqüentes lhe haviam dado força e desenvolvimento muito

acima da idade. Mowgli podia manter-se pendurado dum galho por uma só das mãos durante meia hora; podia deter um gamo a meio galope, ou derribá-lo com uma torcida de cabeça; podia ainda cavalgar os enormes javardos cinzentos que vivem nos pantanais do norte. O Povo da Jângal, que já o temia pela sua astúcia, passou a temê-lo pela sua força - e quando Mowgli cortava a mata cuidando da vida, a sua mera aproximação fazia os carreiros desertos. Não obstante tinha o olhar sempre bondoso. Ainda quando lutava, seus olhos não ardiam em chamas, como os de Bagheera; apenas mostravam-se mais interessados e excitados - coisa que a pantera não podia compreender. Certa vez interpelou-o sobre isso. O rapaz respondeu sorrindo:

- Quando erro um golpe, enfureço-me. Quando passo dois dias sem comer, sinto cólera terrível. Nada dizem meus olhos?
- A boca mostra-se colérica, respondeu Bagheera, mas não os olhos. Caçando, comendo ou nadando, jamais teus olhos mudam - como pedra à chuva e ao sol.

Mowgli fixou na pantera os olhos escurecidos pelas sobrancelhas fortes, e, como sempre, a cabeça de Bagheera baixou. Mowgli dominava-a.

Estavam os dois deitados na encosta dum morro que vertia para o Waingunga. A neblina da manhã esfumava-lhes na frente a paisagem verde. Quando o sol se ergueu, a névoa transformou-se em fantástico oceano de ouro transfeito em espuma solta no ar - e através dos seus rasgões, raios de luz vinham viver as folhas secas sobre as quais Mowgli e Bagheera repousavam. Era pelo fim do inverno; árvores e folhas cochilavam, cansadas e mortiças, e onde quer que o vento perpassasse, sons de coisas secas se erguiam. Uma folhinha colhida isolada em corrente de ar tap-tap-tapeava furiosa contra um galho resseco. O rumor iterativo atraiu a atenção de Bagheera, que aspirou profundamente o ar vivo da manhã e, caindo de costas, derrubou com um tapa a folhinha inquieta.

- Tudo começa a mudar, disse ela. A Jângal renasce. O Tempo das Falas Novas vem chegando. Esta folhinha sabe disso.
- As ervas estão secas, observou Mowgli arrancando um tufo. O próprio Olho da Primavera (pequena flor vermelha, em forma de trombeta, que abre na macega) - o próprio Olho da Primavera está fechado. Mas, Bagheera, fica lá bem à Pantera Negra deitar-se assim de costas e dar tapas de gato em folhinhas no ar?
- Aowh? fêz Bagheera, absorta, com o pensamento longe dali.
- Eu disse: ficará bem à Pantera Negra bocejar assim e brincar deitada de costas? Lembra-te de que somos os Senhores da Jângal, tu e eu.
- Realmente, respondeu a pantera, sentando-se, com os negros flancos arrepiados e sujos de terra (Bagheera estava em muda de pêlo). Somos, sim, os Senhores da Jângal! Quem mais forte do que Mowgli? Quem mais astuto?

Uma curiosa inflexão na voz da pantera fez o rapaz voltar-se de brusco para ver se ela estava mofando dele, porque a Jângal anda sempre cheia de palavras que soam uma coisa e dizem outra. A pantera explicou-se.

- Eu afirmei que somos os Senhores da Jângal. Estarei errada? e notando o alheamento de Mowgli: Não sabia que o Filhote de Homem já se tinha erguido. Voa ele agora?

Sentado com os cotovelos nos joelhos, Mowgli contemplava com deleite o vale semidesperto. Um pássaro lá embaixo trinava as primeiras notas, ainda incertas, do canto que iria cantar na primavera. Embora êsse canto ainda fosse sombra do que ia ser, a pantera reconheceu-o.

- Eu não disse que o Tempo das Falas Novas vem próximo? relembrou ela com um meneio de cauda.
- Já sei, falou Mowgli. Mas por que, Bagheera, te remexes toda? O sol já está quente.
- É Ferao, o Pica-pau Escarlate, respondeu Bagheera, sem atender à pergunta, «Ele» não esqueceu. Ora, eu também preciso recordar meu canto - e pôs-se a ronronar para si própria, e a trautear, sempre mostrando-se desagradada do que saía.
- Não há nenhuma caça em movimento hoje, observou Mowgli.
- Irmãozinho, estarão teus «dois» ouvidos tapados? Isto que canto não é palavra de caça, mas canto que quero ter pronto para a primavera.
- Tinha-me esquecido. Reconheço muito bem a chegada do Tempo das Falas Novas, estação em que tu e os mais correreis para longe deixando-me sozinho, respondeu Mowgli queixoso.
- Espera, Irmãozinho - nós nem sempre...
- Sim, sempre! gritou Mowgli espichando o dedo colérico. Vós debandais e eu, o Senhor da Jângal, tenho de viver sozinho. Como foi na primavera passada quando eu quis colher cana doce das roças da Alcatéia dos Homens? Mandei um mensageiro ao encontro de Hathi - mandei-te a ti, Bagheera, pedir-lhe que viesse tal noite arrancar-me as canas com a tromba.
- E ele veio duas noites mais tarde, observou a pantera um pouco vexada, e dessa planta doce que tanto te agrada arrancou mais do que a pode chupar um filhote de homem durante todas as noites da estação chuvosa. A culpa da demora não foi minha.
- Ele não veio na noite que marquei. Ficou a trombetear e a rugir pelos vales, ao clarão da lua. Ficou a dançar diante das casas da aldeia. Eu o vi - e no entanto Hathi não acudiu ao meu chamado. E sou o Senhor da Jângali...
- Era Tempo de Falas Novas, explicou a pantera sempre humilde. Quem sabe, Irmãozinho, se te esqueceste de o chamar com a palavra própria? Bah! Deixemos isso. Ouve o ensaio de canto de Ferao e alegra-te.

O mau humor de Mowgli evaporou-se. Mesmo assim permaneceu de cabeça apoiada nas mãos e olhos cerrados.

- Não sei, nem se me dá sabê-lo, murmurou por fim, sonolento. Vamos dormir, Bagheera; sinto o estômago pesado. Faze-me um travesseiro para a cabeça.

A pantera deitou-se com um suspiro, porque continuava a ouvir a voz de Ferao em ensaios do seu canto para o Tempo das Falas Novas, como dizem da Primavera.

Na Jângal indiana as estações se sucedem sem transição. Parecem duas apenas - a da seca e a das águas; mas se observardes com atenção os aguaceiros ou as nuvens bochornais de pó, vereis que as quatro se sucedem de modo regular. Nenhuma tão maravilhosa como a primavera, porque não vem revestir a natureza queimada e nua de novas flores e folhas e sim dar alento ao novo verde que sobreviveu aos rigores do inverno, fazendo que a terra cansada’e murcha se sinta lépidamente moça outra vez. E tão bem realiza isto, que primavera nenhuma no mundo se compara à indiana.

Um dia chega em que todas as coisas se mostram cansadas; até os odores boiantes no ar parecem velhos e gastos. Ninguém o explica, mas todos o sentem. Outro dia - e sem que os olhos percebam a mudança - os aromas sabem a novo - e então as cerdas do Povo da Jângal vibram em suas raízes e o pêlo incubado durante o inverno rompe macio. Se pequena chuva cai, todos os arbustos e árvores e bambus e musgos e plantas de folhas carnudas despertam com um rumor de crescimento de quase ouvir-se, e esse rumor faz-se dia e noite, zoada contínua. O som, a voz da primavera - vibração especial que não é de abelha, nem de cascata, nem de brisa nas frondes, mas sim felino ronronar da natureza bem conchegada.

Até aquêle ano sempre se deleitara Mowgli com o retorno das estações. Era ele quem primeiro descobria o primeiro Olho da Primavera aberto no fundo dos ervaçais e quem primeiro distinguia as primeiras nuvens da estação - nuvens que valem tudo na Jângal. Sua voz era ouvida em toda a sorte de lugares úmidos e ricos de pétalas, a fazer coro com as enormes rãs ou a imitar com mofa o pio das corujas nas noites brancas. Como para todos os mais, a primavera constituía para ele o tempo próprio para a expansão máxima da atividade - correr, pelo mero prazer de correr - correr no ar momo trinta, quarenta milhas, de madrugada à noitinha, e voltar ofegante, rindo-se engrinaldado de flores raras. Seus quatro companheiros lobos não o seguiam nessas selvagens incursões pela Jângal; preferiam ficar uivando cantos com os outros lobos. O Povo da Jângal está constantemente ocupado na primavera; Mowgli via-os sempre rosnando, uivando, gritando, piando, silvando, conforme a espécie de cada um. Suas vozes mostram-se diferentes então - e por isso a primavera na Jângal é chamada o Tempo das Falas Novas.

Mas naquela estação o «estômago» de Mowgli estava mudado, como o percebera a pantera. Desde que os brotos de bambu começaram a pintalgar-se de sépia pôs-se ele a esperar pela manhã em que os cheiros mudam. Quando essa manhã chegou e Mor, o Pavão, todo bronzes, todo azuis e ouros, principiou a grasnar na mata úmida e Mowgli abriu a boca para lhe responder, as palavras embaraçaram-se-lhe nos dentes e uma sensação de pura infelicidade o invadiu do dedo dos pés à ponta da grenha - sensação de tal modo forte que o rapaz julgou ter pisado em espinho. Mor cantava os aromas novos; outros pássaros retomaram o mote e das rochas beirantes ao Waingunga veio o áspero ronco de Bagheera - mistura de relincho de cavalo e grito de águia. Na galhaça acima de sua cabeça, toda brotos e botões, chiou um rebuliço de barulhentos «Bandar-log». No entanto Mowgli ficou onde estava, com o peito ainda cheio de fôlego que tomara para responder ao canto de Mor - fôlego que logo se perdeu como se o ar fosse expulso por aquêle estranho sentimento de infelicidade.

Olhou em redor de si: só viu os «Bandar-log» chasqueadores aos pulos nos galhos e lá adiante Mor, no pleno esplendor de sua cauda aberta inteira.

- Os cheiros mudaram! gritou Mor, Boa caçada, Irmãozinho! Por que demora tua resposta?
- Irmãozinho, boa caçada! piaram Chil, o Abutre e a companheira e descaíram em vôo rapidíssimo para esfrolar com as penas a face do rapaz.

Leve chuva de primavera - chuva de elefante chamada - caiu sobre a Jângal numa área de milha de largo, deixando as folhas a reluzirem para trás e indo morrer em brando trovejar num duplo arco-íris. A zoada da primavera esmoreceu por instantes e no silêncio feito viu Mowgli que com exceção sua toda a Jângal estava dando à língua.

- Comi bem, disse o rapaz a si próprio, bebi bem, minha garganta não arde ou aperta como quando mordi nas raízes manchadas de azul que Oo, a Tartaruga, me afirmou serem boas. Mas tenho o estômago pesado e tratei mal a Bagheera e outros. Ora me sinto quente, ora frio; ora nem quente nem frio, mas apenas furioso contra não sei quê. Huhu! É tempo de dar minha carreira. Esta noite cruzarei as montanhas; sim, darei uma corrida de primavera até aos pantanais do Norte, ida e volta. De há muito que caço sem esforço - isto enerva. Os Quatro irão comigo, porque andam também eles a engordar com saltõezinhos brancos.

Mowgli chamou-os. Nenhum respondeu. Estavam fora do alcance da sua voz, uivando cantos da primavera - o Canto da Lua e do Sambhur - lá com os demais lobos da Alcatéia; nessa estação o Povo da Jângal faz muito pouca diferença entre o dia e a noite. Mowgli desferiu a aguda nota do ladrido de chamada, mas teve como resposta única o miado irônico do gato malhado das árvores, que marinhava pelos galhos em procura de ninhos. O rapaz enfureceu-se a ponto de sacar a meio a faca. Depois empertigou-se, insolente, embora não houvesse ninguém a observá-lo e desceu o morro de queixo para cima e sobrancelhas para baixo. Não havia ninguém e pois ninguém lhe perguntou coisa nenhuma. Todos da Jângal estavam muito ocupados consigo próprios.

- Sim, rosnou Mowgli, embora soubesse lá por dentro que não tinha razão. Os dholes que desçam do Dekkan, a Flor Vermelha que venha dançar nos bambuais - e toda a Jângal correrá para Mowgli aos uivos, chamando-lhe nomes do tamanho de Hathi. Agora, porém, só porque o Olho da Primavera abriu e Mor exibe suas pernas em danças da estação, a Jângal mostra-se louca como Tabaqui... Pelo Touro que me comprou, sou ou não sou o Senhor da Jângal? Silêncio... Que fazeis aí?

Dois lobos novos trotavam perto em procura de clareira onde pudessem lutar (a Lei da Jângal proíbe lutas à vista dos outros). Tinham as cerdas da nuca arrepiadas como agulhas, e latiam, furiosos, na ânsia do primeiro encontro. Mowgli saltou-lhes à frente e, agarrando-os pela garganta, jogou cada qual para um lado, certo de que os lobinhos se afastariam sem briga, como tantas vezes acontecera. Mowgli esquecia-se da primavera. Os lobinhos encontraram-se de novo logo adiante e sem perda de tempo se engalfinharam.

De faca em punho e dentes à mostra, Mowgli ia-os matar a ambos naquele momento pela simples razão de que lutavam e ele os queria quietos, embora seja da Lei que todos os lobos têm o direito de lutar. Mowgli dançou na frente deles, de ombros arcados e mão crispada no cabo da faca, pronto para desferir duplo golpe. Súbito, o ímpeto da cólera arrefeceu. Sua força esvaiu-se. Baixou a faca; meteu-a na bainha.

- Com certeza comi veneno, soluçou por fim. Desde o tempo em que, armado da Flor Vermelha, rompi com o Conselho, desde que matei Shere Khan, nenhum lobo da Alcatéia jamais me desobedeceu - e estes nascidos ontem o fizeram! Minha força fugiu de mim; parece que vou morrer. Oh, Mowgli, por que não matas aos dois?

A luta dos lobinhos continuou até que um fugiu. Mowgli ficou só na arena revolta e manchada de sangue, olhando para a faca, para seus braços e pernas enquanto o jamais sentido sentimento de infelicidade o cobria inteiro, como a água cobre um tronco de pau imerso.

Mowgli caçara cedo aquela tarde, mas comera pouco a fim de estar em boas condições para a corrida. Também comeu só, porque todo o Povo da Jângal andava disperso por longe, lutando e cantando. Corria uma perfeita noite branca, como lá dizem. Todas as coisas verdes pareciam crescidas de um mês em horas. Frondes na véspera amarelecidas espirravam agora seiva, se se lhes partia um galho. Os musgos encrespavam-se espessos e macios sob seus pés; os capins ainda não tinham serrilha de navalha nas folhas; todas as vozes da Jângal ressoavam como harpa de cordas graves tangida pela lua - a Lua das Falas Novas, que derramava em cheio seus raios nas pedras e aguadas, que os esgueirava por entre troncos e cipós, que os subdividia por entremeio de milhões de folhas. Esquecido da sua infelicidade, Mowgli cantou alto, com puro deleite, ao pôr-se em marcha. Mais voava do que corria, pois escolhera como rumo o declive que através do coração da Jângal conduzia direto aos pantanais do Norte. O chão fofo lhe amortecia o choque dos pés. Um homem criado entre homens teria tropeçado e caído cem vezes, vítima das traições do luar; os músculos de Mowgli, porém, treinados por anos de experiência, levavam-no como se fosse pluma. Quando um tronco podre ou pedra oculta revirava ao contato de seus pés, ele saltava adiante, sem perda do ímpeto da corrida e sem esforço - por instinto ou hábito. Quando se aborrecia de caminhar pelo solo, marinhava por cipós árvores acima - e então parecia flutuar antes que caminhar pelas estradas aéreas. Súbito, mudava de idéia e dum salto vinha de novo ao chão. Havia túneis silenciosos e de bafo quente, calçados de pedras úmidas, onde mal se respirava; havia avenidas escuras que o luar listrava de betas brancas; havia espessos onde a vegetação de rebrotos o envolvia e como que o abraçava pela cintura; havia topes coroados de pedras soltas que êle ia saltando com grande susto das raposas que entre elas aninhavam.

Se Mowgli ouvia longe o apagado «chag-drag» dum javardo a afiar as presas num tronco, lá corria a cruzar-se com o alentado bruto de boca espumejante e olhos em fogo. Ou voava para onde vinha o som de cornos entrechocados entre grunhidos sibilantes - a ver de rente dois sambhurs que de cabeça baixa se entremarravam. Ou esgueirava-se a espiar na aguada Jacala, o Crocodilo, que muge como um touro. Ou desatava rapidíssimo o nó de serpentes engalfinhadas, sumindo-se na Jângal antes que o pudessem morder.

Assim correu ele aquela noite, às vezes gritando, às vezes cantando, e correu até que o cheiro das flores o avisou de que estava próximo dos pantanais, longe, muito longe da sua Jângal.

Lá também um homem criado entre homens ter-se-ia atolado de ponta-cabeça

aos primeiros passos; os pés de Mowgli, entretanto, tinham olhos, e passavam dum tufo de capim a outro, duma duna de turfa a outra, sem pedir ajuda aos olhos da cara. Correu assim até ao centro do pantanal, com esparramo das marrecas, e sentou-se num ressalto coberto de musgo emergente da água negra. O paul estava alerta em tomo dele, porque na primavera o Povo Alado dorme pouco e bandos de asas vão e vêm dentro da noite. Nenhuma só das aves, porém, deu tento de Mowgli - nenhuma o viu sentado entre as plantas aquáticas, a trautear cantigas sem palavras enquanto examinava os pés à cata dalgum espinho. Toda sua infelicidade de horas antes como que ficara atrás na Jângal. Súbito, quando iniciou um canto de garganta cheia, a infelicidade veio de novo dez vezes pior do que antes.

Desta vez Mowgli apavorou-se.

- Aqui também! gemeu alto. Veio atrás, acompanhou-me!... e espiou sobre os ombros se alguém o seguia. Ninguém. Os ruídos noturnos do pântano continuaram sem que nenhum animal ou ave lhe dirigisse a palavra. O seu sentimento de infelicidade cresceu.
- Comi veneno, sem dúvida! murmurou com voz quebrada de pânico. Despercebidamente comi veneno e minha força vai-se extinguindo. Tive medo - e não era «eu» quem tinha medo! Eu, Mowgli, tive medo, senti medo quando os dois lobinhos lutaram. Akela, ou mesmo Fao, os teria feito obedecer e no entanto eu, Mowgli, tive medo e não fui obedecido! Sinal seguro de que comi veneno... Mas que fazem eles na Jângal? Cantam, uivam, lutam, e correm em bandos ao luar - e eu - «Hai-mai»! - morro neste pântano do veneno que comi. Tão mortificado estava que por pouco não chorou.
- E depois, prosseguiu, êles me encontrarão estendido na água negra... Não! Não! Voltarei à minha Jângal para morrer na Roca do Conselho - e Bagheera, que tanto amo, se não andar por longe miando nos vales, talvez guarde meu corpo para que Chil não o use como usou o de Akela.

Lágrimas grossas e quentes rolaram sobre seus joelhos e, miserando como se sentia, Mowgli viu alguma felicidade em ser assim miserando - se podeis entender esta sorte de felicidade.

- Como Chil usou Akela na noite em que salvei o bando das garras dos dholes! repetiu. Depois calou-se uns instantes, a recordar as últimas palavras do Lôbo Solitário. Akela disse-me antes de morrer coisas bem estranhas. Disse que... Não! Não! Não sou homem, não! Sou da Jângal!...

Na sua excitação, ao recordar a luta nos bancos de areia do Waingunga, escaparam à boca de Mowgli esse protesto e essa afirmativa em voz gritada. Uma búfala, longe, no ervaçal viçoso, ergueu-se nos joelhos e mugiu:

- Homem!
- Uhh! exclamou Mysa, o Búfalo Selvagem, despegando se com estrondo do seu lameiro. Não é homem, não, e sim o lobo pelado da Alcatéia de Seeonee. Em noites como esta costuma errar pela Jângal.
- Uhh! respondeu a búfala baixando de novo a cabeça para o capim. Julguei que fosse homem.
- Não é. Oh, Mowgli, estás em perigo? mugiu Mysa dirigindo-se ao rapaz.

- Oh, Mowgli, estás em perigo? repetiu este com sarcasmo. É tudo quanto Mysa pensa: perigo! Mas a quem importa o Mowgli que anda de lá para cá na Jângal à noite?
- Como está falando alto! observou a búfala.
- É assim que choram os que arrancam o capim mas não sabem comê-lo, explicou Mysa com desprezo.
- Por menos do que isto, gemeu Mowgli para si próprio, por menos do que isto nas últimas chuvas expulsei Mysa do seu lameiro e o fiz cruzar os pântanos em fuga louca.

Sua mão espichou-se para colhêr uma folha qualquer, parando a meio caminho. Mowgli suspirou. Mysa continuava a mascar seus capins em companhia da búfala.

- Não, não morrerei aquil berrou Mowgli com ímpeto. Mysa, que é do mesmo sangue de Jacala e o do porco, ver-me-ia morrer. Vou safar-me do pântano e ver o que acontece. Jamais corri uma corrida da primavera assim - com o corpo quente e frio a um tempo. Upa, Mowgli!

Mowgli não resistiu à tentação de cortar pelas moitas de Mysa e cutucá-lo com a ponta da faca. O enorme touro despegou-se da lama com estouro, enquanto o rapaz se ria à vontade.

- Conta agora que o lobo pelado de Seeonee já uma vez te farpeou, Mysa!
- Lobo tu? mugiu o touro chapinhando no lamaçal. Toda a Jângal sabe que foste pastor de gado manso. Tu, da Jângal? Que caçador da Jângal ter-se-ia esgueirado até aqui, qual cobra, e por brincadeira - brincadeira de chacal – me teria vexado diante da companheira? Vem para terreno firme que eu. . . que eu.

Mysa espumejava de cólera, pois era talvez o animal de pior temperamento da Jângal. Mowgli viu-o em ponto de explosão, com aquêles olhos que nunca mudam. Quando pôde fazer-se ouvido, perguntou:

- Que antro de homens há aqui por perto, Mysa? Desconheço esta Jângal.
- Segue para o norte, rugiu o colérico búfalo, que havia sido espetado um tanto fundo. Vai para lá e conta aos da aldeia da tua má ação junto a esta búfala.
- A Alcatéia dos Homens não gosta de histórias da Jângal, nem penso eu, Mysa, que uma simples arranhadura em teu corpo seja matéria para reunião de Conselho. Mas irei ver a aldeia. Devagar! Devagar! Não é todas as noites que o Senhor da Jângal vem farpear-te!

Mowgli caminhou pela beirada do pântano, sabendo que Mysa nunca o atacaria ali, e seguiu rindo-se da cólera do touro.

- Minha força não se foi de todo, disse consigo. O veneno ainda não alcançou o osso. Lá está uma estrela bem baixa!...

Mowgli olhou-a pelo canudo da mão.

- Pelo Touro que me comprou! É a Flor Vermelha - a Flor Vermelha que deixei atrás de mim quando me mudei para a Alcatéia de Seeonee. Agora, que a vejo de novo, vou pôr fim à minha corrida.

O pântano dava para uma dilatada planície onde outras luzes piscavam. Muito tempo fazia que Mowgli se desapegara dos homens, mas naquela noite a Flor Vermelha o atraiu.

- Irei ver se a Alcatéia dos Homens mudou, disse ele.

Esquecido de que não estava na sua Jângal, onde podia fazer o que quisesse, Mowgli trotou descuidado pela macega úmida até alcançar a cabana donde vinha a luz. Três ou quatro cães latiram. Era nos subúrbios duma aldeia.

- Ho! fêz Mowgli sentando-se sem rumor após haver emitido um profundo uivo de lobo que fêz calarem os cães. O que está para vir, virá. Mowgli, Mowgli, que tens tu a fazer nos antros da Alcatéia dos Homens? e ao dizer isso esfregou os lábios no ponto em que uma pedra os alcançara, anos atrás, no dia em que o expulsaram da aldeia de Buldeo.

A porta da cabana abriu-se e uma mulher espiou no escuro. Dentro, uma criança rompeu em manha.

- Dorme, disse a mulher. Foi algum chacal que uivou para os cães. Dorme, que o dia não tarda.

Escondido na macega, Mowgli tremeu tremura de febre. Aquela voz! Aquela voz ele a conhecia! Mas para melhor se certificar, gritou baixinho, surpreso de ver como a língua dos homens lhe vinha fácil:

- Messua! Messua!
- Quem chama? indagou a mulher com voz trêmula.
- Já esqueceste? respondeu Mowgli de garganta apertada.
- Se és tu, que nome devo dar-te? Dize! Perguntou Messua com a porta entreaberta e uma das mãos no peito.

- Nathoo! respondeu Mowgli, pois, como todos sabem, foi esse o nome que lhe dera Messua quando o encontrou da primeira vez.
- Vem, meu filho! a mulher chamou - e Mowgli veio e pôs os olhos na que tinha sido boa para ele e que ele salvara da sanha dos da aldeia. Estava mais velha, com os cabelos grisalhos, mas sem mudança nos olhos nem na voz. Feminilmente Messua esperara encontrar Mowgli como o deixara e seus olhos espantavam-se de ver um homem feito, cuja cabeça batia no portal.
- Meu filho! murmurou tonta; e depois, num deslumbramento: Mas não é meu filho. É um deus da Jângal! Ai!

De pé, ao clarão da lâmpada, forte, alto e belo, os longos cabelos negros a lhe caírem sobre os ombros e a cabeça coroada de jasmins, Mowgli podia realmente ser tomado por um deus da Jângal. A criança meio adormecida no catre próximo ergueu-se e gritou apavorada. Messua foi sossegá-la, enquanto Mowgli, de pé olhava para as vasilhas d'água e panelas, bancos e mais tralha doméstica, de que se recordava muito bem.

- Que queres tu, comer ou beber? sussurrou Messua. Tudo aqui é teu. A ti devemos nossas vidas. Mas és mesmo aquêle a quem chamávamos Nathoo ou és um deus da Jângal?
- Sou Nathoo, respondeu Mowgli. Alonguei-me muito da minha Jângal, vindo aos pântanos. Avistei luz de longe e aqui estou. Não sabia quem morava nesta cabana.
- Depois que viemos para Khanhivara, disse Messua timidamente, os inglêses quiseram ajudar-nos contra a gente perversa da outra aldeia, lembras-te?
- Nunca me esqueci.
- Mas quando a Lei Inglêsa ia agir e voltamos com ela para a aldeia da gente que nos quis queimar nada mais encontramos.
- Também disso me recordo, murmurou Mowgli com um frêmito nas narinas.
- Meu homem, então, começou a trabalhar nestes campos e finalmente - porque era de fato homem rijo - adquirimos um pouco de terra. O lugar não era rico e fértil como lá, mas necessitávamos de pouco, nós dois sós.
- Onde está ele, o homem que cavava no chão naquela noite de medo?
- Morreu faz um ano.
- E este menino?
- Meu filho, nascido duas chuvas passadas. Se tu és um deus, dá-lhe o Favor da Jângal para que sempre esteja seguro no meio do teu... do teu povo - como nos sentimos seguros no dia da fuga.

Messua ergueu nos braços a criança que, esquecida do medo, procurou brincar com a faca que pendia do peito de Mowgli.

- E se és o meu Nathoo que o tigre raptou, prosseguiu Messua, tens nele teu irmão mais novo. Dá-lhe tua bênção de irmão mais velho.
- «Hai-maii» Que sei eu disso que chamas bênção? Não sou nem um deus, nem seu irmão e... Mãe, mãe, meu coração está pesado dentro de mim!...
- É febre, disse Messua. Isso vem de andares pelo pantanal à noite. A febre te penetrou até ao tutano dos ossos.

Mowgli sorriu à idéia de que qualquer coisa na Jângal lhe pudesse causar dano.
- Farei fogo e te darei a beber leite quente. Tira da cabeça a coroa de jasmins; o cheiro é muito forte para esta salinha tão pequena.

Mowgli sentou-se, murmurando coisas para si, com o rosto nas mãos. Sensações jamais sentidas o invadiram, exatamente como se estivesse envenenado. Bebeu o leite morno em tragos lentos, enquanto Messua a espaços lhe batia no ombro, mal segura ainda de que fosse Nathoo ou algum maravilhoso gênio da Jângal, embora contente de verificar que pelo menos de carne ele era.

- Filho, disse-lhe por fim com os olhos brilhantes de orgulho, ainda ninguém te falou que és o mais belo dos homens?
- Hah? exclamou Mowgli, que naturalmente jamais ouvira uma opinião a seu respeito.

Messua sorriu, carinhosa e feliz. Olhar para ele lhe era a felicidade.
- Sou então a primeira criatura que te diz isso? Bem. Embora as mães sempre digam lindas coisas dos seus filhos, tu és realmente belo. Nunca meus olhos viram um homem como tu!

Mowgli torceu a cabeça e procurou ver-se a si próprio, ombro abaixo.
Messua riu tanto que ele, sem saber por que, riu também - e a criança foi de um para outro igualmente a rir.

- Não te rias de teu irmão, disse-lhe Messua aconchegando-a ao peito. Quando fores metade tão belo quanto ele, casar-te-ei com a filha mais moça dum rajá - e passearás montado em elefantes.

Mowgli não entendeu mais que uma de cada três palavras ditas por Messua. O leite quente começou a fazer efeito em seu organismo cansado da dura corrida. Mowgli deitou-se e instantes depois mergulhava em profundo sono. Messua, feliz, afastou-lhe os cabelos da testa e agasalhou-o. Dormiu ele à moda da Jângal, toda a noite e todo o dia seguinte; seu instinto o advertira de que nenhum perigo o ameaçava ali. Despertou finalmente e dum salto que estremeceu a cabana: o lençol com que Messua o cobrira fizera-o sonhar de trapas e mundéus. Despertou de faca na mão, pronto para a luta.

Messua sorriu e depos diante dele a refeição da tarde, composta de bolos cozidos e um pouco de tamarindo em conserva - o necessário para lhe escorar o estômago até à hora da caçada noturna. O cheiro que vinha dos pantanais fazia-o faminto e inquieto. Mowgli precisava terminar sua corrida da primavera, mas a criança insistia em sentar-se-lhe nos joelhos e Messua quis pentear-lhe a cabeleira. E cantou cantigas ingênuas enquanto o penteava, ora chamando-lhe seu filhinho, ora implorando-lhe que desse à criança um pouco do seu prestígio na Jângal. A porta da cabana estava fechada, mas Mowgli ouviu fora um som muito seu conhecido que fez o queixo de Messua cair de medo. Peluda pata se introduziu por debaixo da porta.

- Espera, Irmão Gris. Tu não vieste quando te chamei, disse-lhe Mowgli na linguagem da Jângal sem voltar o rosto. A pata do lobo desapareceu de sob a porta.
- Não tragas nunca os teus companheiros, sim? pediu Messua tímida. Eu... nós sempre vivemos em paz com a Jângal.

- E em paz viverá, disse Mowgli erguendo-se. Lembras-te daquela noite no caminho de Khanhivara? Havia dezenas e dezenas de animais como este, adiante e atrás de ti. Mãe, já me vou.

Messua pôs-se ao lado de Mowgli humildemente – na realidade era ele um deus da Jângal! Mas quando o viu abrir a porta para ir-se, a mãe que havia dentro dela a fez abraçá-lo várias vezes.

- Volta, sim? pediu com carinho. Filho ou não filho, volta, porque eu te amo. Olha, também ele sente...

A criança chorava ao ver que o homem da linda faca saía.

- Volta outra vez, repetiu Messua. De dia ou de noite esta casa estará sempre de porta aberta para ti.

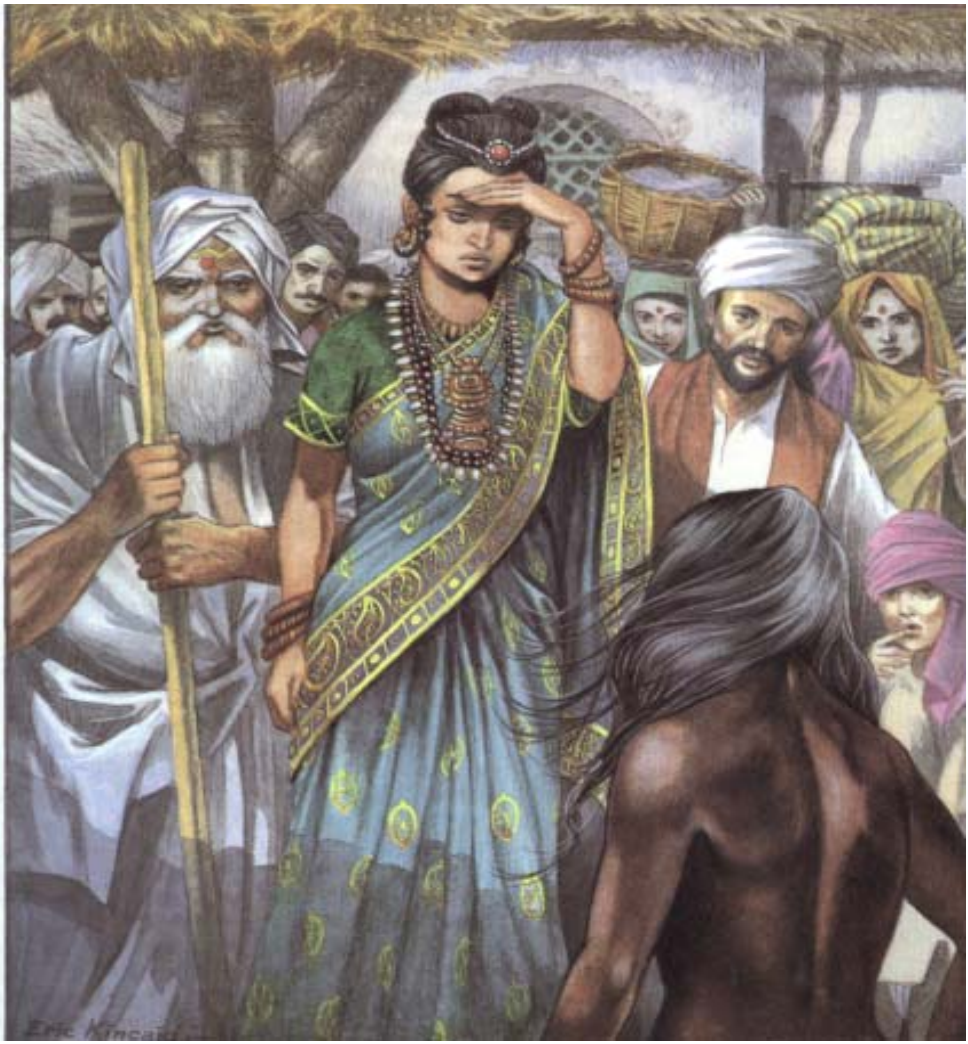
A garganta de Mowgli, apertou-se. Sua voz parecia como que arrancada à força quando respondeu: Sim, voltarei.

- E agora, murmurou depois que saiu, tenho minhas contas a ajustar contigo, Irmão Gris. Por que vós quatro não viestes quando vos chamei, há tanto tempo?
- Tanto tempo? Foi ontem! Eu.., nós estávamos cantando na Jângal os novos cantos, porque o Tempo das Falas Novas é chegado. Não te lembras?
- É verdade, é verdade...
- E logo que os cantos foram cantados, prosseguiu o Lobo Gris com vivacidade, segui teu rasto. Passei na frente dos outros e vim até cá. Mas, ó Irmãozinho, que te aconteceu que estás de novo comendo e dormindo na Alcatéia dos Homens?
- Se tivesses vindo quando te chamei, isto nunca se daria, respondeu Mowgli apressando o passo.

- E agora, como será? perguntou o lobo.

Mowgli ia responder, quando uma rapariga trajada de branco surgiu no caminho que ia ter à aldeia. O Lobo Gris imediatamente se escondeu, ao passo que Mowgli saltava para dentro dum milharal viçoso. A rapariga, surpresa, deu um grito. Depois suspirou. Mowgli seguiu-a com os olhos por entre os talos de milho até que seu vulto se perdeu ao longe.

- E agora? Agora não sei... respondeu finalmente ao lobo, também suspirando. «Por que» não vieste quando te chamei?
- Nós te seguimos.., nós te seguimos, murmurou o lobo lambendo-lhe o calcanhar. Nós te seguimos sempre – exceto na Tempo das Falas Novas.
- E me seguiríeis na Alcatéia dos Homens também?
- Não o fizemos na noite em que os de Seeonee te expulsaram do bando?
Quem te despertou quando dormias no meio das roças?
- Sim, mas me seguiríeis de novo?
- Não te segui eu esta noite?
- Mas me seguiríeis sempre, sempre, sempre, e outra vez e outra vez, e outra vez, Irmão



Gris?

O lobo calou-se por uns instantes. Quando de novo abriu a boca foi para dizer a si próprio:

- O Lobo Negro falou verdade...
- E disse que...
- ... que o homem volta para o homem, no fim Raksha, nossa mãe, também o disse.
- E Akela também, na noite do ataque dos dholes, acrescentou Mowgli.
- E também Kaa, a Serpente, que possui mais sabedoria do que todos nós.
- E tu, Irmão Gris, que dizes tu?
- Eles já te expulsaram uma vez com feios insultos. Eles te feriram nos lábios com pedras. Eles mandaram Buldeo matar-te_ Eles queriam lançar-te na Flor Vermelha, Tu, e não eu,

disseste que eles eram maus e insensatos. Tu, não eu - eu sigo meu próprio povo - foste admitido na Jângal por causa deles. Tu, não eu, compuseste cantos contra eles, ainda mais amargos do que os nossos contra os Cães Vermelhos.
- Pára! Pergunto o que dizes!

Iam conversando enquanto corriam. O Lobo Gris ficou uns instantes calado; depois falou:
- Filhote de Homem, Senhor da Jângal, Filho de Raksha. Meu Irmão da Caverna: embora eu fraqueie nas primaveras, o teu caminho é o meu caminho, o teu antro é o meu antro, a tua caça é a minha caça e a tua luta de morte será a minha luta de morte. Falo por mim e pelos outros três. Mas que irás dizer à Jângal?
- Bem pensado. Vai e reúne o Conselho na Roca, que quero dizer a todos o que tenho no estômago. Mas talvez não compareçam: no Tempo das Falas Novas todos se esquecem de mim...
- Só isso? gritou o lobo, pondo-se em marcha e afastando-se do pensativo Mowgli.

Em qualquer outra estação aquela novidade teria reunido na Roca todo o Povo da Jângal - mas era o Tempo das Falas Novas e andavam dispersos, caçando, lutando, cantando, matando. De um para outro corria o Lobo Gris com a nova:

- O Senhor da Jângal volta para os homens!

E os animais felizes respondiam:

- Retornará pelos calores do verão, quando vierem as chuvas. Vem cantar conosco, Irmão Gris.
- Mas o Senhor da Jângal volta para os homens! Repetia aflito o lobo.
- Eee-Yoawa? O Tempo das Falas Novas perde alguma coisa com isso? respondiam-lhe.

Desse modo, quando Mowgli, de coração pesado, chegou à Roca, onde, anos atrás, fora trazido ao Conselho, apenas encontrou os Quatro, Baloo que já estava quase cego e a pesada Kaa enrodilhada sobre a laje de Akela.

- Termina então aqui teu caminho, Homenzinho? perguntou a serpente logo que Mowgli se sentou, com as faces nas mãos. Grita o teu grito! Somos do mesmo sangue, eu e tu - homens e serpentes!
- Por que não morri nas garras dos dholes? gemeu Mowgli. Minha força esvaiu-se e não foi veneno. Dia e noite ouço um passo duplo no meu rasto. Quando volto a cabeça, sinto que alguém se esconde de mim. Procuro por toda a parte, atrás dos troncos, atrás das pedras, e não encontro ninguém. Chamo e não tenho resposta, mas sinto que alguém me ouve e se guarda de responder. Se me deito, não consigo descanso. Corri a corrida do primavera e não sosseguei. Banho-me e não me refresco. O caçar enfada-me. A Flor Vermelha está a arder em meu sangue. Meus ossos viraram água. Não sei o que sei...
- Para que falar? observou Baloo lentamente, voltando a cabeça para onde estava Mowgli. Akela disse, perto do rio, que Mowgli levaria Mowgli para a Alcatéia dos Homens outra vez. Também eu o disse, mas quem ouve a Baloo? Bagheera - onde está Bagheera esta noite? - ela também o sabe. É da Lei.
- Quando nos encontramos nas Tocas Frias, Homenzinho, eu já o sabia, acrescentou Kaa, refazendo sua rodilha. Homem vai para os homens, embora a Jângal o não expulse.

Os quatro entreolharam-se e depois fixaram os olhos em Mowgli, intrigados e obedientes.

- A Jângal não me expulsa, então? sussurrou Mowgli.

O Irmão Gris e os Três uivaram furiosamente:

- Enquanto vivermos ninguém ousará...

Mas Baloo os interrompeu:

- Eu ensinei-lhe a Lei, disse. A mim cabe falar, e embora meus olhos não vejam a pedra que está perto, enxergam tudo quanto está longe. Rãzinha, toma teu trilho; faze teu ninho com esposa do teu próprio sangue e de tua própria raça; mas quando necessitares pata, dente ou olho, lembra-te, Senhor da Jângal, que toda a Jângal acudirá ao teu apelo.
- Também a Jângal Média está contigo, disse Kaa. Falo por um povo muito numeroso.
- «Hai-mai», irmãos! exclamou Mowgli espichando os braços entre soluços. Eu não sei o que sei! Não vou, não vou, não quero ir, mas sinto-me arrastado por ambos os pés. Como poderei deixar de viver estas noites da Jângal?
- Ergue os olhos, Irmãozinho, disse Baloo. Não há mal nisso. Quando o mel está comido, abandonamos os favos.
- Depois que soltamos a pele velha não a podemos vestir de novo, ajuntou Kaa. É da Lei.
- Ouve, querido de todos nós, disse Baloo. Não há nem palavra nem querer aqui que te detenha entre nós. Ergue os olhos! Quem ousará interpelar o Senhor da Jângal? Eu te vi brincando no pedregulho, lá embaixo, quando não passavas de pequenina rã; e Bagheera, que te comprou pelo preço de um Touro gordo, viu-te também. Daquela noite do «Olhai, olhai bem, ó Lobos!» só ela e eu restamos como testemunhas; Raksha, tua mãe adotiva, é morta; teu pai adotivo é morto; a velha Alcatéia daquele tempo já não existe; tu sabes o fim que teve Shere Khan e viste Akela acabar entre os dholes, os quais nos teriam destruído se não fosses tu. Só vejo ossos, velhos ossos. Hoje não é o Filhote de Homem que pede licença à sua Alcatéia - é o Senhor da Jângal que resolve mudar de caminho. Quem pedirá contas ao Homem do que êle quer ou faz?
- Bagheera e o Touro que me comprou! respondeu Mowgli. Eu jamais. . .

Suas palavras foram interrompidas por um rumor nas moitas próximas. Lépida, forte e terrível como sempre, Bagheera vinha de saltar para dentro do grupo.

- «Por isso», disse ela estirando o corpo, não vim. Andei em caçada longa, mas êle está morto na macega – um touro de dois anos: o touro que vai libertar-te, Irmãozinho!Todas as dívidas ficam assim pagas. E para mais que seja pedido, haverá a palavra de Bagheera e a palavra de Baloo.

A pantera negra lambeu os pés de Mowgli.

- Lembra-te que Bagheera te ama, disse por fim, retirando-se dum salto. No sopé da colina entreparou e gritou: Boas caçadas em teu novo caminho, Senhor da Jângal! Lembra-te sempre que Bagheera te ama.
- Tu a ouviste, murmurou Baloo. Nada mais há a dizer. Vai agora, mas antes vem a mim. Vem a mim, ó sábia Rãzinha!
- É difícil arrancar a pele, murmurou Kaa, enquanto Mowgli rompia em soluços com a

cabeça junto ao coração do urso cego, que experimentava lamber-lhe os pés.
- As estrelas desmaiam, concluiu o Lôbo Gris, de olhos erguidos para o céu. Onde me aninharei amanhã? Porque doravante os caminhos são novos...

Esta é a última das histórias de Mowgli.

## Canto final

### *BALOO*

*Por amor de quem um dia*
*Mostrou, Rã, segura via*
*Por Baloo, ouve: Respeiia*
*A lei pelos homens feita.*
*Clara ou não, seja qual for,*
*Segue-a com maior fervor,*
*Brilhe o sol e seja dia,*
*Seja então noite sombria*
*Sem pai-a os lados olhar.*
*Por quem é capaz de amar*

*A ti sobre todo o mundo,*
*Se os teus te ferirem, fundo,*
*Dize: Canta, Tabaqui!*
*Se quiserem te magoar:*
*Shere Khan pode matar!*
*Se o punhal se ergue tremendo*
*Vai à lei obedecendo.*
*(Palma, baga, mel, raiz,*
*Guarda do mal o petiz).*
*Água e lenho, árvore e vento*
*convosco o favor da Jângal*
*Siga por esse momento.*

### *KAA*

*O ódio é o ovo do Terror -*
*Sem pálpebra o olho vê melhor.*
*Veneno de cobra não cura.*
*Fala de cobra - oh, coisa obscura -*
*E a força sempre se associa*
*Por essa terra à cortesia.*
*Sobre um ramo que apodreceu*
*Não deixeis nunca o peso teu.*
*Mede a tua fome estas gazelas*
*Não sufoquem olhos as goelas.*
*Dormirás depois de saciado*
*Num antro profundo e apartado,*

*De medo que a vida - ó Destino -*
*Conduza a ti teu assassino.*
*Por todos os pontos cardeais*
*Tu não irás conversar mais.*
*(Fossa ou fenda ou celeste veio,*
*Segui-o, sim, Jângal do meio).*
*Água e lenho, árvore e vento,*
*convosco o favor da Jângal*
*Siga por este momento.*

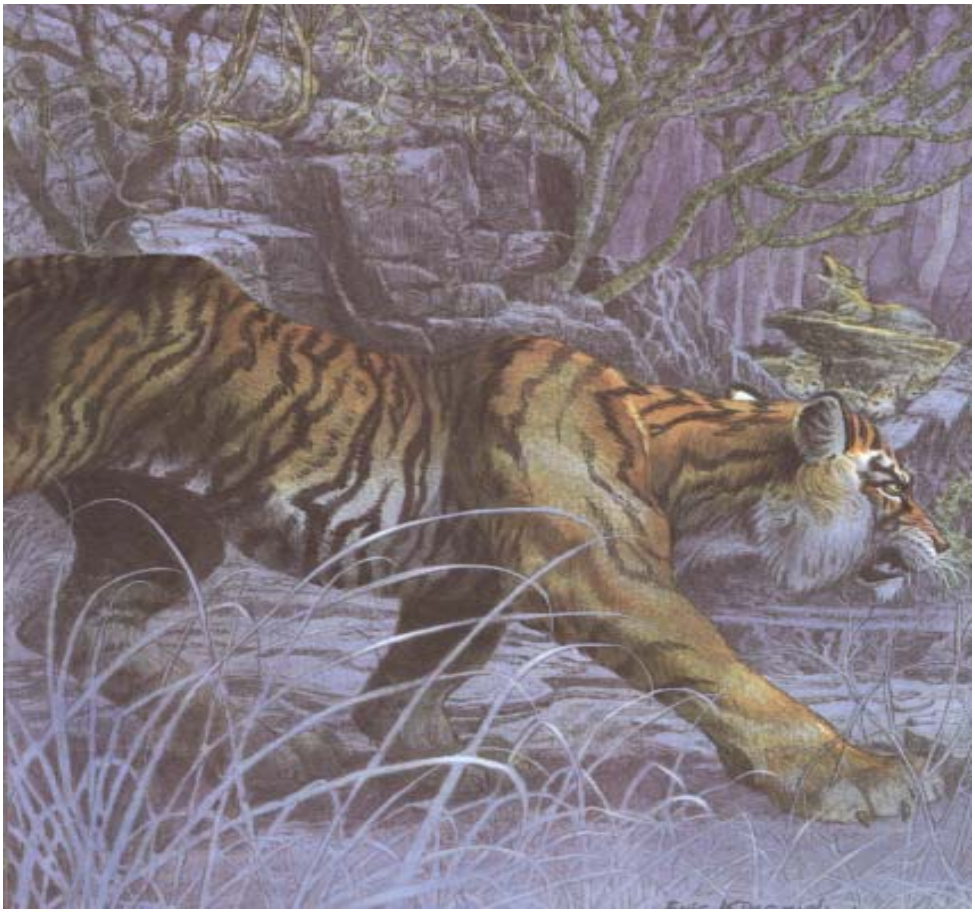
## *BAGHEERA*

*Numa gaiola eu comecei,*
*Os caminhos do homem eu sei.*
*À luz dos astros brilhantes*
*Não siga os gatos errantes.*
*Clã ou conselho, em caça ou não,*
*Os chacais eviteis então.*

*E eles comem a mudez*
*Quando dizem de uma vez:*
*"Vem a nós! É bom o trilho!"*
*Se quiserem teu auxilio*
*Contra o fraco, eles te imploram,*
*E o silêncio eles devoram.*
*Ao símio o orgulho falaz!*
*Traze a tua presa em paz.*
*Na caça nem um clamor*
*Te afaste seja como for.*
*Oh, poentes iluminados*
*Servi-os, vigias dos veadosl*
*Àgua e lenho, árvore e vento,*
*convosco o favor da Jângal*
*Siga por esse momento.*

## *OS TRÊS*

*Por teu caminho, viajor,*
*Que vai ao limiar do Terror,*
*Onde se entreabre a rubra flor;*
*Nas noites em que sonharás*
*Imerso em grande, longa paz,*
*Escutarás o teu amor.*
*Nas manhãs em que despertarei*
*cheio de penas singulares*
*Sofrendo por amor da Jângal.*
*Água e lenho, árvore e vento,*
*ciência e força e cortesia,*
*O Favor da Jângal*
*Agora vos acompanhada.*



# O ANKUS DO REI

*Quatro são as coisas nunca satisfeitas: nunca se*
*encheram depois do Primeiro Orvalho!*
*A boca de Jacala, o buxo do milhano, as mãos do*
*símio e os olhos do Homem.*
*Provérbio da Jânga!*

Kaa, a velha Serpente da Rocha, estava mudando a pele pela ducentésima vez desde o seu nascimento; e Mowgli, que jamais se esquecera de que naquela terrível noite passada nas Tocas Frias lhe ficara a dever a vida, foi levar-lhe felicitações. Mudança de pele sempre torna as serpentes mal-humoradas e deprimidas, estado de ânimo que perdura até que a nova vestimenta brilhe em toda a sua beleza. Kaa nunca mofou de Mowgli, antes o aceitou, a exemplo dos demais filhos da Jângal, como o Senhor, comunicando-lhe tudo o que uma Serpente do seu porte está em condições de vir a saber. O que Kaa não sabia a respeito do que chamam a Jângal Média - a vida que se desdobra em perpétuo contato com o chão, ou debaixo dele, a vida dos buracos, das tocas, dos ocos - estava entretanto escrita nas menores das suas escamas.

Aquela tarde Mowgli reclinou-se na rodilha que a Serpente enrolada fazia no solo, e suspendeu no dedo a velha pele ressêca, toda amarrotada e retorcida, que jazia entre as pedras. Kaa havia operado a muda ali. Muito cortesmente Kaa se ajeitara sob os largos ombros nus do rapaz, que ali ficou como se estivesse repousando em preguiçosa cadeira viva.

- Até às escamas rente aos olhos está perfeita, disse Mowgli examinando a pele velha. É estranho isto de vermos toda a casca do nosso corpo aos nossos pés!
- Ai, não tenho pés, disse Kaa, e como ninguém os tem na minha raça, nada acho de estranho. A tua pele não fica às vezes velha e dura?

- Quando a sinto assim, atiro-me à água; mas a verdade é que nos grandes calores muitas vezes desejei libertar-me da pele em fogo e correr pela floresta esfolado.
- Eu também me atiro à água para meus banhos, e independente disso mudo de pele. Que te parece o meu novo capote?

Mowgli correu a mão pelo dorso malhado da serpente.

- A Tartaruga tem dorso mais duro, mas não tão alegre, disse sentenciosamente. O da Rã é mais alegre, mas não tão rijo. É realmente lindo de ver-se, o teu capote - parece o pintalgado dum cálice de lírio.
- Está precisada d'água. Pele nova nunca adquire a cor definitiva antes do primeiro banho. Vamos a ele.
- Eu te carregarei, disse Mowgli baixando-se, a rir, para erguer o grande corpo de Kaa pelo meio, justamente na parte da maior grossura. Era o mesmo que tentar erguer nas mãos dois metros de mar. A serpente permaneceu de corpo mole, largada, divertida com aquilo. Depois começou a brincadeira de todas as manhãs - Mowgli, em toda a pujança da sua força, e a serpente, renascida com a muda de pele, puseram-se de pé um contra o outro para luta corpo a corpo - luta de músculo e de olhar. Kaa sem dúvida teria esmagado Mowgli e mais dez, se o rapaz lhe deixasse pega; mas tão cuidadosamente conduzia ele a luta, que nunca perdia um décimo da sua força. Como fosse Mowgli bastante forte para ser tratado com certa brutalidade, Kaa lhe ensinara aquelas defesas em que se fizera mestre. Às vezes ficava enrolado até quase à garganta pelos anéis constritores de Kaa, esforçando-se por libertar um braço a fim de segurar a serpente pela garganta. Então Kaa desatava-se flexuosamente e Mowgli, com agilíssimos pés, procurava impedi-la de firmar a cauda nalgum ressalto de rocha. E balançavam-se assim dum lado e doutro, cabeça fronteando cabeÇa, cada qual procurando tirar partido da menor chança, até que o grupo escultural se desmanchasse numa trapalhada de braços e pernas por entre movediços anéis malhados de amarelo e preto.

- Agora! Agora! Agora! exclamava Kaa, armando fintas de cabeça que as mãos rápidas de Mowgli procuravam aparar. Vê! Toquei-te no pescoço, Irmãozinho! E toquei aqui! E aqui! Estão dormindo tuas mãos? E aqui, agora! E aqui!

A luta terminava sempre da mesma maneira - com um golpe de cabeça que punha o menino fora de combate. Mowgli nunca pôde descobrir a defesa para esse fulminante ataque - e era inútil tentar descobri-la, dizia Kaa.

- Boa caçada! silvou Kaa por fim, e Mowgli, como sempre, foi lançado a alguns metros de distância, ofegante, mas a rir. Ergueu-se com os dedos cheios do capim a que se agarrara e seguiu Kaa rumo ao seu predileto ponto de banho – um profundo poço de águas negras, rodendo de pedras limosas. Raizame de velhos troncos semi-imersos davam aspecto pitoresco ao banheiro. O rapaz escorregou para dentro d'água à maneira da Jângal, isto é, sem o menor rumor, e mergulhou; emergiu depois, sempre silenciosamente, e boiou com as mãos cruzadas na nuca e os olhos na lua que se erguia por cima das pedras. Com os dedos dos pés quebrava os reflexos da luz n'água. A cabeça nítida de Kaa cortou o líquido como navalha e veio repousar no ombro de Mowgli. Ficaram ambos imóveis, embebidos com deleite na água fria.
- É realmente bom, disse por fim Mowgli sonolentamente. A estas horas, já na Alcatéia

dos Homens, deitam-se eles em jiraus duros e, depois de fechadas todas as portas e janelas dos mundéus de barro em que vivem, para que nenhum ar puro penetre, cobrem as cabeças com sujos panos e sonham maus sonhos, que saem pelo nariz em roncos. Muito melhor a vida na Jângal.

Uma apressada cobra deslizou para a beira d'água, bebeu, deu-lhes «Boa caçada!» e foi-se.

- *Sssh!* silvou Kaa, como a recordar-se de alguma coisa. Com que então toda a Jângal te dá o que sempre desejaste, Irmãozinho?
- Não tudo, observou Mowgli sorrindo; fosse assim, e haveria na Jângal um novo Shere Khan, forte bastante para caçar até a lua. Mas hoje posso matar o que quero sem pedir auxílio a búfalos. Nunca volto de mãos vazias.
- Não tens nenhum desejo? perguntou a serpente.
- Que mais poderia desejar? Tenho a Jângal e o favor da Jângal! Haverá mais alguma coisa no mundo?

Kaa começou:
- E então a Cobra disse...
- Que cobra? interrompeu Mowgli. Esta que aqui apareceu inda há pouco? Estava caçando?
- Outra cobra.
- Tu lidas muito com o Povo Venenoso. Eu evito-o. Levam a morte nas presas e isto não é bom - sendo criaturas muito pequeninas. Mas que cobra é essa de que falas?

Kaa circulou lentamente no pescoço, como um navio no mar. Depois disse:

- Três ou quatro luas passadas fui caçar nas Tocas Frias, que conheces, e a «coisa» que eu perseguia fugiu, ganindo, para aquela casa cuja parede derrubei para salvar-te. Fugiu e mergulhou na terra.
- Mas o povo das Tocas Frias não vive em buracos, observou Mowgli, visto que Kaa se referia ao Povo Macaco.
- Aquela «coisa» procurava viver, disse Kaa com um tremor na língua. Correu a meter-se num buraco que ia longe. Alcancei-a, depois de matá-la, dormi. Quando despertei, segui para adiante.
- Debaixo da terra?
- Sim, e fui até encontrar a Cobra Branca, a qual me falou de coisas acima da minha compreensão e mostrou-me outras que eu nunca vira antes.
- Caça nova? Boa caça? perguntou vivamente Mowgli.
- Não era caça - e nelas se teriam quebrado todos os meus dentes;mas a Cobra Branca disse que qualquer homem - ela falava como quem conhece a raça - que qualquer homem daria as próprias costelas apenas para ver aquilo.
- Precisamos ir lá, disse Mowgli. Agora me lembro que já fui homem.
- Devagar, devagar. Foi a pressa que matou a Serpente de Ouro, que comeu o sol.
Mas conversamos dentro do buraco sobre ti, Irmãozinho. Disse a Cobra Branca, que é realmente tão velha quanto a Jângal. «Faz muito tempo que não vejo um homem. Traze-o a esse aqui, para que contemple todas estas coisas pelas quais os homens se matam».
- Essas coisas «devem» ser caça nova! disse Mowgli sempre com a mesma idéia.
- Não é caça. É.., é... não sei dizer o que é.

- Vamo-nos para lá. Nunca vi a Cobra Branca e desejo conhecer essas outras coisas. Havia ela matado essas coisas?
- São coisas sem vida. A Cobra Branca não passa de guardiã delas.
- Ah! Fica como lobo sobre a carne que traz para a caverna! Pois vamos vê-la.

Mowgli nadou até a margem e deixando a água rolou na areia para enxugar-se; em seguida dirigiram-se os dois pára as Tocas Frias, a Cidade Perdida onde Mowgli já estivera. Mowgli ficara sem o menor medo aos macacos desde aquêle dia, mas o Povo Macaco tinha-lhe pavor. As várias tribos dos «Bandar-log» estavam naquele dia correndo a Jângal, de modo que as Tocas Frias apareceram desertas sob o luar. Kaa dirigiu-se às ruínas do pavilhão da rainha, que ficava no terraço; deslizou sobre a caliça morta e mergulhou pela semidesfeita escadaria, cujo patamar era no centro do pavilhão.

Lá Mowgli desferiu o Grito das Serpentes: «Somos do mesmo sangue, eu e vós», e seguiu Kaa de rasto. Ambos se esgueiraram durante muito tempo por uma passagem em declive ziguezagueante, até chegarem a um ponto onde a raiz de alguma grande árvore, que se erguia lá fora sobre suas cabeças, deslocara os sólidos blocos de pedra do muramento. Passando pela abertura assim feita, alcançaram uma ampla cava de teto igualmente rompido em vários pontos pelas raízes das árvores sobrejacentes. Por essas fendas uma pouca de luz filtrava-se na escuridão.

- Bom antro, mas muito afastado para ser-nos útil, disse Mowgli erguendo-se de pé. E agora? Que temos por aqui?
- Não serei eu alguma coisa? foi a resposta duma voz saída do meio da cava.

Mowgli viu algo branquicento mover-se, até que, pouco a pouco, teve diante dos olhos, ereta, a maior cobra que jamais vira, branqueada inteira, dum branco pálido de velho marfim, pela longa vida na escuridade. Até as marcas do seu capelo distendido pelejavam para o mais desmaiado amarelo.

Seus olhos eram rubis.

- Boa caçada! disse-lhe Mowgli, que nunca abandonava as suas boas maneiras - nem a sua faca.
- Que tal a cidade? perguntou a Cobra Branca sem responder à saudação. Que tal a grande cidade murada, a cidade de cem elefantes e vinte mil cavalos e gado inúmero - a cidade do Rei de Vinte Reis? Fiquei surda aqui, creio, porque de há muito não ouço o som dos gongos de guerra.
- Na Jângal, que fica sobre as nossas cabeças, não há nenhuma cidade, respondeu Mowgli. De elefantes só conheço Hathi e seus filhos. Bagheera matou todos os cavalos que havia e.. . que quer dizer Rei?
- Já te disse, observou Kaa para a Cobra Branca, já te disse, quatro luas atrás, que a cidade não existe.
- A cidade - a grande cidade da floresta cujas portas são guardadas pelas torres do Rei - não pode deixar de existir. Eles a construíram antes que o pai de meu pai saísse do ovo e ela durará enquanto os filhos de meus filhos forem brancos como sou. Salomdhi, filho de Chandrabija, filho de Viyeja, filho de Yegasuri, erigiu-a nos tempos de Bappa Rawal. Que espécie de gado és tu?
- Pista perdida. Não entendo nada do que ela diz, observou Mowgli voltando-se para Kaa.

- Nem eu. Está muito velha. É a Mãe das Cobras.
- Quem é «êsse», disse a Cobra Branca, que se senta diante de mim sem medo nenhum, que desconhece o nome do Rei e assobia a nossa linguagem por entre lábios de homem? Quem é esse que usa faca e sabe a língua das cobras?
- Mowgli me chamam, foi a resposta. Sou da Jângal. Os lobos são a minha raça e aqui, Kaa, é minha irmã. Mãe das Cobras, quem és tu?
- Sou Guardiã dos Tesouros do Rei. O Rajá Kurrun construiu esta abóbada sobre mim, nos tempos em que minha pele era colorida, para que eu aqui ficasse a ensinar a morte aos que aparecessem. Depois seus homens derramaram tesouros dentro da cava e ouvi o canto dos Brâmanes, meus senhores.
- Hum! murmurou Mowgli para si próprio ao ouvir falar em Brâmane. Já lidei com um na aldeia e sei o que valem. Uma calamidade qualquer vai cair sobre nós.
- Cinco vezes, desde que estou aqui, foi a pedra de fecho erguida, mas sempre para dar entrada a mais tesouros, nunca para retirar algum. Não existe riqueza igual a este tesouro de cem Reis. Mas já faz muito tempo que a pedra não é levantada e penso que minha cidade está esquecida.
- Não há cidade nenhuma, insistiu Kaa. Olha para cima. Raízes de árvores deslocam as pedras. Árvores e homens não vivem juntos, bem sabes.
- Duas, três vezes homens apareceram por aqui, respondeu com aspereza a Cobra Branca, mas nunca falavam antes que eu me chegasse a eles, tateando no escuro - e então gritavam todos a um tempo - por pouco tempo. Mas tu vens com mentiras, tu, Homem-Cobra, e queres que eu creia que a cidade não existe e que minha função de guarda não tem mais motivo de ser! Pouco mudam os homens com o tempo. Mas «eu» não mudo nunca! Enquanto os Brâmanes não voltarem cantando os cantos que sei, e me alimentarem com leite morno e me levarem para a luz novamente, Eu, Eu, «Eu» e ninguém mais, serei a Guardiã dos Tesouros do Rei. A cidade está morta e as raízes das árvores o provam? Entra, então, e tira o que quiseres. Não existem tesouros iguais a estes. Homem com língua de serpente, se saíres vivo por onde entraste, o Rei será teu escravo.

- Está perdida a pista, murmurou Mowgli friamente. Terá algum chacal mordido esta grande cobra capelo? Está louca, sem dúvida nenhuma. Mãe das Cobras, nada vejo aqui que valha a pena levar.
- Pelos Deuses do Sol e da Lua, a loucura da morte caiu sobre o rapaz! silvou a cobra. Antes que teus olhos se fechem vou favorecer-te com a visão do que homem nenhum, viu ainda.
- Não anda bem na Jângal quem fala a Mowgli de favores, rosnou o rapaz entre dentes, mas as trevas tudo mudam, eu sei. Verei isso se te dá prazer.

Mowgli correu os olhos pela cova e depois ergueu do solo um punhado de coisas rebrilhantes.

- Oh! exclamou êle, isto me lembra os discos que circulam na Alcatéia dos Homens. A diferença única é que estes são amarelos e os de lá eram pardos.

Mowgli deixou cair as moedas que apanhara e caminhou para diante. O chão mostrava-se atulhado, na altura de cinco ou seis pés, de moedas de ouro e prata, extravasadas dos sacos onde primitivamente foram contidas. Com os anos o metal havia-se acamado, qual areia da praia depois que a onda se retira. Dessa cama de ouro e prata

erguiam-se, como destroços semi-enterrados se erguem na areia, howdahs(1) de prata embossada, com arabescos de ouro embutido e cravejamento de carbúnculos e turquesas. Havia palanquins e liteiras de rainhas, de prata e esmalte, com tirantes de jade e argolame das cortinas de âmbar; castiçais de ouro com anteparos feitos de grandes safiras furadas; imagens de deuses esquecidos, com cinco pés de altura, feitas de prata e com olhos de gema; cotas de malha de ouro entremeado com aço e franjadas de pérolas; elmos incrustados de rubis sangue de pombo; escudos de laca, de tartaruga, de couro de rinoceronte, embutidos de ouro e pedrarias; punhos de espadas rutilantes de gemas, adagas, facas de caça; vasos de ouro para sacrifícios e caçoulas e altares portáteis de formas que nunca viram a luz do dia; taças de jade e braceletes; turíbulos, pentes, vasos de perfume, vasos de hena e de pós para os olhos, tudo de ouro; anéis para o nariz, pulseiras, diademas, brincos sem conta; cintos largos embutidos de fieiras de diamantes, esmeraldas e rubis; grandes caixas com a madeira já reduzida a pó mostrando as reservas de safiras, opalas, olhos-de-gato, rubis, diamantes, esmeraldas e águas-marinhas em estado bruto.

A Cobra Branca tinha razão. Dinheiro nenhum pagaria o valor daqueles tesouros, que representavam séculos de pilhagens na guerra, de exações, de roubos, de compras. As moedas por si já eram sem preço; as pedrarias ficavam fora de qualquer conta. O peso bruto do ouro e prata representaria muitas toneladas. Cada rajá na Índia de hoje, embora pobre, possui sempre um tesouro que não cessa de aumentar, e embora de vez em quando mande um deles quarenta ou cinqüenta carros de prata para ser trocada por títulos do Governo, o total desses tesouros fica desconhecido.

Mowgli naturalmente não compreendeu o que aquelas coisas significavam. As facas o interessaram, mas não tinham o bom jeito da sua, de modo que

as lançou fora. Por fim encontrou algo realmente fascinante, encostado a um dos howdahs semi-imersos no lastro de moedas. Era um «ankus» de três pés, ou aguilhão para elefantes, que lembrava um gancho de bote. No topo encastoava-se um enorme rubi redondo; oito polegadas abaixo, no cabo, havia uma larga cercadura de turquesas brutas, embutidas fundo, que dava muito cômodo ao pegar; mais abaixo, um volteio de jade esculpido de flores de rubi e folhas de esmeralda. O resto do cabo fora feito de puro marfim. A ponta - o espeto e o gancho - eram de aço embrechado de ouro, com lavrados representando caçadas de elefantes. Os desenhos seduziram Mowgli, que viu algo relembrativo de seu amigo Hathi, o Silencioso.

A Cobra Branca o seguia rente.

- A visão disto não vale a morte? perguntou ela, Não te fiz eu um grande favor?
- Não te compreendo, respondeu Mowgli. Estas coisas são duras e frias, de nenhum modo boas para comer. Mas isto - e dizendo-o ergueu do monte o ankus - vou levar comigo para o examinar à luz do sol. Disseste que era tudo teu. Dá-me isto, que te trarei três rãs para comer.

A Cobra Branca estremeceu com perverso deleite.

- Certo que te darei, disse. Tudo que está aqui te darei, enquanto aqui estiveres.
- Mas vou-me indo. Este lugar é muito escuro e frio e desejo levar já o gancho para a Jângal.
- Olha para rente a teus pés. Que vês?

Mowgli apanhou um objeto branco e liso.

- Parece crânio de homem, respondeu calmamente. E ali adiante vejo mais dois.
- São dos homens que vieram roubar o tesouro, anos atrás. Falei-lhes no escuro - e eles silenciaram para sempre.
- Mas para que quero isto que chamas tesouro? Se me dás o ankus, ficarei agradecido. Se não, ficarei agradecido do mesmo modo! Não brigo com o Povo Venenoso, do qual sei a Palavra Mestra.
- Aqui não valem palavras mestras, Só vale a minha palavra.

Kaa avançou com os olhos em fogo.

- Quem me pediu que o trouxesse? silvou ela.
- Eu, certamente, assobiou a cobra. Fazia muito que não avistava um homem e esse, além do mais, sabia nossa língua.
- Mas não foi para que o matasses! Como posso voltar para a Jângal e dizer que eu mesma o trouxe para a morte? silvou Kaa.
- Não falei em mata-lo antes que fosse tempo, e, quanto a voltares para a Jângal, está ali uma passagem às ordens. Paz, paz, Senhora Come-Macacos! Basta que eu toque na tua cabeça e jamais a Jângal ouvirá falar de ti. Sou a Guardiã dos Tesouros do Rei.
- Mas, ó verme branco das trevas, já te disse e redisse que não há mais nem rei, nem cidade em cima de nós! Gritou Kaa.
- Há ainda o tesouro. Espera um pouco, minha Kaa das Rochas, e assiste à corrida do

rapaz. Há aqui bom espaço para o esporte. A vida é boa. Corre de lá para cá por uns instantes, rapaz. Treina os músculos.

Mowgli pousou a mão na cabeça de Kaa.

- Essa brancura só lidou até agora com homens da Alcatéia. Não me conhece. Quer luta. Pois que a tenha, sussurrou ele.

Mowgli estava de pé, com o ankus mantido de ponta para baixo. Lançou-o, num golpe instantâneo. O ankus caiu de través logo abaixo do capelo da cobra e a fixou no chão. Quase ao mesmo tempo Kaa empregava todo o peso do seu corpo em paralisar os movimentos convulsos da cobra, da ponta da cauda à cabeça.

- Mata! ordenou Kaa a Mowgli, que estava de faca em punho.
- Não, respondeu ele. Nunca matarei senão por fome, Mas olha, Kaa! disse agarrando a cobra pela garganta, forçando-a a abrir a boca com a lâmina da faca mostrando os terríveis dentes da maxila superior já estragados.

A Cobra Branca havia vivido mais do que seu veneno.

- «Thuu» (está sêco), disse Mowgli.

E, movendo Kaa dali, tirou o ankus de cima da Cobra Branca, que coleou livre.

- Os Tesouros do Rei precisam de novo guarda, disse ele gravemente. Thuu, tu não te comportaste bem. Vamos! Corre de lá para cá por uns instantes, Thuu! Treina os músculos, Thuu!
- Desgraçada que sou! Mata-me! silvou a Cobra Branca.
- Já muito falamos de matar. Chega. Vou-me embora, Thuu, e levo comigo este gancho, porque lutei e te venci.
- Cuidado que não te mate ele, por fim! Esse objeto significa Morte! Lembra-te, é a Morte! Basta para matar todos os homens da minha cidade. Não o reterás por muito tempo, Homem da Jângal, nem aquêles que o obtiverem de ti. Eles irão matar, matar, matar para salvação própria! Minha força de veneno extinguiu-se mas o ankus fará o trabalho que já não posso fazer. Ele é Morte! Ele é Morte! Ele é Morte!

Mowgli tomou o caminho por onde viera, de rasto e ao sair dali a última visão que teve foi da Cobra Branca mordendo furiosamente a cara dos deuses caídos por terra.
- Ele é Morte! continuava ela a silvar.
Ambos sentiram prazer em alcançar de novo a luz do dia e quando chegaram à sua Jângal, Mowgli fez o ankus brilhar ao sol da manhã e mostrou-se contente como se houvesse colhido uma flor rara para espetar nos cabelos.

- Brilha mais do que os olhos de Bagheera, disse com deleite referindo-se aos rubis. Mas que quereria Thuu significar quando falou em morte?
- Ignoro, respondeu Kaa. Só lamento que tua faca não houvesse completado o serviço. Nas Tocas Frias há sempre maldade, em cima do chão e debaixo do chão. Mas sinto fome. Queres caçar comigo esta manhã?

- Não. Tenho que mostrar isto a Bagheera. Boa caçada, Kaa! terminou Mowgli floreteando no ar o magnífico ankus. E lá se foi, entreparando pelo caminho para admirar a jóia, até que chegou ao ponto da Jângal que Bagheera de preferência freqüentava. Encontrou-a bebendo; já havia caçado. Mowgli contou-lhe suas aventuras de começo a fim e a pantera farejou o ankus várias vezes. Quando Mowgli referiu as últimas palavras da Cobra Branca, Bagheera rosnou aprovativamente.
- Nasci nas jaulas reais de Odeypore e conheço alguma coisa a respeito dos homens. Muitos se matarão entre si por causa desta pedra vermelha apenas.
- Mas as pedras o tornam pesado ao manejo. Minha pequena faca vale mais; e - veja! as pedras vermelhas não têm gosto, não servem para comer. Por que então os homens se matam por elas?
- Mowgli, vai dormir. Tu já viveste entre os homens e...
- Lembro-me. Os homens matam por desafio e prazer. Acorda, Bagheera. Fala. Qual seria o uso deste gancho?

Bagheera, a pender de sono, entreabriu os olhos com expressão de malícia.

- Foi feito para ferir na cabeça aos filhos de Hathi, de modo que o sangue jorre. Já observei em ação nas ruas de Odeypore, defronte da minha jaula. Este objeto já provou o sangue de muitos Hathis.
- Mas por que ferem na testa aos elefantes?
- Para lhes ensinar a Lei dos Homens. Não tendo, por natureza, nem garras de águia, nem dentes de tigre, o homem inventa coisas destas - e ainda piores.
- Quanto mais os conheço, mais sangue vejo nas coisas que a Alcatéia dos Homens fabrica, murmurou Mowgli com repugnância e já meio cansado de trazer o ankus. Se tivesse sabido disso não o teria tomado. Primeiro vi o sangue de Messua nas chibatas, agora vejo o de Hathi neste gancho. Não ficarei com ele. Olha!

O ankus voou pelos ares, a cintilar, e foi fincar-se de ponta a trinta jardas dali, entre as árvores.

- Deste modo ficam minhas mãos limpas de Morte, disse Mowgli esfregando as palmas na terra úmida do orvalho. Thuu disse que a Morte me seguiria. Ela é velha e branca e louca.
- Branca ou preta, velha ou não, vou dormir, Irmãozinho. Não posso caçar o dia inteiro e a noite inteira, como fazem alguns.

Bagheera retirou-se para uma caverna que conhecia a duas milhas daquele ponto. Mowgli trepou a uma árvore, atou vários cipós entre si e em menos tempo do que leva o narrar estava balançando-se numa rede a cinqüenta pés do solo. Embora não tivesse nenhuma objeção contra a luz forte do dia, Mowgli costumava seguir os hábitos dos seus amigos da Jângal, utilizando-se da luz do sol o menos possível. Quando mais tarde despertou com o vozeio do povo que vive nos galhos, era madrugada. Passara a noite sonhando com as belas pedras que havia lançado fora.
- Posso ao menos ver o gancho outra vez, murmurou consigo, deslizando árvore abaixo por um cipó.

Bagheera estava ao pé do tronco. Mowgli percebeu-lhe a respiração antes de pôr pé em terra.

- Onde foi parar o gancho? exclamou ele.
- Um homem o levou. Vejo-lhe aqui as pegadas.
- Então temos de verificar se Thuu falou a verdade. Se o gancho significa realmente Morte, o homem deve morrer. Sigamo-lo.
- Matemos primeiro, disse Bagheera. Estomago vazio distrai os olhos. Os homens caminham vagarosamente e a Jângal está bastante úmida para guardar as pegadas deste.

Os dois amigos mataram o mais depressa possível, mas já eram três horas quando, terminada a refeição e dessedentados, se puseram a seguir as pegadas do homem. O Povo da Jângal sabe que nada deve preceder às refeições.

- Supões que o gancho se voltará contra o homem e o matará? perguntou Mowgli. Thuu disse que significa Morte.
- Havemos de ver isso, respondeu Bagheera trotando de cabeça baixa, a observar as pegadas. É um par de pés só (queria dizer que se tratava apenas dum homem) e o peso do gancho faz com que o seu calcanhar afunde na terra úmida.
- Ai! Isto é claro como relâmpago de verão, ajuntou Mowgli.

E ambos apertaram o passo com os olhos nas pegadas frescas,

- Aqui apressou ele a marcha, observou Mowgli, Correu. O molde dos dedos está mais esparramado.

Chegaram a um terreno úmido.

- Por que mudaria de rumo aqui? indagou Mowgli, observando súbita mudança.
- Atenção! exclamou Bagheera - e lançou-se para a frente, num salto de soberba elasticidade.

A primeira coisa a fazer quando um rasto se interrompe é saltar para diante, a fim de que novas pegadas não venham embaralhar as já existentes. Bagheera lá donde a pôs o salto, voltou-se para Mowgli, gritando:

- Vejo um novo rasto que vem ao encontro do primeiro. Pegadas menores, com marcas dos dedos volvidas para dentro.

Mowgli correu a ver.

- Marca de pé dum caçador Gond, disse ele. Olha! Aqui roçou ele o seu arco na relva. Foi por isso que o primeiro rasto mudou de rumo. Pé Grande escondeu-se de Pé Pequeno.
- Verdade, concordou Bagheera. Agora, para que andando juntos não estraguemos as pegadas, cada um seguirá uma das trilhas. Serei Pé Grande, Irmãozinho, e tu serás Pé Pequeno, o Gond.

Bagheera saltou para trás sobre a pista original e deixou que Mowgli acompanhasse o rasto do pequeno homem selvagem.

- Agora, disse a pantera movendo-se passo a passo ao longo da cadeia de pegadas, eu, Pé Grande, viro para cá, oculto-me atrás das pedras e fico imóvel. Tu me gritarás, dando conta do que observares, Irmãozinho.

- E eu, Pé Pequeno, sigo rumo das rochas, disse Mowgli tomando a outra pista. Sento-me rente às pedras, descansando sobre o braço direito o meu arco já entalado entre os dedos dos pés. Esperarei algum tempo para que a marca dos meus pés se faça funda aqui.
- Eu também, acrescentou Bagheera detrás das pedras. Esperarei descansando a ponta do ankus sobre uma laje. Ele escorrega. Risca um arranhão na pedra. Grita o que houver do teu lado, Irmãozinho.
- Um, dois galhos e um grande ramo quebrado! gritou Mowgli em tom baixo. Agora, como devo explicar ;<isto»? Ahl Está claro. Eu, Pé Pequeno, sigo fazendo barulho de modo que Pé Grande possa ouvir-me.

E moveu-se para além das rochas, passo a passo, entre as árvores, com a voz subindo de tom à medida que se aproximava duma pequena cachoeira.

- Vou - para - onde - o - barulho - d'água - encobre - o rumor - que - faço; e - lá - espero. Grita a tua trilha, Bagheera de Pé Grande.

A pantera tinha estudado o terreno em todas as direções para ver como a pista de Pé Grande se conduzia a partir das pedras. Depois deu à língua:

- Sigo de agacho, a partir das pedras, arrastando o ankus. Não vendo ninguém, corro. Corro veloz. A trilha está clara. Sigamo-las, eu a minha, tu a tua. Estou correndo!

Bagheera ganhou avanço, a correr sobre a trilha clara e Mowgli seguiu as pegadas do Gond. Por algum tempo reinou silêncio.

- Onde estás, Pé Pequeno? gritou Bagheera.

A voz de Mowgli respondeu de cinqüenta jardas à direita.

- Hum! exclamou a pantera numa tossida profunda. Os dois seguiram lado a lado, aproximando-se um do outro cada vez mais.

Correram assim por meia milha, guardando mais ou menos a mesma distância até que Mowgli, cuja cabeça não andava tão próxima do chão como a de Bagheera, gritou:

- Encontraram-se. Boa caçada - olha! Aqui esteve Pé Pequeno com o joelho nesta pedra, e ali, Pé Grande.

A menos de dez jardas daquele ponto, estendido por terra, estava o corpo dum homem, com o peito atravessado por uma flecha das usadas pelos Gonds.

- Seria Thuu tão velha e louca como o supuseste, Irmãozinho? perguntou a pantera serenamente. Uma morte pelo menos existe.
- Continuemos. Mas onde está o bebedor de sangue de elefante - o gancho de olho vermelho?
- Pé Pequeno o detém, talvez. A pista agora é de um par de pés apenas.

As pegadas eram dum homem pequeno que viera até ali a correr com carga sobre o ombro esquerdo. Nenhum dos rasteadores falou até que a pista deu nas cinzas dum fogo extinto, escondido na ravina.

- Outro! exclamou Bagheera detendo-se, imóvel como pedra.

O corpo dum pequeno Gond jazia com os pés na cinza. A pantera olhou interrogativamente para Mowgli.

- Foi morto com um bambu, disse o rapaz depois de rápido exame. Já usei dessas varas com os búfalos, quando servia na Alcatéia dos Homens. A Mãe das Cobras (estou arrependido de a ter julgado mal) conhecia bem a raça dos homens, como começo eu a conhecê-la. Não te disse, Bagheera, que matam por desfastio?
- Mataram por amor à pedra vermelha e às azuis, objetou a pantera. Lembra-te de que já estive nas jaulas reais de Odeypore e conheço os homens.
- Uma, duas, três pegadas, disse Mowgli curvando-se sôbre as cinzas. Quatro pegadas de homens calçados. Estes não caminham tão rápidos como o Gond. Que mal fêz o pequeno selvagem? Vê, confabularam todos juntos, os cinco, de pé, antes de matarem o Gond. Bagheera, voltemos. Meu estômago está cheio e apesar disso sobe e desce como um ninho de verdelhão na ponta dum galho.
- Não é de caçador prudente abandonar a caça, Segue-me, respondeu a pantera. Estes oito pés calçados não devem estar longe.

Nada mais conversaram durante toda uma hora, enquanto seguiam a larga pista dos quatro homens calçados.

Estava luminoso o dia, com sol quente. Bagheera farejou de súbito o ar e disse:
- Sinto fumaça,
- Os homens cuidam mais de comer do que de correr, observou Mowgli, trotando dentro da Jângal desconhecida que estavam explorando naquele dia. Bagheera, um pouco à

esquerda, desferiu de súbito um indescritível grito.

- Aqui está um que morreu comendo, disse ela. Uma trouxa de roupas alegremente coloridas mostrava-se aberta sob um arbusto; em redor, farinha derramada.

- Este também foi morto com a vara de bambu, observou Mowgli. Vê! Está aqui o pó branco de que os homens se alimentam. Mataram por isto. Levaram a farinha e deixaram a vitima como ceia para Chil, o Abutre.

- Três jál contou Bagheera.

- Vou levar boas rãs para a Mãe Cobra e hei de pô-la gorda, refletiu Mowgli consigo. O ankus, bebedor de sangue de elefante, é a própria Morte, não há dúvida - mas não posso compreender isto. . .

- Para a frentel gritou Bagheera.

Não tinham andado milha quando ouviram Ko, o Urubu, crocitando o canto da morte no topo dum tamarisco, a cuja sombra três homens jaziam deitados. Moribunda fogueira fumegava-lhes perto, sob um caldeirão de conteúdo semicarbonizado. Rente ao fogo e rebrilhante ao sol, o ankus cravejado de turquesas e rubis.

- Este gancho trabalha depressa! Tudo se acaba aqui, observou Bagheera. Como morreriam estes, Mowgli? Não vejo ferida em nenhum.

Um filho da Jângal aprende por experiência tudo quanto sabem os doutores sobre plantas e frutas venenosas. Mowgli cheirou a fumaça que ainda se erguia da fogueira, quebrou um pedaço do negro conteúdo do caldeirão, provou-o.

- A Maçã da Morte! exclamou,

cuspindo, Um deles envenenou a comida para matar aos três, e foi morto antes disso.
- Boa caçada, realmente! A Morte não perdeu tempo, disse Bagheera.

Maçã da Morte é como a Jângal chama a datura, o mais pronto veneno da Índia.

- E agora? perguntou a pantera. Teremos nós de nos matar um ao outro por amor deste facinoroso gancho de olho vermelho?
- Como fiz bem em deitá-lo foral murmurou Mowgli. Para nós não nos fará mal porque não desejamos o que os homens desejam. Se ficar aqui, por certo que continuará a matar homens, um atrás do outro, tão rapidamente como as castanhas caem em dia de vento.
- Que importa? Não passam de homens. Eles comprazem-se em matar uns aos outros, observou Bagheera. Este primeiro lenhador trabalhou bem com o seu veneno.
- São, afinal de contas, nada menos do que filhotes - e um filhote afoga-se n'água para morder a lua que nela se reflete. A culpa foi minha, decidiu Mowgli, que falava como se estivesse no segredo de todas as coisas. Nunca mais trarei para a Jângal objetos estranhos, ainda que sejam lindos como flores. Este - e pegou cautelosamente no ankus – voltará para a Mãe das Cobras. Mas antes temos de dormir, e não posso dormir perto destes dorminhocos. Vou enterrar o ankus para que não me fuja e va matar outros seis. Cava-me um buraco sob essa árvore, Bagheera.
- Mas, Irmãozinho, disse a pantera erguendo-se, digo-te que as mortes não vieram por culpa do bebedor de sangue. Não passou êle de mero instrumento dos homens.
- Dá na mesma, replicou Mowgli. Abre um buraco fundo. Quando acordar do meu sono, hei de levá-lo de novo para a covanca da Mãe das Cobras.

Duas noites mais tarde, quando a Cobra Branca, no escuro da cava, desgraçada, roubada e solitária, ia em meio de suas lamentações, o ankus surgiu zunindo por entre a brecha da abóbada, e veio cair no seu velho leito de moedas de ouro.

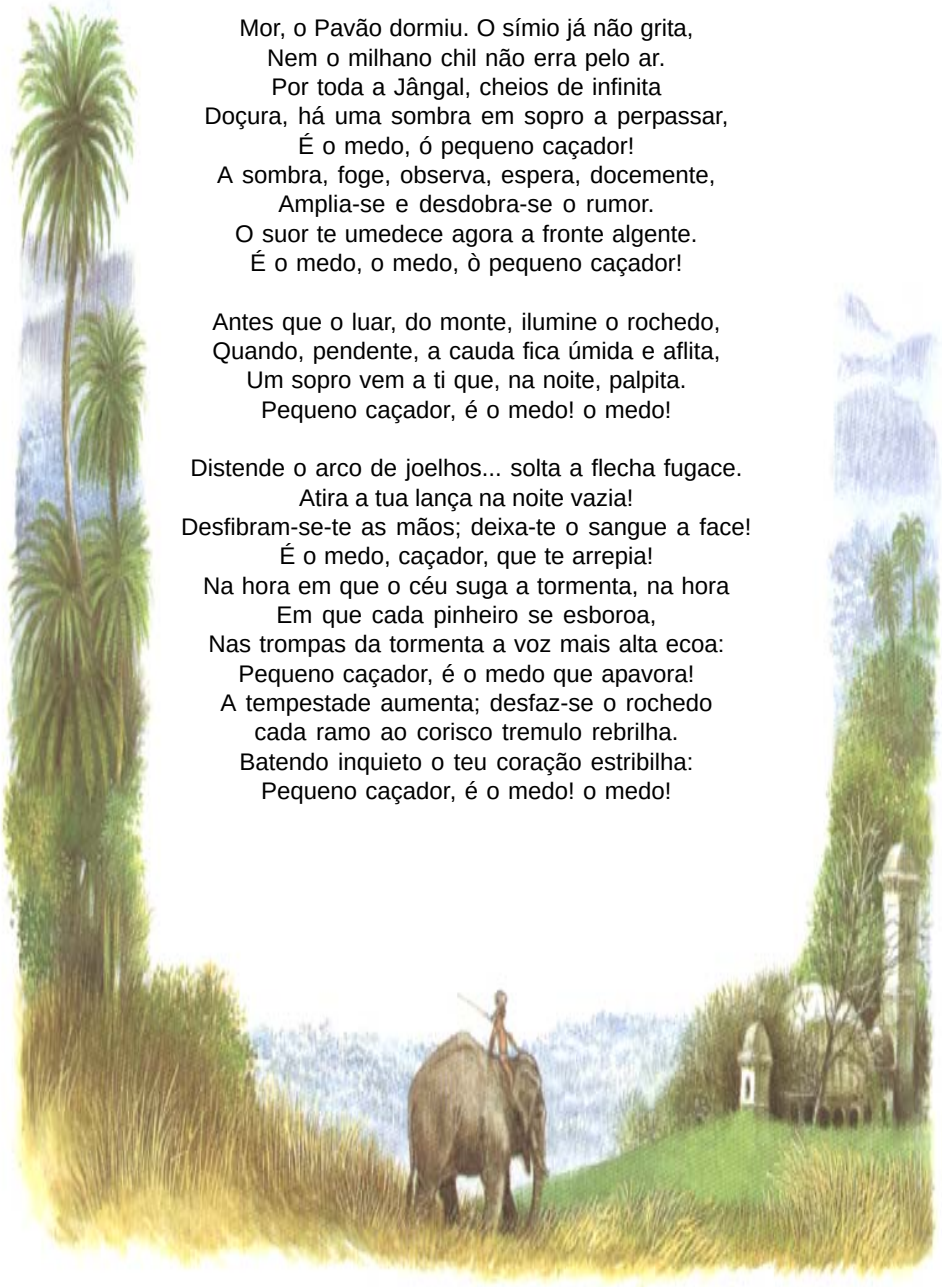
- Mãe das Cobras, disse Mowgli ( que se conservara cautelosamente do outro lado), arranja cobra nova e bem venenosa para guardiã dos Tesouros do Rei, de modo que homem nenhum saia da cova com vida.
- Ah-ah! Ele volta! Eu disse que esse objeto significava Morte. Como pois ainda estás vivo? silvou a cobra esfregando-se voluptuosamente no cabo do ankus.
- Pelo Touro que me comprou, não o sei dizer! Essa coisa matou seis homens numa noite. Não a deixes sair nunca mais...

# Canção do pequeno caçador

Mor, o Pavão dormiu. O símio já não grita,
Nem o milhano chil não erra pelo ar.
Por toda a Jângal, cheios de infinita
Doçura, há uma sombra em sopro a perpassar,
É o medo, ó pequeno caçador!
A sombra, foge, observa, espera, docemente,
Amplia-se e desdobra-se o rumor.
O suor te umedece agora a fronte algente.
É o medo, o medo, ò pequeno caçador!

Antes que o luar, do monte, ilumine o rochedo,
Quando, pendente, a cauda fica úmida e aflita,
Um sopro vem a ti que, na noite, palpita.
Pequeno caçador, é o medo! o medo!

Distende o arco de joelhos... solta a flecha fugace.
Atira a tua lança na noite vazia!
Desfibram-se-te as mãos; deixa-te o sangue a face!
É o medo, caçador, que te arrepia!
Na hora em que o céu suga a tormenta, na hora
Em que cada pinheiro se esboroa,
Nas trompas da tormenta a voz mais alta ecoa:
Pequeno caçador, é o medo que apavora!
A tempestade aumenta; desfaz-se o rochedo
cada ramo ao corisco tremulo rebrilha.
Batendo inquieto o teu coração estribilha:
Pequeno caçador, é o medo! o medo!



SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

1 - Os Irmãos de Mowgli
- Quiquern

2 - As Caçadas de Kaa
- Toomai dos Elefantes

3 - Como apareceu o medo
- Jacala, o crocodilo

4 - O Milagre de Purun Baghat
- Servidores da Rainha
- Tigre! Tigre!

5 - Kotick, a Foca Branca
- Os Cães Vermelhos

6 - O Avanço da Jângal
- Rikki-Tikki-Tavi

7 - A Embriaguês da Primavera
- O Ankus do Rei

Publicado por
UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL
REGIÃO DO RIO GRANDE DO SUL